GRAMÁTICA EXEGÉTICA DO GREGO NEO-TESTAMENTÁRIO

W. D. Chamberlain

CULTURA CRISTÃ



SEFER TORÁ

ספר תורה

APRESENTAÇÃO

Ao publicar esta gramática exegética do grego néo-testamentário, traduzida pelo Rev. Dr. Waldyr Carvalho C. Luz, a Casa Editora Presbiteriana, da Igreja Presbiteriana do Brasil, está certa de fazer, ao campo da exegese do Novo Testamento, grande contribuição.

Poderíamos repetir aqui as palavras que o Dr. Bruce M. Metzger estampou no seu **Lexical Aids For Students of New Testament Greek,** quando deu ênfase não à **quantidade,** mas à **qualidade** do conhecimento, dizendo: **oú txó\\ ' dXXá ttoX ν́** , palavras que, literalmente, significam: "não muitas coisas, mas muito". A soma de conhecimentos aqui oferecida - se é que se pode falar em "soma" de conhecimentos - não pretende ser exaustiva, mas é, sem dúvida, qualitativamente significativa. Basta que o estudante se dedique séria e empenhadamente ao estudo da matéria aqui compendiada, para ver coroado de êxito o resultado do seu esforço.

Quando fizemos a composição gráfica desta **Gramática Exegética do Grego Neo-Testamentário,** de Chamberlain, tínhamos, à nossa disposição, apenas uma máquina de escrever comum, da Língua Grega. Daí porque a grafia do grego, nesta gramática, não é bonita, mas perfeitamente inteligível.

No **Manual de Língua Grega,** de autoria do Rev. Dr. Waldyr C. Luz - obra exaustiva e já composta que, em breve, daremos a lume -, a composição gráfica da Língua Grega é de qualidade superior, porque feita em "composer". Assim, com esta **Gramática Exegética,** de Chamberlain, e com o **Manual de Língua Grega,** do Dr. Waldyr C. Luz, a Casa Editora Presbiteriana terá feito, ao campo da gramática e da exegese da Língua Grega, no Brasil, não pequena contribuição.

Queremos registrar aqui o nosso mais profundo agradecimento à família de William Douglas Chamberlain, mais particularmente a Merle Chamberlain - nora de William e Lucille Chamberlain e herdeira da família pela cessão, sem condição, dos direitos de publicação desta Gramática Lembramos

aqui que a cessão **dos direitos** foi feita em nome de William Douglas **Chamberlain, como uma** contribuição **post-mortem,** visto que, segundo **Merle** Chamberlain, em carta que nos escreveu, seu sogro **e autor da Gramática,** se estivesse vivo hoje, se sentiria muitíssimo **feliz em ver** sua obra traduzida para o Português, e **beneficiando** estudantes e pastores não só no Brasil, mas também **de outros países** de Língua Portuguesa.

São Paulo, julho de 1989.

CASA EDITORA PRESBITERIANA
Sabatini Lalli
Diretor-Editor

G R A M Á T I C A E X E G É T I C A

D O

G R E G O N E O - T E S T A M E N T Á R I O

por

WILLIAM DOUGLAS CHAMBERLAIN

Traduzida do original em inglês AN EXEGETICAL GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT (New York: The Macmillan Company, 1954)

TRADUÇÃO: Waldyr Carvalho Luz
REVISÃO: Sabatini Lalli

Primeira Edição - 1989

CASA EDITORA PRESBITERIANA
R. Miguel Teles Jr., 382/394 - Cambuci
01540-São Paulo-SP

Direitos de Publicação **em Língua** Portuguesa, reservados à Casa Editora Presbiteriana. Nenhuma **reprodução,** de qualquer espécie ou métodos de cópia, é permitida sem **a autorização,** por escrito, da Casa Editora Presbiteriana.

Copyright (C) 1941 by The Macmillan Company
Copyright renewed 1968 by Lucille W. Chamberlain

Ali rights reserved. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, eletronic of mechanical, including photocopying, recordind or by any information storage and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

ÍNDICE

PREFÁCIO DO TRADUTOR 17
PREFÁCIO DO AUTOR 19
PARTE I
INTRODUÇÃO 25
DEFINIÇÃO DE EXEGESE 25
TÉCNICA EXEGÉTICA 28
- Técnica inapropriada 28
- Técnica certa 29
USO DE SUBSÍDIOS 29
ANÁLISE DA SENTENÇA 30
PARTE II
FORMAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO GREGO 35
SUFIXOS 37
Sufixos nominais e sua conotação 37
1. Terminações que indicam agente 37
2. Terminações que assinalam ação 37
3. Terminação que marca instrumentalidade 38
4. Terminações referentes a resultado 38
5. Terminações designativas de qualidade 38
6. Terminações típicas de diminutivo 38
7. Terminações indicativas de lugar 38
8. Terminação própria a designar abundância, costume, traço característico 38
Sufixos adjetivais e sua conotação 39
1. Terminações que expressam a idéia de:
a. Posse 39
b. Capacidade, aptidão 39
c. Material 39
d. Posse integral de uma qualidade 39
2. Terminações correlativas a substantivos 39
3. Terminações oriundas de temas verbais 40
Sufixos verbais e seu sentido 40
1. Terminações em -au>, -eco, -cvuj 40
2. Terminações em -ow, -aivw, -uva» 40

3. Terminações em -aCu) 40
4. Terminações em -t Çto 41
5. Terminações em —u£w 41
6. Terminações em -o xu 41
PREFIXOS 41
1. Preposições 41
2. Partículas separáveis 42
3. Partículas inseparáveis 42
v 4. Compostos com dois ou mais temas substantivos **ou vefbais** . 42
5. Compostos descritivos 43
ACENTUAÇÃO 43
PARTE III
AS PARTES DO DISCURSO E **SUA** FUNÇÃO 47
O NOME 49
- Os casos 49
- Declinação do artigo 49
- O SUBSTANTIVO 50
I. Primeira declinação 51
1. Femininos 51
2. Masculinos 51
II. Segunda declinação 51
1. Masculinos 51
2. Neutros 52
KL Terceka declinação 52
1. Temas finalizados em muda 52
2. Temas finalizados em nasal 52
3. Iémas flnafezados em Bquida 53
•I Tiiin fcafe ufa nu —o— 53
S. üenas finafizados em semivogais 54
^Sentido dos anos 54
1. Nominativo 55
a. **Nominativo aposàcional** 55
b. Nominativo ptecficacional 55
c. Nominativo pendente 56
d. Nominativo absoluto 56
2. Genitivo 56
a. Genitivo de posse 56

b. Genitivo de preço . . . 56
c. Genitivo de originação . . . 57
d. Genitivo de quaíidade . . . 57
e. Genitivo de aposição . . . 57
f. Genitivo hebraísta . . . 57
g. Genitivo de tempo ou lugar . . . 57
h. Genitivo objetivo e genitivo subjetivo . . . 57
i. Genitivo absoluto . . . 58
j. Verbos complementados de genitivo . . . 58
k. Genitivo complementar de adjetivos . . . 59
3. Ablativo . . . 59
a. Ablativo a modificar substantivos . . . 59
b. Ablativo a complementar verbos . . . 59
c. Ablativo a complementar adjetivos . . . 60
4. Dativo . . . 60
a. Objeto Indireto . . . 61
b. Vantagem ou desvantagem . . . 61
c. Com verbos transitivos . . . 62
d. Com verbos intransitivos . . . 62
e. A expressar agente . . . 62
5. Locativo . . . 62
a. Tempo . . . 62
b. Espaço . . . 62
c. Uso figurado . . . 62
6. Instrumental . . . 62
a. Com expressões de tempo . . . 63
b. Associativo . . . 63
c. Maneira . . . 63
d. Causa, motivo ou ocasião . . . 63
e. Meios . . . 63
7. Acusativo . . . 63
a. Com verbos transitivos . . . 63
b. Tempo e espaço . . . 64
c. Acusativo adverbial . . . 64
8. Vocativo . . . 65
a. 2> associada ao vocativo . . . 65
b. Nominativo em função vocativa . . . 65

- **ADJETIVO** **66**
Origem 66
Formas 66
1. Adjetivos com três linhas de flexão 66
2. Adjetivos com duas linhas de flexão 68
3. Adjetivos com linha única de flexão 68
Posição na sentença 69
1. Atributiva 69
2. Predicativa 69
Comparação de adjetivos 70
- PRONOME 71
1. Pronomes pessoais 71
2. Pronomes possessivos 72
3. Pronomes reflexivos 73
4. Pronome intensivo 73
5. Pronomes demonstrativos 73
6. Pronomes relativos 74
7. Pronomes interrogativos 78
8. Pronome indefinido 79
9. Pronome reciprocativo 80
10. Pronomes negativos 80
- **ARTIGO** 80
Origem 80
Função 81
1. Uso deíctico 82
2. Uso anafórico 82
3. Usos miscelâneos 82
4. O não-uso do artigo 83
5. Síntese 85
-VERBO **85**
A conjugação de Xúoo 86
1. O presente 87
2. O imperfeito 88
3. O futuro 88
4. O primeiro aoristo 90
5. O perfeito 92
Tempo verbal 93

Aktionsart 95
Interpretação dos tempos verbais 95
- A ação no presente 96
1. O presente 96
a. Descritivo 96
b. Progressivo 96
c. Iterativo ou costumeiro 96
d. Conativo ou incoativo 96
e. Histórico 96
f. Gnômico 97
g. Perfectivo 97
h. Futurístico 97
i. Perifrástico 97
2. O perfeito presente 97
a. Perfeito intensivo 98
b. Perfeito extensivo 98
c. Perfeito de continuidade quebrada 98
d. Perfeito presente histórico dramático 98
e. Perfeito presente gnômico 99
f. Perfeito profético 99
g. Perfeito perifrástico 99
- A ação no passado 99
1. O imperfeito 99
a. Iterativo 100
b. Progressivo 100
c. Incoativo ou conativo 100
d. Potencial 100
e. Perifrástico 100
2. O aoristo 101
a. Aspectos de ênfase 101
(1) Aoristo ingressivo 101
(2) Aoristo efectivo 101
(3) Aoristo constativo 102
b. Usos do aoristo 102
(1) Narrativo 102
(2) Gnômico 103
(3) Epistolar 103

3. O mais-que-perfeito 103
- A ação no futuro 104
1. O futuro 104
a. Futurístico 104
b. Volitivo 104
c. Deliberativo 104
2. O futuro perfeito 105
- Voz 105
1. Ativa 105
2. Média 105
3. Passiva 106
- Modo 107
1. Indicativo 107
2. Subjuntivo 107
a. Futurístico 107
b. Volitivo 107
c. Deliberativo 107
3. Optativo 107
a. Volitivo 108
b. Deliberativo 109
c. Futurístico 109
d. Outros usos 109
4. Imperativo 110
a. Ordem peremptória 110
b. Hortatório 110
c. Suplicatório 110
d. Permissivo 110
e. Condicional 110
f. Proibitivo 110
- A estruturação do verbo e sua conjugação 111
- Classes de verbos 111
- Conjugação do verbo em 112
1. 6 [illegible] 112
2. *i C 1 -o* *114*
3. [illegible] 114
4. [illegible] 115

- Conjugação do verbo contrato 116
1. ayandu) 116
2. cpi\£ü) 118
3. ÔT)\óu) . . . . . 12°
- **PARTICÍPIO** **122**
Formas do particípio 122
1. Do verbo regular 122
2. Do verbo em t 123
O particípio como adjetivo 124
- Atributivo 124
- Predicativo 125
1. Complementar 125
a. Formação perifrástica 125
b. Em discurso indireto 125
2. Circunstancial 126
a. Tempo 126
b. Condições 127
c. Concessão 127
d. Causa 127
e. Propósito ou intenção 127
f. Meios 128
g. Maneira 128
h. Circunstância envolvente 128
O particípio como verbo 128
Os adjetivos verbais em -t oç e -t £oç 129
- **INFINITIVO** **129**
Natureza do infinitivo 129
1. Como substantivo 129
2. Como verbo . . . . . 13°
Usos do infinitivo 131
1. Como sujeito de um verbo 131
2. Como explicativo adjunto 131
a. Epexegético 131
b. Aposicional 131
c. Precedido do genitivo articular t o u 131
3. Para expressar propósito ou resultado 132
a. O infinitivo simples 132

b. O infinitivo precedido de i o v. 132
c. O infinitivo precedido de e *i ç 16*. 132
d. O infinitivo precedido de n p o ç t<5. 133
4. Outros usos. 133
a. O infinitivo precedido de ôt a aó. 133
b. O infinitivo precedido de áv tu. 133
c. O infinitivo precedido de outras preposições. 134
d. O infinitivo em forma absoluta. 134
- **ADVÉRBIO**. **134**
Origem do advérbio. 134
Frases adverbiais. 135
Usos do advérbio. 135
1. Com verbos. 135
2. Com adjetivos. 135
3. Com outro advérbio. 135
4. Com substantivos. 135
5. Como substantivo. 136
Sufixos adverbiais. 136
Advérbios em distinção de adjetivos. 136
- **PREPOSIÇÃO**. **137**
Origem. 137
"Preposições impróprias". 138
"Preposições próprias". 139
1. [illegible] 139
2. d v d. 139
3. d v i t. 140
4. á n ó. 140
5. 6 1 d. 141
6. *év*. *142*
7. £ L Ç. 143
8. 6K. 144
9. £711. 144
10. x a i a. 147
11. j i e x d. 148
12. Ttapd. 149
13. it£PL. 150
14. Ttpó. 150

15. Tipóç. 151
16. a ú v. 153
17. ím£p 153
18. VTió. 154
Preposições integrantes de palavras compostas. 155
1. d|icpt. 155
2. d v á. 155
3. d v x t. 156
4. ánó. 156
5. ô i á. 158
6. Et C. 159
7. ÍX. 160
8. £v. 161
9. £711. 162
10. x a x d. 163
11. |i£Tá. 163
12. Ttapá. 164
13. 7i£pt. 165
14. Tipó. 166
15. Tipóc;. 167
16. a ú v. 168
17. ůn£p. 168
18. ŮTió. 169
- **CONJUNÇÃO**. **170**
Conjunções paratáticas ou coordenantes. 170
1. Copulativas. . . . . ™
2. Adversativas. 173
3. Disjuntivas. 174
4. Ilativas ou inferenciais. 174
5. Causais. 175
Assíndeton. 176
Parêntese e anacoluto. 176
Conjunções hipotáticas ou subordinantes. 178
- **PARTÍCULAS**. **178**
Partículas negativas. 179
Partículas intensivas. 182

PARTE IV . 1 8 5
-CLÁUSULAS 187
- CLÁUSULAS RELATIVAS 187
Relação com a cláusula principal 187
Tipos de cláusulas relativas 187
1. Definida 188
2. Indefinida 188
3. Qualitativa 189
Uso de " na cláusula relativa 189
Negativa na cláusula relativa 189
- CLÁUSULAS TEMPORAIS 189
Cláusulas introduzidas por uma conjunção 190
Cláusulas temporais no Infinitivo 194
Particípio de teor temporal 195
- CLÁUSULAS LOCATIVAS 195
- CLÁUSULAS COMPARATIVAS 196
- CLÁUSULAS CAUSAIS 200
Cláusulas paratáticas ou coordenantes 200
Cláusulas hipotéticas ou subordinantes 200
Cláusulas introduzidas por pronomes relativos 203
O infinitivo com ô t d a expressar causa 204
O particípio em função causal 205
- CLÁUSULAS DE PROPÓSITO, INTENTO E RESULTADO . . 205
Cláusulas introduzidas pela conjunção £va 207
Cláusulas introduzidas pela conjunção Õtiujç 209
Cláusulas introduzidas pelo advérbio iiVj 211
Cláusula de propósito introduzida por ük; 213
Cláusulas relativas que implicam propósito e resultado 213
O infinitivo a expressar propósito, intento e resultado 214
O particípio a expressar propósito 215
Síntese 216
PARTE V
- SENTENÇAS 217
SENTENÇAS CONDICIONAIS 219
- Condicionais determinadas 219
1. Condicionais da primeira classe 219
2. Condicionais da segunda classe 220

- Condicionais não-determinadas 222
1. Condicionais da terceira classe 222
2. Condicionais da quarta classe 222
- Condicionais mistas 223
- Condicionais elípticas 223
- Cláusulas concessivas 224
- Partículas negativas em cláusulas condicionais 225
- DISCURSO INDIRETO 226
Asserções indiretas 226
1. Cláusula introduzida pela relativa 6t t 226
2. Infinitivo 227
3. Particípio 228
Questões indiretas 228
Injunções indiretas 230
- QUESTÕES DIRETAS 230
Maneira por que se introduzem 231
1. Partículas que implicam a resposta esperada 231
2. Pronomes interrogativos 232
3. Advérbios interrogativos 233
O modo verbal 234
- OUTRAS MANEIRAS DE EXPRESSAR DESEJO 234
Desejos referentes ao passado 234
Desejos referentes ao presente 235
Desejos referentes ao futuro 235
- SEMITISMOS EM O NOVO TESTAMENTO 235
PARTE VI 239
- PARTES PRINCIPAIS DE ALGUNS IMPORTANTES VERBOS DO NOVO TESTAMENTO 241
- NOTAS E REFERÊNCIAS 249

PREFÁCIO DO TRADUTOR

À medida que avançávamos no ensino desta matéria, a despeito da abundância de obras do melhor gabarito acessíveis ao estudante em outras das línguas de fácil consulta, firmava-se-nos a convicção de que deveríamos ter no vernáculo gramáticas de morfologia e sintaxe gregas tais que dessem ao estudioso do Novo Testamento segura base nesse campo em nossa própria língua. Verdade é que viemos a contar com a obra pioneira de William Carey Taylor, satisfatória em muitos aspectos, seguida, bem ao depois, pelo louvável esforço do professor Frans Leonard Schalkwijk. Entretanto, mesmo porque a maneira de ensinar de cada professor é peculiar, além da sensível experiência adquirida no combate da sala de aula, decidimo-nos a enfrentar o desafio. Mas, após uma década, com grande esforço, conseguíramos redigir o manual de morfologia apenas. Temíamos que não nos restasse tempo para o trabalho complementar de sintaxe, em certo sentido, até mais complexo e envolvente. Logo, a solução afigurou-se-nos traduzir algum dos muitos compêndios existentes, inda que difícil fosse achar uma obra que atendesse a todos os reclamos que'havíamos por indispensáveis. Finalmente, dada a simplicidade de que se reveste, aliada à conveniente sistematização, além de ser extremamente sucinto, optamos pelo presente volume.

Naturalmente, escreveu-o o autor para os leitores da língua inglesa, pelo que, em passando-o para o português, forçoso nos foi mudar referências e aplicações que dizem respeito àquele idioma. Por outro lado, mesmo sem veleidades literárias, não raro houvemos por desejável afeiçoar a expressão mais ao talante de nosso estilo. Contudo, esperamos não haver, em ponto algum, falseado o pensamento do autor. Apenas, por lealdade, desejamos deixar claro çjue não se trata de tradução servil e literal, embora também não seja pura adaptação refundida. Usamos de

ampla liberdade de expressão e não hesitamos em, aqui e ali, efetuar alterações de linguagem e redação que nos pareceram justas e necessárias.

Isto posto, esperamos seja este nosso singelo labor mais uma contribuição, inda que modesta, ao sério e proveitoso estudo desta língua angelical em que o Espírito Santo fez registrar os magníficos tesouros do Evangelho.

Campinas, julho de 1986
Waldyr Carvalho Luz ,

PREFÁCIO DO AUTOR

Da experiência de, por doze anos, apresentar na sala de aula os fatos gramaticais referentes ao grego coiné e sua direta projeção na interpretação do Novo Testamento Grego resultou esta gramática. Essa experiência mostrou-nos, de início, que profundo abismo há na mente do estudante entre o conhecimento dos fatos gramaticais e sua aplicação à exegese.

De começo, redigiu o autor uma apostila exegética, de que se tem servido em classe com razoável proveito. Revista, corrigida e ampliada, veio ela a converter-se na presente obra. Nenhum intento nos assistiu de originalidade. O objetivo específico nos foi condensar, arranjar' ou simplificar as apresentações dos grandes pioneiros do campo gramati-* cal, com vistas a proporcionar ao estudante de seminário um manual prestativo.

A gramática exegética não pode fincar balizas seguras até que se perfaça a obra da gramática histórica. Nem pode esta assentar-se em base sólida até que haja a gramática comparativa desempenhado sua tarefa. Daí, o verdadeiro começo da moderna gramática de grego de teor realmente científico se pode datar do aparecimento da SANSKRIT GRAMMAR [GRAMÁTICA DO SÂNSCRITO] de Whitney, em 1875, com o impulso que deu ao estudo da gramática comparativa. Daí procedeu a monumental obra de Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], dada a público em 1914. Muitos nomes ilustres se contam neste campo, como sejam Moulton e Deissmann.

Na década final do século passado, descobriram Grenfell e Hunt larga quantidade de papiros no Egito, a maioria escrita em uma forma de

grego bem aproximada da língua do Novo Testamento. Por volta desse tempo, as obras de Deissmann, BIBELSTUDIEN [ESTUDOS BÍBLICOS] e NEUE BIBELSTUDIEN [NOVOS ESTUDOS BÍBLICOS], aquela publicada em 1895, esta em 1897, ofereceram adicional evidência de que foi o Novo Testamento escrito no linguajar quotidiano do mundo greco-romano daqueles dias. Decidida estava a longa controvérsia quanto a ser o grego do Novo Testamento "puro ático", como sustentavam alguns, ou um jargão greco-judaico, segundo insistiam outros. Nenhum desses dois grupos extremos estava com a razão. O elemento básico desse vernáculo, chamado de i*) no i , é o dialeto ático infiltrado de formas e expressões do jónico, do dórico, do eólico, do grego noroestino, etc. Assumiu esse idioma seu cunho distintivo em decorrência do intercâmbio militar, a soldadesca de Alexandre, o Grande, oriunda de todos os quadrantes do mundo helénico. Esta descoberta da verdadeira natureza da língua do Novo Testamento levou a sensíveis e notórias mudanças na maneira de interpretar-lhe tanto a forma quanto o teor. Referência a isto far-se-á ao depois. Não poucos termos havidos como "grego bíblico", isto é, vocábulos de puro linguajar religioso, se vieram a reconhecer como palavras comuns do mercado, da rua, do lar. O LEXICON OF THE GREEK NEW TESTAMENT [DICIONÁRIO DO NOVO TESTAMENTO GREGO], de Thayer exibe cerca de quatorze colunas de."termos bíblicos", cada coluna contendo a média de sessenta palavras. Quase todos esses verbetes hão sido encontrados nos papiros e a lista está continuamente a decrescer, mercê de novas descobertas. Isto não deixa margem a dúvidas quanto à real natureza da língua do Novo Testamento: é a linguagem do dia-a-dia do mundo greco-romano do primeiro século de nossa era[1]

Gostaria de dizer uma palavra em referência à prática de citar apenas a porção da sentença grega que serve para ilustrar o aspecto sintático em discussão. Visa isto a levar o estudante a consultar o texto do Novo Testamento Grego a fim de estudar a questão gramatical enfocada em seu real contexto. É isto de grande valia em que, ao final do período, terá o estudante adquirido ampla facilidade em localizar passagens no texto grego. Tem sido esta uma constante em minhas classes: fazer com que procure o aluno passagens através de todo o texto grego do Novo Testamento. Se o estudioso se acostuma a folhear o Novo Testamento Grego à medida que avança nos estudos da matéria, bem mais provável será continue a consultá-lo no decurso de seu ministério ao depois.

Impõe-se-me lavrar meu reconhecimento a muitos de cujas obras, com tanto proveito, me servi. De modo especial, destacaria o finado Dr. A. T. Robertson, querido mestre e amigo; assim, os Drs. Moulton, Deissmann e largo contingente de outros notáveis eruditos. Desejo externar meu agradecimento à; Senhora Robertson pela permissão de usar citações da obra de seu ilustre esposo. Agradecimentos penhorados ao Professor A. Leland Jameson do Centre College, que leu parte do manuscrito e fez não poucas sugestões assaz construtivas e muito apreciadas. Especial dívida de gratidão tenho para com minha esposa, que datilografou, e tornou a datilografar, tanto a apostila original quanto este volume e me há sido de inestimável préstimo nas repetidas revisões do manuscrito.

De quaisquer erros de interpretação ou lapsos de qualquer natureza a responsabilidade é minha.

Na esperança de que este despretensioso volume haja de ser útil a outros estudiosos do Novo Testamento é que o dou a público.

Louisville, Kentucky, Fev. 1940
W. D. Chamberlain

PARTE I

INTRODUÇÃO

DEFINIÇÃO DE EXEGESE

Exegese, ê Z,ŕiyr)o tç , é a ciência da interpretação. É o termo formado pela aposição do final *-o i ç,*, expressivo de ação, ao tema verbal do composto £ H + *Ť)y£o[iai-* **tiro, extraio, conduzo fora** A exegese é, pois, a extração dos pensamentos que assistiam ao escritor ao redigir determinado documento. Ninguém pode elaborar esta laboriosa tarefa em moldes perfeitos. O ideal, porém, se pode visualizar com diáfana clareza e se deveria ter sempre em mente, inda que se não possa atingir em toda plenitude.

Os princípios regentes da exegese se podem estatuir em termos bem sucintos. Costumava-os o Dr. George A. Barton resumir aos estudantes nas seguintes

Cinco regras de algibeira da exegese:

1. Interprete lexicamente.
2. Interprete sintaticamente.
3. Interprete contextualmente.
4. Interprete historicamente.
5. Interprete segundo a analogia das Escrituras.

Para interpretar lexicamente, faz-se de mister conhecer a etimologia dos vocábulos, o desenvolvimento histórico de seu significado e o uso específico no documento em consideração. Isto se consegue de bons dicionários. Dever-se-á notar cuidadosamente o sentido do termo enfocado em diferentes períodos da língua grega e em diferentes autores de um mesmo período. Exemplo dá-nos a palavra ô a t ^ ó v L O v :no grego antigo designava o espírito dos finados; no caso de Sócrates refere-se a um como que espírito guardião (quase que a sua consciência); em o Novo

Testamento geralmente expressa um ser espiritual maligno (um demônio) que produz distúrbios físicos ou mentais nas humanas criaturas. Josefo tomou-o na acepção de uma deidade, uma divindade. Aparece neste sentido uma vez em o Novo Testamento, em Atos 17.18: ξένων δαιμονίων δοκεῖ καταγγελεὺς εἶναι — "parece ser proclamador de deuses estrangeiros".

Outro exemplo é o termo ἀπόστολος. Não se contente em traduzi-lo por "apóstolo". Etimologicamente, deriva-se de ἀποστέλλω - **envio.** É, portanto, o apóstolo um enviado. A história da palavra é interessante: O sentido especificamente cristão (apóstolo) não lhe é a acepção mais antiga[2].Nos papiros ἀποστόλος designa um "navio graneleiro" despachado em viagem comercial aleatória. Em o Novo Testamento, admite vasta gama de significados. A acepção mais popularizada é a que se refere aos Doze ou a Paulo, se bem que Barnabé (At 14.14) e Tiago (Gl 1.19) recebam ambos o título de apóstolos. Epafrodito (Fp 2.25) é chamado apóstolo da igreja de Filipos. Jesus (Hb 3.1) é designado de Apóstolo de Deus. No grego bizantino é sempre termo técnico a reportar-se a um dos Doze ou a Paulo. No grego do século II ὁ *ἀπόστολος* se refere *a* Paulo. O artigo sugere que é ele havido como o apóstolo por excelência. Muita discussão erudita se tem travado no afã de determinar-se, afinal, se algumas individualidades a quem em o Novo Testamento se atribui o designativo **apóstolo** o foram realmente. Um pouco mais de erudição teria poupado este esforço. O termo ἀπόστολος ainda não se havia revestido de teor técnico em o Novo Testamento: Qualquer pessoa enviada em missão se poderia intitular "apóstolo" de quem a enviou.

Na língua inglesa o GREEK-ENGLISH LEXICON OF THE NEW TESTAMENT [DICIONÁRIO GREGO-INGLÊS DO NOVO TESTAMENTO], de Thayer, há muito se tem por obra padrão, mas nada menos de cinco décadas transcorreram desde que se lhe processou a revisão. Dada a própria produtividade dos estudos néo-testamentários neste período, tern este léxicon de ser suplementado pelo VOCABULARY OF THE NEW TESTAMENT ILLUSTRATED FROM THE PAPYRI [VOCABULÁRIO DO NOVO TESTAMENTO ILUSTRADO DOS PAPIROS], de Moulton e Milligan, por LIGHT FROM THE ANCIENT EAST [LUZ DO ORIENTE ANTIGO], de Deissmann, pelo NEW LIDDELL AND SCOTT [NOVA EDIÇÃO DO DICIONÁRIO DE LIDDELL E SCOTT], por A MANUAL GREEK LEXICON OF THE NEW TESTAMENT [DICIONÁRIO GREGO MANUAL

DO NOVO TESTAMENTO], de Abbott-Smith. Para os estudantes que se podem valer do alemão, o GRIECHISCH-DEUTSCHES WÒRTERBUCH ZU DEN SCHRIFTEN DES NEUE TESTAMENTS' UND DER ÜBRIGEN URCHRISTLICHEN LITERATUR [DICIONÁRIO GREGO-ALEMÃO DOS ESCRITOS NÉO-TESTAMENTÁRIOS E DA RESTANTE LITERATURA CRISTÃf PRIMITIVA], de Bauer, é de recomendar-se*.

Para interpretar sintaticamente, necessário é se conheçam os princípios gramaticais da língua em que o documento foi originalmente escrito. Esta gramática se propõe fornecer, em forma sucinta, os elementos básicos. Importa suplementá-la por obras mais avantajadas, tais A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA PESQUISA HISTÓRICA], de Robertson, e A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], de Moulton e Howard+. Deve o estudante lembrar-se, a todo tempo, de que a função da gramática é simplesmente expor as leis da linguagem, não o determiná-las. Isto é, desenvolveu-se primeiramente a linguagem como instrumento de comunicação das idéias da humanidade e, ao depois, escreveram-se gramáticas voltadas à explicação das leis e princípios que lhe regem a operação como veículo de expressão do pensamento. Na língua nativa, percebe-se o sentido da fraseologia quase que subconsciamente, mas em se tratando de língua estrangeira, tem-se de adquirir, mediante diligente esforço e labor, a perspectiva da linguagem e acompanhar-lhe de perto as formas de expressão para alcançar-lhes o real significado.

Para interpretar contextualmente, há que se levar em conta o conteúdo geral de todo o documento, se é ele um discurso unificado. Então, o matiz de pensamento que circunscreve a passagem, pois que mui freqüentemente afeta ele o sentido dos termos a interpretar-se. Vultoso dano tem sofrido a apropriada interpretação da Bíblia com dividir-se ela em versículos e porções que se tomam como se fossem unidades distintas de pensamento, irrelacionadas ao imediato contexto. O resultado é que, por vezes, se atribuem a certas passagens significados que são quase o exato oposto do que teve em mira o autor. Bom exemplo dá-o Cl 2.21, freqüentemente usado como texto para sermão acerca da temperança. No contexto, porém, é pura e simplesmente condenação do ascetismo. O teor geral da epístola dita o sentido real da passagem.

Para interpretar historicamente, impõe-se a determinação das circunstâncias que evocaram o escrito ou documento. As observações preliminares que trazem os bons comentários ou as Introduções ao Novo Testamento, quais as de Zahn ou Moffatt, são precioso subsídio neste ponto. Além disso, necessário é conhecerem-se os modos e maneiras, costumes e psicologia do ambiente em que se originou o escrito. A psicologia de um povo incluir-lhe-á a noção de cronologia, os métodos de historiografia, o uso das figuras de linguagem e os tipos literários de que se serviu na expressão do pensamento. Conhecimento destes fatores pode-se obter mediante a leitura de material histórico geral e particular que diga respeito ao escrito estudado.

Para interpretar segundo a analogia da Escritura, far-se-á uso da própria Escritura como subsídio ou meio de entender a Escritura. Interpretação incôngrua, que se não harmoniza com o teor geral da Bíblia, se pode haver com certeza por imprópria ou errônea. Preciso conhecimento da perspectiva bíblica é o melhor recurso neste caso.

No afã de aplicar este princípio, deve o intérprete despojar-se de seus preconceitos pessoais e procurar ver com os olhos do autor.

TÉCNICA EXEGÉTICA

Técnica inapropriada

É proceder comum em exegese o ler-se o que dizem vários comentários quanto ao sentido da passagem e, então, preferir-se a interpretação que mais agrada. Por diversas razões é impróprio esse proceder exegético. Em primeiro lugar, acoroçoa o estudioso a buscar uma interpretação que lhe venha ao encontro dos próprios pressupostos. Em segundo lugar, forma-lhe o hábito de simplesmente procurar lembrar as várias interpretações oferecidas. Isto, para o principiante, resulta freqüentemente em perplexidade e indisposição para com a noção toda de exegese. Na realidade, isto não é exegese. É apenas outra forma de memorização, que é de si, quase sempre não pouco desinteressante. Comentários há que parecem escritos nessa perspectiva. Sem dúvida, explica este modo de proceder o a que o professor A. B. Bruce aludia como "os hábitos servis dos comentadores". O mais sério prejuízo advindo desta maneira de agir é que o estudante raramente aprende a pensar por si mesmo.

Ao invés de voltar-se para com o texto da Bíblia para verificar o que diz ele de fato, esvoeja de comentário em comentário. Achando-os, comumente, em desacordo, a discreparem verbalmente, conclui que tudo não passa de fatuidade acadêmica ou, então, que é a exegese matéria abstrusa, longe de prática, de que não há nunca fazer uso no ministério.

Técnica certa

Deve o intérprete indagar, primeiramente, quê diz o autor e, em seguida, quê quer ele dar a entender com essa afirmação. No texto grego, achará o estudante muitas palavras de que não saberá o significado, mas, a despeito disso, deve ele examinar a passagem a ser interpretada, tendo estas duas indagações em mente e extrair-lhe tanto quanto de seu sentido lhe for possível. Isto se deve dar antes de consultados o léxicon, ou comentário, ou gramática. O passo próximo será o exame dos melhores dicionários acessíveis em busca do significado dos termos desconhecidos. Grande cuidado se deve exercer para que se apanhe exatamente o sentido que se ajusta à passagem. Consultado o dicionário, é agora a vez da gramática, uma ou mais boas gramáticas, de que auferir com precisão o real teor das construções sintáticas. No caso de formas verbais, os matizes de voz, modo e tempo devem ser levados em consideração, porquanto contribuem assinaladamente para a idéia total. Cuidado similar se exige em relação ao substantivo, ao particípio, ao infinitivo, etc. Dados estes três passos, terá já o intérprete boa idéia do teor da passagem. Então, e só então, convém consultar comentários, com vistas a ajuizar das conclusões obtidas e a respigar idéias não vindas à baila nos passos anteriores. Necessitará, vez e outra, o exegeta de retroceder e reexaminar os vários processos à medida que avança na interpretação de um trecho. O propósito deste proceder é descobrir que projeção tem a passagem sobre a teologia e a ética. O resultado desta técnica é que novas luzes estarão sempre a brotar mesmo em porções havidas por de todo conhecidas.

USO DE SUBSÍDIOS

Em fazendo correto uso de comentários, deve o estudante conservar em mente o clima teológico de que procedem, pois isto afeta inva-

riavelmente as interpretações apresentadas[3]. Pode um comentador ser capaz, até certo ponto, de evitar posicionamentos preconcebidos e deixar que o documento fale por si mesmo, todavia, sua ênfase aos vários pontos da passagem será afetada pelas correntes de pensamento de sua época. O ideal é preservar e reproduzir, tão precisamente quanto possível, o balanço da ênfase que o próprio escritor estabeleceu ao escrever. Se, porventura, introduz o intérprete qualquer mudança de ênfase, deve ele não apenas estar plenamente cônscio dessa alteração, mas ainda chamar atenção para o fato.

Em usando gramáticas e dicionários, muito importante é ter em conta a data em que foram dados à publicidade, assim como se incluem ou não certas informações e dados agora conhecidos. Naturalmente, não está o principiante em condições de julgar gramáticas, comentários e léxicons nos moldes sugeridos, mas ao correr da experiência tal capacidade se lhe incrementará. Assaz valioso é, neste ponto, bom conhecimento da história do pensamento cristão e da história da ciência exegética.

ANÁLISE DA SENTENÇA

Uma vez que é a sentença a unidade básica da expressão do pensamento, necessário é, primeiro, aprender como interpretar sentenças individualizadas. Toda sentença completa constará de sujeito e predicado. O teor todo da sentença revolverá em torno do sujeito e do predicado como seus focos básicos. Como é a forma da elipse determinada pela posição de seus dois focos, assim o sentido da sentença é sempre plasmado pelo sujeito e predicado de que ela consta. Um e outro se podem expandir indefinidamente mediante outras palavras, frases ou cláusulas, à medida que se desejam mais pormenores agregados. O primeiro passo na compreensão da sentença é tomar cada palavra em sua ocorrência e notar-lhe a forma e sentido gramaticais: Se é um substantivo, qual o caso em que se acha e que preposição porventura se lhe associa; se é uma inflexão verbal, quais as implicações de voz, modo e tempo. Então, focalizem-se sujeito e predicado com os elementos descritivos que os assistem. Se o intérprete deseja compreender a sentença, absolutamente essencial lhe é guardar estas relações todas claramente, pois o sujeito e o predicado limitam e governam o sentido de todos os adjuntos ou modificadores. Na língua grega, sentenças e mesmo parágrafos são intimamen-

te associados mercê de palavras conectivas. Estas conjunções evidenciam com precisão assaz avantajada a relação que lavra entre sentenças adjacentes e seu teor e dever-se-iam observar cuidadosamente. Estes passos todos afigurar-se-ão, sem dúvida, processualística assaz elaborada e intrincada. Depois, porém, que o estudioso formou o hábito de aplicar conveniente e apropriada técnica, os pormenores do processo se lhe tomam, em mais ou menos acentuado grau, como que uma segunda natureza.

Súmula bastante procedente do correto modo de operar na interpretação de uma sentença em grego é a seguinte: "Para alcançar o sentido de uma sentença em grego mister se lhe faz conhecer o significado original de cada palavra, o desenvolvimento desses termos na história, o sentido de cada forma, o estágio específico atingido na época do escrito, o direto contexto do momento enfocado. Não traduzas a sentença grega até que lhe compreendas o sentido"[4].

PARTE II

FORMAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO GREGO

A necessidade mais fundamental ao estudante de qualquer língua é um vocabulário operacional. A aquisição desse vocabulário é, para muitos estudantes, laboriosa tarefa. Este mister se lhe pode fazer grandemente facilitado e vivaz mercê de apropriada metodologia. Na língua grega, calcam-se os termos todos em raízes ou troncos primitivos que encerram significado básico de teor constante. No vocabulário todo do que se conhece do grego tais raízes não excedem o número de quatrocentas. Assim, pode o estudioso formar adequado vocabulário, aprendendo certos princípios de composição das palavras que o habilitarão a conseguí-lo prazerosamente, ao invés de fazê-lo mediante puro e cansativo esforço mental.

Há apenas duas classes destas raízes ou troncos: Uma propicia o elemento básico dos pronomes, a outra depara-o em relação às demais categorias gramaticais. A afinidade dessas raízes se estabelece em termos das consoantes. As vogais cambiam-se freqüentemente, como se vê em \£y-w e *Xóy-oç.* A essa mutação de vogais se dá o nome de gradação vocálica. Ilustrando com esses dois vocábulos calcados na raiz \£y-(\oy): do tema fraco, **X e y -** , provém o verbo **\£ y - t o : eu falo,** do tema forte, **X o y -,** advém o substantivo \6y~oc, **palavra, o que se fala.** O sentido primitivo desta raiz é **coligir, coletar.** Portanto, em paralelo, temos o verbo \£ y w , nesta acepção: **coleto, colijo,** e o substantivo *Xôyoç* **- coleta, apanhado, consideração.** Deste nome resulta o verbo \oyC£,o\iai **- considero, tenho na conta de, imputo.** Surde, naturalmente, a questão de como dois significados tão diversos, tais **falar** e **coligir,** se associam à mesma raiz. Entende-se isso facilmente quando se recorda que \é**yco- falo** - se referia originalmente a discurso considerado, não a simples palavrear, este o significado no grego clássicp do

verbo Aa\£io, isto é, descreve o discurso em que a pessoa colige os pensamentos e os enuncia coerentemente.

As raízes pronominais, tais áyw e av permaneceram como classe separada e distinta nas línguas indo-germânicas. Não serviram nunca à formação de substantivos e verbos e categorias conexas.

A grande variedade de palavras que se podem formar de uma raiz básica ilustra-a, satisfatoriamente, digamos, a raiz ôix-que tem no sânscrito como idéia primária: **Mostrar.** Esta raiz se estampa no verbo grego Ô£ixvmí- **ponho à mostra; aponto.** Comum é alongar-se o tema no presente dos verbos gregos, o que se dá neste caso, a raiz òi x- passando a Ô£ix-. Tinha este alongamento o efeito de assinalar ação repetida ou continuativa, própria dos tempos do sistema do presente. A tabela infra exemplifica a elevada cifra de palavras que se podem formar de uma só raiz básica. Note-se, também, como se desenvolve o sentido do tema.

De òix-, **mostrar indicar,** obtém-se:

òíx-T): **o caminho indicado,** isto é, **aquilo que é reto; justiça**

Donde, 6Íx-t): **Direito; justiça.**

ôix-áÇto : Aplico justiça; faço o que é justo.

Ôix-aa-Tifc **:Juiz.**

Òtx-aa-^óc ; Ato de justiça; feito justiceiro.

ôt x-áo-L-noç -.Judicial.

ôi x-aa-T t, xóç : **Relativo aos tribunais; verba de jurado,**

ôíx-ai-oç : **Aquele que observa as normas, justo, reto.**

ôix-ai-óio ; **Declaro justo.**

61 x—aí-w-fiă : **Ato justo; ordenança; decreto.**

ôt x—oú-lo-otç : O ato **de tomar reto; o processo de justificação.**

ôtx-ai-io-T-fc :Juiz.

òíx-ao-x^piov : **Lugar de justiça; casa de correção.**

Da raiz alongada Ò£tx-Têm-se:

ò£ Cx—vu—|ií : **Mostro; aponto.**

ô£ *ĩy-[ià : Coisa mostrada; modelo; amostra*

ò£ ty-nax-t : Exibo; ponho à mostra.

Ò£iY-^iaT —ia—n<5ç : Exibição; exposição pública

Ó£ix—TT^piov : **Lugar para exibições; mostruário.**

Ò£tx—x*x)*ç : **Exibidor, demonstrador.**

ÔE **t** x—**i** l x ó ç : **Capaz de mostrar, exibível.**

ôe t̃ Ç - i ç : Mostra; exibição.

Poder-se-ia esta lista estender indefinidamente com acrescentarem-se termos compostos, dois substantivos unidos, por exemplo: ÔL x - a t - o - ô ó - T n ç : **pessoa que outorga justiça,** e verbos formados pela anteposição de prefixos à raiz. A relação retro-referida bastará, porém, para ilustrar os princípios da formação de palavras no grego. Desde já deveria o estudante aperceber-se de que toda e qualquer letra que se aduza a uma raiz grega acrescenta algo à idéia expressa pela raiz. Todavia, antes que se possa o estudioso beneficiar com uma tabela tal a referida, necessário lhe seria conhecer o significado dos vários elementos aglutinados na formação de palavras.

S U F I X O S

Sufixos nominais e sua conotação

No interesse de tomar mais favorável ao estudioso a aprendizagem, referir-se-ão os sufixos nominais na forma em que aparecem através do Novo Testamento. A declinação em que se enquadram os substantivos assim formados se indicará pelo número entre parênteses: (1), (2), (3).

1. Terminações que indicam agente.

a. - t t) ç 2 T c p o - 9 ^ - x r) ç 0)> **aquele que fala em nome de outro, profeta** O feminino correspondente é T l p o c p T̃) T t ç (3), **profetisa.**

b. - **t T**) p : <p u x j - **t** ´ p (3), **luminar, luzeiro.**

c. - T c ü p : (5-n-TOJp(3), **orador.**

d. - £ u < ; (E F) : Y P ª ^ ª T - G ^ Ç (3), **escrevente; escriba,** de ypácpuj - **escrevo.**

e. - t a o a : p a a t´ X - t a a a (1), **rainha;** feminino de **P a a t X c i J c ; - rei.**

2. Terminações que assinalam ação.

a. - o l ç : ôt x a í c ü - a t ç (3), **ato de justificar.**

b. - | Í O Ç : x X a u ^ - n ó ç (2), **pranto; choro,** de x X a t´ w **- eu choro,** raiz xX acp.

3. **Terminação que marca instrumentalidade.**

- xpov: Atí—ipov (2), **instrumento de soltura,** do verbo \vú), **solto.** Prefixada a preposição ávxt , tem-se dvut-Xu-xpov, **resgate, o que se dá em lugar de uma pessoa para liberá-la.**

4. Terminações referentes a resultado.

a. -^a: Ttpay-na (3), **feito; ato; coisa engendrada,** de TXpáaou) - **faço.**

b. -eia: paatX-eta **(1), algo governado; reino,** de **Í3aa i A£ Cioj - rejo; governo.**

c. -oç: £tô-oç (3), **coisa que se vê; aparência,** de eíôov **-vi.**

5. **Terminações designativas de qualidade.**

a. -OTT)Ç: ÀYI-ÓTT}{;(3), **santidade,** de ft-ytoç- **santo.** Esta desinência não é de confundir-se com -**ttiç**, indicativa de agente.

b.-ta: oo^-ía**(1), sabedoria,** de *o*ocp6ç, **sábio.**

c. -auvr): aaxppo**-aúvT)** (1), **bom senso; equilíbrio mental,** de owç , **são; integral** + «ppŕjv , **mente +** tf **üvt)** , sufixo de qualidade.

d.-oç : pád-oç(3), **profundidade,** de , **fundo.**

6. Terminações típicas de diminutivos.

a. -tov: Tcaiô-íov (2), **garoto; rapazola,** de natç- **rapaz.**

b. -taxoç : veav-iToxoc (2), **mocinho,** de veavíaç» **jovem; moço.**

c. **- taxi); 7iatôiáxT)(1), moçoila,** feminino da raiz de Tiai ôtov , acima.

7. **Terminações indicativas de lugar.**

a.-TT)ptov: Ôtxaa-t^ptov (2), **lugar onde se dispensa justiça,** de ôt xa£u) - **julgo.**

b. - etov: \xvt)|i-£tov (2), **lugar memorial; túmulo,** da raiz n **vt) lembrar.**

8. Terminação própria a designar abundância, costume, traço característico.

-u)\oç: àfiapT-LüXóç (2), **indivíduo de todo dado ao**

pecado; pecador, de á\i ap T T a, **pecado.**

: Et ô-u)\o c (2), algo que é somente aparência, sem realidade, coisa de ver-se apenas, ídolo, de EtÔOV **-Vi.**

: òoüÁoç (2), **escravo; cativo,** de ô£io- **ato; amarro,** + oXoç.

Sufixos adjetivais e sua conotação.

1. Terminações que expressam a idéia de:

a. **Posse, o pertencer** *a:*

-Loç ,-ta,-tov:oupdv-toc , **pertencente ao céu; celestial;** deoùpavóç-**céu.**

A inserção da vogal t freqüentemente converte o substantivo em adjetivo.

b. **Capacidade, aptidão:**

(1) -txoç,-txr),-txov:xpt*c--txóc;, **apto para julgar;** de xp t VOJ- **julgo.**

(2)-t^0ç,-tfiT),-t|i0v(-at^i0í;,-at[i'n,-at-^ov): xp77-tf tuoç, **útil; prestante;**de xpáo^at, **faço uso de.**

c. **Material:**

(1) - tvoç,-t VT),-ivov:£ü\-t voe íeito & ma". **deira;** de ÇúXov **madeira.**

(2)- EOÇ (contrato: -ouç)» -£A, -EOV: ápyúp -Eoç (*âpyvp-ovç* **), feito de prata; argênteo;** de <5pyupoç, **prata.**

d. **Posse integra) de uma qualidade,** como o expressa o sufixo inglês **-fui** ou **-able,** [a que, no português, corresponde o sufixo **vel]:**

-poç ,-pa,-pov:novT)-póc;, pleno de labor ou dor, posto em duro predicamento, penoso, maligno; de *nóvoç,* **trabalho árduo.**

2. Terminações correlativas a substantivos:

-T)ç, -E ç (duas terminações):<|>E *vò-f\ç* **, mentiroso; falso;** de<J;£ uôoç, **mentira.**

3. **Terminações oriundas de temas verbais,** a indicarem o agente pessoal a quem se transfere a ação expressa pelo verbo: **-fiwv,-^ov:£X£if-iiwvf misericordioso;** de éXeéoõ, **mostro compaixão; trato com misericórdia**

Sufixos verbais e seu sentido.

Não inclui esta relação verbos formados de temas primários, mas apenas os calcados em bases substantivas, adjetivas, verbais e mesmo preposicionais. São os usualmente conhecidos como verbos denominativos.

1. **Terminações em**-ato [5] f-eoj,-euw **geralmente denotam ação ou estado:**
   a. **áYa7t(íu),amo;** de ἀγαπάω **«amor.**
   b. £up£u**),barbeio-me;** de Çúpov, **navalha**
   c. *òovXe* úo) **sirvo;** deôoũXoç, **escravo; servo.**
2. **Terminações em -** OÜJ , -a T vio, -U vw **geralmente exprimem causação[6]:**
   a. ÒOUXÓCJ. **escravizo, torno escravo;** de Ô o ŨX o ç, **escravo.** Comparar ò o uXe *vu),* **sirvo,** acima referido.
   b. TIL n p a t́ VÜJ, **torno amargo; amarguro;** derfu xp *óc,* **,agudo; pungente; amargo.**
   c. 7i\T)Oúvcof pode significar tanto **multiplico** (transitivo) quanto **abundo** (intransitivo); de 7IXT)§OÇ **«multidão.**
3. **Terminações em** ~a£oj **calcavamhse originalmente em temas finalizados em**-aô,**como, por exemplo,** Xid(í^cj,**apedrejo;** de Xi ^ ' c (X c d a ò -), **pedra** No período do coiné esta modalidaae se formava de ampla variedade de temas.
   a. Originalmente eram estes verbos ou freqüentativos ou intensivos: *ot* e v ἀζω **suspiro** (ou **gemo) cofrstantemente,** ou **profundamente;** de *até* viu, **suspiro; gemo.** Em o Novo Testamento, porém, a força freqüentativa ou intensiva já não subsiste, geralmente: a TE vaçoj (II Co 5.2,4) significa simplesmente **suspirar.**
   b. A maioria dos verbos em-aÇwé transitiva em o Novo Testamento: úixo ' ' nou Tó oÔ)^a(I Co 9.27), **golpeio meu corpo abaixo dos olhos; vergasto meu corpo até**

deixá-lo azulado.

Cumpre consultar-se um bom dicionário e observar-se o teor geral do contexto,

4. **Terminações em -1** Çüj , ao lado das congêneres em **-a** Çw**,** se fizeram assaz comuns no grego dos últimos tempos. Provinham originalmente de temas finalizados em -t<;:f5i7u´£w, **ventilo até surdirem labaredas;** de (31 *n C ç,* **, ventarola; fole.**
   a. Em o Novo Testamento, estes finais expressam geralmente a idéia de tomar-se, fazer-se: ˆ IOUÔGUÇCÚ, **eu me faço judeu; adoto maneiras judaicas.**
   b. Ocasionalmente, revestem-se estas terminações de sentido causativo: à y v i´Ç e t *iavióv* (I Jo 3.3), **purifica-se (torna puro) a si mesmo.** Em o Novo Testamento, Y vu>p *C* - Çu) deverá assumir sempre o teor causativo, mesmo em Fp 1.22.
   c. Por vezes há conotação instrumental, como em (3ap ÔĽ **CCO, bato com vara;** de **(5 áp Ôoç , vara.**
   d. Não raro exprimem os verbos em -t Çwa simples idéia de ação, ausente a primitiva noção freqüentaiiva ou iterativa. Assim, em o Novo Testamento, (5ava *C* **£u),asperjo,** passou a substituir a p´a t´ vwdo grego do período prévio.

   O próprio contexto e um bom dicionário são as chaves da boa compreensão destes verbos.
5. **Terminações em** ^u^wsão geralmente onomatopaicas: Yoy- **YÚCÜJ, resmungar.**
6. **Terminações em** - a xw são, em geral, inceptivas, por vezes causativas:

   -Y *T)p do* **xiu»estou a envelhecer.**

   —γαμ ĽC XLÜ**, dou em casamento.**

PREFIXOS

Além dos sufixos, ampla cifra de prefixos se usa na formação de palavras compostas.

1. Preposições se usam em larga variedade de modos na formação de compostos, quer substantivos, quer verbos. Na seção, referente às preposições tratar-se-á mais exaustivamente des-

ta matéria.

2. Partículas separáveis (advérbios) usadas em composição:
   a. **à** (de **ἅμα**, **junto)** -f-**ἅπας** = **ἁπάς**, **todo em conjunto.**
   b. #pT t **recém,** forma apenas um composto em o Novo Testamento: dpx T*yé.* VVT)TOÇ**'(I** Pe 2.2), **recém-nascido.**
   c. £**ὐ, bem,** entra na formação de bom número de compostos, na acepção geral de **prosperamente; bem disposto:** £**ὐδο**-**κία**, **beneplácito;boa-vontade.**
   d. 7taX t v**ε**t**de novo,** aparece em um composto único em todo o Novo Testamento: *naKiyyevzo Ca* (Mt 19.28; Tt 3.5), **renascimento; regeneração.**
   e. 7ta**ν**, forma neutra de *naç (na* vx - *)j* ocorre em vários compostos, na acepção de **todo, tudo:** *na* v6o**xe úç,es-talajadeiro; aquele que recebe a todos; deô£xo*iat»recebo.**
   f. TT)\£**, longínquo,** também se mostra em somente um composto através do Novo Testamento: xrjXauy**ῶ**c (Mc 8.25), **vendo claramente a longa distância**

3. **Partículas inseparáveis na formação de compostos:**
   a. **ἀ** (da preposição **ἀνά**) reveste-se de força intensiva: *ἀx* £**ν**f Çu, **olho firmemente.**
      Designa-se este prefixo de **alfa intensivo.**
   b. d-,**ἀν**-possuído de teor negativo, à maneira de **un** no inglês [ou de **in** no latim e português]: **ἀγνοέω**), **ignoro; desconheço; &oni Xoç, imaculado; sem mancha**
      Conhece-se este prefixo como **alfa privativo.**
   c. **ἀρχt-principal; chefe: ἀρχτtioiiít^v (| pe 5.4), supremo pastor;** ἀpX t £.pe *νç,*, **sumo sacerdote.**
   d. b\iç~ tem o sentido de **dificilmente, a duras penas, mal: 6t>xaEpjif)v£\jTc5<;, difícil de explicar-se;** õixjpácrxa-XTOÇ**, difícil de carregar-se.**
   e. ^(i l-equivalente do latim **semi; meio**:^fii**$avfjÇj6emimorto;** ἥμιωρον**, meia hora**

4. **Compostos em que se conjungem dois ou mais temas substantivos ou verbais.**
   Nestes compostos o primeiro componente se põe em uma como que relação de caso para com o segundo.

a. Relação acusativa:

(1)xaxc5-£pYOc; (xaxoupyoç), malfeitor,aquele **que faz o que é mau.**

(2)(pcoa-cpóp o ç , que traz luz; que porta luminiscéncia.

b. Relação genitiva:

(1)TIcrcpt -áp xT)c;, **que governa um** clã.

(2)ot' xo-ÔECJTtÓTTK , que é senhor da casa; chefe de família

c. Relação ablativa:

(1) ôi *o-n*£tfie»que caiu de Zeus.

(2)0£O-Ôt' ÔaxTOç, **ensinado de Deus.**

d. Relação dativa:

(1)avSpum-áp£axoç, **pessoa que procura agradar aos homens.**

(2)£ 16u)\ó—ôutoc; , sacrificado a ídolos.

e. Relação locativa:

(1)yovu-7i£Tifc, genuflexo; que se põe de joelhos.

(2)x£ ffiap-poç, **torrente; que flui no inverno.**

(Aplicável a muitos cursos de água da Palestina, pois que a estação chuvosa é o inverno).

f. Relação instrumental:

(1)7i0Ta^0-cpópT)T0í;, levado pelo rio.

(2)aCx^-áXuruoç, **capturado por meio de lança.**

5. Compostos descritivos.

Muitos outros compostos há em que o primeiro elemento descreve o segundo:

-^0 vo~y£ [V1]^C • unigénito; filho único.

-ayp i -é\a i oç, **oliveira silvestre; zambujeiro.**

ACENTUAÇÃO

Cabe uma palavra a respeito das regras gerais de acentuação do grego.

1. Há no grego três acentos:

a. O acento agudo, que pode ocorrer em qualquer das três sílabas finais, isto é, na antepenúltima, na penúltima ou na última: *&yyz\oç ,\ôyoc; ,a\)ióç,.*

Se é longa a última, a antepenúltima não poderá receber o acento: **ἄγγελος**, que se torna ἀγγέλου, **ἄγγελῳ**.

b. O acento grave, que se limita à última e se emprega quando se segue imediatamente na sentença outra palavra Drovjda de acento: ^aTipov ôfvôpov, ou **woXXoì épou-** AI'V-|ÍOL . Palavra não-acentuada (enclítica), assim FCIOI na segunda das cláusulas acima, não converte em grave o acento agudo, visto que se pronuncia em direta junção com a antecedente.

c. O circunflexo somente pode ocorrer sobre vogais longas e, assim mesmo, desde que estejam na penúltima ou na última.

(1) Se é longa a última, a penúltima, longa embora, não pode receber o circunflexo. Ex. ὦνον, mas ὤνου)»

(2) Se é breve a última, a penúltima, se longa e acentuada, deve receber o circunflexo. Ex. δοῦλος seria incorreto; tem de ser δῶλος.

(3) Uma vez que locuções tais ἐπ' οὐρανοῦ jiotse pronunciam como se fossem uma palavra só, um acento aqudo secundário se superpõe à sílaba terminal de ἀπὸ κτλ para evitar que o acento circunflexo ocorra mais distante do final da locução ἐπ' οὐρανῶν ^otdo que seria conveniente à elocução.

2. Em termos gerais, permanece o acento das formas substantivas na posição em que se acha na inflexão do nominativo singular, exceto na medida em que alterações da última obrigam a mudanças na acentuação. Ex.: ernfiv^pumoç é o acento forçado a deslocar-se para a penúltima na inflexão em que passa a última a ter o final longo -ouç . Em palavras dos moldes de δῶρον ocorrem mudanças análogas às assinaladas na seção e acima.

Exceções, que as há algumas, serão consideradas à medida que ocorrerem.

3. Nas formas verbais o acento é recessivo, isto é, afasta-se da sílaba final da inflexão quanto o permitam as leis prosódicas.

Visto que o particípio e o infinitivo são nomes verbais, seguem as linhas do acento típico das formas substantivas. Exs.

XeXuxwç [ptc. perf. at.], XeXufi^voç [ptc. perf. pass.], áyayeĩv [2o. aor. at. Int.], Xineĩv[idem].

Para facilidade do estudante, o seguinte quadro das vogais se recomenda:

1. T) e w são sempre longos; e e o sempre breves.
2. a, t, *v* são, ora breves, ora longos. Em referência a estas vogais, tem-se de levar em conta, em cada caso, o tema da forma.
3. Os ditongos ai, ei, eu, oi, ou, T)U, UU (e os 'impróprios' ą) são longos, exceto Ate otquando finais. No modo optativo estes ditongos, a i e o i, são havidos como longos para fins prosódicos.

PARTE III

AS PARTES DO DISCURSO E SUA FUNÇÃO.

O NOME

É este termo, **nome,** usado pela maioria dos gramáticos modernos para designar a substantivos e a adjetivos. Isto se deve ao fato de que originalmente nenhuma distinção se fazia entre essas duas categorias. No sânscrito, por exemplo, todos os gramáticos os tratam em conjunto. Era o nome usado ora como substantivo, ora como adjetivo. Ilustra este fato, em nossa língua, uma palavra como **bola,** a assumir tanto a função de substantivo, quanto de adjetivo, como se vê de cláusulas como estas: **a bola é redonda** e **fomos vencidos no jogo de bola.**

Deriva-se o termo do latim **nomen** (no gregoSvo^ia- **nome).** Isto porque designava tanto a pessoas como a coisas.

Deste ponto em diante, dividiremos a discussão do **nome** em duas seções distintas, a primeira a cobrir o substantivo, a segunda a tratar do adjetivo.

Exerce o substantivo múltiplas funções na sentença. Expressam-se estas várias relações do substantivo mediante os chamados casos.

OS CASOS

Deriva-se o termo **caso** do latim **casus - queda,** a que no grego corresponde m w̃ o i Ç j de igual acepção. No alemão o equivalente é **der Fali,** cognato do inglês **fali.** Concebe-se o substantivo como a **cair** em determinada relação para com o restante da sentença. Um caso, o nominativo, se contempla como a quedar-se em relação direta ou perpendicular na sentença, os demais se consideram como a postar-se em relação oblíqua. Explica este conceito a origem da designação casos oblíquos.

Dever-se-ia aqui observar que, propriamente falando, não é o chamado vocativo verdadeiro caso, tratando-o assim os gramáticos por simples questão de conveniência.

Do estudo de gramática comparativa de todo se evidencia que originalmente eram oito os casos (incluído o próprio vocativo) na família de línguas indo-germânicas. Eram eles: Nominativo, genitivo, ablativo, dativo, locativo, instrumental (às vezes chamado associativo-instrumental), acusativo e vocativo. Houve originalmente oito formas distintas de terminações de casos, correspondentes a oito funções específicas. Isto se vê claramente do sânscrito, o mais antigo membro da família. Gradualmente, estas formas distintas dos casos começaram a fundir-se até que, na língua grega, já havia somente cinco terminações específicas, tanto no grego clássico quanto no coiné do Novo Testamento. No grego moderno já restam apenas três: nominativo, genitivo e acusativo. No inglês, havia somente duas formas propriamente casuais no substantivo (há três no pronome), enquanto nos mais antigos escritos existentes do anglo-saxão havia seis. Esta onda, a varrer com as formas distintas de casos específicos, tem assolado a família toda das línguas indo-germânicas, até que no francês há uma forma única do substantivo (três formas distintivas de caso permanecem ainda no pronome); no alemão, há quatro. O desenvolvimento da preposição é responsável pela recessão dessas formas específicas de casos distintos. Discutir-se-á mais extensivamente esta matéria ao considerarem-se as preposições.

DECLINAÇÃO DO ARTIGO

Historicamente, enquadra-se o artigo com os pronomes. Entretanto, dada a evidente conveniência, melhor será apresentar-lhe a declinação neste ponto.

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom.	ὁ ? ~	ἡ	TÓ	OL	aí	T<X
Gen. e Abi.	TOU	TTK	TOU	TIüV	TWV	TUJV
Loc., Inst. e Dat.	Ttjj	TTJ	IIJῼ	TOLÇ	TO.LÇ	TOLC
Acus.	TÓV	TT^V	TÓ	TO ÚÇ	TÓQ	xá

O SUBSTANTIVO

Seguem-se os paradigmas dos tipos representativos. Distribuem-se em três declinações.

I - PRIMEIRA DECLINAÇÃO (tema em a):

1. Femininos

-fyiEpa, dia; áX^$£ta,- verdade; ò6^a, glória; Ypacp^, escrito.

	Singular				
Nom.	^	íji£pa	áXfjdEta	ôó£a	ypatpil
Gen. eAbl.	xrjç	i^ípaç	áX"nd£taç	ÔÓ£T)Ç[8]	ypacprjç
Loc., Inst. e Dat.	TTJ	ínEpç	á\r)&zCq.	ôó^-g[5]	ypa<p^
Acus.	xVjv	iin^pav	áXi1$£tav	ôó£av	ypacp^v
Voe-	-	T^ji^pa	áXi^Eta	ôó£a	YP[0]^
	Plural				
Nom.	at	-fin^pai,	aXi1$£iai	ôd£at	Ypcicpat
Gen. eAbl.	TUJV	iVepwv	aXTj-Ô-Etuiv	ôo£uSv	YP<i<F>w
Loa,InsteDat	-catefjn^patç		àXT)deiate	ò ó^atç	ypacpatç
Acus.	táç	r)^€pac	áXr)$£taç	Ôó£aç	*ypayde,*
Voe.	-	^[i^pau	aXi$Eiat	ò ó£at	*ypayai*

2. Masculinos

-7ipoçpV5tT)ç- profeta; ^ad"nTV)(; **- discípulo;** v£a-**vtaç-moço.**

	Singular			
Nom.	ó	Tipocp-nTTK	lia-&T)TTí<;	vEavíaç
Gen. e Abi.	TOU	TCpOCplfaoU	[la^ircou	VEaVLOU
Loc., Inst. e Dat.	τῷ	7ip OCpi^TTJ	HaSTiTT)	v£avta
Acus.	T<5v	TXp OCpi^TT)V	¡iaOT)T^V	vEavtav
Voe.	-	npo(prÍTa	^adr)xá	vEavta
	Plural^			
Nom.	oí	HpOCpT)TaL	μαθηταί	vEavtat
Gen. e Abi.	TWV	Tip OCpTjTtü V	^a-ÔT]TCüV	vEavtiov
Loc., Inst. e Dat.	Toíç	TipocpT^Tauc;	^AÔTIXAI;	vEavíat c;
Acus.	TOUÇ	TlpOCpTÍTaC	Ha$T}Ta<;	veavía;
Voe.	-	TCpO<pT)T(U	^ia-&T)Taí	vEavíat

II. SEGUNDA DECLINAÇÃO (tema em **o).**

1. Masculinos

- (pLXoç - amigo; uťóç **- filho;** ôoũXoç- **escravo;** fivSpumoç - **homem.**

	Singular				
Nom.	ò	cpíXoç	vâóç	ÔOŨXOÇ	4v$pẆW0Ç
Gen. eAbl.	TOŨ	cpíXou	uíou	*òovÍov*	*áv^ptOTLOU*
Loc., Inst. e Dat.	TCJ)	cpíXu)	uťij	ôoúXu)	ávdpLmt|>
Acus.	TÓV	cptXov	uióv	ÔoũXov	vp ÜJ710V
Voe.	-	φ īTXe	vi'é	ôoũXe	âEv&pume

	Plural				
Nom.	ot	cptXot	inoi'	ÒOŨXOL	*ttv&pojnoi*
Gen. e Abi.	TŨ>V	cpíXuv	UIŨV	ôoOXwv	âvdpLũiicüv
Loc., Inst.e Dat.	tolc	*(pCXoiç*	*vïolç*	*6ov\olç*	*áv^pwTtoií;*
Acus.	T CÔÇ	*(pÍOVQ*	*viovç*	*òovXovç*	dvdpúmouç
Voe.	-	CpÍXOL	*VĽOL*	ÔOŨXOIfív^pcünot	

2. Neutros

- T£XVOV **- criança; ôũipo**V **-dom;dádiva**

	Singular			Plural	
Nom.	TÒ	T£XVOV	òojpov	iâ T^xva	ôtopa
Gen.eAbl.	TOŨ	T£XVOU	òiópou	TŨJV T£XVWV	òẃpujv
Loc., Inste Dat.	ia)	T£XV($)	ótũptj)	TOIÇ T^XVOIC;	ôẃpoiç
Acus.	TÓ	T^XVOV	ÔŨJDOV	*xá* T^xva	ócjpa
Voe.	-	Téxvov	óojpov	- T£XVGL	ôujpa

III. TERCEIRA DECLINAÇÃO (tema em consoante).

1. Temas finalizados em muda.

-VÚÇ, - noite; aápE,- carne; ĖXTIÍÇ- esperança; X<£ptç- graça

Tema VUXT- ,oapx- **éXmô- $x^{a}P^{tT}$~"**

Singular

Nom.		vúÇ	*od* p£	éXwfç	X<*P»-Ç
Gen. eAbl.	irjç	vuxTÓ<;[10]	aapxóç[10]	áXTIÍ ôoç	X^pnoç
Loc., Inst.e Dat.	xr}	VUHTÍ[10]	aapxí[10]	*IXtiÍòl*	x^piti
Acus.	tVjv	vúxxa	aápxa	éXitL'Ôa	x^ptv[11]
Voe.	-	vú£	aápE,	éXuíç	X^ptc;

Plural

Nom.	[a]£	VÚXTeç	aápxeç	éXiuôeç	x^P^cç
Gen. eAbl.	™^	vuxTwv[10]	aapxuv[10] to	áX7iiÔwv	x[a]P^Twv
Loc.,inst7Datxát<;		VVÇL'(v)[10]	aap£tT(v)	IXníci(v)	xápiat'(v)
Acus.	tá<;	vtfxxac;	aápxaç	éXftiôac;	x^Pi-t^C
Voe.	-	vúxTeç	aápxeç	éXfttTôeç	x^piTeç

2. Temas finalizados em nasal.

-ôai^iwv - **espírito mau; n ιμη)ν pastor;** aitúv - **era.**

Tema õai^iov- Ttot^ev- atwv-

Singular

Nom.	6	ôaíjiwv	ποιμήν	aiwv[12]
Gen. e Abi.	TOÜ	ôaí^iovoc	7toi|i£vo<;	atcovoç
Loc., Inst. e Dat.	TÚ)	Ôat^iovt	ixoun^vt	atcovt
Acus.	TÒV	ôaíjiova	notfi^va	aíwva

Plural

Nom.	oi	ôatjjoveç	Tioi^évec;	ataívEç
Gen. e Abi.	TWV	ôatiióvwv	TIOL[ÍEVUJV	aiujvtijv
Loa, hst e Dat	xote;	óat^oat(v)	*noi[LÍai(\t)*	aiuíai(v)
Acus.	TOÙÇ	ôatjiovac	TIOT^iívac;	atwvaç

- Não há formas vocativas distintas nesta classe de palavras da 3[§] declinação.

3. Temas finalizados em líquida.

-(ó) TiaiVjp - pai; (Vi) viVjtrip - mãe; (i*}) **xzCp - mão; (**6) aore V)p**-salvador**

Tema itaTCp- ^iT)x£p- au>TT)p-

	Singular			
Nom.	Tiatifa	**HÍTT)p**	X£t́p	au)Tiip
Gen. eAbl.	TiaTpóç	**^T)TPÓÇ**	xetpóç[13]	au>TT̃jpoç
Loc., Inst. e Dat.	Ttaxp Ĺ	**HT)TpĹ**	xetpt́[13]	aiüx^pt
Acus.	*natépa*	**H"nx€pa**	xetpa	aa)TT)pa
Voe.	**uátep**			

	Plural			
Nom.	TiaT^peç	|iT)T^p£<;	**X£t̃p£ç̃**	**awTT̃}p£(;**
Gen. e Abi.	naiápuv	IAT)T£PUJV	X£iptov	auruifowv
Loa,InsteDat	Ttaxpáai (v)	^iT)Tpáai(v)	x^P[a]t́ (v)	atuTr[pai.(\0
Acus.	Tiax^paç	ptrjT^paç	x[CL]P[a]C	aarerípaç

- Não há formas vocativas no plural.

4. Temas finalizados em - a -

-(TB)T£XOÇ~ **fim (**Ô)auyy£vifc-**parente**

Tema *zeXeo-* *ovyyevco-*

	Singular	
Nom.	*ié\oç*	*ovyyevtfç*
Gen. e Abi.	*zéXovç-e(o)*oç	*ovyyevovç* ̃
Loc., Inst. e Dat.	t£\£i=£(o)i	**auyyev£t̃**
Acus.	**xdXoç**	auyye vT̃)=e(a)a

	Plural	
Nom.	t£**X**t) = £(o)a	auyy£v£ĩç = £(a)£<;
Gen. e Abi.	T£Xti)V = £(a)ojv	auyy£VOJV
Loc., Inst. e Dat.	*téXeo l = eo (o*)t	auyy£v£at(v)
Acus.	x£\T)=£(a)a	auyy£v£L̃<;

5. Temas finalizados em semivogais

-(f)) nóXiç-cidade; (fl) óaxúç- força;(õ) paatX£Úç-rei.

Tema ***iioXei(i)-*** íaxu- paa U**X**EU-

	Singular		
Nom.	nóXiç	íaxúç	paaiXEÚç
Gen. eAbl.	7ióX£wç~[14]	íaxtíoc;	PaaiXÍwç
Loc., Inst. e Dat.	TI6X£t	ioxtfU	paaiX£t̃
Acus.	71<5XCv	ĹCJX**Ú**V	paatX£a
Voe.	TIÓXt	-	PaatX£ũ

		Plural	
Nom.	TIÓXELÇ	ταxúec	paatXeiç
Gen. eAbl.	nóXewv[3]^	ταxúcov	paauX^wv
Loc., Inst.e Dat.	nóXeoL (v)	íaxúai(v)	paatXeuoi(v)
Acus.	TióXetc	τcxvaç	paaiXeLÇ

- Não há formas específicas de vocativo no plural.
- Consideração mais completa e compreensiva das declinações se encontra em Moulton e Howard - A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DE GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, pp. 117-155.

SENTIDO DOS CASOS

É assaz importante abordar a interpretação de um caso na perspectiva do sentido primário desse caso.

1. Nominativo

O **nominativo** é primariamente o caso de referência ou enunciação. Já os gregos o designavam de ò *mo\i* acrx L xf) TITOXJ t . Seu uso mais generalizado é como» "sujeito" da sentença. Na realidade, originalmente se expressava o sujeito da sentença mediante a terminação pessoal do verbo. Por exemplo, na forma X£y-e t o final -e i é o verdadeiro sujeito. Uma vez, entretanto, que o sentido dessa desinência era indefinido (ele, ela), fazia-se de mister não raro nomear o sujeito em moldes mais precisos, de sorte que se usava um **nome** para esse fim. Esse **nome** (substantivo), usado para enunciar o sujeito, estava em aposição com o sujeito expresso pela terminação pessoal. À medida que a língua se fez menos e menos flexionada, veio o substantivo a considerar-se mais e mais como o sujeito da sentença.

Há, porém, outras acepções do nominativo, tais:

a. **Nominativo aposicional**

O substantivo em aposição a outro que esteja no caso nominativo vai, normalmente, para esse caso também, assumindo, pois, a forma nominativa. Por vezes, em decorrência de certa lassidão na estrutura gramatical, pode o nominativo achar-se em aposição a outro caso. É o que se vê, por exemplo, em Ap 3.12, onde o particípio i[5]) xaxapai'-vouaa está em aposição axr]<; xaivrjç 'IepouaaXifa [em genitivo]. Esta construção mais solta, menos rígida, é uma das caracterís-

ticas do Apocalipse.

b. Nominativo predicacional

Requerem os verbos e ί^ί, yt'vofiat, íraápxw o nominativo não apenas na função de sujeito, mas ainda no complemento, logo, em ordem lógica, antes e depois de suas formas. Cf. Jo 4.11; 1.14; At 16.3.

c. **Nominativo pendente (nominatívus pertdens)**[15]

Ocorre esta modalidade ocasionalmente. Ex. Ap 3.21: *0 vi - HWV ÔCÜO Ü) AUT Q) - O **vencedor, dar-lhe-ei.** O escritor começa a sentença com um particípio no caso nominativo, que tem de concordar, virtualmente, com um pronome no dativo, que, entretanto, fica em suspenso, sem direta concordância gramatical. Este nominativo, como o aposicional, é também um dos característicos do estilo do Apocalipse. Cf. Ap 2.26; 3.12.

d. **Nominativo absoluto**

É o que aparece no título de livros: * AftoxáX IK|«1 ç 'IOÚCÍv - vou - **Apocalipse de João** (Ap 1.1), ou na saudação epistolar: nauXoç ôouXoç. . •HXT)TOC CXTÍOOTOXOC; **- Paulo, servo ... designado apóstolo** (Rm 1.1).

2. **Genitivo**

O genitivo[16], ' Y£ V VT)T TXF) TITUXJ I Ç (Latim: **casus gsnitivus),** é, primariamente, o caso. "descritivo". Sua função é adjetiva. De fato, evidencia a gramática comparativa que este uso é mais antigo que o adjetivo. A designação não é de todo apropriada, já que o termo significa "gerativo", "produtivo". Tem-se sugerido designativo melhor,^) y£ vi xí) moxJiç , isto é, o caso que enuncia o gênero ou espécie. Qualquer que lhe seja o nome, é o caso descritivo.

Pode-se o elemento descrever de vários pontos de vista, de sorte que terá o genitivo ampla variedade de acepções, assim que:

a. Pode descrever do ponto de vista de posse ou propriedade, quando se designará de genitivo de posse: xò v ÔouXov tou áp - Xi£p£üjç (Mt 26.51) -."o escravo que pertence ao sumo-sacerdote". Este uso é praticamente o único subsistente no inglês popular, donde prevalecer a noção de que posse é o sentido primário deste caso, o que

não corresponde à plena verdade. É o uso residual no inglês, todavia, um apenas dentre muitos no grego.

b. Pode descrever do ponto de vista de valor, quando recebe o qualificativo de genitivo de preço: Oixt *àúo otpov&ia aooa-*píou 7ico\£iTai; (Mt 10.29) - "Não se vendem dois pardais por um asse?" Cf. Lc 12.6; Ap 6.6.

Genitivo que tal pode expressar a pena imposta: Mt 26.66.

c. Pode descrever do ponto de vista de procedência ou originação, quando se denomina de genitivo de origem: Tpí**X**ac;fiiiXou (Mc 1.6) -."feito de pelos de camelo".

d. Pode descrever do ponto de vista de qualidade: TÔ ou^xa ttjç ájiapTíaç (Rm 6.6) - "o corpo de pecado". Este genitivo de qualidade descreve o corpo como caracterizado pelo pecado ou sujeito ao pecado.

e. Pode-se usar em aposição a outro substantivo para defini-lo mais precisamente: tov àppapwva irou TIVE 141atoç(H Co 1.22; 5.5) - "o penhor que é o espírito", mais preciso que "o penhor do espírito". Cf. II Co 5.1; II Pe 2.6; Jo 2.21; Rm 4.11.

f. Há também o chamado "genitivo hebraísta"[17], que é, acima de tudo, um genitivo de definição. Encontra-se esta fraseologia em Sófocles[18] e também em papiros em que nenhuma influência hebraica se pode presumir. É ele, porém, muito comum na Septuaginta e em o Novo Testamento. Deve-se isso, sem dúvida, em larga medida, a tradução dessa peculiar expressão hebraica, o estado construto do substantivo. Cf. Mc 2.26:oí ápTOi *TÍ)<; T i**θ**σεως "os pães da proposição", "o pão da mostra"; Lc 4.22; oí \6yot xÍ <; x^P^t°C - "as palavras da graça".

Ver também as abundantes expressões em que utóç ou xéxvov aparece com um genitivo em lugar de um substantivo: Mc 2.19; 3.17; Mt 23.15; Lc 10.6.

g. Pode expressar a idéia de tempo ou lugar. Nesta acepção, segundo Robertson[19], significa "este e não aquele tempo" ou "aqui, não ali". Tanto o locativo quanto o acusativo podem expressar tempo ou lugar. Responde o locativo à pergunta "quando" ou."onde", enquanto o acusativo responde à pergunta "por quanto tempo" ou "até onde". Exemplo de genitivo que expressa tempo é: x£ inujvoc;(Mt 24.20) - "no inverno". Refere-se a ."inverno" em contraste com "verão". No mesmo versículo,

oappáx<$) — ."no sábado", fixa um ponto de tempo. Provavelmente, no que tange a estas noções, não se deveria fazer distinção muito aguda entre o genitivo de tempo e o locativo.

Bem poderia tê-los um escritor usado um pelo outro sem explícita consciência de diferença real.

h. Classe especial constituem-na o genitivo objetivo e o genitivo subjetivo. Neste uso, encontra-se o genitivo de um substantivo associado a outro substantivo que expressa ação. Se o substantivo em genitivo é o agente da ação expressa pelo outro substantivo, tem-se o chamado genitivo subjetivo. Se o substantivo em genitivo é o recipiente da ação, trata-se de genitivo objetivo.

Moulton[20] é de parecer que a interpretação desta modalidade genitiva é pura questão de exegese, não de gramática. Decisão nesta matéria resulta do imediato contexto e do uso geral. Em II Co 5.14, ^ áyánT) xou Xptaxou auvéxct t^açCo amor de Cristo nos constrange") tanto poderia significar "o amor que Cristo tem por nós" quanto "o amor que temos por Cristo". O imediato contexto não resolve q problema nesta passagem, mas o uso geral do Novo Testamento (cf. Gl 2.20) deixa bastante claro que está Paulo a falar do amor de Cristo para com ele como a força que lhe concentra as energias no desempenho da tarefa de que estava investido. Trata-se, pois, de um genitivo subjetivo. Já em I Co 1.6, Mapxóptov TOU Xptaxou -"testemunho a respeito de Cristo", é genitivo objetivo, enquanto {movtovfl xr}ç eX-*nCòoç* (I Ts 1.3) - "a perseverança que provém da esperança", é genitivo subjetivo. Em tais casos, a decisão cabe ao exegeta, não ao gramático.

i. O genitivo absoluto consiste de um substantivo ou pronome no genitivo usado com um particípio no mesmo caso: xou 'inaou Y£ VVT}$£VXOÇ (Mt 2.1) - "tendo Jesus nascido" xaxapat v<5\> - TWV aùxuiv (Mt 17.9) - "enquanto desciam". Este genitivo é de uso assaz amplo no grego helenístico.

Por vezes, em o Novo Testamento, encontra-se o genitivo absoluto expresso pelo particípio apenas, desacompanhado do pronome ou substantivo a que se associaria: è^eX^óvxwv (Mt 17.14) - "tendo saído". Este uso é muito freqüente nos papiros[21].

Muitas outras classificações do genitivo se poderiam oferecer, que, entretanto, a esta altura, a nenhum propósito útil sen/iriam. O impor-

tante a ter-se em mira é que o genitivo associado a um substantivo correlato o está, de certo modo, a descrever. O sentido geral da passagem deveria, via de regra, sugerir o exato teor do genitivo. Dever-se-ia partir da idéia de que está ele a descrever algo e, então, determinar como o descreve. É completamente errado partir do conceito de que a noção primária é posse ou separação (como o sustentavam tantos dos gramáticos de outrora).

j. As seguintes classes de verbos requerem complementação objetiva em genitivo:

(1) Verbos que expressam sensação: ver, ouvir, provar, etc.
(2) Verbos que expressam atitudes mentais: desejar, cuidar que, interessar-se por.
(3) Verbos que expressam lembrança ou esquecimento.
(4) Verbos que expressam participação, cumprimento, partilha, preenchimento.
(5) Verbos que expressam acusação, condenação, decisão, julgamento, etc.

k. O genitivo é comum com adjetivos que expressam plenitude, abundância, etc. Cf. Jo 1.14.

O genitivo após preposições será discutido em conexão com a preposição regente.

3. **Abiativo**

O caso **abiativo,** **acpaipetixil** TITWGIÇ, não tem forma ou desinência específica, nem no grego clássico, nem no helenístico. Bem logo se perdeu. Originalmente, porém, tinha não somente a noção própria, mas ainda a forma de caso distinta. É ele o caso da procedência, "de onde". O fato de que a mesma forma se usava no grego clássico, tanto para o genitivo como para o abiativo, levou alguns dos gramáticos de tempos mais remotos a denominarem o genitivo de o caso "de onde", ou caso de separação. Winer, há mais de um século, mostrou a improcedência desta posição.

a O abiativo a modificar outros substantivos não é comum em o Novo Testamento. Onde ocorre, a idéia de origem, fonte ou separação é a noção fundamental. Exemplo se acha, provavelmente, em tf)v £xpaaiv TT)C; ávaaTpocpiK (Hb 13.7) - "a resultante de seu viver". Possivelmente,ôtxaiooÚVTJ ©eou (Rm 1.17) ofereça outro exemplo; se assim, significará "a justiça que procede de Deus como

sua fonte". Se é, porém, genitivo o caso, significaria a justiça inerente em a natureza de Deus, ou a justiça que Ele mediante a graça concede ao homem. Ambos os sentidos, é fato, são procedentes.

b. O ablativo a complementar formas verbais é assaz freqüente. Os verbos em que tal se dá são os das seguintes classes:

(1) Verbos que expressam afastamento, distanciação, remoção: -*ànooitfo*OVTAÍ TLVCÇ TT^Ç TUGTEWC (I Tm 4.1) -."afastar-se-ão alguns da fé".

(2) Verbos que exprimem cessação ou abstenção: nénau - Tau áuapTiaç (I Pe 4.1) - "cessou de pecar"; ÁNÉXEO^ai E ÎÔUJ\O$Í5TU)V (At 15.29) - "abster-se de coisas sacrificadas aos ídolos".

(3) Verbos que indicam falta, carência, desesperança: e J - *Òé* TIÇ \ETÍTETAT *ooyCaç* (Tg 1.5)-"mas se alguém carece de sabedoria".

(4) Verbos que denotam diferença, apreço, valor, excedência.noWcüv oTpou$íojv ôuacp£p£Te ú^etc; (Mt 10.31) -."vós valeis mais do que muitos pardais".

- Comparação mui freqüentemente se expressa pelo ablativo.

(5) Verbos que tem sentido partitivo: ^pooeXápovTO Tpo(fT)c (At 27.36) - "tomaram alimento"; ÒwolÜ aú - TUJ TOÜ |iávva TOÜ X£xpU|iP.Í£vou (Ap 2.17) -."dar-lhe-ei do maná escondido". Cf. éa$f£t ánó TCÜV (|>ÜXLU)V (Mt 15.27) - "(os cães) comem das migalhas". A idéia partitiva se expressa mediante a preposição d*n 6* [22]. Cf. o "genitivo partitivo".

c. O aDiativo com adjetivos não é especialmente comum: *té* - voi TCÜV ôia$T)xu)v (Ef 2.12) -."alheios aos pactos"; év Y£WT)TOÎc yuvatxwv (Mt 11.11) - "entre nascidos de mulheres".

- Uma idéia fundamental subjaz ao ablativo: Separação. Ao buscar-se determinar se dada forma é genitiva ou ablativa, a pergunta a fazer-se é: expressa qualidade ou separação?

- O ablativo com preposições considerar-se-á na parte relativa às preposições.

4. Dativo

O caso **dativo,** ôotIxi^ TiTtúGtç, tem como noção primária a de interesse pessoal. Através da história da língua grega bem pronunciada se tem feito sentir a tendência de obumbramento, senão desaparecimento, deste caso. Moulton a denomina de ."deterioração do dativo". Deve-se isto ao fato de que uma forma única sen/ia à expressão de três noções distintas: **locativa, instrumental e dativa** Isto produzia certa indefinitude ou vagueza de sentido, que, por fim, levou ao prevalecimento de substitutos usados em lugar do dativo. Dois destes* £uç e upóç com o acusativo, aparecem já em o Novo Testamento: eiç ú|ia<; (I Pe 1.4) - "para vós"; Tipóç TÍva (Hb 1.8), usado como sinônimo de TI vt (Hb 1.5). No grego moderno, como em inglês, a preposição com acusativo substituiu de todo a forma dativa. Em o Novo Testamento, contudo, ainda subsiste.

Quando se defronta o intérprete com forma dativa, lembrar-se deve ele de que qualquer destas três idéias básicas se pode expressar através dessa forma: 1. A idéia de lugar.

2. A idéia de instrumento.

3. A genuína idéia de dativo.

Boa passagem para testar estas possibilidades é:***rr) yáp e\-** 7i161 éaw^T)fji£v (Rm 8.24). Está Paulo a dizer: "Fomos salvos pela esperança" (instrumental), "na esperança" (locativo) ou "para a esperança" (dativo)? Se o caso é dativo, está a esperança, em certo sentido, personificada e se propõem como o fim da salvação antes que um meio para atingir esse fim. Se o caso é locativo, visualiza-se a esperança como a esfera em que se processa a salvação. Se o caso é instrumental, converte-se a esperança em meio de salvação humana. A única fórmula científica de resolver esta espécie de questão é apelar para a perspectiva paulina a refletir-se em o Novo Testamento. Sem dúvida, a acepção instrumental é a que mais se lhe conforma à expressão. A objeção única a assacar-lhe é que, em outras passagens, ensina Paulo a salvação mediante a fé. Entretanto, a fé, encarada como instrumento ou meio de salvação, excluirá a esperança? Em que diferem essas duas virtudes? Uma vista de olhos no contexto de Rm 8.24 revelará a propriedade do emprego da **esperança** nesta passagem em vez da fé.

a. Usa-se o dativo mais generalizadamente para expressar o objeto indireto: ôorue xb &YLOV TOLÇ xuatv (Mt 7.6) -

"Não deis o que é santo aos cães". É este provavelmente o mais antigo uso do dativo.

b. Pode o dativo expressar vantagem ou desvantagem. Em um caso, é o interesse pessoal afetado de modo favorável, no outro em moldes desfavoráveis: xapitóç. . .aneL'peiai xoiç rtOLOixJtv etp^s»T)v (Tg 3.18) - "fruto.^é semeado para os que promovem a paz": napTupeixe £auToiç(Mt 23.31) - "testificais contra vós próprios".

c. Usa-se freqüentemente, para expressar o objeto direto de verbos transitivos que se referem a relações pessoais, tais ordenar, usufruir, agradar, obedecer, servir, cultuar, etc.: ôov\e *vu* vópui *deov* (Rm 7.25) - "Sirvo à lei de Deus".

d. Pode-se usar com verbos intransitivos: TL' úp.iv ôoxeT; (Mt 18.12) - "que vos parece?"

e. Uma vez, o dativo expressa o agente: oúô£v ä£iov ^ - *váiov* éaTL'V 7i£7tpayv£vov aút<^ (Lc 23.15) - "nada digno de morte foi feito por ele".

- O dativo associado a preposições considerar-se-á na seção referente a partículas.

5. **Locativo**

O caso **locativo,** ^ TOTUXI^ KTÜXJLÇ, não tem no grego histórico forma distinta da inflexão do dativo e do instrumental, exceção feita de umas poucas partículas adverbiais, como, por exemplo, éxe t. A expressão "dativo de lugar" que alguns gramáticos preferem ao designativo, "caso locativo" é, na verdade, destituída de sentido. A noção dativa e a conotação de lugar não se conflacionam dessa maneira. Não somente tiveram historicamente acepção distinta, mas até mesmo forma diferente. Responde o locativo simplesmente à indagação ONDE? Pode referir-se tanto a tempo quanto a espaço.

a. **Tempo:** T?j p.L ÇL *o* ap (3 *âx* u>v (Lc 24.1) - "no primeiro (dia) da semana".

b. **Espaço:** TW *&vo* icxaTrjp tw Ttapeôpeúovieç **(I** Co 9.13) - "ministrando (sentando-se ao lado) no altar".

c. **Uso figurado:** TlopeuofifvT) tw cpópi^(At 9.31) - "andando no temor".

6. Instrumental

O caso **instrumental,** ^ XP^^TXT) TITUXJIÇ» , também

chamado de associativo-instrumental, descreve os meios ou instrumento. Quando há envolvência pessoal, pode registrar-se a idéia associativa. A esta acepção chamaram os gramáticos de tempos idos "dativo instrumental". Mas, não há na expressão real noção dativa.

a. Pode-se aplicar a expressão xpóvotç at'uvf'otç (Rm 16.25) - "por meio de tempos eternos". Nesta passagem toma-se o tempo como o instrumento ou meio através de que se leva a cabo a ação.

b. Verifica-se a ação associativa em passagens tais: TÍÇ fiETOxtf ôixatocOvg xaĉ àvojiłą ; (II Co 6.14) - "que associação entre a justiça e a iniqüidade?" Justiça e iniqüidade, neste caso, dir-se-ão personificadas.

c. Pode-se empregar para expressar modo ou maneira: ÔT)NO- *o f q.* (At 16.37) - "publicamente"; Xd#pą (Mt 2.7) - "secretamente".

d. Pode-se usar para exprimir causa, motivo ou ocasião: *i yú* ôè λιμῷ (Lòe *ânóWvytaL* (Lc 15.17) - "Eu, porém, aqui estou a perecer de fome".

e. O uso mais comum é para expressar meios: çp-Oaptoiç ápyuptíjj fj xP^lú) êAmpu>$T)T£.. .dX^à Tirifo al'|iaTt (I Pe 1.18) - "não mediante coisas corruptíveis, por meio de prata ou ouro, fostes resgatados... mas mercê de precioso sangue".

7. **Acusativo**

Do caso **acusativo,** ^ cůTtaiixí) TITUXJt <; o sentido primário é o de extensão. Este é de todos o mais antigo caso e de mais generalizado uso. "O acusativo mede uma idéia quanto a seu conteúdo, escopo, direção"[23].

a. É o caso regular a usar-se após verbos transitivos, a menos que haja razão distinta para que se use outro dos casos (ver o dativo e o genitivo). Gradualmente, alijou o acusativo aos demais casos da função de complementação objetiva dos verbos.

(1) Quando ambos, o verbo e seu objeto, exibem a mesma raiz tem-se o chamado acusativo cognato: á^iap Td - voVTa á}iapTïav (I Jo 5.16), literalmente: "pecando pecado".

- Por vezes, procedem o verbo e seu objeto de raízes totalmente diversas, mas a idéia pode ser a mesma: μὴ cj>opoú(i£vat ^ô^tá v TCTÓT)GI.V (I Pe 3.6),literalmente: 'não temendo nenhum temor". A esta modali-

dade dá-se o designativo de acusativo cognato análogo.

(2) Muitos verbos requerem dois acusativos:

(a) Verbos elocucionais, isto é, **dizer** e correlatos, não raro se complementam por dois acusativos, o segundo em função predicativa, praticamente em aposição ao primeiro: OÚK^TI Xéyw òoúXouç (Jo 15.15) - "já não mais vos chamo servos".

- Há, através do Novo Testamento, um acusativo predicativo apóse í ç encontrado especialmente em citações da Septuaginta:*r£$£ I *xa oz* ETC £$VGJV (At 13.47, citação de Is 49.6) - "tenho-te posto por luz dos gentios".

(b) Verbos que se referem a pedir, perguntar, ensinar, vestir, despir e ungir têm, geralmente, duplo acusativo, um designativo da pessoa, o outro da coisa: fyi ãç ôi òá t n d v t a (Jo 14.26) - "ele vos ensinará todas as coisas"; ἐρωτήσω fyiaç Xóyov £va (Mt 21.24) - "uma palavra vos perguntarei"; é E, *í* òuc a v a ὐx ò v *i* a ἱματία *avxov* (Mt 27.31) - "despiram-no de suas vestes"; £xpiaév a£ $ ÍXatov(Hb 1.9, citação de Sl 45.7) - "Deus te ungiu com óleo". ~àXe í - qpb) - **ungir** aparece com um acusativo e o instrumental em Mc 6.13: Hat fiXeicpov ἔXatuj *.tioWovq* ἀppójaxouç- "e ungiam com óleo a muitos enfermos".

(c) Verbos referentes a jurar podem também ter dois acusativos: ôpxtÇu) ae iòv ©eóv (Mc 5.7) - "esconjuro-te por Deus".

(d) Verbos relativos a praticar o bem ou o mal também se podem acompanhar de acusativo duplo: 'IouÔatouç oὐôv £ "nòíxrjaa (At 25.10) - "nada de mal pratiquei contra os judeus"; tt OÜV notifou) 'ITJ-CTOÜV; (Mt 27.22)- "que, pois, farei com Jesus?"

— Quando estes verbos assumem forma passiva, torna-se-lhe sujeito o acusativo de pessoa, por isso a aparecer em nominativo. O outro substantivo continuará em forma acusativa.

b, Bastante comum é o uso do acusativo para expressar extensão, seja de tempo, seja de espaço. Responde, nestas cláusulas, às perguntas: "Por quanto tempo?" ou "Até onde?": *looavia* ČTT) Ôou - \e ÚÍÍ) a o t (Lc 15.29) - "tenho-te servido tantos anos"; np oae A§ţuv ji i xp <5 v (Mt 26.39) - "tendo avançado pequena distância".

c. O acusativo adverbial é não pouco encontradiço através do Novo Testamento. Bom exemplo se vê em: áv£7iT)cav ot - ôpeç TÓV ÅPF&fiòv iLç TŒ v r a x i a * Ť A i o i (Jo 6.10), em que a locução acusativa T õ v dp 1 0 ^ 6 v significa "em número".

- O uso mais freqüente, porém, é o do acusativo a assumir o teor e função puros de advérbio, como se verá na seção referente a esta categoria.

- Há, em o Novo Testamento, umas poucas ocorrências do acusativo absoluto: Y v ú b T r j v ŏ v x a a t (At 26.3) - "versado sendo tu".

- O acusativo de referência geral com infinitivo considerar-se-á na seção referente a esta inflexão terbal.

- O acusativo preposicionado focalizar-se-á na parte reservada às preposições.

8. Vocativo

É o chamado **vocativo,** i[5]) h \ t) T U T Í i n w a i ç í a rigor, não verdadeiro caso como os demais), a inflexão usada para a interlocução direta. Dão-lhe as diferentes declinações a forma específica ou funcional.

a. A interjeição *Z)* associada ao vocativo é rara em o Novo Testamento, ocorrendo apenas 17 vezes; todas, menos quatro, em Lucas e Paulo. Reveste-se, geralmente, de um tom de solenidade onde empregada[24]. Cf. w y z v e à ăTtLOTOc; (Mc 9.19) - "Ó geração sem fé".

b. Através do Novo Testamento, freqüente é o uso da forma nominativa articulada em lugar do vocativo: ó n a T ^ p (Mc 14.36) - "Ó Pai", não: "O Pai". Há cerca de 60 exemplos que tais em o Novo Testamento. Delbrück e Moulton acham-no em perfeita consonância com o uso indo-germânico. De notar-se, porém, é que a expressão aramaica regular apende o artigo à forma em função vocativa. V e r * A p p ã (MçJ4.36). O alfa final de á p p ã representa o artigo aramaico. Assim, A p p a ó *na*-T"ŏp14.36), traduzido literalmente, seria: "Pai! Pai!". Possivelmente neste caso deve-se a inserção do artigo grego 6 à tradução literal d e * A p p ã, embora seja em si grego aceitável[25].

A D J E T I V O

Origem

Começou o adjetivo como nome que se podia usar tanto em função realmente substantiva quanto em acepção puramente adjetiva. Isto observa-se ainda no inglês, como se vê de sentenças tais: "Esta é uma linda maçã vermelha" e "Esta é uma carroça de maçãs". Na primeira a palavra **maçã** usada como real substantivo, na segunda em evidente função adjetiva. Gradualmente, uma classe distinta de palavras se veio a especializar em teor especificamente adjetivo. O próprio designativo que se lhes atribui, **ò v ó | i a x a £ 7 i ť $ £ T a**, chama atenção, a um tempo, para sua origem substantiva e sua função descritiva (Cf. o termo **epíteto).**

Formas

Declina-se o adjetivo nas linhas do substantivo e concorda em gênero, número e caso com o nome de que é qualificativo.

1. Adjetivos que exibem três linhas de flexão.

a. Tem a maioria dos adjetivos três séries de terminações ou desinências, uma para cada gênero. Destes adjetivos de tríplice linha de flexão contingente assaz mais numeroso se declina nos moldes das declinações primeira e segunda. Desta ordem convenientes paradigmas serão: x a X ó ç, x a X i ^, x a X ó v- **bom** - e ", *o ç , à y í a ,* " o v- **santo.**

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	x a X ó ç	x a X i ^	x a X Ó v
Gen. e Abi.	x a . X o u	n a X Í j c	x a X o u
Lc., I. e Dt.	x a X t y)	x a X r j	x a X u)
Acus.	x a X Ó v	x a X i i v	x a X ó v
Voe.	x a X £	x a X t f	x a X ó v

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	xaXot	xaXaí	xaXá
Gen. e Abi.	xaXwv	xaXujv	xaXojv
Lc., 1. e Dt.	xaXotç	xaXatç	xaXot <;
Acus.	xaXovq	xaXáç	xaXá
Voe.	xaXot	xaXaí	xaXá

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	&ytoç	áyta	ftytov
Gen. e Abi.	àyíou	àyíac	áytov
Lc., 1. e Dt.	áytw	àyCa	áytú)
Acus.	Sytov	áyíav	Sytov
Voe.	fiy te	áyta	&ytov

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	&ytot	&ytat	&yta
Gen. e Abi.	dytujv	áytIÜV	áyiüv
Lc., 1. e Dt.	áyíOTÇ	áytaiç	áytotq
Acus.	áytOUÇ	áytaç	&YTA
Voe.	&ytoi	&ytat	&yta

De notar-se é que as inflexões do masculino e do neutro se enquadram na segunda declinação, enquanto as do feminino pertencem à primeira.

b. Há, porém, não reduzida porção de adjetivos que possuem três linhas de flexão cuja desinenciação se encaixa nas declinações primeira e terceira, como é o caso de *naç,* ,7iaaa ,7tav **- todo, toda, todo** -, assim declinado:

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	naç	*não a*	nãv
Gen. e Abi.	uavTÓç	*náor\ç,*	itavTÓç
Lc., I. e Dt.	Tcavxt	*náoi)*	*na* vií
Acus.	-rcávxa	Ttaaav	Tiãv

	PLURAL		
	Masc.	Fem.	Neutro
Nom.	7I(ÍVT£Ç	**Ttãaat**	Tcdvxa
Gen. e Abi.	TlávTüJV	Tiaaoüv	návxüjv
Lc., I. e Dt.	7iãai(v)	*Tiáaaiç,*	návra
Acus.	itávTaç	*ndoaç*	návza

2. **Adjetivos que exibem duas linhas de flexão.**

a. Há um grupo de adjetivos que possuem somente duas séries de terminações, ambas em termos da segunda declinação. Estes adjetivos são, em sua maioria, compostos. Exemplo: ãnucxoç, Sntaxov **- incrédulo, infiel.** Declinam-se exatamente como os substantivos da segunda declinação.*

b. Outro grupo há que admite apenas duas séries de terminações, todavia, em termos da terceira declinação. Exemplo: &XT)^C » dX r)éç **- verdadeiro, real,** assim flexionado:

	SINGULAR	
	MF	Neutro
Nom.	áXri^Tiq	àXri^ç
Gen. eAbl.	àXtjSoíjc;	áXT)douc;
Lc.,1. eDt.	áXT)$Ei	àXr)#£L
Acus.	åXT}$T)	åXT)§éç
Voe.	àX7)$é(;	dXr)$£<;
	PLURAL	
	MF	Neutro
Nom.	åXT)$£i<;	áXr)^í
Gen. eAbl.	åXr]$u.w	áXT)Oojv
Lc.,1. eDt.	àXTjdéai(v)	*áXr)$écri (v)*
Acus.	*åXr)$€iç*	åXrj^T}
Voe.	åXr)^£tc;	áXT)$íj

3. **Adjetivos que exibem linha única de flexão.**

Grupo assaz reduzido de adjetivos há que possuem uma série única de terminações, comuns aos três gêneros. Embora apenas uma vez se mostrem em o Novo Testamento (Hb 7.3), exemplificam esta classe åTidxwp- **sem pai**-e d^^TOjp- **sem mãe.**

Posição na sentença

Pode o adjetivo aparecer na sentença em uma ou outra de duas posições: atributiva ou predicativa.

1. Reconhece-se o adjetivo em posição atributiva, geralmente, pela presença do artigo, que o precede: xb tiôuíp xb ÇG̃JV (Jo4.11) - "a água a viva". A outra posição normal para o adjetivo atributivo é: x`o £ũ>v flôuíp- "a água viva". O sentido é essencialmente o mesmo, embora na primeira dessas formas (o adjetivo posposto) se revista a expressão de ênfase um pouco mais acentuada.

- Dever-se-ia aqui observar que se podem empregar em função de adjetivo atributivo: uma frase ou locução, como se vê em ^ xax > *i* xXoyfyv *npó&eo* t ç (Rm 9.11) - "o propósito segundo *a* eleição"; um advéfbio, como em xí)ç £v i o xXifaetuç (Fp 3.14) - "da vocação de cima"; ou um pronome ou substantivo, assim xb éjióv ôvo|ia (Mt 18.20) - "o meu nome".

- Ocasionalmente, aparece o adjetivo em função atributiva, todavia, não precedido de artigo, como emftôtop Çũv (Jo 4.10) - "água viva". De notar-se é que em tal caso também o substantivo deixa de receber o artigo.

- O adjetivo Tc o XOç não raro assume a posição predicativa, inda que atributivo em função, como o exemplifica a frase 6 #xXoç TioXúç (Jo 12.9) - "a grande multidão". Isto se pode dever ao fato de que constitui com SxXoç uma como que forma ou idéia composta.

2. O adjetivo predicativo não vem precedido de artigo:xò <ppé - ap *èox* v pa$ú (Jo 4.11) - "o poço é fundo"; ó Tioitíaac; \ie úyct)̃' (Jo 5.11) - "o que me colocou são". O verbo copulativo é com muita freqüência omitido na sentença grega. Isto, contudo, não afeta a expressividade do adjetivo predicativo.

- A diferença de sentido entre o adjetivo atributivo e o predicativo consiste no fato de que este faz uma afirmação acerca do sujeito, como em xb çpp£ap é o x l v pa#ú (Jo 4.11), que é o ponto capital da sentença, enquanto aquele, o atributivo, simplesmente depara um traço descritivo incidental de algum substantivo da porção, como em xò Pa$ú cpp£ap- "o poço fundo".

- Duas modalidades paralelas de terminações caracterizam as formas adjetivas comparativas ou superlativas: TEpoç, tàxoç e LU)Vf ICTOÇ .

- As formas regulares são:

Positivo	**Comparativo**	**Superlativo**
\XtHpôç[26] (pequeno)	M-t Hpóxepoç (menor)	JII HpÓTaTOÇ (mínimo)
fiaxáp Loç (bem-aventurado)	naxap Lwxepoc; (mais bem-aventurado)	fiaxap ttűTaxoç (muito bem-aventurado)
áod£ vifc (fraco)	àc%zv^aiepoç (mais fraco)	à a § ŏéa x o ç (muito fraco)

- Irregulares são também alguns, dos quais os mais freqüentes seriam:

Positivo	**Comparativo**	**Superlativo**
àya&óç (bom)	PEXTLŮÍV OU XP£ íaowv (Xp£ t TTOJV) (melhor)	Ó TlOtllCTaÇ ^1£ ou xpáxtaTOc (ótimo)
xáxóç (mau)	fjaaujv X£ fpuív (pior)	
(iíyaç (grande)	H£ L£U)V[27] (maior)	μέγιστος (máximo)
\ii xpóç[26] (pequeno)	m,xpÓT£poç ou é\áocü)v (menor)	ptixpóxaToc; ou áXáxtoxoç[27] (mínimo)
TioXúç (muito)	TIXELŮÍV ou **nX£u)v** (mais)	**TiXEtaxoc;** (muito)

- Bem poucas são as vezes em que as formas superlativas exibem na literatura néo-testamentária sentido realmente superlativo. A noção é geralmente elaíiva, correspondente à expressa pelo nosso "muito". Ver òxXoç HXELGTOÇ (MC 4.1) - "multidão muito grande", não

'"multidão máxima" ou "a maior multidão" jamais reuniçla.

- Exceção a esta regra geral depara-a {fyiOTOÇ - "altíssimo", de teor sempre superlativo em o Novo Testamento: Mc 5.7; Mt 21.9, passagens em que o adjetivo se refere a Deus. A acepção elativa equivaleria a "muito alto", mas Deus se terá de conceber como o "Altíssimo".

- Há, no grego helenístico, marcada tendência de confundirem-se comparativo e superlativo, tomados um pelo outro. Assim* em I Co 13.13, na frase |i£ÍÇu)V TOÚTWV ^ ÁYDIRN- **"mas, destes o maior é o amor",** a forma do comparativo se emprega com três objetos, em lugar do superlativo. Por outro lado, em Jo 20.4, aparece TtpwTOç- **primeiro** - onde dever-se-ia esperar npótepov - **anterior, precedente.** Trata-se de apenas dois dos discípulos a correrem até o sepulcro, mas TtpcjTOç se emprega como a referir a "primeira" chegada, o superlativo em vez do comparativo. Do exposto, é evidente que não se deve invocar o uso deTXptüTOv em At 1.1 como prova necessária de que tinha Lucas em mira o escrever um terceiro volume.

- Os adjetivos verbais serão considerados na seção referente aos particípios.

O PRONOME

- O pronome, sugere-o o próprio termo, usa-se em lugar do nome. É um modo de tornar desnecessária a repetição do substantivo. Parece ser uma das mais antigas partes do discurso. Tem sido também a mais persistente em conservar as inflexões de caso. Em inglês [como no português], língua em que apenas duas variações conservam os substantivos e uma o adjetivo [no português quatro], três reteve o pronome.

- Tem o pronome ampla variedade de usos. No grego, não se emprega o pronome pessoal como sujeito explícito do verbo, a não ser que deseje o autor fazê-lo para ênfase, pela simples razão de que as terminações pessoais o tornam desnecessário.

- Há nove classes distintas de pronomes (dez, se incluídos os pronomes negativos).

1. Os **pronomes pessoais** são:

a. Primeira pessoa: íyú (originalmente éywv), com que se comparam o sânscrito **aham,** o latim **ego,** o alemão **Ich,** o anglo-saxônico **ic,** no inglês **I.**

	SINGULAR		PLURAL
Nom.	ἐγώ		ἡμεῖς
Gen. eAbl.	ἱ^ιου	*(\xov)*	*f)jiü)V*
Lc., I. e Dt.	£|ΙΟΙ	(fiou)fyiiv	
Acus.	ἐjί£	(fie)	ifaaç

b. Segunda pessoa: o ú (dórico x ú), com que se comparam o sânscrito **tuam,** o latim **tu,** o alemão **du,** o inglês **thou.**

	SINGULAR	*PLURAL*
Nom.		ὑ^ιΕLC
Gen. eAbl.	o oufyiwv	
Lc., I. e Dt.	σοί	1411v
Acus.	σέ. fyiac;	

c. Terceira pessoa:

	SINGULAR		
Nom.	αὐτός	αὐτV}	αὐτό
Gen.eAbl.	αὐτοu	aixT)ç	αὐτοü
Lc., I. e Dt.		αὐτi}	αὐτy
Acus.	αὐτόv	αὐτi^v	αὐτ<5
	PLURAL		
Nom.	αυτοί	αὐταί	*aviá*
Gen. eAbl.	αἰiwv	aiitwv	αὐτjv
Lc., I. eDt.	αὐτοi <;	αὐτcuç	auxoiç
Acus.	αυτούς	αυτάς	αὐτά

- Quando posto em posição atributiva, é αιτός adjetivo, na acepção de **mesmo.**

- Quando correlato a substantivo, não em posição atributiva, exerce a função de pronome intensivo, traduzindo-se como **próprio,** ou sentidos correspondentes: **até mesmo, ainda, etc.**

- Somente quando isolado, não acompanhado de substantivo correlato, é pronome pessoal.

2. Os **pronomes possessivos** são formados à base do tema dos pronomes pessoais. São eles:

a. 1ª pessoa: (singular), T^^xepoç(plural).

b. 2* pessoa: *o 6ç* (singular), tyiáxepoç (plural).

- Declinam-se estes possessivos nos moldes dos adjetivos de cunho vocálico, isto é, em termos da segunda e primeira declinações.

(1) Outras maneiras há de expressar-se a idéia de posse, tal o

uso do artigo: éxte Cvaç t^) v x^e ^P^a (Mt 8.3) - "tendo distendido a mão". Do contexto se faz claro a quem o artigo se refere.

(2) Outra forma de exprimir-se a noção de posse é mediante a inflexão genitiva do pronome pessoal.

(3) De notar-se é que não há forma explícita de pronome possessivo na terceira pessoa.

3. Os **pronomes reflexivos** resultam da combinação dos pronomes pessoais com os casos oblíquos de aútóç. Obviamente, não ocorrem formas reflexivas no caso nominativo.

SINGULAR

	1§ pessoa	2ª pessoa
Gen. e Abi.	á^iauTOU	acamou
Lc., I. e Dt.	£|iauT<$)	ceauttj)
Acus.	é^iautóv	a&autóv

PLURAL

	3ª pessoa	3§ pessoa
Gen. eAbl.	*éavzov*	cauiujv
Lc.,1. eDt.	*iavitú*	*èamoiç*
Acus.	áautóv	éauTOUí;

- Não aparecem em o Novo Testamento as formas do plural dos reflexivos da primeira e segunda pessoas, exceção feita de újitov auTojv (I Co 5.13; 7.35) - "de vós mesmos". Não raro, éautou se contrai em aútou e, em alguns manuscritos, i, au-tou eaeaú-Tou se reduzem a £^at ou e aaut ou. Ver Tg 2.8 em B [Codex Vaticanus]. Westcott-Hort preferem a forma abreviada aút ou a éauteu em mais de uma vintena de casos. Os manuscritos os respaldam quanto a esta preferência.

4. O **pronome intensivo** aútóç se estadeia nas pessoas, gêneros e números todos. Reconhce-se pela presença de substantivo[28] ou pronome posto no mesmo caso em direta concordância: aút óç *i yú* (Rm 7.25) - "eu próprio"; aút óç ó 'LCO(ÍVVT)Ç.(Mt 3.4) - "o próprio João". O grau de ênfase que reside no intensivo estima-se em função do contexto.

- A flexão, neste uso, é a mesma de quando empregado como pronome pessoal.

5. Os **pronomes demonstrativos** constituem amplo quadro. Todos

os gramáticos de tempos mais recentes, como sejam Robertson e Moulton, incluem o artigo definido 6 , ^ , T *6* no rol destes pronomes[29]. De fato, era ele originalmente genuíno pronome demonstrativo, ao depois a assumir a função específica do artigo. Exemplo deste uso original sobrevive em o Novo Testamento em At 17.28, passagem em que Lucas cita a expressão poética: TOS *yàçs* xaÌ *yévoç éo\iév* - "pois desse somos também descendência".

- Por outro lado, diferente linha de desenvolvimento elevou o artigo à posição de pronome relativo: 8ç(cf. ò ~Tp,Ap1.4).

- O uso demonstrativo do artigo através do Novo Testamento é freqüentemente resumptivo, como se vê em Mt 2.5, onde oi' ò€ se reporta a TIap * a ÚTOJV do versículo anterior.

a. *oljtoçy* A&TT), TOUTO **- este** é o mais encontradiço de todos os demonstrativos. É ele um demonstrativo de acentuado teor. Às vezes, reveste-se de indisfarçado tom de ironia e menosprezo: 0l)T0ç £cpT) (Mt 26.61) - "este um disse", expressão depreciativa, a externar a zombaria dos circunstantes para com as pretensões de Jesus. Vezes há em que se caracteriza por teor resumptivo ou anafórico: em Mt 27.58 refere-se a José, mencionado no versículo anterior.

	SINGULAR		
		F	N
Nom.	**o ç·oç**	**OL**CTT)	**TOÜTO**
Gen. e Abi.	**TOSTOU**	**TaÚTT)Ç**	TOSTOU
Lc., 1. e Dt.	**TOÚTíj)**	**TaÚTT)**	**TOÚTtj)**
Acus.	**TOÜTOV**	**TaÚTT)** V	**TOÜTO**
	PLURAL		
	M	F	**N**
Nom.	**OÍTOL**	AÍTAT	taüta
Gen. e Abl.	**TOÚTWV**	TOÚTCOV	**TOÚTUJV**
Lc., 1. e Dt.	**TOÚTOLÇ**	**TaÚTaiç**	**TO**OTOLÇ
Acus.	**TOÚTOUÇ**	TAÚTAÇ	TAÜTA

b. £' x£ **ÏVQÇ,** áx**£t**V**TU** *èX£* **t̃ vo** - **aquele.** 0$TOÇ se refere a objeto próximo, *lhz ĩ* voç a algo mais remoto. Também este demonstrativo se pode revestir de tom depreciativo: Jo 9.28; ou resumptivo: Jo 1.8.

SINGULAR

	M.	F	N_
Nom.	*èxtivoe*	£XE f vi)	£x£ t VO
Gn. e Ab.	éx£Ívou	£X£ Í VT}Ç	í X£ f VOU
Lc., I. e D.	**íneívu)**	i xe f vg	é XE Í V($)
Acus.	íxzlvov	éxe í vr)v	£X£ t VO

PLURAL

	M	F	N
Nom.	é X£ L VOL	éx£ 1 vat	£X£ t va
Gn. e Ab.	£K£Í VOJV	£ XE If VOüV	£X£ t VU)V
Lc., I. e D.	£XE tvotç	éx£fvatç	éx£ t votç
Acus.	êxe tvouç	êxe Cvaç	éx£ t va

c. ÕÔ£, F}Ô£, TÓÓE - **este** , é simplesmente o artigo mais a enclítica Ò£. Há somente dez ocorrências deste pronome em o Novo Testamento: Lc 10.39; At 21.11; Tg 4.13; Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14.

SINGULAR

	M	F	N
Nom.	**ÔÔ£**	**flÒE**	TÓÔE
Gn. e Abi.	TOUÔE	**tr)aô£**	TOUÔE
Lc., I. e Dt.	**TI$)Ô£**	TT|Ò£	**T(j>Ô£**
Acus.	TÓVÔE	**TT^VÔE**	**TÓÔ£**

PLURAL

	M	F	N
Nom.	o[Õ£	**atÔ£**	**TáÒ£**
Gn. e Abi.	TU)VÔ£	TUÍVÔE	TUÍVÔE
Lc., I. e Dt.	TOICJÔE	xaioÔE	TOLCJÔE
Acus.	**TOÚaô£**	**xáaÔE**	**xáÒ£**

d. TotOUTOÇ, ToiaútT), TOLOUTO , é o demonstrativo correlativo usual do Novo Testamento. Significa: **tal.** O iota lhe confere força qualitativa. Serve de antecedente a vários relativos: o t oç (II Co 10.11); ÓTtotoç (At 26.69);5ç(Hb 8.1); &JT LÇ (I Co 5.1).

- Quanto à declinação, ver OUT oc •

e. T 0 1 ÓAÔE, TOIÁÔE, TOt óvôe , é um demonstrativo correlativo, que também significa: **tal.** O iota lhe confere força qualitativa. Ocorre uma vez única em o Novo Testamento: II Pe 1.17. É simplesmen-

te a junção dexot óç, + ôe(esta, enclítica). Usa-se sem o artigo.

f. Toauioç ,ToaaÚTT), TOOOUTO é, também, demonstrativo correlativo: **tanto.** Note-se que uma letra apenas, sigma em lugar de iota, o distingue de TOIOUTOÇ. É formado dexóaoç E0ÚT0Ç. Expressa grandeza ou tamanho: tocr aÚTT)V *niôiiv* (Mt 8.10) - "tão grande fé"; ou quantidade: ăp *i* OL Toa o ŨTo T (Mt 15.33) - "tantos pães".

Usa-se como correlativo em associação a 8o **oç** : Hb 1.4; 7.20-22.

g-T-nXi XOÍTOÇ ,IT)\L xaÚTT),TT)\txouTO,é, de igual modo, demonstrativo correlativo: **tão grande.** No grego clássico era correlativo de tempo ou idade, mas em o Novo Testamento sempre se refere a tamanho ou porte.

Ocorre uma vez como predicado: TT)AL nauta 6via (Tg 3.4) - "sendo tão grande".

- Fora daí, é sempre atributivo: Hb 2.3.

-Uma vez, usa-se redundantemente com OUTOÇ \iéya: Ap 16.18.

h. Breve menção requer um grupo miscelâneo que se reveste de ligeiro tom demonstrativo:

(1)ã\\o<z, ã\\r)9 ã\\o— outro.

(2) gi£poç,éiépaf tiepov - **diferente.** Por vezes significa: **outro dentre dois,** contudo, deve-se distinguir de 5Uoç. Ver Gl 1.6.

(3)ó ôeíva-**taletal,** uma vez somente em todo o Novo Testamento, e essa no acusativo: Mt 26.18.

(4) gxaoioç, ixáoiT), *txcx.*OTOV **-cada**

6. O **pronome relativo** tem a função especializada de relacionar cláusulas umas às outras. O designativo descreve a função. Concorda geralmente o- relativo com o antecedente em gênero e número. Às vezes, é o relativo atraído para o caso do antecedente, por exemplo, At 3.25, em que o acusativo , é atraído para o genitivo pelo antecedente ôt a-O^XTic; ; essa atração, contudo, nem sempre se processa: tu) Xóyu) eíiiev (Jo2.22).

a **ôç** é o relativo comum. Ocorre mais vezes que todos os demais somados.

- Por vezes, deixa o relativo de concordar com o gênero gramatical do antecedente para fazê-lo com o gênero natural pressuposto: n a i - ôáptov 8c (Jo 6-9) ~ "um rapazinho que tem". Em I Co 15.10, et^L 8 £tfií- "sou o que sou", nãoé um deslize gramatical. Procura Paulo acentuar um traço qualitativo com usar de si próprio o relativo neutro. Etiit 8c eilut - "sou quem sou", teria dado cunho bem diferente ao que Paulo visa dizer.

- Em I Tm 3.16, TÒ... fiuoTiiptOv é seguido de 8c porque o "mistério" é Cristo. Variação textual assaz interessante originou a esta violação da concordância regular[30]. Outro exemplo se acha em Ef 1.14, onde iivevv|ia (neutro) é o antecedente seguido de 8c (masculino). Isto, provavelmente, evidencia que estava Paulo a pensar do Espírito Santo como pessoa.

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom.	8*	ti	3	oC	oX	&
Gn. e Abi.	O**	íc	o l			w v
Lc.,1 eDt.	$	í	$	otc	cctc	otc
Acus.	8v	flv	8	.o8c		^

b.8cY[e] e8aTiep são o relativo simples mais as enclíticas intensivas *yí* e it£P .

- Declinam-se como 8c, aduzida a enclítica.

c.8aTtc> ffatc» 8 [Tt] designa-se geralmente de relativo indefinido. Nesta acepção significa: **quem quer que, o que quer que.** Em o Novo Testamento limita-se praticamente ao caso nominativo. Há, é verdade, uns poucos exemplos do acusativo neutro.

	SINGULAR		
	M	F	N
Nom.	8OTIC	*Wtc	8 Tt
Acus.			8 TT
	PLURAL		
	M	F	N
Nom.	otTtvec	atTivec	&Ttva
Acus.			iht va

- Há, também, um uso definido, restrito, em larga medida, a cláusulas causais. Umas poucas vezes assume teor meramente descritivo. Exemplo do uso causativo se encontra em Jo 8.53:' Appaá^i 8a -

xtç ćtaté&avEv - "Abraão que morreu". Ver At 10.47. Exemplo do uso descritivo se vê em Mt 7.15: twv 4>£uô07ipo<pT)Ttov oTxt - v£ç £pxovxat- "falsos profetas os quais vêm". Não raro nenhuma diferença real se pode perceber entre Òçeboxic,.

d. OÍOÇy Oťa, oí ov , é um qualitativo correlativo: **de que espécie; tal que.** Antecedente lhe é propriamente TOL OŨTOÇ , todavia, em o Novo Testamento freqüente é deste a omissão. Ver Mt 24.21. Às vezes, o antecedente lhe vem posposto: I Co 15.48.

e. **ónoioç, ÓTiOL**ťa, **ÓTiot ov** um relativo qualitativo, correspondente ao interrogativo no **toe** • Note-se o efeito do iota como índice de idéia qualitativa, qual se tem observado. O sentido é: **tal que.**

- Apenas uma ocorrência se lhe registra como correlativo: At 26.29.

f. ôaoQ , *8orj*, **Ôoov** é o pronome correlativo quantitativo: **tanto(s) quanto(s).** Aparece mais de cem vezes através do Novo Testamento. Ver Mc 6.30,56.

g. ÍXiťxoç, rjXtŤXT), i^Xťxov , em função de relativo, pode expressar não apenas tempo ou idade, **de tanta idade quanto,** mas ainda espaço ou tamanho, **de tão grande tamanho quanto.** Apenas quatro exemplos se lhe registram em o Novo Testamento, todos em função de interrogativo indireto. Em Cl 2.1 tem o sentido de **quão grande.** Em Tg 3.5 significa, em um caso, **quão pequeno,** no outro, **quão grande:** tÔoí) riXťxov 7lup T^XťXT)v fóXrjv ÁVÁNTET - "Eis um fogo de que tamanho (tão pequeno) incendeia uma floresta de que tamanho (quão grande)"[31]. A ambigüidade básica de acepção de^Xťxoc; (ou idade ou tamanho) leva a similar ambigüidade no substantivo T^XI xť a que se lhe deriva. Em Jo 9.21, *r)*\ t xť a. refere-se a idade; em Mt 6.27, traduz-se como "estatura" na Versão Autorizada do inglês, mas a Versão Americana Revisada é, sem dúvida, mais precisa ao traduzi-la por "a medida de sua vida".

7. Os **pronomes interrogativos.**

a. Tť *qf zť* - **quem** - é o interrogativo comum ou usual. Pode-se usar na função de adjetivo: Tťva ji ia $òv £xe^e >' (Mt 5.46) - "que recompensa tendes?", assim como no papel de substantivo: TLÇ *vné* ô£ i ££ v ůp ť v ; (Mt 3.7) - "quem vos advertiu?"

	SINGULAR		PLURAL	
	MF	N	MF	N
Nom.	τίς	Τί	**xtveç**	**Ttva**
Gn. e Abi.	xtvoç	XIVOÇ	TtVWV	TtVtoV
Lc., IeD.	xívt	TÍVI	TÍGL(V)	**Tíat(v)**
Acus.	Ttva	**it**	**Ttvaç**	**Tíva**

- Vezes há em que o interrogativoxtc é usado onde se esperaria um relativo.

b.no toe, nota, TIOtov - **de que espécie** - é um interrogativo qualitativo. Ocorre dezesseis vezes em o Novo Testamento em questões indiretas. Em geral, está presente a força qualitativa: notú) davdxu ; (Jo 12.33) - "mediante que espécie de morte?"; vezes há, entretanto, em que se afigura mero equivalente a TIÇ : TIOta (Mt 24.42) - "em que dia?". Ver I Pe 1.11, passagem em que julgam muitos comentadores se deva fazer distinção entre Ttva e-rcotov; outros, porém, assim não pensam.

- No grego moderno, equivale a Tí ç e assume a função de principal interrogativo[32].

C.HT)\LXO<; , TCT)\IHT), TIT)\LXOV - **quão grande** - é o interrogativo quantitativo de grandeza ou tamanho. Ocorre apenas duas vezes através do Novo Testamento: Gl 6.11[33]; Hb 7.4.

d.Ttóaoç, Tióar), TCÓaov - **quanto, quantos** - é o interrogativo quantitativo de número ou quantidade. Aparece especialmente nos Evangelhos Sinóticos: em questão direta, Mt 15.34; e em questão indireta, Mt 27.13.

e.*noianóç,,* H0Ta7ifj,7t0Ta7ió v é forma posterior de nbòanoQ . o sentido original era: **de que região.** Em o Novo Testamento significa: **de que espécie,** em exata equivalência a 7i0L0ç:tO£T£ 7t0Ta7tf)v *àyâ%r)v òéòu*m£v ^)|iiv 6 naT^p (I Jo 3.1) — "Vede que espécie de amor nos tem concedido o Pai!" É interessante considerar o efeito cio sentido original do pronome nesta passagem: "Vede que amor de outro mundo nos tem concedido o Pai!"

8. O pronome indefinido Ttç, Tt .

- Este pronome, xtç , se não deve confundir com o interrogativo homógrafo, xtç . É sempre enclítico. Pode significar: **qualquer um;**

qualquer pessoa Mt 11.27; ou **alguém em particular** At 5.34. À parte o acento, a flexão é em tudo a mesma de *% Cç , 11* .

- Às vezes, empi^ga-se em função de adjetivo, na acepção de **uma espécie de; um como que:** Tg 1.18; ou **um certo:** Lc 1.5.

- Outras vezes, TICXÇ se parece usar como virtual equivalente de TLÇ : Mt 5.22; 13.19.

9. O **pronome reciprocativo,** âXXV)Xu)v **- um ao outro** - é forma reduplicada deSXXoç e aparece somente nos casos oblíquos: **á y a -** Tiújjji£v áXX .Xouç (I Jo 4.7) - "amemo-nos uns aos outros".

- Vezes há em que t'ôioçse emprega em teor virtualmente reciprocativo.

- O reflexivo £a UTaiv assúme, em determinadas ocasiões, sentido reciprocativo. Cf. VOU$£TOUVT£Ç *èawzovç* (Cl 3.16) - "admoestando-vos uns aos outros", não: "admoestando-vos a vós mesmos"; Ef 5.19 oferece outro exemplo: XaXoúvT£ç éauxotç - "falando uns aos outros", não: "falando a vós mesmos".

10. Outra classe pode-se mencionar, isto é, **pronomes negativos,** taisoúÒ£fç e |ÍT)Ò£LÍ; **- nenhum.**

	^M	F	N
Nom.	oúõeiç	oúÔ£*iía	**o**uô£v
Gn. e Abi.	*ovôsvóc;*	*ovôe^iãç,*	*ovòevóç*
Lc., IeDt.	*ovôcvC*	*ovòe^iiq.*	oÚÔ£VL
Acus.	*ovòéva*	*ovôenCav*	*ovôév*

- fiT)Ò£ *Cq se* declina como *ovòeCc,.* Diferem em sentido nos exatos moldes em que diferemoó e .

- Grafia alternativa destes vocábulos era popular no século primeiro da era cristã, aparecendo oúô£t<;na formaoú$£fç e HT) - òe C*q* convertendo-se em \iti$£ Çç . O verbo néo-testamentário£ £o u d£ u) (ver I Co 16.11) - **minimizar; considerar como nada** - foi, evidentemente, formado do radical oi>$£ fç enquanto prevalecia essa modalidade gráfica[34].

O ARTIGO

Origem

- O artigo definido ó , i*) * 16 , foi originalmente um pronome

demonstrativo[35]. O uso demonstrativo, porém, por um lado, se enfraqueceu, assumindo a feição do artigo, e, de outro, se elevou, convertido no relativo " ", 8 .

- No sânscrito, o demonstrativo **(sa, sa, tad,** equivalente ao grego à ,TÓ) não assumiu nunca função articular[36]. Tal qual o latim, não deu o sânscrito margem jamais nem ao artigo definido, nem ao indefinido[37].

- De Homero a Heródoto houve destacado desenvolvimento no uso do artigo definido no grego.

- O artigo indefinido, contudo, não logrou nunca implantar-se no grego. As línguas européias modernas deram surto ao artigo indefinido, à base do cardinal **um.** Assim, o inglês **a (one);** alemão **ein;** francês **un.** Há no grego traços incipientes do surgimento do artigo indefinido: eiç YpaTeúç (Mt 8.19) - "um escriba"; vop.ixóç xtç(Lc 10.25) - "um advogado". Não representaria a exata noção do texto o traduzirem-se por "um (número) escriba" e "certo advogado". Este emprego típico de artigo indefinido, porém, não avançou nunca além de uns poucos e esparsos exemplos. Ver *í* vóç , Ap 8.13; fi *C*av , Ap 9.13.

Função

1. O artigo define ou distingue objetos **(uso dêictico).** Designaram-no os gramáticos gregos deôpiax t xi***j** (de óp *CC,u* **- delimitar).** Não é ele tão enfatizante quanto o pronome demonstrativo e não precisa se o objeto está próximo (Ol>TOÇ) ou distante (£XE Ĩ voe)-

- Distingue o artigo:

a. Indivíduos de indivíduos.

Em Mt 5.1, TO Spoçindica "o monte" que se sobrelevava na vizinhança. As versões vernáculas não raro deixam de destacar o matiz com que o artigo colore a sentença; por exemplo, t^j à[iapTto\<A)(Lc 18.13) se traduz como "um pecador". O publicano, porém, tinha em mente um pecador específico ao orar. O artigo chama atenção para esse fato. Em Jo 4.27, a Versão Autorizada inglesa traduz ^ETÒL yuvaixóç* definidamente: "com a mulher". Os discípulos, no entanto, estavam surpresos de que o Mestre estivesse a falar com qualquer mulher que fosse, em público.

b. Ciasses de classes.

- Este artigo "genérico" é assaz comum: ô éSvixóc; ... 8 T£Xu>vr)ç (Mt 18.17). Nesta passagem, gentios e publicanos se distinguem dos demais homens, como também uns dos outros.

c. Qualidades de qualidades.

- No inglês, não se usa o artigo quando se trata de termos que expressam qualidades abstratas, a menos que tenham sido previamente mencionadas. O grego, porém, pode tê-lo em tais casos:T&C ócp£i - Xáç ...TÒV ípópov TÒV (pópov ... ` T{fXoç TÒ *ié\oc* ... TÒV CpópoV TÒV (pópov ... TT)V TU^V TT)V τιμήν (Rm 13.7); ou pode omiti-lo: xapto^iaza tajiáTwv ... évepytf- *fiata Òuvá^i£u)v -J^PO(pT)xeta ... ÔLanpfaeLí; %vzv\±á-* xüjv ...yívr) yXüjaatüV ... ép|iT)v£ía yXojaawv (I Co 12.9,10). A diferença de sentido é que em uma dessas listas se focaliza uma série **definida** de obrigações, enquanto na outra têm-se em consideração os dons **gerais** do Santo Espírito.

- Nos cânticos do Apocalipse geralmente cada um dos atributos de Deus vem devidamente articulado: Xape LV TTJV 6d£av xai τήν τιμήν xai Ôúvajitv (Ap 4.11); f) eùXoyía xaì f) ` xai 1) Ôó£a xai tò xpÓTOç (Ap 5.13). Todavia, em Ap 5.12 uma forma articular se emprega em relação à seriação toda: ôúva^itv xai TIXOUTOV xai aocpíav xai ùax^v xai Ti|IF|V xaì ôó£,a\> xai eùXoyíav. Naqueles exemplos, cada atributo é enfocado separadamente, neste último, focalizam-se como um todo global, harmonioso[38].

2. O artigo freqüentemente se refere a algo previamente mencionado.

- É este o chamado **"uso anafórico".** Em João 4.10, fala Jesus de água viva, fóótiip Çcov ; a mulher, em João 4.11, replica, em forma articulada, com TÒ fóòcúp xb íu>v. O artigo se reporta à menção prévia de água viva, inarticulada, feita por Jesus. Cp. iiáyoi(Mt 2.1); TOÒÇ ^íáyovç (Mt 2.7).

3. Usos **miscelâneos** do artigo.

a. Pode-se usar em equivalência a pronome possessivo: áne - VT4>ATO TÒLÇ x^PG-Ç (Mt 27.24) - "lavou as mãos". São as próprias mãos que Pilatos lavara.

b. Pode-se empregar com qualquer variedade de:

(1) Palavras: Ó ántfv (Ap 3.14); TÒ <ÍAyap (Gl 4.25); TÒ åv€P.r) (Ef 4.9); dTIÒ TOÜ VÜV (LC 5.10). Nos primeiros dois exemplos relaciona-se o artigo com substantivos, no terceiro, com forma verbal, no quarto com um advérbio. Serve para especificar cada termo e torná-lo definido.

(2) Frases:tt)(; **áv XptCTÜ)'Ir)oou** (Rm **3.24). O** artigo, TTK, define a frase como equivalente a um adjetivo atributivo, modificador do nome,ánoXuTpojáeOJÇ . Sem o artigo, a frase supra seria adverbial, como em xaxfxptveV TT)V á|iapTíav *ív* aapxt' (Rm 8**.3).** A inserção do artigo, T*tf*v , antes de£v oapxt' situaria o pecado na carne de Jesus. Como é, a frase modifica o verbo, xa - t£xptv£v , de sorte que é a **condenação** do pecado que se atribui à carne de Jesus, não o **pecado** mesmo.

(3) Cláusulas: TÒ ET' ÔÚVP (Mc 9.23), o artigo acentua a cláusula condicional, "se podes" da desesperada rogativa do pai. Centraliza a atenção na questão quanto ao poder de Jesus de curar o filho epiléptico.

4. O **não-uso** do artigo.

a. Diversas construções há em que o grego não emprega o artigo, mas ao traduzirem-se para o vernáculo suprir-se-lhes deve o artigo.

(1) Frases preposicionais comumente não têm o artigo explícito, mesmo que definidas em sentido: £v áyopqi (Lc 7.32) não significa "em uma praça pública", mas "na praça pública". Contudo, o artigo se pode empregar em tais frases preposicionadas: év o'txw (Jo 11.20) - "na casa", isto é, "em casa". Este exemplo ilustra como o vernáculo começou pela mesma senda trilhada pelo grego, contudo, não foi tão longe.

(2) Pode um substantivo qualificado de forma nominal genitiva aparecer inarticulado, embora definido: TcúXat "Aytõou (Mt 16.18) - "as portas do Hades"; *vié* Ôtapó\ou(At 13.10) - "filho do Diabo"; iroTŕjptov Kupíou (I Co 10.21) - "o cálice do Senhor". Do contexto se deve decidir se

frases que tais são definidas e, daí, se requerem ou não o artigo no vernáculo.

(3) Títulos e cabeçalhos de livros o mais das vezes aparecem sem artigo, todavia, nossa língua pede-o quando traduzidos: 'Anoxá\u4;iç *'lr)<soy* XptCTou (Ap 1.1) - "A revelação de Jesus Cristo"; 'Apx^ TOU euayyeXíou *IT)ÜOU XpiaTOu (Mc 1.1) - "O princípio do Evangelho de Jesus Cristo"; Bi'pXoc ye vfoewç J Ir)aou Xptaxou (Mt 1.1) - "O livro da geração de Jesus Cristo". Ver, ainda, IPe 1.1, 2.

(4) Freqüente é virem não articulados os numerais ordinais em casos em que requer artigo o vernáculo: éfwc TpÍTOU oupavou (N Co 12.2) - "até o terceiro céu".

b. Com os nomes próprios o uso não é uniforme. Decisivo é nesta matéria o propósito do escritor. O nome próprio era suficientemente definido de si mesmo de sorte a tomar desnecessário o artigo, mas se desejável chamar-se atenção especial para a pessoa, poder-se-ia usar o artigo com não reduzido efeito: Tbv'Ir)aouv Sv IlauXoç HTJpúooet (At 19.13) - "o Jesus Que Paulo prega".

c. Estreitamente associado a este uso com os nomes próprios é o relativo a objetos de que existe apenas um da espécie: T*)\ÍOU ávaxetXavTOç (Mt 13.6) - "havendo-se elevado o sol"; TÒ£pyov Kupíou (I Co 16.10) - "a obra do Senhor". Esses vocábulos podem, porém, vir articulados: ofjTioc; yòtp rjyáivnaev ò ©eóç TÒV x6a. ov (Jo 3.16) - "pois de tal modo amou Deus ao mundo".

d. Teor qualitativo expressa-se, por vezes, mercê da ausência do artigo: TOIÇ Tipocpifaaiç (Hb 1.1) - "nos ^profetas" - chama atenção para um grupo especial, enquanto £v uttp (Hb 1.2) - "em filho" - acentua a posição do Filho como "porta-voz" de Deus. A Versão Americana Revisada, no intento de salientar a força desta frase, tradu-la por "em Seu Filho", em negrito o possessivo.

e. Reconhecer-se pode o predicado de uma sentença pela falta do artigo: 0£Óç ?)v 6 Xóyoç (Jo 1.1) - "O Verbo era Deus"; xai ô Xóyoç aápE, éy£v£TO (Jo 1.14) - "E o Verbo Se fez carne"; é'aovTat ot £axaTOi nptuTOv (Mt 20.16) - "os últimos serão primeiros". A presença do artigo junto a qualquer destes predicativos o identificaria com o sujeito e os faria equivalentes, podendo-se tomar um

pelo outro. Assim, ô 0£ óç í)v 6 Xóyoç faria de Deus e Logos puros sinônimos. O efeito se pode ver em ô ©eóç àydTiTi ioi ív (I Jo 4.8) - "Deus é amor". Expressa "amor" qualidade primária de Deus. Se a ČLyánr) se antepusesse o artigo ' , "Deus" e "amor" se fariam meros termos alternativos, "amor" deixando de representar uma qualidade de Deus, entre outras, para resumir-Lhe a natureza toda.

Síntese

- A função primária do artigo é tornar definido o termo a que se anteponha. Pode ressaltar algo novo à consideração ou algo já referido.
- Quanto ao artigo com o caso vocativo, ver a porção em que se considera esse caso.

O VERBO

- Nenhuma outra parte do discurso é tão importante na exegese quanto o verbo. Tem ele duas funções: expressar ação (ou estado) e fazer afirmações. Outras categorias gramaticais, por exemplo, o substantivo, o infinitivo e o particípio, podem expressar ação, mas somente o verbo finito pode fazer asserções. É mediante as desinências pessoais que o verbo faz asserções (ou afirmações).

- Há três maneiras de expressar-se a asserção:

1. Pode a asserção ser positiva, incisiva, taxativa. Esta maneira de expressão corresponde ao chamado modo indicativo.

2. Pode a asserção ser dubitativa, hesitativa, relativa. Expressam-na o subjuntivo ou o optativo.

3. Pode a asserção assumir a forma de ordem ou determinação. O modo imperativo, é, então, o normativo, o de usar-se.

- Tenha-se em mente que modo (a refletir o estado de espírito em que se faz a asserção) se refere à maneira de expressão, não necessariamente à verdade ou falsidade da afirmcição.

- Há dois aspectos básicos de ação que o verbo expressa:

1. A natureza ou espécie de ação. Representa-se esse aspecto pelo tempo verbal.

2. A relação do fato com o sujeito. Este aspecto se estampa na voz verbal.

- É absolutamente essencial que se assenhoreie o estudante da plena conjugação do verbo antes que se abalance a fazer exegese. Pode, é fato, sem esse conhecimento, ler comentários e repetir interpretações feitas por outros, mas lhe é inteiramente impossível elaborar qualquer parcela de exegese independente, a meta ideal de todo verdadeiro expositor e mestre do Novo Testamento. Nada empresta mais louçania de perspectiva e vigor de pensamento à predica do que isto. Não é meta impossível de alcançar-se. Há uns poucos princípios básicos a serem conservados em mente e alguns fatos elementares a serem apreendidos. Após isto, pode o estudioso voltar-se para seu Novo Testamento para uma vida de aventuras e descobertas. A fim de ajudar o aprendizado das conjugações, apendemos as tabelas que se seguem, acima de tudo para ilustrar princípios.

Conjugação de *\voj-* **solto** - (verbo regular).

Raiz: Xu-

Partes principais:

Pres. At.	Fut. At.	Aor. At.
Xúcj	Xúaoj	£Xuaa
Perf. At.	**Perf. MP.**	**Aor. Pass.**
XéXuHa	X£X ujiai	è\v$r)v

- Antes de avançar mais, deveria o estudante fixar eni mente os seguintes fatos básicos com respeito às partes principais, pois todas as formas de X*vu)* nelas se calcam.

1. A raiz ou tema do verbo deveria conservar-se-lhe sempre distinta e isolada na mente.

2. O sinal distintivo do tempo futuro, no verbo regular, é **sigma** aposto ao tema e a preceder às terminações pessoais.

3. Há três fatores característicos do aoristo ativo:

a. O aumento é anteposto ao tema;

b. O **sigma** apenso ao final do tema [39];

c. **A** terminação pessoal, **alfa.**

4. Há dois elementos caracterizantes do perfeito ativo[40]:

a. A sílaba Xe - (reduplicação da sílaba inicial do tema);

b. A terminação - x a acrescentada ao final do tema.

5. As marcas do perfeito médio e passivo são três:

a. Reduplicação, como nas formas ativas;

b. A desinência - j i ai$_N$, que no perfeito (tal qual no presente) po-

de ser média ou passiva;

c. A ausência da vogal temática o / e entre o tema e a desinência. Não há confundir-se o presente Xú-o-fiat com o perfeito \é~ Xu-^iai.

6. Traços distintivos do aoristo passivo são dois:

a. O aumento é, como no aoristo ativo;

b. O final ©r) (©e) aposto ao tema.

- Atenção a estes elementos é essencial para cabal domínio do verbo grego.

O tempo presente

	Indicativo		Subjuntivo[41]	
	AL	**MP**	At	**MP**
S.1	*Xúiú*	Xúonca[42]	X6w	X6u>nat
2	Xúeiç	X&g=Xu(e)cai	XTJ-GC	*\VT)*
3	Xúet,	Xúexat	Xtj-g	XúrjTai
P.1	Xào^ev	Xuóne£a	\&4i£ v	Xin^ieSa
2	Xúe-re	XúeaSe	Xúr)Te	XúT)aôe
3	X6ouai	XtíovTai	XÚUXJL	XÚUÍVTOU

Imperativo

	~ At	MP
S.2	Xue	Xúou
3	XU£toj	XU£G$W
P.2	Xtfe-ce	XúeaSe
3	Xuáxuxjav	Xu£a$ioaav

Optativo

- Omitiremos os paradigmas do optativo porquanto este modo praticamente quase de todo se desvaneceu do quadro do Novo Testamento.

O tempo imperfeito

Indicativo

	At	MP
S.1	è'Xuov	é\u<5(irçv
2	**£X**UEÇ	*é\vo*v = é\u£(<j)o
3	è'\ue(v)	*è\ve*xo
P.1	íXúotiev	ÊXuó^EOa
2	£XÚ£T£	éXu£a$£
3	£Xuov	éxúovxo

- De notar-se é que:

1. O imperfeito se forma sempre à base do tema do presente. Neste verbo paradigmático, são os mesmos o tema do presente e o tema do aoristo. Em outros verbos, entretanto, como sejaXa^pávw , o imperfeito ééXá}iPavov, o aoristo £XaPov . Mais se dirá nesta matéria quando se tratar do tempo aoristo.

2. O sistema de terminações pessoais aplicadas ao imperfeito é outro, não o mesmo do presente: -o v, -£<;,-£(v), -o^£ v, -£T£, ov e -ao, -TO,-n£§a, -a , -VTO. Também estas desinências, e suas variações em relação às do presente, deveriam ser aprendidas totalmente, de uma vez por todas. Ocorrem elas ainda nas formas do segundo aoristo.

O tempo futuro

Indicativo

	AL	Méd.	Passivo
S.1.	Xúacu[43]	Xúao^iai[43]	XudVjaofiat[44]
2.	XÚO£iç	*\VGT)* = £(a)cu	Xud^a-Q = £(a)au
3.	*\vóe I*	XÚü£TCll	X U&T^CJ£Ta L
P.1.	Xúaofie v	*\vo6\ie$a*	Xu^r)aó\i£$a
2.	X*VCJ*£T£	Xúo£a$£	Xu^a£a^£
3.	Xúoouat (v)	Xúc ovTai	Xu^oovTat

Peculiaridades na formação do futuro.

- Há certas "irregularidades" na formação do futuro.

1. Quando se aduz o **sigma** distintivo ao tema de verbo finalizado por muda palatal, K , Y , X, passa o tema do futuro a terminar em £.

- A maioria destes temas se mostra dissimulada no tempo presente: exemplo, XTIPUX **- atuar como arauto,** no coiné a aparecer na forma XT)púaaw (xr)puxTt») no ático); no futuro, XTipú^to. Aliás, de todos os verbos em que o presente exibe esse *final em ~oo~ assume o* futuro esta forma: é o que se vê em **npdaam - praticar** , futuro npd^üJ.

2. Temas finalizados em labial, tc,P ,<p , exibem ¥ no futuro: exemplo, px^nu)- **ver** -, futuro pX£<J>io; ypdcpu> - **escrever** -, futuro YpátIno.

3. Temas finalizados em dental, T , 6, $, sofrem a queda dessa muda diante do **sigma** exemplo, ne t^ - **persuadir** , futuro Tie tau>.

4. Temas finalizados em comportam-se exatamente como os dentais, assim que OW£W **- salvar** , tem o futuro OÓXJlÜ; xaSap t Qu> **- limpar** , o futuroxaôap foca . O futuro ático, isto é, xadaptw , aparece em Hb 9.14. Ver, também, Mt 3.12

5. Temas finalizados em líquida ou nasal têm o acento deslocado para a última e convertido em circunflexo: exemplo, xp t vu> - **julgar —,** faz-se xp t v(]j — **julgarei,** no futuro; atpu> - **elevar** -, torna-se âpta; **áyyéWu) - anunciar** -, áyyeXw . Observe-se que nos últimos dois verbos o tema exibe redução da forma, redução esta bastante comum nesta modalidade de verbos. Tema em que se contenha ditongo, tal - ew geralmente sofre a queda do iota: *iycípuj-* **erguer**-, futuro *i*yepto . Tema^ finalizado por duplo **lambda** perde um deles: paXXu) - **atirar —,** paXo). Moulton explica estas formações todas como a resultarem de futuros em -e (o)wem vez de*-<Jui [45].

6. O verbo contrato não deveria causar dificuldade ao estudante. Três tipos de temas há nos contratos, cada tipo finalizado por diferente vogal breve, que se alonga antes de aduzir-se-lhes o sinal do tempo.

aÁyanáu) **- amar-,** futuro ayanrfau).

b.jiot£tü - fazer-, futuro no tifau» .

C.ÔOUAÓÜJ **- escravizar-,** futuro ÔOUXUJCW.

O tempo 1[9] aoristo.

Indicativo

	AL	Méd.	Pass.
S.1.	£Xua a	£Xuaá||T)v	éXú§r)v
2.	£Xuaa<;	íxúaa) aa(a)o	èXúdr)ç
3.	£Xua£(v)	éXúaaTO	áXi^T)
P.1.	éXixjaji£ v	éXuo ápieda	&\\>%r)\iz v
2.	éXúaat£	êxúaaa§e	éXúdT)ie
3.	£Xua av	éXúaavxo	ÉXú^riaav

(1) Quando se apõe o **sigma** aos vários tipos de temas ou raízes consonantais e aos verbos contratos, comportam-se eles como no tempo futuro. Em se tratando de temas em líquida ou nasal, não se insere o sigma. Ilustram a forma em que se lhes apresenta o aoristo os seguintes exemplos:

(a) (presente) - **anunciar-,** "nyye tXã (aoristo).

(b) a Tie t pu) (presente) - **semear** £ane tpa (aoristo).

(c) Hp t vw (presente) - **julgar** -, £xpiva' (aoristo).

(2) As terminações pessoais devem ser aprendidas cabalmente. O aoristo médio emprega as desinências secundárias, à maneira do imperfeito.

(3) Quando o tema verbal se inicia por letra consoante, o aumento silábico £ - é regular; se, porém, é vogal a letra iniciante, produz-se contração do e - com essa vogal, resultando o aumento **temporal:** assim, àxoúoj - **ouvir** aoristo £ + *anovaa* = fixouaa.

(4) Verbos, há, porém, como £x[w] - ter -, imperfeito £ixov, aoristo £axov, que requerem consideração à parte.

(5) Muitos são os verbos que não têm **primeiro** aoristo, empregando-lhe em lugar o **segundo** aoristo, se bem que uns poucos os têm a ambos. Em forma, difere o segundo aoristo do imperfeito somente em que se calca no tema primitivo **reduzido,**

(a) Xe t TTUJ **- deixar** impf. £Xe i TlOV, 2º aor. £λιπον.

(b) \ivaθd vu - **aprender-,** impf. £n<xv$avov, 2[9] aor. £ua - £ov.

(c) páWü)- **lançar-,** impf. SpaXAov, 2ç aor.£pa\ov .

(6) Na realidade, o **segundo** aoristo é forma bem mais antiga que o **primeiro** aoristo. Isto se explicará ao tratar-se de Aktionsart.

(7) No grego, **coiné,** muitos verbos em que o tema é de segundo aoristo assumiram terminações próprias de primeiro aoristo: exemplos: EÎTIOV- **eu disse** - se fez elita ; £îôov **- vi** - se tomou eíòa Muitas inflexões que tais ocorrem através do Novo Testamento.

(8) No grego do final do período forte era a tendência de certos **primeiros** aoristos passivos cederem lugar ao que se poderia haver como **segundos** aoristos passivos, exemplificada pelo primeiro aoristo p a s ἐπεθύμησα e ὑποτάσσω) **- sujeitar),** que se faz{m£TáYT)v(Cf. Rm 10.3). Esta observação não se aplica a formas aoristas passivas que o eram segundas originalmente, como éxáprçv (de x<n'pco **regozijar-se)** e ἐφάνην (de 9atvcu **-mostrar)**[46].

Subjuntivo

- O aoristo do Subjuntivo não deve oferecer dificuldade alguma. Uma coisa só há a lembrar: eliminar-se o aumento e substituirem-se as terminações pessoais das formas do aoristo Indicativo pelas do presente do Subjuntivo. Assim:

1. £	-\vo	-a	dá:	S.1. Xúow
				2. Xúa^ç
				3. Xvot)
				P.1. \6aw^ev
				2. \ÚGT)T£
				3. Xúocoai(v)
2. í	-\ua	-á^iriv	dá:	S.1.\ucc4ia1,
				2.\u*Cf)* **£(a)ai**
				3.\0ar)iat
				P.1. \vcÚHi£$a
				2. \uar)ad£
				3. \vówvxai

3Í-Xú$T)-v(\u$e) dá:S.1.Xu$£uj - Xu£u>
2.\v§£T)Ç - Xv&rjç
3.XuGéi) - Xu$rj_
P.1.XU^€(I)|Íf v - Xudtü^iev
2.XU$£t)X£ - Xu^2TE
3. Xu^^CÜQL (V)-Xu^ÜXJ T (V)

Imperativo

	^ AL	^ Méd.	Pass.
S.2.	Xuaov	Xuaat	Xú-&T)xi
3.	Xuoáxoj	XuadaSu)	Xudifaü)
P.2.	Xúaaxe	Xúaaa#£	Xú$T)xe
3.	Xuaáxiúaav	Xtxjáa$oxrav	XUS^XUKJCIV

- Os imperativos aoristos calcam-se nos temas do aoristo Indicativo, eliminado o aumento e substituídas as terminações pessoais pelas imperativas correspondentes. Importa aprender estas desinências específicas do Imperativo.

O tempo perfeito.

Indicativo

	AL	MP
S.1.	X^Xuxa	XÉXufiai,
2.	*\i\vxac,*	Xé.Xuaat
3.	A£Xuhc	XéXuxat
P.1.	X£XÚHa|i£v	X£Xú|i£^a
2.	X£X6H<ZT£	X£XIXJ$E
3.	X£Xúxaat(v) xav	XéXuvxat.

1. O primeiro sinal a notar-se no perfeito é a reduplicação da primeira sílaba, A£ - Au.

a. Quando o tema verbal se inicia por vogal, a reduplicação pode parecer o aumento temporal: exemplo, *àyanáu)* **- amar -,** perfeito T)Yá7ir)xa.

b. Quando o tema verbal se inicia por grupo consonantal que ofereceria dificuldade de pronúncia na repetição das sílabas resultantes, como seja O*T£XX<Í**)- enviar** que daria a x £ - a x a X x a , parece-se a

reduplicação freqüentemente com o aumento silábico. Assim de a i £ \ - Xu> ' " xaXxa a forma atual do perfeito ativo. DetoTT)^L será êaxT^xa, e assim com outros, congêneres.

2. Outro elemento caracterizante de observar-se no perfeito ativo é o final-xa, a aparecer na maioria das formas desta flexão ou tempo registradas em o Novo Testamento. Há, entretanto, uns poucos **segundos** perfeitos (em verdade, muito mais antigos que as formas em -xa) que se devem referir:

a. **\£\OL7ia,** de Xe ínu> - **deixar.**

b. TiénotOa, de 7ieí£oj - **persuadir.**

c. y^yova, de *yC* voltai - **tornar-se.**

d. é **v£voxa**, usada comcp£pw - **carregar.**

e. **7i£7iov3a,** de *náoxu*-**sofrer.**

f. ol **ôa- saber** - (não usada a forma do presente), x. T. \.

3. No perfeito médio e passivo as terminações pessoais de tempo primário da voz média ocorrem, como no presente e no futuro. A ausência da vogal temática o / e é de notar-se como traço distintivo (além da reduplicação) do perfeito médio e passivo.

- Todas estas marcas distintivas de tempos verbais dever-se-iam fixar indelevelmente na memória, pois que pouparia muito tempo e livraria de muitos erros.

Tempo verbal.

- Conviria ao estudante desde logo desvencilhar-se da noção de que a idéia primária da inflexão verbal do grego é tempo. A idéia fundamental é a qualidade da ação estatuída[47].

1. A ação se pode focalizar como em progresso, em andamento. A designação comum desta modalidade processual é ação linear ou durativa.

2. A ação se pode ver como simples, indefinida (aorística, a- **op 10TOÇ**, de **áop f £u> - não defino).** Designa-se convencionalmente esta modalidade expressional de ação punctiliar.

3. A ação se pode apresentar como completa. Quando esse é o **caso,** dá-se-lhe o nome de ação perfeita, isto é, ação de todo acabada.

- De lembrar-se é que o mesmo ato se pode enfocar de qualquer destes três ângulos.

- Há um matiz temporal na flexão verbal do grego, todavia, é de todo secundário em relação à expressão qualitativa da ação. Este dado temporal se evidencia explicitamente só no modo Indicativo. Nos modos Subjuntivo, Optativo e Imperativo e no Infinitivo e no Particípio, é aspecto inteiramente relativo, se é que neles sequer subsiste. Essa a razão por que no Indicativo ocorrem todos os tempos verbais, enquanto nos demais modos se limitam praticamente ao presente e ao aoristo.

- Há três posicionamentos no tempo em que se pode situar a ação: passado, presente e futuro. Qualquer das modalidades qualitativas de ação se pode projetar a qualquer destas faixas de tempo. Como, porém, atrás se disse, isto é verdade somente em relação ao modo Indicativo. Logo, no modo Indicativo, o sistema integral de flexões constaria de nove diferentes grupos de formas ou tempos verbais. Na realidade, entretanto, não se desenvolveu no verbo grego flexão distinta nem de ação linear no futuro, nem de ação punctiliar no presente. Desta sorte, no presente uma forma única serve às duas idéias. Normativamente, porém, as inflexões do presente expressarão ação linear. Quando reflete a inflexão sentido punctiliar, usualmente chamada de presente aorístico, o direto contexto o deixará claro. Como no presente, também no futuro, uma forma só desempenha duplo papel, todavia, as inflexões do futuro usualmente expressam ação punctiliar.

Graficamente, o sistema de tempos no Indicativo assim se poderia expressar:

	Em tempo presente	Em tempo passado	Em tempo futuro
Ação linear	Presente	Imperfeito	Eventualmente, Futuro
Ação punctiliar	Eventualmente, Presente[48]	Aoristo	Futuro
Ação completa	Perfeito	Mais-Que-Perfeito	Futuro Perfeito

- Nos modos Subjuntivo, Optativo e Imperativo, assim como no Infinitivo e Particípio, as inflexões do presente não se revestem de teor temporal e são durativas, as do aoristo são igualmente destituídas de noção de tempo, contudo, punctiliares.

AktionsarL

- Há outro aspecto em que a espécie de ação expressa pelo verbo pode vir a consideração. A raiz verbal de si pode exprimir ação linear, punctiliar (tanto ingressiva quanto efetiva) ou completa. Esta espécie de ação expressa pela raiz verbal se caracteriza pelo termo Aktionsart[49]. Assim é que, enquanto exprimia idéia linear, **comer,** a raiz <P[a]Y- expressava a idéia em perspectiva punctiliar. Conseqüentemente, êcpayovse usa no aoristo, áa$tójno presente e imperfeito. Uma vez que é o futuro usualmente punctiliar, a forma futuritiva, <páyo - \xai, se calca na raizípay . (No grego clássico havia um futuro £ôo- μαι, forma esta que não ocorre em o Novo Testamento). Isto explica a existência de muitos dos chamados verbos irregulares. A idéia linear era tão persistente em certas raízes que jamais foram usadas no aoristo, e um bom sinônimo de raiz punctiliar o fazia desnecessário. Muitos outros verbos à maneira de p\£mu- **ver-,** de acepção basicamente linear, aduziram, posteriormente, as terminações pessoais do aoristo sigmático, daí, £p\e<J>a, para a expressão da idéia punctiliar. (O **segundo aoristo** é muito mais antigo do que o primeiro aoristo. O segundo aoristo dos verbos em i* t são as mais primitivas formas do verbo[50]. Por outro lado, eíôov - **vi** - não foi nunca usado para expressar ação linear, e òp dw **- ver** - jamais tomou a forma aorista (punctiliar), exceção feita de ocasional inflexão na passiva. Isto oferece a razão porque a este verbo se atribuem partes principais tão díspares, quais sejam: ópdu> » õ^op-at. eũòcv , éúpaxa ...akpftrjv.

Não é, propriamente, verbo irregular; é o conglomerado em que três temas distintos se associam: õpa-, 16-, **Ô**ti-.

Interpretação dos Tempos Verbais.

"Têm os tradutores de nossas versões [inglesas] falhado mais freqüentemente em decorrência de seu conhecimento parcial dos tempos

que por qualquer outra razão"[51]. A maioria desses erros resulta do hábito de visualizar os tempos gregos como similares aos do latim, do inglês ou do alemão.

A Ação no Tempo Presente.

1. Deve o exegeta lembrar-se de que o **tempo presente** normalmente se refere a ação continuada, que se processa na ocasião do escrever, ou falar. Há, contudo, diversas fases nesta acepção. Do contexto se elucida o exato matiz do sentido, em cada caso.

a. A idéia pode ser primariamente descritiva, donde chamar-se de PRESENTE DESCRITIVO: o p £ v v u v x a t (Mt 25.8) — "estão-se apagando". A Versão Autorizada do inglês obscurece o sentido e dá impressão completamente errada do fato com traduzir: "nossas lâmpadas se apagaram". O presente nos diz que as lâmpadas ainda estavam acesas, mas já a declinar-se-lhes a chama e, sem dúvida, a fumegar bastante.

b. A idéia pode ser de unir passado e presente em uma frase: t ô o ù T p t a éfxT) ácp'ol> £ p x O | i a i (Lc 13.7). O viticultor não se refere a uma caminhada de três anos para chegar até à figueira na vinha, ao contrário, ao fato de vir anualmente à busca de figos e voltar desapontado. Expressaríamos esta noção mediante o pretérito contínuo: "Eis que já por três anos tenho vindo". Este é o chamado PRESENTE PROGRESSIVO.

c. Pode expressar ação iterativa ou costumeira, pelo que se denomina PRESENTE ITERATIVO: VT)GT£ÚCÜ ÔÙÇ XOÜ a a p p á - T o u (Lc 18.12). O sentido não é que estou jejuando agora; é-o que é meu costume jejuar duas vezes por semana. Cf. Mc 2.18, em que T)G<XV ... vT}aT£6ovT£çnos diz que os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando na ocasião[52].

d. Vezes há em que descreve um ato que é apenas tentado ou iniciado, todavia, não consumado, recebendo, por isso, a designação de PRESENTE CONATIVO ou INCOATIVO: XL SáÇETE (J_0 10.32) - "tentais apedrejar" ou "começais a apedrejar".

e. Emprega-se, com freqüência, de um ato passado como se estivesse ainda em andamento. É o chamado PRESENTE HISTÓRICO, preferido de Marcos (Cf. è ' p x o v i a t x a l *§£upovo i* v , 5.15 -

"vieram e viram") e João. A porção de João 20.1-18 oferece excelente exemplo de presentes históricos, imperfeitos, aoristos, perfeitos e mais-que-perfeitos associados com grande efeito dramático. Há nesta passagem dezoito presentes históricos, nove presentes simples, um presente futurístico (ἀναβαίνω, Jo 20.17)[53]. Lucas, sem dúvida, não apreciava muito este uso, pois que, em seguindo a narrativa de Marcos, muda todos estes presentes históricos, menos um: (Lc 8.49). Marcos e João escrevem em moldes dramáticos, Lucas, entretanto, escreve em estilo mais burilado e elegante.

- Estes presentes, em sua quase totalidade, são aoristos ou puncti liares.

f. É também usado para expressar verdades gerais, por isso conhecido por PRESENTE GNÔMICO, isto é, que anuncia algo verdadeiro para todos os tempos: ἐκ Γαλιλαίας προφήτης οὐκ ἐγείρεται (Jo 7.52) - "da Galiléia não se levanta profeta".

- O presente gnômico é também um presente aorístico (punctiliar).

g. Umas poucas formas se revestem de teor perfectivo: ὁ ἀδελφός σου ἥκει (Lc 15.27) - "teu irmão é chegado". Isto resulta de Aktionsart da raiz verbal.

h. Certas formas há que se referem a eventos futuritivos: ἀναβαίνομεν εἰς Ἰερουσαλήμ (Mc 10.33) - "subimos". Este presente futurístico aduz vividez à narrativa, como o faz o presente histórico. É possível que Jesus considere a jornada a Jerusalém como já então em andamento. Em tal caso, tratar-se-ia de presente descritivo. Claro exemplo do presente futurístico é: ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ πατέρα ὑμῶν (Jo 20.17) - "vou para meu Pai".

- Estas inflexões do presente futurístico, via de regra, são de cunho aorístico.

i. Algumas formas perfeitas, por sua vez, perderam a força perfectiva e passaram a empregar-se na exata acepção do tempo presente: οἶδεν (Mt 6.8) - "ele sabe". Isto se deve ao fato de que οἶδα - "sei" - é um estado resultante de ἑώρακα, "vi", "tenho visto".

j. O presente perifrástico é sempre durativo. Limita-se em o Novo Testamento quase que exclusivamente ao Imperativo: ἴσθι εὐνοῶν (Mt 5.25) - "sê habitualmente bem disposto".

2. O tempo perfeito presente descreve ação dada como completa

por ocasião do escrever ou falar. Moulton sustenta que, do ponto de vista exegético, é o perfeito o mais importante de todos os tempos gregos[54]. Expressa o perfeito duas modalidades capitais de ação ou evento:

a. Pode ele referir um ato completado após esforço: "nyw v i a - j a i ... - T£iifor)xa (II Tm 4.7) - "combatL.termineL.guardei". Paulo concentrara todos os recursos, a vida em todo o seu empenho, no esforço de vencer a luta, terminar a carreira, guardar a fé. A tarefa está, pois, cumprida. A esta modalidade dá-se o título de PERFEITO INTENSIVO[55].

b. Pode o perfeito registrar um ato que tem resultados que perduram ou se prolongam: £ y n y £ p x ai (I Co 15.4) - "Ele ressuscitou e continua ressurreto". Este perfeito não exprime a finalização do esforço prolongado (como em **a);** traduz um ato realizado que tem conseqüências que permanecem. Daí, recebe esta modalidade o nome de PERFEITO EXTENSIVO. É de notar-se que esta inflexão ocorre em um grupo de aoristo: áircáSavov , èiawr) , x. % . X . Fosse empregada a forma do perfeito destes verbos, Paulo estaria afirmando que Jesus estava ainda morto, ainda sepultado e ainda a aparecer a Pedro. O aoristo simplesmente chama atenção para um evento que se deu no passado. O perfeito nos diz que o fato se processou e ainda se reveste de resultados significativos.

- A diferença de acepção dos perfeitos intensivo e extensivo provém da Aktionsart da raiz verbal. Se a ação expressa pelo tema verbal é linear, natural é o sentido intensivo; se punctiliar, natural é o extensivo.

c. Há, contudo, uns poucos outros usos, menos comuns, do perfeito que se devem mencionar:

(1) O PERFEITO DE CONTINUIDADE QUEBRADA: *ànéo* - x a X x a (II Co 12.17). Refere-se Paulo aqui ao envio de várias missões aos Coríntios[56].

(2) O PERFEITO PRESENTE HISTÓRICO DRAMÁTICO usa-se, por vezes, para projetar com destacada vividez no presente um fato passado. João se mostra especialmente atraído por esta forma de expressão: i£ $ £ a \ i a i (Jo 1.32) - "tenho visto"; £ & p i 5 x a i i £ v (Jo 1.41) - "havemos achado". Paulo dele faz uso em II Co 2.13: o ú x £CJXT)Xa a v e o i v - "não obtive alívio"[57]. A lembrança é ainda vívida e dolorosa para Paulo.

(3) O PRESENTE PERFEITO GNÕMICO. "Uns poucos exemplos deste uso parecem encontrar-se em o Novo Testamento. Foi sempre o presente o tempo preferido para expressar verdades costumeiras, embora também o aoristo e o perfeito ambos se empregassem nesta acepção"[58]. Bom exemplo é ô£ô£TCxI (I Co 7.39) - "(ela) está ligada". Assinala este perfeito um costume social estabelecido.

(4) Usa-se, por vezes, com força futuritiva: Ô£ *òô^ao\xai* £v aíiTOL c (Jo 17.10) - "sou neles glorificado". Está Jesus antecipando a glorificação que os discípulos Lhe trariam ao nome. Dificilmente se poderia dizer que já O haviam eles glorificado. Às vezes se dá a esta modalidade o título de PERFEITO PROFÉTICO.

(5) Há o perfeito perifrástico, formado do particípio perfeito assistido de verbo auxiliar. Este auxiliar é, geralmente, £ *i* ji *C,* que, nesta função, ocorre cerca de quarenta vezes em o No-' vo Testamento.

- Há uns poucos exemplos com yívo^ai :éy£v£TO *ic* HOTWJJ£ VT) (Ap 16.10) - "ficou envolvido em trevas".

- O uso de t X^{w} em construções perifrásticas começa a aparecer em o Novo Testamento: £x$^{£}$ ftapijTTivávov (Lc 14.19) - "tem-me por excusado". Outro bom exemplo é TOJV ôià τὴν ἕξιν ἤlaa^riT^p ia yEym vaa|i£va, éxóvtujv Ttpòç ôiáKptai v, xaAou TE xat xaxou (Hb 5.14) - "daqueles que, em decorrência da prática, têm as faculdades exercitadas para o discernimento do bem e do mal". No grego moderno, este emprego de £x^{w} ~ **ter** - com o particípio perfeito é a construção normativa. O inglês, o alemão e o latim exibem fraseologia similar.

Ação em tempo passado

- As flexões referentes à expressão pretérita experimentaram desenvolvimento mais completo que as relativas ao presente ou ao futuro, pois que há formas específicas ou distintas para cada modalidade de ação passada.

1. O **imperfeito** expressa eventuação contínua em perspectiva pretérita. Tratando-se de narrativas históricas, é o imperfeito o tempo a

usar-se para fins descritivos. "O aoristo simplesmente conta a estória. O imperfeito pinta o acontecimento. Ajuda a ver o curso dos fatos. Faz passar diante dos olhos as fluidas correntes da história"[59].

- Ampla variedade de modos há por que expressar o imperfeito esta forma de ação:

a. Pode ele exprimir a idéia iterativa: énopeúovxo xax [9]£• Toç (Lc 2.41) assinala que era costume da família de Jesus ir a Jerusalém anualmente. Outro exemplo do teor iterativo do imperfeito se vê em ápaaiáCeTO ...éxí§ouv x a'ἤμ{ρaνt 3.2). As inflexões verbais são ambas formas do imperfeito, expressando um carregar contínuo e um colocar repetido do coxo à porta do templo. A locução xa$' ^jU^pav define ainda mais precisamente a ação como a repetir-se diariamente.

b. Pode expressar a idéia progressiva: *ii* ÕTI / ÇTJTEÎTE ; (Lc 2.49) - "por que estáveis procurando?"

c. Pode-se usar ainda para acentuar o início de uma ação (imperfeito incoativo) ou indicar ação tentada mas interrompida (imperfeito conativo). No vernáculo, temos de antepor o auxiliar "começou" em relação àquele, "tentava" em referência a este. Deve-se ter isto em mente para alcançar-se o sentido correto de não poucas passagens. Em Mt *5.2, ê*ô '¸-ôaaxe nos diz que Jesus-"começou" a ensinar, enquanto, em Mt 3.14, ôL£XÜJ\UEv ressalta a idéia de ação interrompida ("tentada"), pois João, embora acabasse por batizar a Jesus, havia antes tentado» "impedi-lo".

d. Pode-se referir ao tempo presente. Expressa, neste caso, um desejo polida ou hesitantemente. Em At 25.22, ÉPOUXÓJÍTJV habilita Agripa a dizer que apreciaria ouvir a Paulo pregar, todavia, sem parecer demasiado desejoso de fazê-lo. O presente, poúXo^iai, ter-lhe-ia acentuado o interesse em moldes que não condiriam com sua posição. Em Rm 9.3,"nux<5nr)v permite a Paulo expressar ardente desejo de ganhar seu povo para Cristo sem incorrer em deslize moral. O presente, £ ὔx o - μαι, teria expresso o desejo do apóstolo de consumar verdadeiro suicídio espiritual para atingir esse fim. Este é o chamado **imperfeito potencial,** designação longe de satisfatória.

e. O imperfeito perifrástico é muito comum em o Novo Testamento. Acentua a noção durativa contida no particípio:f)aav ... VT)CJT£-ÚOVTEÇ (MC 2.18), passagem que nos informa que os discípulos de

João e dos fariseus estavam jejuando nessa ocasião. O mesmo verbo ocorre duas vezes no presente neste versículo: vrçaxe ÚOIXJ L V ... vnaxeúouai v. Estas duas inflexões (presentes de ação costumeira) nos declaram que era prática dos discípulos de João e dos fariseus jejuarem, não, porém, dos discípulos de Jesus. Este é um lugar para notar-se a" diferença de sentido que há entre a construção verbal simples e a perifrástica[60].

2. O **tempo aoristo** expressa ação punctiliar no passado. O termo **aoristo** (de a + optaxoc) significa: **indefinido[61].** A ação é afirmada, não descrita.

- O chamado **segundo** aoristo é a parte mais antiga do verbo. As formas do presente surgiram mais tarde para representarem ação repetida ou contínua[62]. O **primeiro** aoristo é ainda mais tardio. Brotou da necessidade de prover temas verbais lineares (ver **Aktionsart)** com inflexões próprias de ação punctiliar. No que respeita ao sentido de primeiro e segundo aoristos, é o mesmo em ambos, exceção feita de L'axr)p i, verbo em que o primeiro aoristo, £axr)ca , é transitivo ("coloquei") e o segundo, £CXT)V ("pus-me de pé"), é intransitivo.

- Pouquíssimos são os verbos em que se encontram ambas essas formas de aoristo.

a. Aspectos de ênfase do aoristo.

- Determinada forma do aoristo pode ressaltar qualquer destes três aspectos de ênfase: o início da ação, **aoristo ingressivo;** a conclusão do fato, **aoristo efetivo;** ou o todo sem ênfase distinta ao começo ou ao fim, **aoristo constativo.** A chave do problema da interpretação reside na **Aktionsart** do verbo[63].

(1) Aoristo ingressivo

- O verbo que acentua o aspecto inicial, o princípio ou começo da ação, reveste-se de teor ingressivo:£yévexo (Jo 1.14) - "(ele) se fez". Outros bons exemplos se podem ver em: èTixcóx^ uae v (II Co 8.9) - "ele se fez pobre"; é ôán- P uae v (Jo 11.35) -."ele se pôs *a* chorar".

(2) Aoristo efetivo

- Outros designativos que se dão a esta modalidade são "aoristo de desfecho" (Gildersleeve) e aoristo do "ponto culminante" (Munro). Todas essas rotulações são tentativas de assinalar que a ênfase se projeta ao final da ação, antes que ao

início. Quando Paulo diz: éyòa yàp £}ia$ov áv oíç eífii, auTápxT)í; eivou (Fp 4.11), está a falar de uma ligão já aprendida, não apenas começada, ev Cxrjaev (Ap 5.5) não quer dizer que o Leão da Tribo de Judá começara a triunfar, mas, ao contrário, que já alcançara a vitória. Outro bom exemplo é éxiúXixJe v (At 27.43), que assinala a intervenção do centurião a, finalmente, impedir que os soldados tirassem a vida a Paulo juntamente com os demais presos.

- Outro uso do aoristo efetivo se pode referir, a que Moulton dá o nome de "aoristo da coisa que acaba de acontecer". Revestia-se não raro de efeito assaz dramático. É o que se vê em £yvu)v tt Tioiifaw (Lc 16.4) - "sei o que irei fazer", isto é, "cheguei à solução do problema", na linguagem popular expressa, por exemplo, por "peguei", "achei", "descobri".

(3) Aoristo constativo

- Este aoristo se pode reconhecer pelo fato de que o tema verbal expressa a noção de um ato continuado, durativo: épaatXeuaev (Rm 5.14) cobre o período de Adão até Moisés em que a morte reinou; éxpúpT) (Hb 11.23) abrange um espaço de três meses durante que Moisés foi escondido; otxoóo^iiT) (Jo 2.20) engloba uma fase de quarenta e seis anos, que foi o tempo em que o Templo foi construído. A diferença entre este aoristo e o imperfeito é que aquele compreende em um só relance todo o período de tempo envolvido, enquanto o segundo, o imperfeito, expressaria o processo como a desdobrar-se continuo.

- Destes três aspectos o mais freqüente é o ingressivo. O sentido constativo se pode sempre reconhecer do contexto, que deixa claro haver decorrido fase ou período de certa extensão.

b. Usos do aoristo

(1) É o tempo próprio a usar-se em narrativas. O historiógrafo o usa, a menos que deseje descrever algum ato registrado. Os Evangelhos e Atos estão repletos de aoristos narrativos. Em At 28.11-15, parte da narrativa da tempestade em que Paulo sofreu naufrágio, há quinze aoristos e um perfeito.

(2) O aoristo gnômico se emprega para expressar uma verdade "universal" ou "não temporal". A diferença entre este aoristo e o presente gnômico é que este pode ser durativo, aquele é punctiliar. Bons exemplos de aoristos gnômicos são: éf3\^- $r) e£Çr)páv$T) (Jo 15.6); é£T)p<£vdr)eè^é-nzoz v (I Pe 1.24). As formas verbais de João 15.6 registram uma verdade universal: qualquer homem que não permanece em Cristo»"é lançado fora" e. "seca-se"; as de I Pe 1.24 afirmam que a erva "murcha" e a flor "cai" como parte do processo natural. Poder-se-iam expressar estas verdades mediante o presente gnômico (linear); o aoristo, porém, parece projetar a verdade mais abrupta e incisivamente.

(3) O aoristo epistolar usa-o o escritor quando se põe na situação do leitor e visualiza o tempo em que escreve como evento passado. Exemplos seriam: éfnEfj.^a (At 23.30; Ef 6.22; Fp 2.28; Cl 4.8) -."envio"; ^ypa^a (Fm 19; I Pe 5.2; I Jo 5.13) - "escrevo". Os autores néo-testamentários preferem usar o presente, ypácpw: I Co 4.14; 14.37; II Co 13.10, etc. •

- Traduz-se o aoristo grego, geralmente, pelo pretérito simples. Entretanto, o aoristo é bem mais compreensivo que esse pretérito. Vezes há em que a tradução apropriada é a do perfeito composto, e mesmo a do mais-que-perfeito. O aoristo epistolar melhor se traduzirá em termos do presente. Do contexto decidir-se-á, em cada caso, a tradução conveniente.

3. **Mais-Que-Perfeito**

- Tem-se dito que é o mais-que-perfeito "um luxo do grego". Poder-se-ia usar o aoristo para todos os propósitos narrativos, salvo se houvesse de expressar-se a idéia durativa. Nesse caso, dispunha-se do imperfeito. Isto deve ser lembrado sempre que se interpreta um aoristo. Muitas vezes tem de traduzir-se pelo mais-que-perfeito.

- Os gregos, via de regra, não sentiam necessidade do mais-que-perfeito porque pouco ou nada se lhes dava do tempo relativo. Não foi, pois, muito usado. Quando empregado, porém, exprimia ação completada em determinado ponto no passado: òeô áxEt (Mc 14.44) - "ele dera" - informa o leitor que Judas havia feito prévio acordo de trair a Jesus. Cf. T£§£|i£\tűrco (Mt 7.25) - "tinha sido firmada", isto é, os

fundamentos da casa tinham sido lançados antes que adviesse a inundação.

- O mais-que-perfeito não exibe nos escritos néo-testamentários o aumento, sinal de preteridade, que ocorre, de forma regular, no grego clássico.

Ação em tempo futuro

1. O futuro é ordinariamente punctiliar, assim como é o presente naturalmente linear. As formas futuras ativas e médias parecem haver-se derivado do aoristo do Subjuntivo. Em assim sendo, seriam, de origem, associadas à noção de punctiliaridade. Logo, nessa base, mais natural nos é encarar um fato futuro como punctiliar antes que linear.

- Há três matizes de significado no tempo futuro: o volitivo, o deliberativo e o futurístico. A inflexão não sofre nenhuma variação em **si.** Somente do contexto se poderá inferir qual desses matizes é de reconhecer-se em cada caso. Assim, por exemplo, em xéCerai ôl UĹÓv$_{v}$xal *xaXéceiç zò 6vo[ia* aíxoũ 'irjaoũv* aủ--còc; yàp *ouíoei* -còv Xaòv aÒTOŨ ' ` tw̃v á^iap - Tiuîv aỦT*ũ)*v (Mt 1.21), há três formas verbais no futuro: τέξεται, xaAéae i ç,aúbe i. A primeira expressa mera futuridade: Maria dará à luz um filho; a segunda expressa uma ordem- José recebe a injunção de dar à criança o nome de **Jesus;** a terceira expressa simples fato futuro (mera futuridade): o filho salvará o povo de seus pecados.

a. O uso mais freqüente é o puramente futurístico: cpav^ae - Tai (Mt 24.30) - ."aparecerá". É mera afirmação factual de que no futuro, sob determinadas condições, aparecerá o sinal do Filho do Homem. Outro exemplo vemo-lo em: pa?ix *Coe* i(Mt 3.11) - "batizará".

b. Pode o futuro expressar determinação ou ordem tanto quanto futuridade: oú cpoveúo *e i c,* (Mt 5.21) - "não matarás"; 4 yan^cr *ciç,* (Mt 5.43) - "amarás". Este é o chamado **futuro volitivo.**

c. Pode empregar-se em consulta à opinião ou arbítrio de outra pessoa: nocáxiç á^apx^aei; (Mt 18.21) - "quantas vezes pecará?"; Cifoo^ievv ; (Rm 6.2) - "viveremos (em pecado)?" Este é o chamado **futuro deliberativo.**

- Quando nos defrontamos com inflexão futura, a acepção mais natural a esperar-se é a de simples futuridade. Se essa não convém ao

contexto, busque-se uma das outras possibilidades consideradas. Por vezes, o futuro deliberativo, como no exemplo tirado de Rm 6.2, é usado argumentativamente.

- De notar-se neste ponto é que ambos, o Subjuntivo e o Optativo, têm todos estes três usos: futurístico, volitivo e deliberativo.

2. O futuro-perfeito nunca foi amplamente usado e, em o Novo Testamento, se acha quase extinto. Hb 8.11, z t ÔTio r o v a *i* v (deo t 6a - "sei", "conheço") é o único exemplo inconteste nos escritos néo-testamentários e, assim mesmo, perdera já o teor perfectivo. Significa, simplesmente: "conhecerão".

- Há, é verdade, umas poucas ocorrências do futuro-perfeito em forma perifrástica: £ o i a i ôeôe^£vov e êaxai XeXu^vov (Mt 16.19). Têm-se traduzido, inacuradamente, por "será ligado" e "será desligado", dando a impressão de que Jesus ensinou que as decisões dos apóstolos determinarão o que se firmará no céu[64]. Dever-se-iam traduzir como "terá sido ligado" e "terá sido desligado". Assim, os atos dos apóstolos se afirmam como fruto da inspiração ou direção divinas. Ver Mt 18.18. Essa tradução incorreta tem causado a expositores e teólogos boa dose de dificuldades.

VOZ[65]

- Expressa o verbo, ainda, como se relaciona a ação com o sujeito da sentença. Isto se faz por meio da voz.

1. Quando se representa o sujeito como agindo, tem-se a chamada **voz ativa**

2. Quando se representa o sujeito como a atuar em referência a si próprio, trata-se da chamada **voz média** Pode a ação, neste caso, ser reflexa[66] ou afetar o sujeito de maneira menos direta. A voz média chama especial atenção para o sujeito, entretanto, não lhe indica o elemento particular sobre que incide a ênfase. Esta indicação provém do contexto. Da mesma sorte que é o dativo o caso do interesse pessoal, é-o das vozes a média.

- Comentadores e tradutores não raro engendram desnecessária dificuldade para si mesmos com assumir que o sentido primário da voz

média é reflexivo. Clássico exemplo desse fato é duexôixjáne voe (Cl 2.15). Mesmo excelente versão do Novo Testamento como é Weymouth confunde a imagística desta passagem. Influenciada pela interpretação de Lightfoot, visualiza a Jesus como a desvestir-se (como quem tira uma vestimenta) das entidades demônicas e, então, a exibi-las em Seu triunfo. Esta maneira de traduzir o texto prejudica a força de expressão e a clareza da figura de Paulo, que parece representar a Jesus como a desnudar as potestades demoníacas (como inimigos derrotados)[67] e, depois, conduzi-las em Sua parada triunfal, exatamente como o faziam os generais ou imperadores vitoriosos daqueles tempos. Esta segunda interpretação reflete o sentido primário da voz média: o interesse pessoal do sujeito na ação. O instrumento por que Jesus alcançou a vitória foi a cruz.

3. Quando o sujeito é apresentado como recipiente da ação verbal, acha-se o verbo na chamada **voz passiva**

- Desenvolveu-se a voz passiva muito depois da média ou da ativa. Em todos os tempos, exceção feita do aoristo e do futuro, apropriou-se a voz passiva das formas da média correspondentes. Aos poucos, veio a voz passiva a alijar de uso a média. No grego moderno, já não subsiste a voz média. Isto se deu em todas as línguas européias, salvo no grego, antes de despontar-lhes a literatura. Passaram a expressar a função da voz média através do pronome reflexivo apenso à inflexão ativa ou de preposição com a forma do acusativo, exemplo: "para si mesmo".

- Nos escritos néo-testamentários não poucas inflexões passivas há que retêm claro o sentido médio. Atenção a este pormenor requer-se ao tratar com tais formas: arce xp f $T)aa v (Mt 25.9) - "replicaram". Esta inflexão tem sempre a acepção média em o Novo Testamento. Cf. ôei^TjT i (At 8.22) - "ora" ôei5$T)xe (At 8.24) - "orai"; xoXXiidr)-ii (At 8.29) - "achega-te". Inflexões tais comoçTa&r)vat(Mc 3.24), usada em paralelo com oTT) vai (Mc 3.25, 26), perderam, ao que parece, a força passiva. Provavelmente, nenhuma diferença de sentido se deveria pressupor entre estas duas formas infinitivas.

- O sinal característico da voz passiva, ©r) (alongamento de®e), admitem-no alguns gramáticos, seria forma evoluída de antigo advérbio, de v (cf. **thence** do inglês). Isto é, concebe-se a ação verbal como a proceder de fora do sujeito[68].

- Refere-se o modo à **maneira** como se expressa o fato. Nada tem a ver com a **veracidade** da afirmação. Como pondera A. T. Robertson: "Muitas inverdades são afirmadas no modo indicativo"[69].

1. O modo indicativo se emprega sempre que se faz uma asserção positiva ou se formula uma pergunta desse teor.

2. O **modo subjuntivo** é usado em asserções dubitativas. O próprio nome sugere que se aplica o subjuntivo particularmente às cláusulas subjungidas (subordinadas). Essa não é bem a verdade. Aparece ele em proposições hesitativas; em exortações (hortatórias ou volitivas); em questões deliberativas, e em proibições (ordens negativas introduzidas por^ifj), bem como em certos tipos de cláusulas subordinadas que adiante se considerarão.

- Tem o subjuntivo os mesmos três enfoques do futuro: futurístico: 8 TcpoaevávyHe (Hb 8.3) - "que haja de oferecer"; deliberativo: ôu>(I£v ^ NFJ ÔWA^IEV ; (Mc 12.15) - "daremos ou não daremos?"; hortatório: £xwti£ v (Rm 5.1) - "tenhamos"; e uma determinação negativa: *[l tf* VOPI Ťa T) T E (Mt 5.17) - "não comeceis a pensar"[70].

- O **subjuntivo deliberativo** expressa perplexidade por parte do interlocutor: 7iöifa(jü|i£ v ; (At 4.16) - "quê faremos?" Cf. no t ou^£ v; (Jo 11.47) -."quê estamos a fazer?" Neste segundo exemplo, o presente do indicativo não assinala dúvida, é uma censura à inoperância. O subjuntivo hortatório (volitivo) é empregado para instar com alguém a unir-se com quem está a falar em um curso de ação já decidida: 7ipoa£pxw-^£da (Hb 4.16) -."aproximemo-nos".

3. O **modo optativo,** a dizer-se do próprio nome, seria usado para expressar desejo ou aspiração. Isso é verdadeiro em se tratando de desejos referentes ao futuro[71]. É menos incisivo em expressão que o subjuntivo. Este se pode dizer que veicula a idéia de probabilidade, enquanto o optativo encerra a noção de possibilidade. Aparece em Lucas e Atos em questões indiretas, quando a pergunta direta conteria o subjuntivo. Ocorre, ainda, nas condicionais da quarta classe (futuro menos vívido).

- Longe de necessário, como no latim, aos poucos se veio a obliterar o optativo, ao contrário do que se deu no sânscrito, em que o subjuntivo é que acabou cedendo.

- As formas optativas se podem reconhecer sem muita dificulda-

de nos escritos néo-testamentários, pois que nessa fase estava este modo quase extinto. Há em o Novo Testamento apenas sessenta e cinco inflexões optativas (ou sessenta e sete, conforme o texto adotado). Caracteristicamente, nas flexões optativas as desinências pessoais sâo precedidas pelos grupos vocálicos - a i , -o i, -1T).

- Como o subjuntivo, engloba os enfoques futurístico, volitivo e deliberativo.

a. **Optativo Volitivo**

(1) Quinze ocorrências há da locução nVj *yévoixo* - "tal não aconteça". Quatorze se registram em Paulo (dez em Romanos, uma em I Coríntios e três em Gálatas). Uma se acha em Lc 20.16.

(2) Quinze exemplos há de optativo volitivo em Paulo, à parte da expressão M vo t t o:

(a) d Y t da a t (I Ts 5.23) - "que ele (o Deus da paz) (vos) santifique".

(b) ôuŕç (Rm 15.5; II Ts 3.16; II Tm 1.16,18) -."que ele dê"[72].

(c) x a t E u d ú v o t t (I Ts 3.11; II Ts 3-5) - "que ele dirija".

(d) X o y t a ^ e iTr) (II Tm 4.16) - "que (isto não) se-(lhes) impute".

(e) ó va i' T) v (Fm 20) - "que eu obtenha proveito"[73].

(f) T t a p a x a X ^ a a i (II Ts 2.17) - "que ele conforte*.

(g) TL£p t a a e ú a a t (! Ts 3.12) - "que ele (vos) faça abundar".

(h) TlX c o v d a a i (I Ts 3.12) - "que ele (vos) faça aumentar".

(i) 7iXr)po!)aai (Rm 15.13) - "que ele plenifique".

0) a?T)p l' Ç,ai (II Ts 2.17) - "que ele firme".

(k) T T) p *r)* $£ L T) (I Ts 5.23) - "seja conservado".

(3) Outros exemplos seriam:

(a) £ *i* T) (At 8.20) - "que seja".

(b) í u i T i n ifa a t (Jd 9) - "que repreenda".

(c) *xai* ap *i* t' a a t (Hb 13.21) - "que ele aperfeiçoe".

(d) 7iXrçduv$£ t' T) (I Pe 1.2; II Pe 1.2; Jd 2) - "que seja multiplicada".

(e) c p á y o i (Mc 11.14) - "que ele coma".

- O uso volitivo do optativo perdurou mais longamente que as demais acepções, sendo, desta sorte, o mais freqüente nos escritos néotestamentários (trinta e oito ocorrências)[74].

b. **Optativo Deliberativo**

(1) Nove exemplos há de ei?) (terceira pessoa do singular do presente do optativo de e *i [xí*) em questões indiretas, todas em Lucas ou Atos.

(2) Cinco exemplos se positivam em que vem a inflexão optativa precedida da conjunção e í, todavia, não em prótase de condicional, ao que parece a implicarem em hesitação ou incerteza:

(a) eu' etr) (At 20.16)-."se (ele) fosse".

(b) e í' poÚXoi To (At 25.20) - "se (ele) queria".

(c) e Í Ô{)wa TVTo (At 27.39) - -"se seriam capazes".

(d) ei <{/r)Xa<pifoaiev ... e(jpotev(At 17.27) - "se pudessem apalpar... e achar".

c. **Optativo Futurístico**

- Seis exemplos com #v (afora e í rj):

(1) TI' âv *yé*VOLTO (At 5.24)-"que (isto) viria a ser".

(2) itũç âv òuvat'|ÍT)v ; (At 8.31) - "como poderia eu?".

(3) e ú£aiÚT)v áv(At 26.29) -."eu oraria".

(4) Ti' âv $£Xoi (Lc 1.62) - "que desejaria ele". Também em At 17.18.

(5) TL' âv noiífaaiev (Lc 6.11) - "quê haveriam de fazer".

- Estes representam o optativo potencial, praticamente a apódose de uma prótase subentendida.

d. **Outros usos**

(1) Dois exemplos há de formas optativas após npív ', '- XOL e XdpoL (At 25.16). Mediante estes optativos, Festo relembra cortesmente os líderes judeus em Jerusalém que não se coaduna com o costume romano condenar um homem antes de confrontar ele os acusadores, xaT& Tipó - aumov ', Tobç xaT-nyópouc;, e ter tido a oportunidade de fazer a própria defesa, TÓTIOv Te, áno - XoyL'aç Xápoi.

(2) Há cinco exemplos do uso de forma optativa em prótases de condicionais fragmentárias ou truncadas da quarta classe (futuro menos vívido):

(a) £ t £ x 0 L £ v (At 24.19) - "se tivessem".

(b) £ t oi (I Pe 3.17) - "se quiser".

(c) £ i *não* x o i T £ (I Pe 3.14) - "se sofrêsseis".

(d) £ £ x Ox o t O Co 14.10; 15.37) - "se por acaso".

- Os dois últimos parecem haver-se tornado expressões estereotipadas.

4. O **modo imperativo** tem vários usos[75]. Determina-se do contexto a acepção de cada forma imperativa.

a. Pode expressar ordem peremptória: *íyanáxe* TOÙÇ £x - $p o ùç òfiujv (Mt 5.44) - ."amai vossos inimigos".

b. Pode ser primariamente h0rtatóri0:7i0iT)a<ÍT0 (Ap 22.11) - "faça ele".

c. Pode exprimir súplica: p o^^rja o v ĩ v (Mc 9.22) - "ajuda-nos".

d. Pode assinalar permissão: xa$£ÚÔ£T£ ,Xoi7tòv xaì á v a n a Ú E a $ £ (Mt 26.45) - "Dormi, por fim, e descansai".

e. Pode marcar condição: XúoaTE TÒv vaòv TOŨTOV xaì £v Tpiaív fyiépaiç *èyzpw* ~ aírtóv (Jo 2.19) - "Destruí (se destruirdes) este templo e em três dias eu o tornarei a levantar". Ver, ainda, Ef 4.26.

f. Pode traduzir proibição (ordem negativa): M §r\o a u p í ÇE - TE (Mt 6.19) - "Deixai de acumular tesouros".

- A diferença entre com o presente do imperativo e^i^com o aoristo do subjuntivo se pode assim estabelecer: $T)0aup *Cor\-* T£ significaria: "Não comeceis a ajuntar tesouros". O a que visa a determinação de Jesus é que estavam os homens a acumular tesouros na terra em vez de o ser no céu, o que preceitua é que devem eles descontinuar. Esta diferença não transparece nas versões vernáculas.

- O presente do imperativo pode expressar qualquer das idéias características de ação linear. O aoristo do imperativo geralmente se reveste de certo teor de urgência ou injuntividade. O Pai Nosso, por exemplo, exibe sete imperativos, todos aoristos. Moulton[76] ressalta que nos pedidos feitos a pessoas humanas, registrados nos papiros, o imperativo raramente se emprega. Jesus, porém, deu o exemplo do uso do imperativo, em sua mais instante forma, em nossa oração.

- No subjuntivo, no optativo e no imperativo, é o presente durativo e não-temporal, o aoristo não-temporal e punctiliar. O perfeito do im-

perativo é, em o Novo Testamento, parcela quase insignificante: tcetpf - ^ÜJCO (Mc 4.39) é uma ordem terminante, que seja o refreamento decisivo e final; £ppcoa$£(At 15.29) é uma fórmula epistolar, o verbo a assumir o teor do presente.

A estruturação do verbo e sua conjugação.

- O verbo não apenas assinala a maneira como se exprime a ação (modo); diz ainda como se relaciona ela com o sujeito (voz) e como se realiza a eventuação (tempo), assim como a pessoa e o número do sujeito. Todas estas noções se acumulam, normativamente, em um verbete. É uma forma admiravelmente intrincada, compacta e eficiente de expressar idéias. A despeito da complexidade implícita, alcança-se notável clareza de pensamento sem grande dificuldade. Deveria o estudante aprender a distinguir, sem hesitação nem erro, as marcas ou sinais característicos de **modo, tempo, voz, pessoa** e **número.** Todos esses cinco elementos ocorrem em cada inflexão verbal e se podem facilmente reconhecer. O melhor método de fixar estes elementos é tomar-se a tabela geral das conjugações e memorizar o sinal representativo de cada um desses cinco aspectos. Convém ter-se em mente que na palavra grega nem mesmo uma letra é ociosa. Cada letra ou grupo de letras acrescenta algo ao sentido total.

Classes de verbos

- De modo geral, haverá duas espécies de verbos: aqueles cuja forma simples termina em - piL.comofaTimt; e aqueles que se findam em - u),como . Chamam-se, por isso, respectivamente, verbos em -fit e verbos em -UÍ .Os verbos em -|ií são os mais antigos. Houve, através da história da língua grega, um como que gradual processo de assimilação desses verbos aos verbos em - u) .Em o Novo Testamento apenas cinco verbos em -fit se usam com certa freqüência. São eles: CoTTHil.ôfôwtií .tLdrmí , mμ. e£LUí .No grego moderno,e *i*-μ{ é o único a restar. Não se deve espantar o estudante ao defrontar-se com muitas variantes, como sejam LGTCÍVLÜ, *iotâu,oxf\xtú,* todas formas ulteriores defrjTrjnt . No grego moderno, já se fizeram todas

obsoletas, substituídas por a T£XU> .

- A conjugação do verbo regular em -co já se deu, pp. 86 - 92 . Convém referir-se agora a conjugação dos verbos em -ní , pelo menos nas flexões em que diferem em formação do verbo regular em -w, e também discutir o verbo contrato, a variação mais importante desse padrão regular.

Conjugaçãodo verbo e mμΐ

1.6 í ôojfi t - dar. Tema do presente ò i ôo [77], raiz ôo [77].

Partes principais

Pres, At.	Fut. At.	Aor. At.
ÔÍÔ1411	ôiíaoj	£ôtúxă
Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
òéôuna˘	òúócniai	*èôô&T)v*

Indicativo

	Pres. At.	Pres. MP.	Impf. At.	Impf. MP.
S.1.	ÔíÒ(A)|II	ôlôO|ícu	áòťôovv	Éôtôópiiv
2.	*ôlőüjq*	ôíôoaat	*èÔĽÔovç*	*èôCôoov*
3.	ÔÍÔCJJGI(V)	ôíôoxai	*èôiőov*	ėôťôoxo
P.1.	ôťôo|i€v	ÔLÔópe^a	éÔĽÔopev	áôiôó^E$a
2.	õť ÕOT£	ôťôoa ˆ	ĖÔÍÔOXE	éôíôoade
3.	ôt *ôóaoi* (v)ÔĽôovxai		áòíòoaav	áôíôovxo

Subjuntivo

	Pres. At.	Pres. MP.
S.1.	*ôiôu)˜*	*ôiôwiiat*
2.	6iò(|)˜<;	ôló^J
3.	ÔtÔtd˜	ôiôwxai
P.1.	ôtôwfiev	óiô(4iE$a
2.	ÔTÔIŬTE	6IÔGJC$E
3.	ôt ôo˜t (v)	ôtòwvxai

Imperativo

S.2	*òiôov*	ò t ô o a o
3.	ÒIÔÓTU)	ô i ô ó c r ^ w
p.2.	ÔÍÒOTE	ô t ô o a & E
3.	ô i ô ó i u a a v	ô t ô ó a d u x i a v

Infinitivo

Ô i Ô ó v a i ô í ô o a S a i

Particípio

ô i ô o ú ç , ô i ô o u a à , ô t ô ó v

ÔLÔÓ^EVOÇ, ò t ô o ^ f v T) , ô i ô d ^ i e v o v

- No sistema do aoristo as irregularidades nâo sâo poucas, entretanto, se em mente se tem a raiz verbal, ôo-, não serão tão de impressionar.

- O aoristo indicativo ativo, £ô u > x a , é um dos três aoristos em **kappa** (ôT ôoofi I , L'T)HI) em o Novo Testamento. Quanto ao mais, é conjugado exatamente como o primeiro aoristo.

- Os aoristos indicativos médio e passivo são regulares.

Aoristo Indicativo

	Médio	Passivo
S.1.	£ÔÓflT)V	£ÔÓ$T)V
2.	*êbov* = **o (a) o**	£ÔÓÔT]<;
3.	£ ô o t o	*ÍbÓ%T)*
P.1.	£ÔÓ|i£$a	*iò6&r\[izv*
2.	£ ó o o $ £	£ ÔÓ$T)T£
3.	£ ô o v t o	é ô ó S i i c a v

Aoristo Subjuntivo

	Ativo	Médio
S.1.	ôo)	Não ocorre nos escritos néo-testa-
2.	ôuÍjç	mentários
3.	ôv	
P.1.	ÔU)|i£V	
2.	ÒÓÚTE	
3.	ÔUXJ T (v)	

Aoristo Imperativo

S.2.	òóç	Não usado em o Novo Testamento
3.	ÔÓtoj	
P.2.	ÔÓT£	
3.	**ôóttoaav**	

Infinitivo

ôoũva i	Não aparece em o Novo Testamento

Particípio

6oúç, ôoũ0a, ôóv	Não ocorre na literatura néo-testamentária.

2. TĹdr)}i.t - **coloco.** Tema do presente *x i* de-, raiz de-.

Partes principais

Pres. At.	Fut. At.	Aor. At.
xt́dT)ni	difau)	£dnxa

Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
t^deixa	*xé%ti\xai*	*èxé&r)v*

Indicativo

	Pres. At.	Pres. MP.	Impf. At.	Impf. MP.
S.1.	TÍDT)FIT	TĹDEPAI	ÉXT́DT)V	ÉTTD£FIT)V
2.	11́drjç	Tt́deaai	éiídetç	*èxi&eoo*
3.	*x* CdT)oi	Tt́dexai	é́iíídei	áiid́enro
p.1.	xídefiev	Tidépeda	éxídepev	é́tid^eda
2.	tid́e-re	TÉdeade	*èxCütxe.*	é́xídeade
3.	Tid£acL (v)xt́deviai	éxídeaav	êxídevro	

- As demais flexões são suficientemente regulares para se identificarem com facilidade.

- Dever-se-á ter na lembrança que o aoristo ativo é outro dos aoristos em **kappa.**

3. l'aT7)pX - **ponho-me de pé.** Tema do presente *laxa* -, raiz *axa* —.

Partes principais

Pres. At.	Fut. At.	Aor. At.
l'aTT)|it	CFTlfau)	£ott)V *£oir)oa*
Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
£oTnxa	-	áaxádTiv

Indicativo

	Pres. At.	Pres. MP.	Impf. At.	Impf. MP.
S.1.	CaTTJHt	íGTa|iat	tOTT)V	taTá^iT)v
2.	CoTrjç	taxacat	CCJTIK	Cotaoo
3.	tOTT)Ol (V)	taxaxai	£gtt)	taxaxo
P.1.	tOTafiev	toT<£n£$a	foxa|iev	iaT<í|i£^a
2.	faxate	taxaa^c	ÍGtaxE	foxaa$e
3.	fotaoi (v)	Loxavxai	faTaaav	Caxavxo

- As demais flexões não reclamam considerações, exceto o aoristo ativo, que exibe duas formas:

Segundo Aoristo (sempre intransitivo)	Primeiro Aoristo (sempre transitivo)

Indicativo

S.l.êcTTjv	-pus-me de pé	£aTT)aà - pus de pé; postei,
2. Ἔστης		(como £\uaa)
3. &JTT)		
P.l.íaiTinev		
2.£oTT)T£		
3.^oTTiaav		

4. eínt' - sou.

Indicativo

	Pres.	Impf.	Fut.
S.1.	£t'|lf	-f)Vr)v	foojiat
2.	£f	íc	*£o T)*
3.	*ÍOlí*(V)	?jv	*£ci* at
P.1.	*èc\xév*	VEV	£GÓfi£da
2.	èoxé	T)t£	£a£G$£
3.	eCof(v)	rjoav	£oovxat

	Subjuntivo		Imperativo
S.1.	ῶ	S.2.	ἴα dt
2.	ῇς	3.	ἔστω
3.	ῇ	P.2.	£OXE
P.1.	WjiEV	3.	£A$U)AAV
2.	T)TE		
3.	SXJL (V)		

Infinitivo

εἶναι

Particípio

ὤ)v,οὖaa, 8v

Conjugação do verbo contrato

O verbo contrato apresenta pouca novidade ao estudante que aprendeu bem o verbo regular em w . Três tipos há de temas, cada um dos quais termina por uma das seguintes vogais breves: a, e, o. Exemplos de cada modalidade são:<xyaTt<£u) - amo; ípi\£w - amo; ÔT)\<5ü) - manifesto. Dois fatos novos há a aprender-se quanto a estes verbos:

1. No presente e no imperfeito, quando se acrescentam as terminações pessoais, processa-se contração da vogal breve final do tema com as vogais dessas terminações.

a. *ἀyanáh)* - amo. Tema do presenteáyana-

Indicativo

Pres. At.

S.1.	áyaTcá+o) = dyanóü
2.	áyaTtá+et ç=áya7iaῖ<;
3.	ἀyanáfEt = áyanç
P.1.	iyauá+ofiE v=áyaixÔ)pE v
2.	áyaná+EXE = ἀyanaῖTE
3.	áyatiá+oixjl=ἀyaTcῶat

Pres. MP.

S.1. dya7id+o^ai=-<4iai

2. *àyaizá+r)* = *-d*

3. áycnxá+£Tat=-aTai

P.1. áYa7ia+ó|iE$a=-(4i£$a

2. dyaná+£ad£ = -ãade

3. áyaná+o vaai^-Sviat

Subjuntivo

- As formas do presente do Subjuntivo são idênticas às do presente do Indicativo nos verbos contratos em -acj .Deve-se isto ao fato de que a contração da vogal temática final a com as terminações pessoais produz em ambas as flexões exatamente as mesmas resultantes.

Imperativo

Pres. At.

S.2. dyáTta+E = àyd-na

3. dyaTia+^Tw^áyaiKÍTU)

P.2. àya7i(£-(~£T£=áya7tãT£

3. áya7ia+€T(jaav=áya7iáTux?av

Pres. MP.

S.2. áyaTca+ou = -CÜ

3. ayaTta+éa^co = -áa$u>

p.2. àya7tá+£a$E = -aa$£

3. áya7ia+£a$Luaav = -dofojoav

Infinitivo

Pres. At. Pres. MP.

áyand+Eiv = áyaiiav - áya7iá+Ea$at = dya-Jiaa^ai

Por vezes, áyanqív

Particípio

Ativo Médio-Passivo

áyaTtd-hwv = âyaiKjjv áyana+ó^evoç = -úfiEvoc;

àyand+ouaa = àyaTcojaa àyana+opiívi) = -WJI^VT)

àyaná+ov = áyancov áyana+Ó^IE vov = -U'^ÍEVOV

- O imperfeito obedece a formação idêntica:

	Ativo		MP
S.1.	T)Ydbta+ov = T>yá7twv	T)ya7ta-fópT)v =	-<4ir)v
2.	iiyáTia+eç = riycÍTtac;	iiyaná+ou =	-w
3#	-nyáT;a+e = rjyáiia.	rçyaná+ETO =	-CITO
P.1.	rjyaná+OKiev = ^yanc^iev	i^yatia+ópieda =	-újpeda
2.	iiyaná+eTE = rjyaTiaxe	rçycntcí+EadE =	-aade
3.	r^yá-ria+ov = TiyáTUüv	rçya-ná+ovTO =	-uivro

b. cpLX^to-**amo**[78]**.** Tema do presente cpIXE-

Indicativo

Pres. At

S.1.	cpiX£+u) =	(piXtt	
2.	cpiX£-f£i<; =	cpiXE tç	
3.	cpcX£+€t =	cptXet	
P.1.	ÇpIX£+0^i£V=	CpLX0U!!£V	
2.	cptXá-fexe =	cptXeLTE	
3.	cptXÍ+ouai (v)=	çptXouat (v)	

Pres. MP.

S.i.	cptX€+opai =	-014KX1	
2.	<ptX£+i} =	-rj^	
3.	cpiX^+exai =	-eiTai	
p.1.	qpiXe+ópeda =	-oú^eda	
2.	(piX^+eade =	-EtodE	
3.	CpiX£+OVT<ZL =	-OUVTCU	

Subjuntivo[79]

S.1.	CptXf+k) =	eptXti)	
2.	cpiX^+rçç =	9iXr)<;	
3.	cp1X^+13 =	cpiX^	
P.1.	cpiX£+ ÜJJIEV =	CpLXÜTYI£V	
2.	CpIX£+T)TE =	CpIXt)T£	
3.	cptXá+uxJt (v)=	cpiXuxTL (V)	

5.1. cp^^+Lü^at = -íjjuaL
2. 91X^+13 = -T)
3. cpt\í+r)iai = -fjiai
P.1. cptX£+(Sn£$a = -tí^e^a
2. tpLX£+-na$£ = -T)O$E
3. cpiX^+tüvTat = -tüVTai

Imperativo

5.2. cptXé+e = cpíXet
3. cpiXe+^TU) = cptXe Ítu)
P.2. ÇplX£-f-£TE = CptX£ txe
3. (pt X£ + ^Twaav=q>t X£ t Ttoaav

52 (ptX£-f-ou = -ou
3 cptXE+áa^cj = —£Ía-&w
P2. *(PIX£+£0$£ = -£UA^£*
3. **cpiX£-f-£a$üjüav=-£ íaSuxrav**

Particípio

cptX^+wv = <P IXÍJV «ptX£+ó^£ voç = oú^£voç
cpiX£+Otxja = q>tXotxJa (puX£ + on£vT) = *ov\xé\tr)*
<piX£+OV = (ptXouv <piX£ + ÓH£ vov = 0U^£V0V

Infinitivo

cptX£ + Eiv = cpiX£iv cptx£ + coOat = £ia$ai

- O imperfeito é formado de maneira semelhante.

Ativo

S.1. £qp L'XE + OV = £(pLX0UV
2. £cptX£ + E<; = écptX£tç
3. £<ptX£-f£ = £(ptX£I
P.1. *i y i \ é* +opt£ v=£tp I Xou|i£ v
2. áqptX£+£T£ = écptXEITE
3. È(ptX£ + OV = ácptXouv

MP

S.1. ecpiXe+ófiTiv = -oúμην
2. é<piX£+ot> = -ou
3. £cplX£+ETO = -e LTO
p.1. á<pt\£+ófie^a =•-oúne£a
2. £<piX£+eaSe = -£tade
3. É<plX£+OVTO ='—OVVTO

C.6T)XÓÚJ - **manifesto.** Tema do presente ôtjXô-

Indicativo

Pres. At.

S.1. ÕT)XÓ+lÚ = ôtjXÍÜ
2. ÔTjXÓ+EIÇ = ÔT)XOIÇ[80]
3. ôr)Xó+et = ÔT)Xot[80]
P.1. 6TlX<5+0}1£V=ÔT)XoUflG V
2. ÔT)X<5+£TE = ÔT)XO\5T£
3. ÔT)XÓ+O\XJL (v)=ôr)Xouai (v)

Pres. MP.

S.1. ÔTJXó+OJIGU = -oujiai
2. ÔT)XÓ+-T) = -oi[80]
3. ÔT)X<5+£TCU = -ouxau
p.1. ÒT)XoH-ó^i£^a = -ofyiEda
2. ÒT)X<5+£CJ$E = -oZoüe
3. ÒT)XÓ+ovTat = -ouviai

Subjuntivo

S.1. ôr)XÓ+w = ôt)Xoj
2. 6T)X6+T)C; = órjXouç[80] -
3. ÔT)XÓ+T) = ÔT)XOL[80]
P.1. ÔT)X<5+FU)|A£V = ÔT)XÕ4i£V
2. ÔTJX<5+T)T£ = ÔT}Xü)T£
3. ôrjXó+ojai (v)=ôT)Xu)at (v)

5.1. ôr)X<5+u>fiat = -tJiiat
2. *ÒT)\ó+r)* = *—o t*[80]
3. ÔTjXó+TjTai = -uixat
P.1. ÔT)Xo+Hie^a = -djue^a
* 2. ôr)Xó+T)ade = -aiade
3. ÔT)XÓ+U)VT(U = -ÔivTat

Imperativo

Pres. At.

5.2. ôrjXá-fe = Ò^Xou
3. ÔR)XO+£TW = ÔT}XOÚTW
p.2. ÔT)XÓ-t-ETC = 6T)XOUT£
3. ÔTXO+ÉTU)AAV=ÔT)XOVTTJJAAV

MP

S.2. ÔT)X<5+OU = -OU
3. 6T}XO+£O$Ü) = -o£a$ü)
P.2. ÔT)Xó+EA$e = *~oZo&£*
3. ÔT)Xo+èa£waav=-o&j&uxjav

Infinitivo

Pres. At. Pres. MP.

ÔTIXÓ + £tv •= ôr)Xoüv 6T)XÓ +• ecrdai = oüa$ai
Porvezes,ÔT)Xoü v

Particípio

ÔT)X6-KJV = 6T)XCJV ÕR)XOI-6|IE voç = ov^IE VOE
ÒrjXó+ouaã = ÔT)Xouaá ÔT)XO+OH£VT) = OU|Í£VT)
ôrjXó+ov = 6T)XOIÍV ôrjXo+ó^IEvov = OÚJÍEvov

Imperfeito

Ativo

S.1. £ÔVjXo+ov = éôfjXouv
2. £ô^Xo+£ç = éÔ^Xouç
3. éôtiXo+e = éõi^Xou
P.1. ÉÔT)Xó+0|i£v = £ôT)Xoü^e v
2. ÉÓR)X6+£T£ = £ÒT)XOÜT£
3. éòV)Xo+ov = áÔT^Xouv

		MP
S.1.	£ÔT)X0+Ó^1T)\> =	-0\J^iT)V
2.	ÉÒT)X6+0U =	-OŨ
3.	£ÔT}XÓ+ETO =	-OŨTO
P.1.	ÉÔTiXo+Ó^E^a =	-ou^Eda
2.	è ÔT)\ó-h£0$£ =	-OŨJ§£
3.	£ ÓT)X<5+0 VT O =	-OŨVXO

2. O segundo ponto importante a aprender-se a respeito destes verbos contratos é que, em se acrescentando os sinais dos tempos, se alongam as vogais breves.

a. <xYa7iáu),aYaitifcu)fiiYáiiT)aa,r)Yá7vnxa,x.T. X..

b. (piX£ü) [81] ,(ptXt1au),£cptX'n<ja,7i£(piXT)Kat x.T.X

c. ÔT)Xóu, ÒT)X(jati),éÔi^Xcoaa, *òeórfXwxa,* x. T. X.

- As terminações pessoais são regulares.

PARTICÍPIO

- O particípio é um adjetivo verbal, isto é, reveste-se, a um tempo, de expressão verbal e adjetiva.

- Na qualidade de verbo, exibe tempo e voz. Pode também ser transitivo ou intransitivo, isto é, ter ou não objeto direto.

- Na qualidade de adjetivo, declina-se nos três gêneros e em ambos os números. Pode também ocorrer tanto em posição atributiva como na predicativa. Não raro, como outros adjetivos, pode o particípio, assistido do artigo, assumir função de substantivo: nuiXrçaóv aou, T à ÚTidpx o NJT a (Mt 19.21) -> "vende os teus bens". Nesta sentença é o particípio o objeto direto do verbo.

- A esta altura, é de toda conveniência conhecerem-se as formas bases das flexões dos particípios.

Formas do Particípio

1. Do verbo regular:

Pres. At.	MP
Xúwv , Xuoixra f Xuov	Xuó^£voç ,-fle vov

Aor.[84] At. Médio aa

Xúcaç, Xúc aaa, Xũoav[82] Xuaá^E voç ,-H£VT),-^í£ vov

Passivo

Xuôeíc , Xu$£ĩoa , Xu$£v[82]

"Perf.[85] At.

XEXvkoíc , XeXuxuta f XeXuxóí;[82]

MP

XeXun^voc f *ii£vr) ^ —[i£vov[83]

Fut. At. (extremamente raro em o Novo Testamento)

Xẅwv , Xũõõuaa , Xuaõv[82]

2. Do verbo em - f i l .

a. ôí ôco\i L

^ Pres. At. MP

òi òõvQyài òovaa,òi òóv òi òófie voç,-|i£vT)#-fi£ vov

Aor. At. Médio

ôoúç, óoũoa, Ôóv ÔÓfi£ VOÇ , VT) , ~^e vov

b. TIôt)|iL

Pres. At. Médio

Tt$£IÇ , tL$EL Oa , TI$£v TL #£}1£ VOÇ, VT), - ^£ VOV

Aor. At. Médio

$£íç, *%£ĩoa,* ϑέv ϑέμεvoe , v*n, ~[i£ vov

c. *ĩo%r\\i i*

Pres. At. MP

Lci&c,,laxada,Ĩox& ÍA-TÁ|IE VOÇ,-JIÍ?VT),-JI£VOV

Aor. At. Médio

atá;, axãaa, OTÓV OT<Í|1£ VOÇ; , - ^£VO ,-JÍ£ VOV

O Particípio como Adjetivo

- O particípio, como os adjetivos todos, será atributivo ou predicativo. O particípio atributivo descreve, de alguma forma, o substantivo; o particípio predicativo faz uma asserção acerca do sujeito da sentença[86]. Esta qualificação descritiva do nome na cláusula é incidental à sentença em seu todo, mas a asserção quanto ao sujeito é-lhe o ponto principal.

Particípio atributivo

- Em três posições pode ocorrer o particípio atributivo, exatamente como nos adjetivos em geral.

1. Pode vir o particípio antecedido de artigo e seguido do substantivo de que é qualificante: TTJ ůyiaivoúaij ÔL ôaaxaXifç (Tt 2.1) ->"à sã doutrina".

2. Pode vir na ordem regular: artigo + substantivo, artigo + particípio: Ó Sptoçô *i*.H tou oúpavou xaxapaíVUJV (Jo 6.50) - "o pão, o que desce dos céus". Dever-se-ia notar que a frase *i* x *i* ov oůpavoti é um adjunto adverbial modificativo do particípio.

- Em certos casos, deixará o substantivo de vir precedido de artigo. Considera-se, então, como suficientemente definido sem o artigo: aocpíav ©£OŨ-TT)V âitoxexpu^iié VT)V(| CO 2.7)-"sabedoria de Deus ... a sabedoria oculta". O particípio, entretanto, é, a despeito disso, atributivo.

3. A construção menos encontradiça é a em que não se usa o artigo nem com o substantivo, nem com o particípio: ttôwp Çwv (Jo 4.10) -."água viva". Tivesse o artigo sido usado com o substantivo, não, porém, com o particípio, xò ftôwp Çwv , o sentido teria sido: "a água é viva". Este é um bom lugar para notar-se a diferença entre os adjetivos predicativo e atributivo na sentença.

- Freqüentemente, deve o particípio atributivo traduzir-se na forma de cláusula relativa: xaxà ôúva^itv ^eou,tou aujcrav - TOÇ fyiã<; xai xa\£aavxoç *x\r\ózi* *àyCa* (II Tm 1.8,9) - "segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação".

- O particípio futuro articulado sempre expressa futuridade. Refere tempo subseqüente ao do verbo principal: xwv \a\r)$T)0Ofi£ vujv

(Hb 3.5) - "das coisas que haverão de ser ditas"[87].

- Todos os exemplos anartros (isto é, não articulados) que se encontram nos escritos néo-testamentários expressam alvo ou propósito: ei £pxETdi ...cdjaujv (Mt 27.49) - "se ele vier (presente futurístico) para salvar"; £Xt)Xú£t) TipoaHUv^jouv (At 8.27) - "havia vindo para adorar". Ver, também, At 22.5; 24.11,17; Hb 13.17[88].

Particípio predicativo

- Duas modalidades há de particípio predicativo: complementar e circunstancial.

1. O particípio complementar, ou suplementar, é bastante freqüente em o Novo Testamento. É o aspecto verbal do particípio que recebe ênfase, pois que expressa ele a noção verbal: rjv éxpáXXoüv 6ai|i6vi ov (Lc 11.14) - "estava ele expulsando um demônio".

a. A formação perifrástica é a modalidade mais freqüente do particípio complementar nos escritos néo-testamentários. Muitos estudiosos são de parecer que a freqüência desta construção em o Novo Testamento se deve a influência semítica. De fato, ocorre-lhe ela nos livros mais susceptíveis a influência aramaica, embora, por outro lado, se encontre já desde os dias de Píndaro[89]. Processa-se constante declínio no uso desta construção após o período néo-testamentário. Isto se deve, em parte, ao uso do infinitivo com verbos especiais, quais sejam fipxo^at , ôoκέω , Xav$ávct) , Tuyxávu) , cpaívo^ai ,x, u, X., assim como ao emprego da cláusula introduzida pela conjunção õt i.

- Tipos de formações perifrásticas:

(1) Presente perifrástico formado pelo presente de verbo copulativo, mais o particípio presente.

(2) Imperfeito perifrástico: o imperfeito de um verbo copulativo, mais o particípio presente.

(3) Perfeito perifrástico: presente de verbo copulativo, mais o particípio perfeito.

(4) Futuro perifrástico: futuro de verbo copulativo, mais o particípio presente.

(5) Futuro-Perfeito perifrástico: futuro de verbo copulativo, mais o particípio perfeito.

b. É também o particípio complementar usado em discurso indi-

reto, após verbos de ação mental, como sejam oíóa , |iav£ávu> , YLVÚKJHÜ) , &\io\oyéix). Cf.ëyvwv ôúvafiiv £^£Xr)Xu - ϑυĩav *àn' è\iov˜* (Lc 8.46) - "apercebi-me de que poder de mim se desprendeu". Nesta construção, o particípio toma o lugar do verbo no discurso direto.

- A diferença de sentido entre o particípio e o infinitivo no discurso indireto é que o particípio expressa realidade experimentada, enquanto o infinitivo e a cláusula introduzida por[v]* 11 referem-se apenas à apreensão intelectual. Assim, a implicação do particípio em Lc 8.46 é que Jesus experimentou a sensação de fadiga ao curar a mulher.

2. O particípio circunstancial se pode sempre reconhecer pelo fato de aparecer na posição predicativa, isto é, não na posição atributiva[90]. Pode-se distinguir do particípio complementar em que este se faz de mister para completar a idéia do interlocutor, ao passo que tal não se dá com o circunstancial.»"Remover-se pode o particípio circunstancial e a sentença não sangrará"[91].

- É, praticamente, uma cláusula adicional, realmente adverbial em cunho. A noção adicional estatuída tem para com o restante da sentença uma relação aleatória, frouxa, fluída.

- Cláusulas vinculadas mediante conjunção têm seu exato sentido precisado de modo assaz definido pela própria conjunção: £à v tòtç évxoXáç ***[LOV*** TT)p^ar)T£ ,^x£ veĨt£ ¸ ' v xrĵ *àyánn* nou (Jo 15.10) - ."Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis em meu amor". Aqui a condição se expressa pela cláusula conjuncionada. A idéia condicional, contudo, se pode veicular por meio de um particípio circunstancial: TÒV vó^iov *icXovoã* ([R]m 2.27) - ."guardando (se guardam) a lei". Paulo está a dizer através de um particípio o que poderia ter dito em forma de cláusula condicional. É o próprio contexto que dá ao particípio o teor condicional, neste caso.

- Pode o particípio circunstancial enfeixar gama assaz ampla e variada de acepções. Somente o próprio contexto pode precisar o significado destes particípios. Sugeriríamos:

a. Tempo, equivalente à cláusula temporal: TaŨTa ôè aů-TũSv XaXoúvTwv aÚTÒç £a%i) £v ¸ ' aůxw̃v (Lc 24.36) - "enquanto, porém, discutiam eles estas coisas, ele próprio se lhes pôs no meio" xai éX-Ékov £XELVO<; âX£Y£EU xòv xóa

μον (Jo 16.8) - "e aquele, após vir, increpará o mundo".

b. Condições: πως φυιεΐς ἐξφευξόμεθα τηλικαύτης ἀνεξιφαάvτες σωτηρίας (Hb 2.3) -."como escaparemos nós, havendo negligenciado tão grande salvação?" Ver I Tm 4.4; I Co 11.29; Gl 6.9; Rm 2.27.

c. Concessão, em cláusula equivalente às introduzidas por **embora, a despeito de, ainda que:** καὶ μηδεμίαν αἰτίαν θανάτου εὑρόντες ᾐτήσαντο πιλᾶτον ἀναιρεθῆναι αὐτόν (At 13.28) -."e, a despeito de nenhuma causa de morte haverem achado, instavam com Pilatos a que fosse ele executado". Cf. Mt 14.9; Mc 4.31.

- Às vezes, καίπερ (Hb 5.8), καίγε (At 17.27) e καίτοι (Hb 4.3) se usam para acentuar o teor concessivo do particípio.

- Usa-se o particípio concessivo quando se chama atenção para algo realizado a despeito de circunstâncias desfavoráveis: καίπερ ὢν υἱός, ἔμαθεν ἀφ' ὧν ἔπαθεν ὑπακοήν (Hb 5.8) - "embora sendo filho, aprendeu a obediência através das coisas que sofreu"; ἔργου γενηθέντος ... καὶ τοῦ κόσμου καταβολῆς γενομένης (Hb 4.3) (genitivo absoluto concessivo) - "apesar de acabadas as obras", antes da originação do mundo, corremos o risco de não nos beneficiarmos disso, em razão da incredulidade. καίτοι chama atenção para o teor concessivo do particípio nesta passagem.

d. Causa: ἐχάρησαν οὖν οἱ μαθηταὶ ἰδόντες τὸν κύριον (Jo 20.20) - "alegraram-se, portanto, os discípulos porque viram o Senhor". O particípio dá a razão da alegria dos discípulos. Outro exemplo: αὐχεῖτε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν (-μων)[92] (Hb 4.2) dá a razão porque deixa a verdade de beneficiar aos homens. Não lhes estava associada a fé. A mesma idéia se poderia anunciar mediante cláusula introduzida por διότι ou ὅτι. Cf. Mt 2.3,10; At 9.26.

- Por vezes, prefixa-se ὡς à cláusula participial a fim de ressaltar o fato de que o particípio expressa a alegada razão do ato: I Co 4.18.

e. Propósito ou intenção, geralmente na forma do futuro: ἦλθεν οὖν εἰς τὴν Ἰερουσαλὴμ προσκυνήσων (At 8.27) - "havia vindo a Jerusalém para adorar". Era esta construção clássica de freqüente uso, todavia, no coiné já se vê preterida pelas cláusulas introduzidas pela conjunção ἵνα, assim como pelas infinitivas.

- Em At 3.26, εὐλογοῦντα, particípio presente, expressa propósito. Deus enviou o Filho para "abençoar".

f. Meios; ítç- JAEPUIAVIÚV ôúvaTat npoc^e t̃vat(Mt 6.27) - "quem...mercê de preocupação pode acrescentar..." Cf. At 16.16; Hb 2.18.

g. Maneira: éauTÓv ÉX£VÜXJEV tiop<pf)v ÔoúXou Xa 0ÜJV (Fp 2.7) - "esvaziou-se a si mesmo com assumir a forma de servo". O particípio, Xapcúv , descreve como Jesus se esvaziou a si mesmo. O assumir a forma de servo (a encarnação) foi o método segundo o qual se desfez Ele das»"parafernálias da divindade". Às vezes,toç se usa com o particípio para tornar mais explícito o ponto: wç éÇouaíav Ἐχων (Mc 1.22) - "como tendo autoridade". Aqui chama atenção para o teor do particípio. Cf. At 2.13.

h. Circunstância envolvente: £XEÜVOI ôè ££EX$<5VT€Ç ÉHifou^av 7iaviaxou,ro0 xupíou auvEpyouv̄TOç xa! TÒV Xóyov pEpaioüvTQç (Mc 16.20) - "e partiram eles e pregaram por toda parte, com eles operando o Senhor e confirmando a palavra". Os particípios ouvEpyouvtoç e pEpaiouv̄TOÇ chamam atenção para as circunstâncias em que pregavam os apóstolos: o Senhor com eles a operar. O particípioèE,e\$6vxEçé temporal: saíram e, então, pregaram.

- O genitivo absoluto é um particípio circunstancial. Consiste de um particípio e um substantivo (nome ou pronome), que se pode, por vezes, omitir. Geralmente, refere-se o substantivo a pessoa ou coisa que, doutra sorte, se não mencionará na sentença: TaXXiTwvoc; Ôè dv - ôunáxou ôVToç (At 18.12) - "sendo Gálio procônsul".

- Pode o genitivo absoluto expressar qualquer das oito noções que exprime qualquer outro particípio circunstancial.

O Particípio como Verbo

- Retém o particípio conteúdo verbal suficiente para que possa "reger" casos: étitxaXEoáfiE voç tò ívofia(At 22.16) - "tendo invocado o nome".

- Será o particípio seguido do mesmo caso de que é acolitada a inflexão finita correspondente.

1. Particípios de verbos que referem sensação regem, geralmente, o genitivo: àxoúiov aÚT ou̾ (Jo 3.29) - "ouvindo-o".

2. Particípios de verbos que expressam interesse pessoal são,

geralmente, seguidos do dativo: ovx áv$pűmoiç ą̀ p£ó ° v " teç (I Ts 2.4) - "não como agradando a homens".

3. Particípios de verbos que regem o acusativo são, em geral, acompanhados desse mesmo caso: ó TTJV vú^icprjv (Jo 3.29) - "aquele que tem a noiva".

Os Adjetivos Verbais em -xoçe-TE oç.

- Estas formas, estritamente falando, não são particípios. Não compartilham da natureza verbal ao ponto de terem voz e tempo, nem recebem objeto direto. São meros adjetivos formados à base dos temas verbais: àyaTíâu- **amar** - originaàyanr)'z6ç>- **amado;** *èn*Xéyu - **escolher** - dá è KXE KT *6C,* - **escolhido; eleito.**

- O adjetivo verbal de final - coe é bastante comum. A maioria destes adjetivos se reveste de teor passivo, como se vê em åyaTiTiTÓí; (Mt 3.17) - **amado;** Çeotóç", entretanto (Ap 3.15), - **fervente; quente -** é ativo em sentido. Mas^ôúvaxoçpode ser ativo (At 14.8; Rm 15.1): **incapaz;** ou passivo (Mt 19.26; Mc 10.27): **impossível.** Por vezes, como em Rm 8.3, há lugar para dúvida quanto a se åtÔúvaTOÇé ativo ou passivo. O contexto deve decidir em tais casos.

- O adjetivo verbal finalizado em - TE OÇ expressa necessidade. É, na realidade, um gerundivo. Deste adjetivo há em o Novo Testamento um exemplo único: (3XT)T£OV (depáXXw - **atirar, lançar)** (Lc 5.38) **- deve ser lançado.** Vários manuscritos inserem pXr)i:£o vem Mc 2.22. A Versão Autorizada do inglês traduz à base de um texto em que este adjetivo verbal é incluído em Marcos.

O INFINITIVO

A natureza do infinitivo

- Como o Particípio, é híbrido o Infinitivo, substantivo verbal que o é, em última instância. Em certos casos, predomina a acepção verbal, em outros a substantiva.

1. Na qualidade de substantivo, pode-se usar em todos os casos, menos no vocativo, sempre no singular, neutro, indeclinável sempre. Pode vir articulado ou anartro. Quando usado, aparecerá o artigo devida-

mente declinado, o que se presta ao reconhecimento da relação de caso da forma infinitiva. Assim é que, em Rm 7.18, TÒ $£Xeiv, está no caso nominativo, sujeito que é da inflexão finita Ttapáxeitai - "o querer está presente"; em Fp 2.6, TÒ eí vai está no acusativo, visto que é objeto direto de i^y ífoaxo - "ele (não) considerou o estar" em igualdade com Deus; em Hb 2.15, Toũ £Í)v está no genitivo após a preposição ôiá . Aliás, como substantivo verbal, está £rjv modificado pelo adjunto indefinido na VTÓÇ - "através de todo o viver", que a Versão Autorizada traduz por: "através da extensão de toda a sua vida".

2. Na condição de verbo, pode o Infinitivo ter voz e tempo, todavia, não propriamente modo. A noção de voz pode não ser tão proeminente como no verbo finito, entretanto, está sempre presente. Por outro lado, a noção de tempo,quando o fato se dá,é de todo ausente. O presente expressará ação durativa, o aoristo punctiliar, o perfeito completacional.

- Ainda, como verbo, pode o Infinitivo "reger casos", como o fazem as inflexões finitas. Em princípio, é o Infinitivo acolitado dos mesmos casos de que o são as formas finitas correspondentes.

a. Verbos que exprimem interesse pessoal requererão o dativo: ôo§rjvai a*vi* r} (Mc 5.43) -> "a ser-lhe dado".

b. Verbos que expressam sensação exigirão o genitivo: éiuXa-§£adai toũ è'pyou ú^iuiv (Hb 6.10) - "esquecer vosso labor".

c. Verbos que encerram a idéia de separação, por sua vez, são normativamente seguidos do ablativo: TOŨ ÍNDXZO$ai TTŨV áXiaynfiáTüJV (At 15.20) - "abster-se das contaminações".

d. Verbos copulativos terão predicado nominativo: xaTayye-\eúç eivai (At 17.18) - **ser um proclamador;** xò eivai ĩaa (Fp 2.6) - "ser igual".

e. Verbos que regem o acusativo, terão, de igual modo, este caso a complementar a forma infinitiva.

- Na hermeneuse e na exegese devem-se levar na devida conta ambas essas acepções do infinitivo: a verbal e a substantiva. Ora prevalece uma, ora a outra, contudo, presentes estarão sempre ambas. Bom exemplo a estudar-se é Fp 2.6. Consiste de uma cláusula relativa (introduzida pelo pronome Õç) em teor adjetivo. O sujeito (com seus adjuntos) é ÒQ èv ^opcpr) ©eou ímápxwv. o predicado é: oí>x àpita-**Yjiòv** T^ynaatOjTÒ eivai ĩaa ©eu> ,x ,\.Overbo,

f)yf)oaio , é complementado de duplo acusativo: xò e ĩ v a i *ĩoa* ©£ij) é o objeto direto d e ^ y ^ c r a x o , enquanto d p u a y ^ 6v é o predicado acusativo. A frase correspondente ao objeto direto se pode analisar ainda mais pormenorizadamente: xò c í v a i . a forma final do objeto direto, é seguida do adjetivo nominativo predicado t̃o a,, que, por sua vez, rege o caso instrumental 0 £ ụ̃ (após palavra que expressa similaridade ou identidade). Uma palavra cabe aqui em referência ao particípio ů n d p x w v : é um particípio circunstancial, de cunho concessivo. Desta sorte, o sentido final da cláusula é: "Embora subsistisse Jesus (desde o princípio) na forma de Deus, não houve Ele o ser igual a Deus por troféu a com que apegar-se inseparavelmente". Todavia, antes de ter-se plena compreensão da cláusula em todo o seu sentido, consultar-se deve bom léxicon a fim de verificar-se a real acepção de |iOp<p^. Contraste-se, ademais, este substantivo com o correlato a x ' n̂ ^ a .

Os Usos do Infinitivo

Bastante variados são os usos do infinitivo.

1. Pode-se empreqar como sujeito: £|iot *yàp* xò ζῆν Xptoxóç (o copulativo é a x í está elíptico, entretanto, isso nenhuma diferença real faz) (Fp 1.21) - "pois, no que me toca, o viver é Cristo".

- Pode também usar-se como objeto direto[93].

2. Pode servir para explicar outra palavra'na sentença.

a. Quando em função de explicativo de verbo, conhece-se por "infinitivo epexegético": n o i £ t̃ v (xà fit) x a $ T̃ j x o v x a) (Rm 1.28) - "fazer (as coisas que não são próprias)" explica diretamente quê Paulo quer dizer por n a p é ò o j x E v a ů x o ú ç ó 0 £ Ò ç £ i ̃ ç á ô ó x i - fiov v o ũ v - "entregou-os Deus a mentalidade réproba". O rol das ações impróprias vem referido em seguida. Neste exemplo, não está articulado o infinitivo. Aliás, a presença ou ausência do artigo nenhuma diferença faz no sentido da cláusula.

b. Quando em função de explicativo de nome, é conhecido como "infinitivo aposicional": ©p *r\o* x £ í a xa-frapà x a l á f i ̃ a v x o ç ... £-juaxé7ix£G#ai ópcpavoúç x a i x^P^C(Tg 1.27) - "religião pura e imaculada ... visitar órfãos e viúvas". Neste caso, o infinitivo define mais precisamente o termo **religião.**

c. Outra construção há, em que vem o infinitivo precedido do ge-

nitivo articular neutroxot) , freqüentemente epexegético: xov xaxò. adp na ÇT)v (Rm 8.12) -»"o viver segundo a carne". Explica este infinitivo quê significa "ser devedor à carne": ser devedor à came é viver conforme um padnão carnal.

Como qualquer substantivo, aparece, por vezes, esta fraseologia, o infinitivo precedido de xo J, no caso genitivo: £ i- rc i axiv xou ou)$T)vcu (At 14.9) - "ele tem fé para ser salvo", ou, seja: ele tem fé salvífica; por vezes, no ablativo:ÊV£XOTIXÓ^T)V ...%qv éXSetv (Rm 15.22) - "fui impedido de vir". Estas modalidades não são epexegéticas.

- Vezes há em que se usa a cláusula introduzida pela conjunção t'va em caráter epexegético: T ÍSc v o L xouxo,t'va £X£T) ; (Lc 1.43) - "de onde isto a mim, que viesse (ela)?" Este uso epexegético da cláusula introduzida pela partícula conjuncionaí £va é característica dos escritos joaninos. Em outras porções apenas esporadicamente se encontra.

3. Pode o infinitivo aplicar-se para expressar propósito ou resultado.

a. O infinitivo simples: rjX^ov xaxaXuaai (Mt 5.17) - "vim para destruir".

b. O infinitivo precedido de xou. É este o uso normal desta construção no grego ático, enquanto através do Novo Testamento mais freqüente é o epexegético.

- Lucas usa TOU com o infinitivo mais freqüentemente do que qualquer outro escritor néo-testamentário: vinte e três vezes no Evangelho, vinte e uma em Atos. Cerca da metade dessas ocorrências expressa propósito. Paulo emprega-o apenas treze vezes, das quais somente duas (Rm 6.6; Fp 3.10) claramente expressam propósito, ambas em cláusula introduzida pela conjunção t'va. Para este fim, preferiu Paulo, via de regra, fraseologia diferente. Mateus tem-no seis vezes; Hebreus, quatro; o Apocalipse, uma; Tiago, uma; I Pedro, uma. Em Lc 17.1 e At 10.25, xou com o infinitivo aparece no caso nominativo. É que a locução já se havia mais ou menos cristalizado.

c. etc xóeo infinitivo geralmente expressa propósito: eíç xò ax-ppix^^vat (Rm 1.11) - "a fim de serdes fortificados". É fraseologia quase que exclusivamente paulina (cinqüenta e cinco vezes). Há oito exemplos em Hebreus; um em Marcos, e Lucas, e Atos; dois em Tia-

go, assim como em I Pedro (cf. Tg 1.19); três em Mateus.

- Westcott, comentando Hb 5.1, é de parecer que IN a se refere a propósito imediato, enquanto e t c t ó tem a ver com propósito mais remoto. Vezes há em que e i ç x <5 parece exprimir resultado: e i ç x ò e t v a i (Rm 1.20) -."de sorte *a* serem".

- A interpretação de e i ç x 6 com o infinitivo é, freqüentemente, de não reduzida importância teológica. Assim, em Rm 1.20, foi a revelação natural destinada a tornar inexcusáveis os homens quando pecaram, ou a revelar a Deus tão claramente que, em conseqüência, ficaram sem excusas os homens, em pecando? Questão teológica similar é suscitada pela cláusula introduzida pela conjunçãoCva : . . ^Tcxaiaav Ú va náaujâ i v (Rm 11.11). Tropeçaram eles a fim de que houvessem de cair, ou tropeçaram (tão seriamente) que caíram? Durante muito tempo não admitiam certos comentaristas que pudessem estas duas construções expressar resultado, mas, à luz dos papiros, esse ponto de vista já não mais se pode manter.

d.npóç xó com infinitivo também se usa para expressar propósito. Nesta acepção, ocorre cinco vezes em Mateus, uma vez em Marcos. Uma vez apenas aparece em Lucas (18.1) e em Atos (3.19), contudo, não parece expresse propósito nestes dois casos. Em Paulo encontra-se quatro vezes, a expressar "propósito subjetivo" no pensamento do. "agente".

4. Outros usos do Infinitivo.

a.òtá x<5 com o infinitivo, como se dá com qualquer outro substantivo, expressa ou refere causa:ôià xò nfj è'xeiv(Mt 13.5) - "pelo fato de não ter".

b.év xo) com o infinitivo é de uso assaz comum. Ocorre cinqüenta e cinco vezes através do Novo Testamento. Cerca de três quartos dessas ocorrências acham-se em Lucas. Quanto parece, foi Lucas influenciado pelo estilo da Septuaginta, na maneira como traduziu esta a preposição hebraica

- Geralmente, está o infinitivo na forma do presente e tem a acepção temporal de **enquanto, durante:** év ruj a7t£Ípeiv(Lc 8.5) -."enquanto semeava"; "durante o semear". Doze vezes aparece na forma do aoristo infinitivo. Nestes casos, expressa a simples ação do verbo, deixando a precisa relação de tempo para ser definida pelo contexto, como particípio aoristo de ação simultânea. Em Hb 8.13, ív xtp \é -

•YE L v, a noção é mais a causal.

c. Pode o infinitivo ser usado também com outras preposições, como qualquer outro substantivo: à v x i TOÜ X^y e u v (Tg 4.15) - "em vez de dizer".

d. Pode, ainda, o infinitivo ser usado em forma absoluta, como se dá nas saudações epistolares: X cú pe i v (Tg 1.1; At 15.23) - "saudações", isto é, "alegrar-se". Outro uso absoluto do infinitivo se vê em a T O i x E i v (Fp 3.16) - "andar", assim como em x \ a í e v (R m 12.15) - "chorar". O contexto lhes imprime teor imperativo.

O ADVÉRBIO

Alguns gramáticos incluem na categoria dos chamados **advérbios,** não apenas os advérbios propriamente ditos, mas ainda conjunções, preposições, partículas intensivas e interjeições. A gramática histórica oferece base para esse proceder, todavia, para fins práticos, confinaremos estas considerações ao advérbio puro.

ORIGEM DO ADVÉRBIO

Originalmente, os advérbios todos tinham terminações ou desinências tão explícitas ou definidas como os substantivos. Traços ou vestígios desses terminais de casos se vêem em quase todos os advérbios. Logo, não se deve surpreender o estudante ao descobrir forma típica de caso de substantivo, pronome ou particípio usada adverbialmente.

1. Através do Novo Testamento, a terminação adverbial mais encontradiça é o final -wç remanescente de antiga desinência ablativa. Moulton[94] chama atenção para o fato de que há cerca de uma centena de ocorrências deste final nos escritos néo-testamentários, bem um terço do total. Com apender-se este final a um particípio, ò^oXoyoun^vojc; **(I** Tm **3.16) - confessadamente;** a um adjetivo no grau positivo, **x a** XCÜÇ (Mt **14.35) - mal;** no grau comparativo, a T i o u ô a t OT^pwç (Fp 2.28) **- mais diligentemente;** no grau superlativo è cr XÓTUJC; (Mc 5.24) - **extremamente;** a um pronome, OOTUIÇ **(I** Co 7.25) - **assim; deste modo;** etc., se pode formar um advérbio.

2. O genitivo é representado por formas de que exemplo seria 8TCOU (Mt 6.19) - **onde.**

3. O locativo é representado por formas exemplificadas por i xe t (Jo 18.13) - **ali;** xúxXw (Mc 3.34) - **em um círculo.**

4. O instrumental é representado por formas de que expressão seriam xdxa (Rm 5.7) - **talvez;** XáSpa (Mt 1.19) - **secretamente.**

5. O dativo sobrevive em formas do tipo de Xap.a C (Jo 9.6) - **no chão; por terra**

6. O acusativo é assaz freqüente: ôwpeáv (Mt 10.8) - **gratuitamente; T ax 0** (Mt 5.25) - **rapidamente.**

7. O nominativo perdura em uma palavra: &ixaE, (II Co 11.25) **- uma vez;** e, em forma composta, ícçán a£ (Hb 7.27) - **de uma vez por todas.**

Frases adverbiais

Largo contingente de frases se usa em teor adverbial[95]. São demasiado numerosas para serem enumeradas. Reconhecem-se facilmente.

Usos do Advérbio.

1. O uso mais comum é com verbos: onouôatux; (Lc 7.4) **- ansiosamente.** Aqui, descreve o advérbio a maneira como se fez a súplica.

- Pode o advérbio empregar-se na função de predicado dos verbos yivop.at (I Ts 2.10) eetjit (Mt 1.18). Em I Ts 2.10, três advérbios, 6atwc , Ôixaiax; ,á^tfuTittúç , aparecem nessa função predicativa.

- Uso peculiar se assinala em relação ao verbo è'xw • toOç xaxüjç è'xovxaç (Mt 14.35) - "os que têm (passam) mal"; êaxá - TIÜÇ (Mc 5.23) - "ele tem (se firma) nos derradeiros estágios", isto é, "está nas últimas"; "está extremamente mal".

2. Freqüente é-lhe o uso com adjetivos: ó^ioXoyouM.£vwç H^ya (I Tm 3.16) - "confessadamente grande".

3. Pode o advérbio modificar a outro advérbio: |ia\\ov 7ie - piüóxepov (Mc 7.36) - "mais superabundantemente".

4. Pode-se ele empregar com um substantivo, em função de ad-

jetivo: év XÚ) VÛV xaupw̃ (Rm 3.26) - "no tempo de agora", isto é, "no tempo presente".

- Às vezes um adjetivo se usa onde esperaria o leitor do vernáculo um advérbio: ÒEVXEPai oi f)\$o^i£v(At 28.13) - "viemos, homens de segundo dia (no segundo dia)". Ver, também, aὐx o^áxr) i] yrj̃ xapTiocpope i (Mc 4.28) - "a terra frutifica de si mesma (automaticamente)".

5. Pode-se ele considerar como um substantivo: ἀnò xoũ vũv (Lc 1.48) - "desde o agora"; "a partir do presente".

- A palavra useira para designar o **próximo,** o **vizinho,** é simplesmente o advérbio TIXTIG ί ov - **perto.**

Sufixos Adverbiais

Há uns poucos sufixos adverbiais que é bastante útil conhecer.

1. -8EV é terminação locativa, na acepção de **daqui; deste ponto:** ¸ axpó$£ v (Mt 27.55) - "de longe"; "de longa distância". Cf. ÕTiia-$£ v - "de detrás"; návx o$£ v - "de toda parte"; "de toda volta"; £ÇOJSE v - "de fora"; xúx\o#£ v - "da redondeza"; "de em torno".

2. -KLQ é multiplicativo e responde à interrogação: "quantas vezes": £0ÔO|iT}xovxáxLq éjixá(Mt 18.22) - "setenta vezes sete"; TioWdxt c (Mt 17.15) - "muitas vezes"; "freqüentemente".

3. -1 a Ti responde à indagação: "em que língua?": *E\\T)Vlatí (Jo 19.20);'PwuaUcrxí (Jo 19.20);'E^paCaxí (Jo 19.20); Au - xaoviax ί (At 14.11).

Advérbios em distinção de Adjetivos.

Deve o intérprete estar atento para notar a diferença entre o advérbio e o adjetivo, quando passíveis de confundir-se. Os seguintes exemplos aqui bastarão para ilustrar a matéria: ?)v Ttpw̃xoç (Jo 20.4) frisa que "o outro discípulo" foi o primeiro a chegar, antes de Pedro (ao túmulo); CT)T£ ũe Ttptoxov (Mt 6.33) acentua que "a primeira coisa que haveis de buscar é (o reino de Deus...), aquele em função adjetiva, este em função adverbial. A distinção se faz à base da concordância em caso que se registrará entre o adjetivo e o substantivo, neste exemplo o sujeito do verbo: npcox oç é nominativo, pelo que pode ser adjetivo, o

que se não dá com Ttpũrcov na segunda sentença.

PREPOSIÇÃO

Origem

Foi a preposição no início de sua carreira um advérbio. Originalmente, a mera inflexão de caso do substantivo bastava para expressar a relação de vocábulos na sentença. À medida que a linguagem se tornou mais complexa, a necessidade se impôs de tornar mais clara a noção expressa pelo caso, de sorte que se começaram a empregar advérbios.

Quase todos esses advérbios se revestiam de acepção local, de sorte que seu valor em definir mais extensivamente a noção de caso melhor se pode ilustrar com o locativo. A 041010 xw̃ (At 9.10) poderia significar **em, perto de, ao lado de,** ou mesmo **sobre Damasco.** Portanto, o **advérbio locativo** foi posto em ação para desfazer tais ambigüidades. A preposição êv nos diz que Ananias residia dentro da cidade de Damasco. A preposição Tipóç daria a entender que ele residia **pertojnapd** que era **ao lado de** Damasco. Torna-se claro, destarte, que as preposições eram os intérpretes das formas ou inflexões de caso. Não "regem" os casos, como não poucos dos gramáticos têm ensinado. Esta função assumida pela preposição veio gradualmente tornar desnecessárias as inflexões de caso no mister de expressar a relação existente entre os substantivos na sentença [96].

O termo **preposição** originou-se da crença de que o uso primeiro desta parte do discurso foi com verbos, na formação de compostos, como ftpoç-£pxO}iai , £7U-xa\£w . Há diferenças de opinião entre as autoridades neste ponto e não tentaremos discutir a questão..Entretanto, digno de nota é que esta noção do uso original das preposições levou à classificação comum em dois tipos: **preposições próprias,** que podem integrar verbos compostos, e **preposições impróprias,** que não o podem. Calcados neste conceito, ademais, os gramáticos antigos falaram em **tmese** (corte ou separação), sempre que Homero "separou" a preposição do verbo, o que fez ele com bastante freqüência. Deve-se ter em mente que representa Homero o mais antigo acervo de literatura grega de extensão considerável que se tem. Seu proceder é tido como aberran-

te, uma vez que se toma o grego ático por norma. Não obstante, Homero é critério mais seguro quanto ao uso original que os escritores áticos que o seguiram, quinhentos ou mais anos depois.

- Uma única vez, mesmo em o Novo Testamento, é uma real preposição usada como simples advérbio: ím£p éycóC Co 11.13) - "eu mais".

Preposições Impróprias

Focalizaremos as chamadas preposições impróprias primeiro, uma vez que seu uso é muito mais simples, já que se não usam em compostos. São em número de quarenta e duas.

I.S^ia- **juntamente com,** seguida do associativo-instrumental: Mt 13.29.

2.$ve v - **sem,** com ablativo: Mt 10.29.

3. ἄvxixp ***vç-*** **em contraposição a,** com genitivo: At 20.15.

4. ἀvx Ί Tte p a - **do outro lado de,** com ablativo: Lc 8.26.

5. *ânév a v t i* - **diante de,** com ablativo: Mt 27.24.

6.<£TI£P **- sem,** com ablativo: Lc 22.35.

7.&XP I ~ até, com genitivo: At 1.22.

Q.iyyvç- **perto,** com genitivo: Jo 3.23; com dativo: At 9.38.

9. é xx **óç - fora de,** com ablativo: **II** Co **12.2.**

10. èV ftp oa de v - **em frente de,** com ablativo: Mc 9.2.

11. í va vx i - **diante de,** com genitivo: At 7.10.

12.Évavx'tov **- n a presença de,** com genitivo: Lc 20.26.

13. £vexa (é'vexev,el.'vexev)- **por causa de,** com genitivo: Mt **10.18.**

14. *i* vxóc [97] **- dentro de,** com genitivo: Mt 23.36; Lc 17.21.

15. *í* vúm **t** o v - **à vista de,** com genitivo: Lc 1.19.

16. **- fora de,** com ablativo: Mt 10.14.

17. è'£o)$e v - **de fora,** com ablativo: Ap 14.20.

18.ánávtü- **acima,** com genitivo: Mc 14.5.

19. ' ´xe **i** va — **além,** com ablativo: At 7.43.

20.è'aiü - dentro, com genitivo: Mc **15.16.**

21. - até, com genitivo: Lc 10.15.

22. x a x£ v a v x i - **em contraposição a,** com genitivo: Mc 11.2.

23.xaxe vdmi o v - **diante da face de,** com genitivo: Cl 1.22.

24. xvxXó§£ v - **de todos os lados; em redor,** com genitivo: Ap 4.3, 4,8.

25. xúx\tf) - **em um círculo,** com genitivo: Ap 4.6.

26. ^£ao v - **no meio de,** com genitivo: Fp 2.15.

27. n e t a Çú - **entre,** com ablativo: Mt 23.35.

28. |i £ XP t ~ até, com genitivo: Mt 13.30.

29. õn L o ^ v - **por detrás,** com ablativo: Mt 15.23.

30. ÒTCtau) - **atrás,** com ablativo: Mt **10.38.**

31. ò<1>£ - após, com ablativo: Mt 28.1.

32. napaTiX^a t ov - **perto de,** com genitivo: Fp 2.27.

33. Ttape XT **óç - exceto,** com ablativo: **At 26.29.**

34. **7i**£pav - **do outro lado,** com ablativo: Mc 3.8.

35. TtX^ v - **além de,** com ablativo: At **8.1.**

36. TiXrja C o v - perto, com genitivo: Jo 4.5.

37. {mep<lvu) - **acima,** com ablativo: Ef 4.10.

38. ÿnepé xe i va - **além,** com ablativo: II Co 10.16.

39. ÙTt£pe X7i£p t o a o ũ - **muito mais do que,** com ablativo: Ef 3.20.

40. ùTtoxáTco - **debaixo de,** com ablativo: Mc 6.11.

41. **x** dp i v[9]® - **por causa de,** com genitivo: Gl 3.19.

42. xwp íç - **sem,** com ablativo: Rm 3.21.

Preposições Próprias

São estas preposições muito mais complexas, já que se náo usam apenas associadas aos casos como tais, mas ainda em larga variedade de termos compostos. Dezoito são estas **preposições próprias.** Trataremos, primeiramente, do uso com os casos específicos.

1. à^91 - **de ambos os lados,** já obsoleta no grego helenístico, em sua função preposicional pura, pelo que, através do Novo Testamento, só se encontra em palavras compostas.

2. d vá - **para cima,** afim à preposição **on** do inglês, **an** do alemão. Aparece treze vezes (nò texto de Nestle) através do Novo Testamento. Westcott-Hort omitem-na em Lc 9,3; Nestle a retém.

- Usa-se com acusativo sempre, exceto em Ap 21.21, na locução å và £L̃ ç, em que é puro advérbio (cf. Homero), não real preposição.

- Há seis ocorrências da locução d và ôú o : Lc 10.1. Tem em

todas idéia distributiva: **de dois em dois; à razão de dois.**

- Quatro exemplos há dedvà fi£aov seguida de genitivo, espécie de frase preposicional composta, que significa **entoe; de entoe-me»** a Ver Mt 13.25.

- Uma ocorrência se registra dedvà ^£paç: I Co 14.27, no sentido de **cada um por sua vez.**

3. dVT *C* - **ao fim de.** Corresponde ao locativo do sânscrito **anta** Do sentido básico **ao fim de** evoluíram as acepções **em frente de; do lado oposto a; em contraposição a** Desta noção primária de **fazer frente a; voltar-se para,** deve-se partir na apropriada compreensão do emprego desta forma, seja como pura preposição, seja como elemento integrante de termos compostos.

- Desta noção de **fazer frente a** advém, mui naturalmente, a idéia de **substituição; em lugar de,** a acepção costumeira em o Novo Testamento: t") xÓfiT) dvti TieptPoXaïou (I Co 11.15) - "o cabelo (está) em lugar de um manto". Ver Mc 10.45. Emx^piç ÁVTI xd - piTOç (Jo 1.16), insistem alguns estudiosos que dvTi'se deveria tomar no sentido de **sobre,** ou **em adição a** Isto dá, indubitavelmente, o sentido geral da passagem. Tradução igualmente sugestiva, porém, e possivelmente mais correta, é."graça em lugar de graça", isto é, à medida que recebemos uma graça e a usamos, outra lhe toma o lugar. Com as misericórdias do Senhor se renovam cada manhã, assim Seus atos de graça nos advêm em intérmina sucessão, cada uma tomando o lugar da predecessora.

- Como pura preposição, ocorre esta forma em o Novo Testamento vinte e duas vezes, sempre seguida de genitivo.

4. *ànó* - **fora de; para longe de.** Diz Moulton" que todas as acepções desta forma partem da noção de separação. E, seguida que é sempre do ablativo, usa-se regularmente através do Novo Testamento em moldes que acentuam essa noção básica.

- Uma vez aparece no caso nominativo: *ànb* ó üv xal ò ήv xal ô épxó|i£voç (Ap 1.4) - "da parte do que é, que era e que haverá de vir". Opinou Dionísio[100] que este "idiotismo" foi usado "para assinalar a imutabilidade de Deus". É perfeitamente claro que o autor sabia que *ànó* deveria ser seguida de ablativo (Ap 1.5). Provavelmente, a expressão se tomava como um todo indeclinável.

a. É de ocorrência assaz freqüente através do Novo Testamento,

'a expressar usualmente a idéia simples de separação: páX£ cnxò aou (Mt 5.29) - "lança (-o) de ti".

b. Pode, ocasionalmente, revestir-se de teor causativo:àixò TTJÇ xapaç (Lc 24.41) - "por causa da alegria" acharam os discípulos difícil crer na ressurreição de Jesus.

c. Pode expressar agência: <XTÒ 0£ov 7t£tpáÇonai (Tg 1.13) - "sou tentado da parte de Deus". Aqui, Deus é visto, não como o agente direto, mas, antes, como a fonte da "tentação".

d. Em certos casos, ocorre através do Novo Testamento como uma espécie de **hebraísmo traduáonal** após verbos de temor ou precaução: M-T) (pOpT)DT)T£ á-rcò TWV A7LOXT£ *i* vóVTTÜV TÒ AUSIIA (Lc 12.4) - "não vos arreceeis dos que matam o corpo".

- Freqüentemente, na Septuaginta, a preposição f£ ^ traduz por áu6 para expressar a idéia de temor ou precaução, mas, uma vez ao menos, nos papiros, em que se não pode invocar qualquer influência judaica, a mesma forma de expressão se encontra: pX£TC£ *o a*-TÒV dnò TCÜV 'IouôatcÜv (B. G. U. 1079, A. D. 41) - "guarda-te dos judeus". Estava o escritor a prevenir ao amigo contra os agiotas judaicos. Deissmann[101] acha que, seguramente, nenhum judeu teria escrito isso.

e. Certas frases em que entra esta preposição expressam simplesmente a idéia do **genitivo partitivo:** *i* xX£ Çá|i£voe *àn*' auxojv ÔÜJÔ£xa (Lc 6.13) - "tendo escolhido doze dentre eles".

5.61 d. A noção básica da raiz parece ser **dois (òúo**):Ôt a-**xóatou ,ôt -ôpax^a** ,X,T,X# Como preposição, assumiu dois sentidos distintos que se podem facilmente reconhecer nos dois casos com que se usa.

a. Com genitivo, a idéia primária é **através de.**

(1) Pode expressar **intervalo,** seja de tempo, seja de espaço. Em referência a tempo, não é tão comum, todavia, encontra-se: Ôt' 5XTK **vuxtóç** (Lc 5.5) - "através d(a) noite inteira". É assaz freqüente na segunda dessas acepções, expressando "passagem através do espaço":ôtà *xr\ç,* La^iapí'aç. (Jo 4.4) -."através da Samaria".

(2) Pode expressar **agência secundária** em contraste com **Cmó** e genitivo, que referem **agência primária** {mò **xupiíou** ôià tou rcpocp^TOU (Mt 1.22) -."pelo Senhor através

do profeta".

(3) Jungida a termos que designam objetos inanimados, ora expressa meios: Ôià Tiíaxeajc (Ef 2.8) - "por meio de fé"; ora expressa maneira: ôtà TtapapoXrJí; (Lc 8.4) - "pelo método parabólico".

b. Com acusativo, expressa a base ou razão para um ato, na acepção de **por causa de; em atenção a; em razão de.** Na expressão ôtà cpôóvov nap£ôumav aúxóv (Mt 27.18) - "em razão de inveja o haviam entregue", a preposição nos declara que inveja foi a razão por que os principais sacerdotes e os escribas entregaram Jesus a Pilatos.

- Pode também expressar o alvo ou propósito de um ato: TÕ adppaxov ôtòt xòv &vdpa/Jiov éy£vexo xal oòx ò #v$pumoç ôtà TÒ a<£p0axov (Mc 2.27), isto é, o propósito em estabelecer-se o sábado foi beneficiar ao homem, não que o homem devesse sen/ir ao sábado.

6. *i* M **- em; dentro de.** Originalmente, eram évee t ca mesma palavra e se podiam usar tanto com o locativo quanto com o acusativo; tCç é simplesmente forma ulterior, abreviada deé vç.

- Em o Novo Testamento, ẽv usa-se apenas com o locativo. A idéia primária é muito simples, **dentro de,** mas a preposição veio a tornar-se "pau para toda obra" e, destarte, pode ela servir a ampta variedade de acepções.

a. A noção mais simples é a idéia de lugar: év xÇ áyopã (Mt 20.3) - "na praça do mercado".

b. Mui comum é em frases ou locuções que assinalam tempo:ê v xT) éoxáxij f)M-£pa(Jo 6.44) - "no último dia".

- Nestas expressões temporais pode-se, com toda propriedade, omitir a preposição: xàytů ávaax-naiü avxôv êv xíj écrxáxi} f)|i^pa (Jo 6.54) - "e eu o ressuscitarei no último dia".

c. Associada a nomes no plural, pode ter o sentido de **entre:** i v xotẽ; £$veaiv (Gl 1.16) - "entre os gentios".

d. Quando se refere a um indivíduo único havido como espécime ou como ilustração singular, pode significar **no caso** de:év **áviot** (Gl 1.16) - "no meu caso".

e. Por vezes, pode expressar a idéia de **ocasião; na esfera de, equivalendo** aÜyvyev èv xcü \6yu) xoúxt$) (At 7.29) - "ante essa palavra, fugiu": a preposição assinala a ocasião da fuga de Moisés.

Em ἐν τῷ ἐυαγγελίῳ (Rm 1.9) - "no evangelho", marca a esfera do ministério de Paulo. Em Mc 4.8, ἐις ...ἐν ...ἱ ν, tem o sentido de **equivalente a**

f. Às vezes, pode expressar **circunstâncias acompanhantes: ἐν** ὀχλῳ πολλῷ μετὰ δυνάμεως (Lc 14.31) - "ir ao encontro (de um rei) acompanhado de dez mil (soldados)".

g. Parece também expressar a noção tipicamente dativa: ὁ ἀγαπητὸς ἐν Θεῷ πατρὶ ἡγιασμένοις (Jd 1) - "aos amados por (queridos a) Deus o Pai". Não nos deveria isto surpreender, à luz do variado uso de *ἱ* ν e do fato de que as inflexões do locativo e do dativo são as mesmas.

- No grego moderno, a maneira regular de expressar-se a idéia dativa é mediantes *ἰς* com o acusativo.

h. A idéia instrumental também não raro se expressa mediante ἀν: πολεμήσω ἐν τῇ ῥομφαίᾳ (Ap 2.16) - "pelejarei com a espada".

- A correta acepção de que se reveste esta preposição só se pode determinar com certeza à luz do contexto.

7. εἰς - **para dentro de.** Originalmente, usava-se esta preposição sem qualquer noção de movimento. Em o Novo Testamento se revestirá usualmente do sentido de **até o ponto de; e dentro** e se usa com verbos que indicam movimento: ἐλθόντες εἰς τὴν οἰκίαν (Mt 2.11) - "tendo vindo para dentro de casa".

a. Uns poucos exemplos há em que não parece diferir em sentido de ἐν: ἀπέστειλεν εἰς τὸν ἀγρὸν (Mc 13.16); ὁ ἐν τῷ> ἀγρῷ (Mt 24.18). Essas expressões aparecem em passagens paralelas e parecem ter sentido idêntico: "no campo".

b. Em frases temporais, ou assinala o limite ou acentua a duração de tempo: φυλάξαι εἰς ἐκείνην τὴν ἡμέραν (II Tm 1.12) - "guardar até o ponto daquele dia".

- Em expressões como εἰς, τὸν αἰῶνα (Mt 21.19) - "para com o tempo", a preposição realmente não aduz muito à própria noção do acusativo, que de si mesmo expressa a idéia de duração.

c. Esta preposição, com acusativo, pode também expressar a noção típica do dativo: κηρύσσων ... ἐις τὰ ἔθνη) (Rm 15.16) - "ministro... aos gentios".

d. Vezes há em que o direto contexto deixa claro que implica em

alvo ou **propósito:** TOÜT **o** TIOL£L T£ £T'C éurjv áva'uv7> aiv (I Co 11.24) -."fazei isto para lembrar-me (em lembrança de mim)".

e. Outro uso há, conhecido como predicativo, em que é a preposição seguida do acusativo, quando a construção usual teria sido com o nominativo: *gaeo&é y.oi* e i'ç *víovç,* xal duyatépaç (II Co 6.18, citação da Septuaginta) - ."ser-me-eis filhos e filhas". Embora corrente e apropriada fraseologia do grego coiné, em o Novo Testamento deve-se, geralmente, a citação da Septuaginta em que e t'c representa simplesmente a forma por que se traduziu a preposição hebraica

8. *í* H**(£ £) - fora de; de dentro de.** Em o Novo Testamento, é esta preposição usada somente com o ablativo. Os escritos de João (Evangelho, Epístolas e Apocalipse) usam-na com freqüência muito maior do que quaisquer outros dos livros do Novo Testamento.

a. Em expressões que se referem a lugar, a esfera de que algo procede: (PIOVI*) £ x TWV OÚPAVTÕV (Mt 3.17) - "uma voz vinda dos céus". Este é, em muito, o uso mais comum em o Novo Testamento.

b. Em expressões que se referem a tempo, expressa o ponto de partida, o momento em que se inicia o fato: É X V£<5TT)TOÇ (MC 10.20) - ."desde a mocidade". Outras frases adverbiais, de sentido metafórico, têm origem semelhante: *éZ,* áváyxTK (II Co 9.7) - "de necessidade".

c. Pode acentuar a idéia de separação: *è\Ev$£.poç èx* návTwv (I Co 9.19) - "livre de todos".

d. Pode expressar a idéia de origem ou fonte: o'vx e *i* \x't £ x tou x*6o*(iov (Jo 17.14) - "não sou do mundo".

e. Pode expressar causa ou ocasião: £|iacrûiVTo £'x to'u Tióvou (Ap 16.10) - "mordiam (a língua) de dor".

f. Pode expressar a idéia partitiva: . T*IÇ êx* TÜV dp - X<5VTÜ)V' £iua i£ixj£v;(Jo 7.48) - "Creu qualquer dentre as autoridades?" João mostra especial gosto por esta forma de linguagem.

9. £7it - **sobre.** Difere esta preposição deim£p - **acima,** em que implica um estado atual de **repousar sobre.** A própria simplicidade da idéia propicia vasta gama de usos. Ocorre com, pelo menos, três dos casos: acusativo, quatrocentas e sessenta e quatro vezes; genitivo, duzentas e dezesseis vezes; locativo, cento e setenta e seis vezes (alguns destes se tomam como dativos).

a. Com o acusativo, significa **sobre.** Com associar-se esta acep-

'ção com a idéia de **extensão** ou **movimento para com** no próprio caso, obtém-se a idéia resultante: n ἐπάτησε *èni* xdttôaxa (Mt 14.29) - "andou por sobre as águas"; a xóx*OÇ* *i yé.* v£xo *í%* Ttaa a v x•?)v *yr* v (Mt 27.45) - "houve trevas sobre a terra inteira".

- Outros usos há que brotam deste uso primário:

(1) O uso metafórico:<p6Poç ἐTC^NEAEV £TT'aὐxóv(Lc 1.12) - "temor caiu sobre ele". A idéia local suscita facilmente a metafórica.

(2) A idéia de até; **tão longe quanto,** pode surgir do contexto: £p-xovxat £7iὶ TÒ uvnjia (Mc 16.2) - (as mulheres) "vieram até o túmulo", não **sobre** ele. Cf. Jo 6.16; At 8.36.

(3) A idéia de alvo ou propósito se pode também expressar: ἔp-xojiívouç *in* x"ò paTix to [ia (Mt 3.7), os fariseus e os saduceus vinham para ser batizados.

(4) Pode servir à expressão de emoções pessoais em se tratando de verbos que descrevem processo mental: xoὐç TIta - X£Úouatv £7TὶT xòv £-y£ἰpavxa 'la-croὺv ... £x v£xptὸv(Rm 4.24) - "àqueles que haverão de crer naquele que ressuscitou a Jesus ... dos mortos"; *è*X - nἴaax£ *ini* xrὶjv <p£po^^vr)v fyiZv xdpiv áv ánoxaX&i>£i 'irjaoὺ Xptaxoí (IPe 1.13) - "esperai na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo"; anAayxviTCofiai *éni*ʽ xòv òxXov (Mt 15.32) - "tendo compaixão da multidão".

(5) Pode servir à expressão de hostilidade, em se tratando de relações pessoais: <l)ç éiti X^axrὶjv éE,ἰrjXdax£ ; (Mt 26.55) - "Saístes como contra um assaltante?" Ver Mc 3.24, 26.

(6) Em expressões de tempo, pode simplesmente corresponder ao sentido geral do acusativo: £TIL £XT) xpía (LC 4.26) - "por três anos".

- Ao interpretar-se esta preposição quando associada ao acusativo, deve-se começar com as idéias básicas da raiz da preposição e do caso; então, perscrutar qual é a idéia total, à luz do contexto.

b. Com genitivo, abrange vasta gama de usos. O sentido simples, **sobre,** interpretará a maioria dos exemplos: *i*TIT XXIVNÇ (Mt 9.2) - "sobre um leito".

- Os usos seguintes defluem desta acepção fundamental:

(1) Elipse do pensamento: èNT TOÜ pátou (Mc 12.26) - "na passagem referente à sarça".

(2) A noção de **na vizinhança de**: énl xríç %a\âiccoc, (Jo 21.1) - "nas cercanias do mar".

- Em Mt 21.19,£TCÍ TT)<; óôoü : o sentido é que a figueira estava **perto do** caminho, não **sobre** ele, ou **nele.**

(3) Em se tratando de pessoas, freqüentemente significa **na presença de,** ou **diante de**: ércl rjfendvojv (Mc 13.9) - "diante de governadores". Cuidado requer esta forma de expressão, pois que vezes há em que tem a acepção de **no tempo de:** £Til *K*\ auòCou (At 11.25) - "durante o reinado de Cláudio". Ver Lc 3.2; 4.27; Mc 2.26).

(4) A idéia de **base:** én' à\T)$e f*aç* (Lc 4.25) - "na base da verdade".

(5) Um uso metafórico, em que assume a preposição o sentido de **sobre,** com a noção de domínio, governo, poder, decorre bastante naturalmente do significado básico, natural: ó ÍJV *Í7i* t ixávTOüv (Rm 9.5) - "aquele que está (rege, governa, domina) sobre todas as coisas".

c. Com o locativo, a idéia expressa é mais simples, embora haja, ainda, larga variedade de usos:

(1) A idéia puramente local: *én*\ Tufvaxt (Mt 14.8) - "em um prato".

(2) A idéia de contigüidade: £7i! $úpcu<;(Mt 24.33) - "junto às portas".

(3) Nas expressões de tempo, é usada com real parcimônia: ÈTÙ ouvieXeí'a TCJV AIÙJVCÜV (Hb 9.26) - "no final dos tempos".

(4) A idéia de causa ou ocasião: écp 'Ç> Tiávteç f)}iapTOv (Rm 5.12) -."por isso que todos hão pecado".

(5) A idéia de alvo ou propósito parece ocorrer: £Til £p*y*otç *&ya§o* üç (Ef 2.10) - ."para o propósito de boas obras".

d. Parece haver uns poucos exemplos em que se usa o dativo. Robertson[102] cita ÔTÀ TTJV ÚTteppáWouaav x^Pt^v tou ©eou écp' ûjí t v (II Co 9.14) - "por causa da sobremaneira excelente graça de Deus para convosco", a seu ver "um caso evidente". Isto parece

'corresponder bem ao sentido, mas a idéia dativa provém do contexto, afinal.

10. Kaxá - A idéia básica da raiz parece ser **debaixo.** Em o Novo Testamento é esta preposição usada com três dos casos: acusativo, genitivo e ablativo.

a. Com o acusativo, significa, normativamente, **para baixo,** descida ao longo de, como se vê em Lc 10.4. Desta idéia local simples, diversas acepções metafóricas se têm derivado.:

(1) Uma das mais comuns é a idéia de **negra, padrão,** ou **norma de medida** xaxà xò *tvâyyíKiòv* ^ov(Rm 16.25) - "segundo o meu evangelho". Cf. xaxà xòv VÓIJLOV (Lc 2.22) - "segundo a Lei"; xai à cpúaiv(Rm 11.21) - "segundo a natureza"; xax d xdp iv (Rm 4.4) - ."segundo a graça"; xaxà. o<pe CXrpa (Rm 4.4) - "segundo dívida".

(2) A idéia distributiva: xax' £x o<; (Lc 2.41) - "de ano para ano"; "anualmente"; xaxà xàç a *vvaywyác,* (At 22.19) - "de sinagoga em sinagoga".

- Alguns exegetas consideram xaxá com o acusativo, no grego do período final, como simples circunlóquio em lugar do genitivo. Mas, em frases tais comox^v xad * fyiãç iuax tv (Ef 1.15), a idéia é "fé igual à vossa". É um pouco mais forte do que o seria o puro genitivo.

b. Com o genitivo, significa: **embaixo,** sotoposição: f] xaxà pá^ouç nxíjJXÊ La (II Co 8.2) - ."a pobreza em profundidade".

- Desta acepção geral, três sentidos resultantes advieram:

(1) A idéia de **contra:** vu^icpr)v xaxà 7i£v$epac; (Mt-10.35) - "nora contra sogra". A noção de hostilidade brota do contexto.

(2) A idéia de **através de:** xad'8XT)<; XTJÇ neptxwpou (Lc 4.14) - "airavés de toda a região circunvizinha". Esta forma de expressão ocorre somente nos escritos lucanos, e em todas as ocorrências presente está sempre o adjetivoôXoç .

(3) Com verbos de juramento, assume o sentido de **por** *í* £op - xiTÇw ae xaxà xou ©£oí (Mt 26.63) - "conjuro-te' por Deus".

- Em I Co 15.15, é^apxupiiaa^iEv xaxà xou Beoué de alguns julgado como a significar "temos testificado por Deus", por outros, porém, como "temos testificado contra Deus". O imediato contexto,

'entretanto, sugere a segunda dessas traduções: como testemunhas falsas contra Deus, "temos testificado contra Ele".

c. Com o ablativo, significa: **abaixo, descida de.** A idéia básica da preposição e a noção própria do caso se combinam para produzir este sentido.

- Em At27.14, £PA\E v XQLT 'atai)*; #v£*iO<; Tucpwvt-KÓQ, ondeaufoç se refere a Creta, expressa ela a idéia de que este vento tempestuoso se lançou contra o navio da direção da ilha. Cf Mc 5.13, onde a vara de suínos se precipita "do penhasco abaixo", ao mar, não. "ao longo" dele.

11. \/eTá . A idéia básica deve ser **entre; em meio a; de permeio a** Provém de ^aoç. Usa-se com os casos acusativo e genitivo.

a. Com acusativo, tem, em o Novo Testamento, sempre a noção resultante de **após; depois de,** exceção feita de uma ocorrência: H£Tà to` ôeúxepov xatairéTaafia (Hb 9.3) - "além do segundo véu". Neste caso, a idéia é que, havendo passado através do meio do véu, estava-se agora **além** dele. Nas demais ocorrências todas, a noção é de tempo, não de espaço, como aqui.

- Parece que este sentido resultou da noção de que, havendo passado através de uma série de eventos, poderia agora o indivíduo olhar para trás e vê-los como pretéritos. Isto deu origem à acepção de **após:** µ£T& *òvo* fjiiépaç (Mt 26.2) -"após dois dias".

b. Com genitivo, a noção usual é **com.**

(1) A noção mais freqüente é a de companhia: oí>x àxoXou - $£ t n£$*i*)uoiv (Lc 9.49) - "ele não segue conosco".

(2) A idéia de associação pode mui naturalmente brotar da noção de companhia: \izià návtujv ávSpúmwv £Í - **pT**)v£ ÜOVT£<; (Rm 12.18) - ."estando em paz com todos os homens".

(3) A noção de associação pode facilmente dar margem à de seqüela ou partidarismo: ô fit) ûv ^£T'é|iot; (Mt 12.30) - "o que não está comigo".

(4) Interlocução com outra pessoa expressa-se com muita propriedade mediante esta preposição: IÍ£T& yuvat **x<5ç** £XáXe t (Jo 4.27) - "estava ele a conversar com mulher".

(5) Em certas expressões a acepção instrumental parece implicitada: ^£T& £IU#£A£U)<; TWV X£«-P£IV 0 TM 4-14)

- "com imposição das mãos".

(6) Bastante comum é o uso em expressões metafóricas: μετὰ anouÔT)ç (Mc 6.25) - "com pressa"; ôaxpúwv (Hb 12.17) - "com lágrimas", em que, praticamente, a idéia se pode representar por advérbio: "apressadamente",."lacrimosamente".

12.7tapà .A noção básica é **ao lado de; ao longo de.** Comparar o termo **paralelo.** Usa-se esta preposição com três dos casos: locativo, ablativo e acusativo.

a. Com o locativo, emprega-se, geralmente, com nomes pessoais: :,7iapà E Cnu)vt(At 10.6) — "na casa de Simão".

- Apenas uma vez, aparece associada a nome de coisa: íaTi1 - MEtaav rcapá . ataupuj (Jo 19.25) - "elas se haviam postado junto à cruz", referência a Maria, mãe de Jesus, e demais mulheres que se haviam acercado do madeiro da crucificação.

b. Com o ablativo, ocorre somente com designativos de pessoa: Tiap*h.* tou aTp6ç[103] (Jo 16.27) - "da parte do Pai".

(1) A noção de autoria não lhe é estranha: f) uap *i\iou õ I adrj HT) (Rm 11.27) - "a aliança da minha parte".

(2) A noção de agente por vezes se expressa por esta preposição a complementar o verbo na voz passiva: d-Jieax aX^if - voç Ttapà 0eou (Jo 1.6) - "enviado de Deus". Nesta cláusula acentua-se, particularmente, a fonte ou origem da ação.

- Nos papiros, **of** nap ' aÚTOÜ é muito comum na acepção de os agentes ou representantes de alguém[104]. Ver Mc 3.21, onde a frase se refere provavelmente aos discípulos.

(3) A idéia da propriedade ou recursos que assistem a alguém se pode também expressar mediante esta preposição:xà nap ' aÚTtÜv (Lc 10.7) - "as coisas que lhe pertencem". Poderia significar: "as coisas que eles provêm".

c. Com o acusativo, emprega-se tanto com verbos estáticos em sentido, quanto com verbos que expressam movimento. O incrudescimento do uso do acusativo explica a substituição do locativo com *verbos não* de movimento por este caso. **A** acepção é **ao longo de:** T)\§£ v Ttapa ti] v dáXaacav (Mt 15.29) ~ "veio ao longo do mar".

(1) A complementar inflexões comparativas, pode ter a acepção

de **além de; acima de; aexcelera** òta^opúTCpov rcap * aúxouç(Hb 1.4) - "mais excelente do que eles".

(2) A noção de comparação pode facilmente passar à de oposição: éxátpeuaav Trj XTÍAET rcapà TÒV XTL-faavxa (Rm 1.25), onde a idéia é que o mundo gentílico adorou a criatura "antes que" o Criador. Visualizando-os, lado a lado,. "passaram para trás" o Criador e renderam culto à criatura. O passo imediato foi hostilidade ao Criador. Ver Rm 8.7.

- Interessante emprego dexaxà e Ttapà se vê em II Co 8.3, onde Paulo diz que atingiram os coríntios a plena medida de seu poder, xaxà ôúvauiv.e foram além, napà ôúva^itv , em sua contribuição voluntária.

13. "Kep *C*. O sentido básico é **em redor de; por todos os lados.** Através do Novo Testamento, usa-se com dois dos casos, possivelmente três: genitivo, ablativo (?) e acusativo.

a. O genitivo é, sem comparação, o mais freqüente desses usos, ocorrendo cerca de trezentas vezes. Ver I Jo 2.2, onde aparece três vezes. O sentido é **a respeito de** ou **acerca de:** ncpt &v éypá^axe (I Co 7.1) - "acerca do que escrevestes".

b. O acusativo ocorre trinta e oito vezes. A idéia primária é **ao redor de.**

- Usa-se com referência a lugar: a xá<|>tü itepi aírr^v (Lc 13.8) - "cavarei em tomo dela"; em relação a tempo: nepi Tpúnv &oav (Mt 20.3) - "por volta da hora terceira"; com respeito a pessoas: TIepiaaxpá^at ...UEPL áfié"(At 22.6) - "resplandecer... em torno de mim".

c. O ablativo é muito raro e paira certa dúvida quanto a existir-lhe real ocorrência em o Novo Testamento. Em Rm 8.3, fiepl d^iap - i Caç - "em referência ao pecado", pode significar: "para a remoção do pecado".

- Em certas passagens,mepí e bnép parecem ter essencialmente o mesmo sentido: ôeiíae T Ttepl TIDVROJV TUJV ÁYLO)V, xal ímèp éjiou (Ef 6.18, 19) - "em oração por todos os santos e por mim". "O ablativo com, £m£p torna mais provável este uso ablativo de nepi"[105].

14,7tp<5 . O sentido original é **frente a; antes de.** Usa-se em o

Novo Testamento apenas com o ablativo. Deve-se isto, sem dúvida, à idéia de comparação contida na palavra. Ocorre quarenta e oito vezes.

a. Pode expressar a idéia de lugarT^pò xw̃v ^upujv (Tg 5.9) - "diante das portas". Deste uso apenas quatro exemplos se encontram através do Novo Testamento: At 12.6, 14; 14.13.

b. Pode expressar tempo:Ttpb TOŨ xaxaxAvaiiOu̇̃ (Mt 24.38) - "antes do dilúvio". Este é, sem comparação, o uso mais comum. Ocorre com o infinitivo em cláusula temporal, na acepção de **antes,** nove vezes.

c. Pode também exprimir noção de superioridade ou primado em importância:TTPÒ *nd* VTIÚV (Tg 5.12) - "antes de tudo".

15. npóç . O sentido básico, segundo Delbrück, é: **perto; próximo a** Brugmann inclina-se a **para com.** Esta preposição, através do Novo Testamento, confina-se praticamente a dois casos: acusativo e locativo.

- Há um exemplo (At 27.34) em que se pode tomar como associada tanto com o genitivo como com o ablativo: TOŨTO yccp Ttpòç TT̃Ç {^ex^pac; au)TT)pía<; (mápx£i. Se OTAIT)píac é ablativo, a frase significa:."pois isto é do ponto de vista de vossa salvação"; se genitivo, a preposição teria o sentido de: "no lado de".

a. Há mais de seiscentas ocorrências desta preposição com o acusativo.

(1) Com verbos de movimento, é mui freqüentemente usada na acepção de **para** com:£pxovTai Ttpòç "tyiaç̃ (Mt 7.15) - "vêm ter convosco"; "vêm a vós".

(2) Com verbos elocucionais, \a\éw , X£yiú ,x »T,X, usa-se freqüentemente para expressar relação ou conversa íntima: i^rfjXouv npòç áXXTiXouç (Lc 24.14) - "estavam conversando entre si". Ver Lc 24.17; Mc 14.49.

(3) Com verbos estáticos, comumente significa **face a face:** *i* v-ÔT)iir}Gat Tipòç xòv xúpiov (II Co 5.8), onde se refere a colóquio face-a-face com o Senhor, a que Paulo antecipa. Cf. ò Xóyoç T̃)v itpòç TÒV ©£<5v *(Jo* 1.1) - "o Verbo estava face-a-face com Deus".

(4) Usa-se, ocasionalmente, em expressões temporais: npòç xai p<5v (Lc 8.13) - ."por um tempo". A idéia de extensão é o ponto proeminente aqui.

(5) Nos usos metafóricos, a noção de **disposição para com uma**

pessoa é freqüentemente expressa mediante esta preposição. Pode ser de teor amistoso: ^íaxpo$Ufiette npòç 7iávTaç (I Ts 5.14) - "sede longânimos para com todos"; pode ser de teor hostil:èv . . . ÔVTCÇ rcpòç aòtoúç[106] ([Lc] 23.12) - "estando em inimizade um para com o outro". Em Ef 6.12, Kp*6*ç aparece cinco vezes na acepção de **contra** Paulo está a falar da luta do cristão contra o mal espiritual. Decidirá o próprio contexto o sentido em casos que tais.

(6) Por vezes, expressa essencialmente a idéia dativa. Ver Lc 3.14, onde alguns manuscritos exibem eZ-jtev aitoíS, outros eiTce v 7tpò<; *abicvç,.* Este uso se acha especialmente com verbos elocucionais.

(7) Complementando a adjetivos, pode expressar a noção de propriedade: *àyaübç,* Tipòç oíxoôo^v (Ef 4.29) - "boa (apropriada) para edificação".

(8) Serve também esta preposição à expressão comparativa: oüx "- Tà Tta-ShVaTa xou vüv xaipou ixpòç xrjv ^éXXouaav ôó£av àjioxaXixpdT)vai([Rm] 8.18) - "os sofrimentos deste presente período não merecem comparados à gloria que está para ser revelada".

(9) A idéia de propósito se pode expressar pornpóçcom o infinitivo:npòç TÒ eaT}vai aúxotç(Mt 6.1) - "a fim de ser vistos por eles".

- Ver Mt 19.8, ondeitpòç TT)V axXrçpoxapôíav parece exprimir resultado: "Moisés, em conseqüência da dureza de vosso coração permitiu o divórcio".

- Esta variedade de usos pode parecer até estonteante, mas, se o intérprete partir da idéia primária da preposição e da noção básica do caso, o próprio contexto deveria assisti-lo á correto entendimento da fraseologia.

b. Com o locativo, ocorre sete vezes em o Novo Testamento. Estas ocorrências se referem todas a lugar. Quatro se encontram nos escritos joaninos. Ver Jo 20.12: â'va Ttpòç ***TT)*** xecpaXrj xaî £va Tipòç TOÏç Tiocriv -."um junto à cabeça e um aos pés". Ver, também, Mc 5.11; Jo 20.11.

- Apenas em um destes sete casos está a preposição associada

a verbo de movimento: £yyíÇovteç (Lc 19,37),

- O sentido normal nestas passagens todas é **perto; junto a; frente a**

16. aúv - **juntamente com** Emprega-se somente com o caso associativo-instrumental e a noção básica de associação está sempre presente. Mesmo onde a idéia é **assistência,** procede ela naturalmente da noção de associação.

- Duas vezes aparece associada a &^a: I Ts 4.17; 5.10. É esta dupla real redundância e evidencia já o princípio da capitulação de aúv ante&jia.

- No grego moderno, veio a úva ser completamente suplantada por^iexá (n£)e&^a.

17. uii€p é, em origem, similar ao **super** latino ou ao inglês **over** ou **upper.** É a forma comparativa de {>716- Aparece em o Novo Testamento com os casos acusativo e ablativo.

a. Com o acusativo, tem o sentido geral de **além:** ímèp òv va - µtv **(II** Co **1.8)** - "além da capacidade"; ou **mais do que: ó** cptXüiv Tiatfpa fí ^iT)T£pa ímèp (Mt 10.37) - "aquele que ama a pai ou mãe mais do que a mim".

- Em uso metafórico se pode revestir do sentido de **superior a** *ovx &o* Tiv |IA^T)I^ç ímÈp xòv ÒT *ôáo xaX* ov (Mt 10.24) - ."não é o aluno superior ao professor".

- Do contexto se distinguirão os variados matizes de sentido que pode esta preposição assumir.

b. Com o ablativo, exibe farta gama de acepções e usos. Com este caso, contam-se cento e vinte e seis ocorrências, enquanto com o acusativo apenas dezenove se registram.

(1) O uso mais comum é o em que expressa a noção geral de **em favor de; em proveito de; em benefício de..** "Resulta esta acepção facilmente da idéia básica de **sobre** no sentido de proteção ou defesa"[107]. Quanto ao impacto desta acepção sobre a doutrina da expiação substitucionária, dever-se-ia dizer que é a natureza do ato referido, antes que o sentido da preposição, que determina se o ato foi substitucional ou não. A. T. Robertson[108] salienta que na ALCESTE de Eurípides sete vezes usou ele a preposição ím£p para expressar a morte substitutiva de Alceste em lugar do esposo. A noção

substitucional é assaz evidente na frase *tl ç {mtp náv-*xwv (II Co 5.15) - "um em favor de todos". A morte de Jesus se deveu ao fato de que todos tinham morrido em pecado; morreu Ele para impedir sofressem a segunda morte. O uso de á vx Ł XUT p o v {m t p nd vxu)v dever-se-ia observar em I Tm 2.6. Não menos o emprego de &vt t em Mc 10.45 e Mt 20.28. Ver àvx t.

(2) A noção resultante **por causa de; em proveito de; para benefício de,** é, também, bastante freqüente: ÛTièp TT]<; 66-£t)ç t o v ©Eoü (Jo 11.4) - "em proveito da glória de Deus". Ver Rm 15.8.

(3) Também serve à noção mais geral correspondente a **acerca de** ou **a respeito de:** £raèp ínitÕv **(II** Co 7.14) - "a vosso respeito"; "acerca de vós".

c. Uma vez, emprega-se como puro advérbio: ímèp *í* yu> (II Co 11.23) - ."eu, mais". Este uso ocorre também em Homero, onde se chama de **tmese**[109]**.** É simplesmente o uso original, não evoluído ainda.

18. ůnó . O sentido original parece ter sido **para cima** ou **de debaixo.** Mais tarde, prevaleceu a acepção de **embaixo, sob.** Em o Novo Testamento aparece associada aos casos acusativo e ablativo.

a. Com acusativo, usa-se tanto com verbos de movimento como com verbos estatívos ou não de movimento. A acepção assumida é simplesmente sob: Svxa ímò *i*T)V auxr)v (JO 1.48) - "estando de-, baixo da figueira"; *11 ^ ao* c v aúxóv ímò TÒV n ó ô i o v (Mt 5.15) - "colocam-na debaixo do módio".

- Um exemplo único se encontra desta preposição em cláusula temporal: ímò xòv 6p$ov (At 5.21) - onde significa: "por volta da aurora"; "ao raiar da aurora".

b. Com ablativo, usa-se mui freqüentemente com a voz passiva para expressar o agente direto: é p a i i T f £ o v x o 'a ů t o ü (Mt 3.6) - "estavam sendo batizados por ele".

- O agente secundário refere-se, geralmente, mediante o t á com genitivo.

- Convém ter-se em mente que as preposições a7ió,áx e *na-*pá se podem empregar com o ablativo para expressar esse agente quando a FONTE da ação antes que seu EXECUTOR é o a que se dá ênfase.

PREPOSIÇÕES INTEGRANTES DE PALAVRAS COMPOSTAS[110]

1.á|i(pL, de que a acepção primária, **de ambos os lados*** se vê nos seguintes compostos verbais:dficpi páXXto (Mc 1.16) -."lanço de ambos os lados";áncpi^vvuut (Mt 6.30; 11.8; Lc 7.25) - "visto-me"; "coloco a roupa" (a forma ulterior deste verbo, d^<p i dÇoj, ocorre em Lc 12.28; os manuscritos D L T têm a forma áficp i .

- Os compostos nominais têm sentido paralelo: dfi<p T PXTJO-Tpov (Mt 4.18) - "uma rede para atirar-se de ambos os lados" de um barco;á|i(pí7ioX t c (At 17.1) - "uma cidade em ambas as margens" do rio;#n<poôov (Mc 11.4; At 19.28) - "um caminho em volta (?)".

- O adjetivo d^ICPÓT£PO<;- **ambos** - aparece quatorze vezes em o Novo Testamento: Lc 6.39.

- Não há, através do Novo Testamento, outros compostos de áncpL-

2. d v á - **para cima; acima** Aparece esta preposição em cerca de setenta compostos verbais em o Novo Testamento. Nestes compostos assume a preposição várias acepções distintas.

a O sentido locacional, **para cima** ocorre em treze desses compostos: á v a p a L VA) (Mt 20.17) - **subo; vou para cima**

b. O sentido de **outra vez; de volta; para trás,** ocorre em vinte e seis desses compostos:áva£áw **(Rm** 7.9) - **viver de novo; reviver,** á v a y o j p ^ u (Jo 6.15) - **retirar-se; ir-se para trás.**

c. O sentido implícito no prefixo **des (un** do inglês):- d v a x a X x r r ç TU**) (ll** Co 3.14) - **descubro; revelo.** Destes compostos o número é assaz reduzido. Comparar d v a x O t t x o j (Lc 21.28) - **desencurvo; ponho-me a prumoiá** v a a x e u á C w (At 15.24) - **desequipo; desmobilio; ponho em desordem.**

d. Em certos verbos, tem mais de um sentido: **d** v a n ^ T U j (At 25.21; Lc 23.7) - **envio acima** ou **envio de voltadvapX^Ttw** (Mc 6.41; 10.51) **- olho para cima** ou **readquiro a visão; tomo a ver.** Alguns compostos há em que há certa ambigüidade de sentido: d v é x o | i a t (I Co 4.12; Ef 4.2) pode significar; **mantenho-me acima (agüentar),** ou **contenho-me (refrear).**

e. Vultoso número destes verbos compostos se revestem de teor perfectivo: d v a ò e i x v u | i t (At 1.24) - **mostro; evidencio**;àvaô£xo **-** [i a i (At 28.7) - **acolher, assumir** uma relação afetuosa.

- A cifra de substantivos compostos é de cerca de três dezenas. Estes substantivos são análogos em sentido aos verbos paralelos.

3. dvxí - **contrário; oposto.** Vinte verbos há compostos com d vx C.

a. Em dez desses verbos preserva a preposição o sentido de **contra; em contrário; oposto:** av*taywvlíopat (Hb 12.4) - "luto contra". Em nf) àvTicjTT)vai xu> nov^pi*) (Mt 5.39) - "não resistir ao mau" - expressa a idéia de hostilidade.

- Composto revestido de interesse é dvx i -nap -£pxo(jtai (Lc 10.31,32) - **passo peio lado oposto; passo pelo outro lado.** Há três outros compostos duplos em que prevalece esta noção de oposição: dvx -a.7to-xp Lvo^ai(Rm 9.20) - **respondo, contraditando; replico, em contradizendo;** dvx t —ôi a—Tf^ .. at (II Tm 2.25) - **coloco-me em oposição;** á vx i - x a d'στημι (Hb 12.4) - **posto-me contra; resisto.** Estes compostos duplos retêm, ao lado do sentido básico do verbo, também a acepção especial de ambas as preposições integrantes.

b. Pode também expressar ação recíproca: dvx t\o t ôopfu) (I Pe 2.23) - **vilipendio em retribuição; revido o ultraje.**

- Dois compostos duplos há, que expressam a idéia de reciprocidade: dvx -ava-7iXnDÓtü (Cl 1.24) - **preencho, por minha vez; cumpro, de minha parte;** dvx-ano-Ôt' *8u\i iQ-c* 14.14) - **dou em recompensa; recompenso, por minha vez.** Estes exemplos ilustram como se preserva a acepção básica de ambas essas preposições.

c. A noção locativa sobrevive em alguns verbos: à\)%£xo\iai (Mt 6.24) - **apego-me; arrimo-me sobre outrem.**

- O composto-dvxtXafipdvo^iat (At 20.35) significa: **agarro (seguro) enquanto a olhar diretamente a outrem; assisto; ajudo.** O composto duplo a uv-avx i-\an(3<ívoíiat(Rm 8.26) tem a noção adicional de cooperação, devida ao componente a ú v.

- Há cerca de uma dúzia de nomes compostos. Em geral, estes componentes preposicionais todos afetam o sentido final dos substantivos como o fazem em relação aos verbos.

4. dixó — **fora de; à parte de; longe de**[111]**.** Todos os usos desta palavra partem da noção de separação. Há cerca de noventa verbos compostos com esta preposição em o Novo Testamento.

a. Acepção locativa:dnóxotj;ov aÙxVjvíMc 9.43) - **corta**-a

fora. Há umas quarenta ocorrências desta modalidade.

- Alguns destes casos tangem a noção perfectiva: inoâT)oau-ptĈuí **(I** Tm **6.19) - entesouro; guardo em depósito; armazeno.** Cf. dnáyyoiiai (Mt 27.5) - **sufoco-me; enforco-me.**

- A acepção simples **fora de; à parte de; longe de** produz diferentes matizes ou coloridos nocionais, segundo o sentido básico da raiz verbal. Por vezes, o ponto de partida é o sujeito, por vezes, o objeto: dnay-y£\\w (At 12.17) - **trago novas; anuncio,** parte do mensageiro: duo-òíxo|iai (At 2.41) **- acolho; recebo; admito,** parte do recipiente.

- O composto duplo dnoa vváywyoc; (Jo 9.22) parece emprestar força loca! a dnó .

b. Acepção perfectiva. Embora algo já se haja dito neste sentido no item precedente, uma palavra mais se faz necessária. Trinta e quatro verbos compostos há que se revestem de acepção distintamente perfectiva: dnapviolai (Mt 16.24) - **renuncio; nego inteiramente.** Às vezes, a preposição percfectivante produz força transitiva quando o verbo simples é de teor intransitivo: **ácptxjTepéiü** (Tg 5.4) - **retenho; restrinjo,** de ÚGTEpéü) - **atraso-me; chego tarde.**

- O teor perfectivo se vê nos compostos duplos dncxÓéxo-fiau (I Pe 3.20) - **aguardo assiduamente,** de áxô^xojaat - **aguardo; espero;** e diccxôâofiau (Cl 2.15) - **despojo-me completamente de mim mesmo,** ou **despojo** a outrem. O substantivo cognato, dnáxôu-ate (Cl 2.11), significa **desnudamento completo; o despir-se de todo de toda roupa**

c. A idéia de **para trás; de volta** se encontra em oito compostos. Perceptível evolução do sentido locativo produz ånoótÔwjit (Mt 16.27) - **devolvo; dou de volta o que pertence a outrem,** transação contemplada do ponto de vista de quem recebe, não de quem dá Poderia o verbo significar **dou** de **mão; abro mão de,** mas o uso conduziu a evolução semântica ao longo da outra linha de acepção.

- O substantivo dnduyaa^a (Hb 1.3), de dnavydÇw, poderia significar "um raio de luz projetado de volta como uma reflexão", ou "um raio de luz projetado de um objeto como uma emissão de luz". O problema com que se debate o intérprete é, portanto: está o autor a dizer que Jesus é a "efulgência" da glória de Deus, ou Sua "refulgênfcia?" Somente à base do uso do termo será possível decidir-se este poüito. Fílon se inclina ora para um, ora para outro desses sentidos. Calvino preferiu a

acepção de "refulgência". Os Patrísticos Gregos são unânimes na preferência pela forma "efulgência" ou "irradiação" nesta passagem.

- Três compostos duplos há em que a noção de **de volta** ou **para trás** se estadeia evidente: d7iOxa$ÍGTT)m. (At 1.6) - "restauro a sua primitiva condição", o termo *ànoxatâozaoi* ç (At 3.2) a traduzir-se como **restauração;** *ânoxazaWáoou* (Cl 1.20, 22; Ef 2.16) - "mudo de volta a um estado anterior de harmonia". Este composto é possivelmente perfectivo de sentido. Se assim, significará: "reconcilio completamente".

d. Outra classe há de verbos em que a preposição produz exata reversão do sentido puro do componente verbal. Contam-se sete destes verbos: àiiaXY^co (Ef 4.19) - **tenho a dor fora,** isto é, **passei além da dor tornei-me insensível;** ditcXTitĈu) (Lc 6.35) - **cesso de esperar, desespero-me; d7toÔoXL^áÇoj**(Mt 21.42) - **desaprovo; rejeito;ditoxa-**XtínTUi (Rm 1.17) - **retiro a cobertura; desvelo;** dTcoaTeyáCuj (Mc 2.4) - **removo o eirado; retiro o forro ou cobertura;** *ánotp* op *i CZ*>ou a i (At 21.3) - **descarrego-me; tiro a carga de sobre mim;** d t t o t^ú x^ (Lc 21.26) - **cesso de respirar, expiro.**

- Dezessete substantivos há compostos com esta preposição. Em geral, têm eles sentido análogo ao dos verbos correspondentes.

5. 6 t d - **através de,** da raiz ô£o - **dois.** Moulton[112] observa que fora do grego esta forma adverbial não assume caráter preposicional. Aparece como componente de setenta e nove verbos em o Novo Testamento. Cerca de três quintos destes verbos se encontram em Lucas e Atos.

a. Em dezesseis desses compostos equivale a preposição a **per,** o sentido sendo de ação levada inteiramente a cabo, de fato inteiramente consumado. Estes compostos perfectivos são usualmente de teor espacial: Ò t a p a í VUJ (At 16.9), que descreve uma viagem para com seu destino; metafórico: ôiT)YÉo^aL (Mc 5.16) - "conduzo (uma narrativa) até seu final"; ôt acpevyw (At 27.42) - **fujo de todo; escapo;** temporal: ÔL acp uXáaaiü (Lc 4.10) - "mantenho guarda durante o tempo inteiro em que perdurar o perigo". A idéia de completude ou totalização se vê em Ôiaae íw (Lc 3.14) - **abalo inteiramente; sacudo completamente,** daí, **arranco mediante intimidação.** Cf. o inglês **to shake down - pôr em polvorosa; virar a banca; agitar totalmente.**

- Há três compostos duplos em que a noção básica é perfectiva:

òtaHax£A.íyxofiat (At 18.28, passagem única em que *ocorre)* - **refuto completamente;** ôtaTiapaxpípt) (I Tm 6.5, único lugar em que aparece em o Novo Testamento) - **constante irritação; discussão incessante;** 6te ^ . ´ou ai (At 10.19, *a* ocorrer apenas aqui) - **tenho de todo em mente; considero; medito.**

b. Há uns poucos verbos compostos em que òid tem o sentido de **inter** Ôtayí´vo^iai- **intervenha** (Mc 16.1).

c. Certo número há de compostos em que equivale a **trans, além, até o outro lado:** ôt a0dXXuj (Lc 16.1) - **lanço além; atiro** *até o* **outro lado.** Desta acepção resulta a idéia de **traduzir, denunciar, caluniar.** Outro exemplo é: ôt epjie VE´vu) (Lc 24.27) - **explico de fora a fora; interpreto.**

d. Vários compostos há em que ÔL *d* apenas intensifica o sentido básico do verbo: ôtapepat´o^iat **(I** Tm 1.7) - **afirmo enfaticamente;** ôtaiiapTÚpo^cu(At 18.5)**-declarosolenemente;** ôttaxupí - Çojxat (Lc 22.59) - **assevero confiantemente.** Estes compostos não implicam necessariamente resultado atingido; pode-se **afirmar solenemente** sem, por isso, convencer-se aos ouvintes.

e. Cerca de doze compostos há em que tem o sentido de ôt´ç - **entre:** Ôtaxpt´vo^iat (Mc 11.23) - **julgo entre (para cá e para lá); distingo.** A voz média deste verbo, **distingo para mim mesmo,** passa, naturalmente, a significar: **hesito; vacilo,** acentuado o sentido especial de ôt´ç . ôt aôt´ôojjii (Jo 6.11) - **dou aqui e ali; distribuo** - ilustra outro passo no desenvolvimento da acepção **entre.**

- Afim em sentido é a idéia locativa **através de** vista em dois compostos duplos: ôie£pxopiai (At 28.3) - **retiro-me através de aJgo;** ôi£Çoôoc (Mt 22.9) - **saída através de.**

f. Diversos compostos há em que tem sentido mediatorial: ôia\-*doou* (Mt 5.24) - **faço mudança entre pessoas em desacordo; reconcilio;** ôt aôéX0|iai (At 7.45) - **recebo através de outrem; sucedo.** Ver, ainda, o substantivo ôtáôoxoç - **sucessor.**

- Nos substantivos compostos, tem a preposição, geralmente, a mesma acepção que exibe nos verbos compostos. Vezes há, entretanto, em que diferente é o sentido, no substantivo não o mesmo expresso no verbo. Em casos que tais impõe-se a consulta a um bom téxicon,

6. eíç - **dentro; para dentro** - evoluiu da forma £vç \, que so-.breviveu ainda diante de vogais no dialeto cretense[113]. Uma forma redu-

zida, *íç*, , se passou a usar diante de consoantes. No grego helenístico, íç se fez obsoleto, ocorrendo em o Novo Testamento apenas em ἔσω (II Co 4.16) e £crouTpov (I Co 13.12).

- etC e èv provêm da mesma raiz, pelo que alguns gramáticos as focalizam em conjunto. No grego da Beócia, da Tessália e do Noroeste da península somente év se emprega[114]. No ático, entretanto, são estas duas preposições claramente diferenciadas. No coiné, embora nem sempre se lhes observe nítida distinção, todavia, tal, geralmente, se dá, de sorte que se devem considerar separadamente.

- Há apenas dez compostos verbais em que £ç é a preposição integrante em todo o Novo Testamento. O sentido básico é bastante simples: **em** ou **dentro de:** £Cadyoj (Jo 18.16) - **conduzo para dentro;** £íaxa\£o|iai (At 10.23) - **convido a entrar chamo para dentro.** O composto £íaiípxo^aL (Ap 3.20) - **vou para dentro** - aparece cento e noventa e uma vezes através do Novo Testamento. Os demais nove compostos em conjunto, por seu tumo, ocorrem, como um todo, apenas umas cinqüenta vezes.

- Em £üaxoúuj (Hb 5.7; Mt 6.7) a idéia simples evoluiu até significar **prestar ouvidos a; escutar.**

- Compostos duplos, tais £7i-£a-ayVj **(Hb 7.19) - um acesso; uma introdução; uma adição a** - e itap-£ *íç*-A HT **oç** (Gl 2.4) **- levado para dentro ao lado; introduzido furtivamente** - preservam o sentido primário de£*íç*.

- Há, em todo o Novo Testamento, apenas um substantivo composto desta preposição e de nome simples: cUJoôoc (Hb 10.19) - **entrada; acesso** - termo que nele ocorre cinco vezes.

7.£K **- de; fora de** - componente preposicional em noventa e cinco verbos compostos através do Novo Testamento.

a. Em cerca de cinqüenta desses verbos o sentido locativo é patente. Os verbos associados a **ir** ou **vir** exibem esta acepção mais assinaladamente. Exemplo: éÇ^pxofiai (Tg 3.10) - **saio; retiro-me.**

- Em muitos compostos, mediante ligeira adaptação, o sentido básico locativo se pode perceber como subjacente à acepção derivativa.

- Nos compostos duplos é^avatéMco (Mt 13.5) - **faço elevar-se; faço com que se levante;** é£avtcrTT)nu (At 15.5) - **ergo-me; levanto-me;** d^a7ioa-cá\XoJ (Lc 1.53) - **envio; faço vir; comissiono** - a idéia locativa é provavelmente a noção proeminente.

- Por vezes, um sentido metafórico resulta da idéia locativa: *í ZayyiWw* (I Pe 2.9) - anuncio publicamente.

b. Em uns poucos compostos assume teor intensivo - fora e fora; mesmo; muito: éxd<mp£o|iat (Mc 9.15) - estou mui surpreso; espanto-me demais; áxTapáaaw (At 16.20) - perturbo grandemente; causo grande comoção.

c. Em alguns compostos é perfectiva, a noção locativa de todo ou quase de todo desaparecida. Exemplo particularmente apropriado deste uso se encontra em II Co 4.8, onde áitopofyie vot significa estando perplexo e é^aitopoOfie vot - estando perplexo até o desespero. Admite o apóstolo abertamente que os sofrimentos experimentados lhe causaram perplexidade, contudo, não o levaram ao desespero.

- èxÇTjTéü) parece sempre significar que a pessoa que está a buscar ou acha ou esgota seus poderes na busca: dxCntifoaç ([H]^ 12.17). Neste caso, a busca de Esaú foi frustrada, não obstante, intensa.

-ôaTiaváiiú (II Co 12.15) - gasto -, composto com éx , vem a significar: gasto inteiramente; consumo de todo, isto é, esgoto meus recursos (II Co 12.15).

- Há cerca de trinta substantivos compostos, em geral, análogos em sentido aos verbos correlatos.

8. *í* v - dentro - entra na composição de apenas cinqüenta e cinco[115] verbos compostos, todavia, de uso assaz freqüente. Aproximadamente metade desses verbos exibem a preposição em acepção característica da preposição *i* v , locativa, em; a outra metade em função da preposição e f c , diretiva, para dentro; no interior de. Geralmente, a distinção desses sentidos se percebe com facilidade. Em certos casos, nem é necessário fazer-se qualquer diferença de sentido, admissíveis ambos ou associados em uma acepção unificada.

- Vezes houve em que adquiriram estes compostos conotação pejorativa ou de cunho detrimental: £yxaX^w (Rm 8.33) - convoco; chamo para dentro - mui facilmente veio a significar: convidar alguém a entrar para acusá-lo.

- Compostos que tais êjipp t^dojiat (Mc 1.43; Jo 11.33) - tenho forte sentimento dentro de mim mesmo; estou indignado - e- è v-ò£x°t[JLai, ([Lc] 13.33) - aceito em mim mesmo; admito - exibem claramente a noção de dentro; no interior de.

- No composto duplo ÍYxaxaXc L7cu) (II Co 4.9), \ preposi-

ção *xaiá* é perfectiva (xaTaXetTiw significa **abandono inteiramente; deixo de todo),** enquanto *i* v chama atenção para o predicamento em que se deixa a vítima.

- Há apenas um outro composto duplo em que *i* v é elemento integrante em o Novo Testamento: *i* v-itep cTeatro) (II Co 6.16) **- ando em tomo entre [eles].**

- Cerca de vinte e cinco substantivos compostos há com sentido análogo ao dos verbos correlatos.

9. t - **sobre.** Noventa e nove são os verbos compostos com ÍTIL encontrados em o Novo Testamento, cifra excedida apenas pelos compostos dexa-rá e atív , os prefixos perfectivantes mais encontradiços.

a. A acepção locativa é bem patente em muitos verbos. É esta, aliás, a conotação mais antiga e mais simples: è n i n C m u j (Mc **3.10) - caio sobre.** Um terço dos substantivos compostos com esta preposição, aproximadamente, enquadra-se neste *uso: èn Co r)\i oc,* (Rm **16.7) - com um sinal sobre ele; notável; conspícuo.**

b. O teor diretivo, estreitamente ligado ao sentido locativo, indica a concentração da ação expressa pelo verbo sobre o objeto com que se relaciona: £7iápa.**T0<;** (Jo **7.49) - maldito; amaldiçoado** - implica na visualização do objeto quando a maldição é pronunciada; £7itô£Íxvu-[iai (At **18.28;** Hb **6.17) - ponho à mostra; exibo; provo; demonstro -** chama atenção para o objeto exibido.

- Alguns destes compostos revestem-se de sentido hostil: *èn-***av-táTTim** (Mt **10.21) - levanto-me contra; insurjome; éiuTifiáw** (Jd 9) - **imponho penalidade a; censuro.**

c. A idéia suplementar de **em adição a** ocorre não raro: é TCI-yanppeúcü (Mt **22.24) - estabeleço novo vínculo conjugal; volto a oonsorciar-me;** *èn Cy* VUXJCÇ (Cl 1.**9) - conhecimento adicional; conhecimento pleno.**

- E mi Co **13.12,** #PTL u£pouç ,TÓT£ ôè £tuYvüjao^iai Katóç xa! é7i£Y^wo^nv , há evidente contraste entre Y^wcyxu) e£7UYtváax(jj - :"Agora conheço em parte, então, porém, conhecerei plenamente, assim como também fui plenamente conhecido". A Versão Autorizada [do inglês] não observa esta distinção, obliterando-a de todo. [A Versão Brasileira] ressalta esta diferença de sentido dos verbos, traduzidos exatamente como acima: "ago-

ra conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, assim como fui plenamente conhecido", distinção que nem Figueiredo, nem Almeida (edição de 1953) observam. Cf. *y* v u o t <; e *inCyvuo* t ç em Paulo.

- Há quatorze compostos duplos, de q u e ê n t é o primeiro dos integrantes prefixais. Na maioria destes verbos í % í aduz a conotação de **em adição** a énia\JVTp£x<*> (Mc 9.25) - **corro juntamente, além de outros já reunidos.**

- Cinqüenta e cinco substantivos compostos ocorrem em que é é n í preposição integrante, substantivos esses que exibem acepções análogas às dos verbos correlatos.

10. x a r á **- abaixo.** Integra cento e sete verbos compostos através do Novo Testamento.

a. Dois terços destes compostos expressam teor perfectivo:xa - TaÓLújxw (Mc 1.36) - **persigo renitentemente; caço sem tréguas;** xa **- T€<payov** (Lc 8.5) - **devorei; consumi.**

b. Bastante comum lhes é a acepção locativa: x a T a p a í v c u (Ap 3.12) - **desço.** Ver x a T £ n a T f j $ r) (Lc 8.5) - **foi espezinhada; foi pisoteada (trilhada pelos pés).**

c. Em cerca de quatorze destes compostos prevalece a noção de hostilidade, **contra:** x a t a x p t v u j (II Pe 2.6) - **condeno; julgo contra;** H a T a x u p t e t í t ü (Mc 10.42; At 19.16) - **prevaleço; exerço domínio sobre.**

- Não ocorrem verbos ou substantivos duplos de que seja x a i á um dos prefixos integrantes. Há, entretanto, uma preposição imprópria, x c r c - é v - a v x t, em q u e x a x á é um dos componentes, preposição esta que significa: **em contraposição a**

- Os substantivos compostos assumem sentido análogo ao dos verbos correlatos.

11. H £ x á **- mediano; intermédio.** Como preposição, a noção primária é **com.** A acepção de **após; depois,** resulta da idéia de cruzar-se o espaço intermédio. Aparece em vinte e um verbos compostos em o Novo Testamento.

a. A idéia de mudança, equivalente a **trans** no latim, é expressa em dezesseis desses compostos: T a v o £ u > (Mt 3.2) - **mudo a mentalidade; mudo de pensar** ("aceito a vontade de Deus em vez da minha como regulante de meu viver"); H £ T a x l S t j h t (Gl 6.16) - **mudo de lugar; transfiro.**

b. A idéia de ação compartilhada se exibe em três compostos: jaeTaÓí 6(XHÍt (Ef 4.28) - **dou uma partilha de; distribuo;** p£TaXcHAf3ávu> (II Tm 2.6) - **compartilho de; tenho uma partilha com;** P£T£X<*> (I Co 9.10) - **mantenho juntamente com; tenho uma partilha de.**

c. A noção de passar-se a um alvo ou meta se pode também encontrar: jiETaxaXoüpat (At 7.14) - **mando chamar; convoco;** JÍETa7i£p7to^at (At 11.13) - **mando buscar; faço buscar.**

- Há dezesseis substantivos compostos com acepções similares às destes verbos referidos.

12.7tapá - **ao lado de.** Encontram-se uns cinqüenta verbos em o Novo Testamento em que é esta preposição elemento integrante.

a. A acepção locativa, **ao longo** de; **junto a,** ocorre em bom número desses verbos: **Tcapoi** x£tü(Lc 24.18) - **habito ao lado de; permaneço junto a;** 7tapaxQÀ.ou§£uj(Lc 1.3) ~ **sigo de perto; acompanho intimamente.** Vezes há em que estes compostos parecem revestir-se de um teor perfectivo:7iapaxr)péü) (Mc 3.2) - **observo de perlo; vigio intimamente.**

b. A noção de **para o lado de,** a idéia de movimento afetando o sentido, é também comum:rcapaxaXoü^at (Mt 14.36) - **chamo para vir-me em auxílio; insto comjuapaôí** ôwpt (At 16.4) - **passo às mãos de outrem; entrego.** Cf.Tiap áôoat ç na acepção de **tradição.**

- Não raro se associou a napaôí ôeopta idéia de traição, como se vê em Mt 26.46, onde se usa em referência ao abominável ato de Judas, traindo a Jesus. Mas, em Rm 1.24, 26, 28, expressa ele a ação de Deus em entregando o homem ao caminho que escolheu este e, em Rm 8.32, ao fato de dar Deus o próprio Filho ao mundo em pecado, passagens em que não há a mais leve conotação de traição envolvida.

-7iapaax£ uáÇoj(I Co 14.8) - **preparo** - é quase idêntico em sentido ao simples o xe uáÇw, todavia, sugere a **apresentação** do objeto preparado.

c. A idéia de **deixar para** trás; **ir ao longo de,** aparece em vários compostos:7iapapaL vu)(Mt 15.2) - **passo ao longo de; transgrido;** na - pacp£poj (Jd 12) - **levo ao longo de; carrego deixando para trás.**

d. Em cinco desses verbos assim compostos há a idéia de **ao lado; de parte,** que passa a significar ação contrária ou não levada a efeito: napa$£upéío (At 6.1) - **deixo de parte; não atento para;** ixapat *it* **o**pat (Lc 14.18) - **excuso-me; desculpo-me;** Tcapaxoúu> (Mt 18.17)

- deixo de ouvir; desatendo; ignoro, embora em certos contextos pareça significar **ausculto; ouço de oitiva**;TiapcnttTiTUj (Hb **6.16) - caio para o lado; desvio-me; renego** (cf. **Ttapánirujiia**); napaXoyC Çonat (Cl 2.4) - **arrazôo tendenciosamente; levo na conversa; julgo erroneamente.**

e. Umas poucas vezes ocorre a idéia de separação (abiativa):napaô£xonai(At 15.4) - **recebo da parte de; acolho.**

- Em TiapaXaiipávu) **(I** Co 11.23) - **recebo de** - sugere-se a procedência; emuapaòt ówjit (I Co 11.23) - **entrego; dou de; passo adiante,** sugere-se o agente, quem faz a entrega. Em7iapaXap.pávu> a acepção useira é: **tomar para si; receber consigo** (Mt 1.20; 2.13).

f. A idéia de movimento para diante, impulso para a frente, se encontra também: riap ayy^XXw (Lc 9.21) - **passo uma ordem ou mensagem adiante.** Cf. Tiaoaôrjxóu) (Rm 10.19) - **provoco a ciúme; excito despeito;** rtap*opyux)* (Rm 10.19) - **excitarei a ira; exasperarei.**

- A idéia de furtividade, dissimulação, sorrateirice, se mostra em três destes compostos: nap£ terá yu)(II Pe 2.1) - **introduzofne sorrateiramente;** ?iap£ioÔ&Ü(Jd 4) - **penetro furtivamente;**Tlap£ **laéoYo** - ua t (Cl 2.4) - **entrar de forma despercebida, como que dissimuladamente.** Em Rm 5.20 tem este verbo o sentido de **advir em acréscimo; acrescentar-se.**

- Seis são os verbos compostos duplos em que um dos dois integrantes preposicionais éitapd , sempre o elemento inicial. Em um desses, enseja a noção de aditamento, suplementaridade, traduzível por **além disso; a mais; em adição a** Tiape tcpépcü **(II** Pe **1.5) - introduzo além disso; contribuo amais. Em7iap£^pdXXoj(Lc 19.43) - lanço ao longo de; coloco em volta;** e em rcapE voxX£to(At **15.19) - causo adicional perturbação; molesto em acréscimo,** a acepção é locativa. Há, também, três substantivos compostos duplos com acepções análogas.

- Ao todo se contam vinte e seis nomes compostos, cujo sentido é paralelo ao dos verbos correspondentes.

13. tt£p t - **em derredor de.** Trinta e dois verbos há compostos em que é esta preposição integrante, através do Novo Testamento.

a. A noção de **em tomo de; ao redor de** é a que se patenteia em cerca de quatro quintos desses compostos; n£p titaxé cu (Rm 6.4) **- ando em derredor** ixept cpépw (Mc **6.55) - carrego em volta**

b. A idéia ablativa, separação, aparece em uns poucos verbos: TC£ptatpéw **(II** Co 3.16)**-removo de em volta; tiro um véu;** Ji£ptta-

TT)|Í I (II Tm 2.16; Tt 3.9) - **posto-me em denedor; evito.**

c. Noções outras e variadas ocorrem:7iepiéxw (Lc 5.9) - **domino em volta; contenho;** rtepicpéw (Tt 2.15) - **penso em volta (penso além),** daí, **desprezo; Tiepiep**ydCofiaL OlTs 3.11) - **opero pela redondeza; vou longe demais,** logo, **torno-me intrometido.** Aqui Paulo diz, literalmente, que aqueles que **trabalham em derredor** (uep t ep - Yd Coiiat) **não estão de modo algum a trabalhar** (ur)ôèv épyáCo-^ai). Parece que pode alguém estar a agir aqui e ali e, realmente, não **estar a agir** em parte nenhuma. Certamente, uma advertência ao ministério!

- Não há em o Novo Testamento compostos duplos em que seja uep Co integrante inicial.

- Dez nomes compostos há associados com verbos correlatos e com acepção análoga.

14.npó - **para a frente; antes** - se pode usar tanto em função temporal, quanto em sentido espacial ou locativo. São quarenta e nove os verbos compostos em que é TI *pó* elemento componente em o Novo Testamento.

a. A noção de tempo, **antes,** se expressa em vinte e oito compostos: npoyi vúaxcj (Rm 8.29) - **conheço de antemão.** Quatro compostos duplos há em o Novo Testamento, em todos os quais é temporal a noção conferida pela preposição: np **oe** vápxo^iai (que ocorre apenas em II Co 8.6, 10) - **começo antes;** TtpoeTiayYÉ **XX** ou ai (somente em Rm 1.2 e II Co 9.5) - **prometo previamente;** ftpoxaiaYY**^XXu (®m** At 3.18 e 7.52, apenas) - **anuncio antecipadamente;** rcpoxataoT ï Çw (usado só em II Co 9.5) - **preparo de antemão.**

b. **A** idéia de lugar - **diante de** - se exibe em onze desses verbos compostos:np o£p **xop.** a **i** (Lc 22.47) - **venho à frente; vou adiante.**

c. Uns poucos desses compostos apresentam sentido que se pode tomar seja como temporal, seja como locacional:7TPOYP&P0O (Rm 15.4; Gl 3.1) - **escrevo previamente; escrevo diante de; redijo em cartaz.**

d. A acepção de **para a frente; adiante,** ocorre também:Tcp orcé^i-7iu> (I Co 16.6) - **envio adiante; encaminho; TipOTE** ï vy (At 22.25) - **estendo; espicho;** TIpocpépw (Lc 6.45) - **ponho adiante; tiro para a frente.** Por vezes o sentido é metafórico: np OT Í$T)^L(RITI 1.13) - **ponho diante; proponho.** Cf. **TipocpfjtTK - alguém que fala em lugar de outrem** ou **por outrem.**

e. Também a idéia de preferência se pode assim expressar: *np* oa **t p £ 0(i a t (II** Co **9.7) - escolho deliberadamente,** isto é, de preferência a outra coisa.

f. A idéia de cuidado ou proteção mostra-se não menos: Tipo to - T aj-iat (I Tm 3.4) **- ponho-me em frente,** isto é, **protejo.**

- Encontra-se, ademais, certo número de outros verbetes compostos, que têm acepção correlata à dos verbos paralelos. O único dentre eles que parece implicar sentido novo é TipóÔ^Xoç (I Tm 5.24), de que **notório; manifesto,** se afigura a melhor tradução.

15.TXp<5ç - **junto a; perto** - é usada muito mais freqüentemente como preposição distinta do que como prefixo integrante de formas verbais compostas. Não obstante, o número desses compostos em o Novo Testamento chega a quarenta e quatro, se incluídos são npoaax^oJ (At 27.27, B) eTcpoa£YYf Cü)(Mc 2.4, A C E Q).

a. Em trinta e seis verbos a idéia é diretiva, como nas cláusulas em queupóç , preposição distinta, vem seguida de acusativo:npooáYOJ (Mt 18.24) **- conduzo junto a; trago perante;** npoaxoXXáta (Ef 5.31) **- uno-me intimamente a; achego-me bem junto a** Contraste-se Tipoa£Úxo{jtat. o verbo geralmente empregado através do Novo Testamento para referir-se à oração cristã, com e^xp^iat, que designa a **oração pagã** em At 27.29.

- Em **Tipoaô£**onat(At 17.25) - **necessito de; preciso de - o** complemento é posto no ablativo. O caso implica o originativo **de** e a preposição, por sua vez, aduz a noção diretiva **para si mesmo.**

- A idéia locativa se vê em 7ipoaji£ vw(At 18.18) - **permaneço em; persisto em.**

b. A idéia de **adição** se exibe nos outros compostos: npoax í - $THit **(Gl 3.19) - acrescento; coloco por sobre;** npoaôaTiavdu) (Lc **10.35) - gasto além; dispenso a mais.**

- Há cinco verbos compostos duplos, em todos dos quais subsiste a noção de acréscimo, adição, excesso: rcpoaavapat VUJ (LC 14.10) **- subo mais; ascendo mais para cima itpoaavaXfaxw** (Lc 8.43) **- gasto além do mais; Ttp oa** a vaTiXrjp ÓLÜ (II Co **9**.12) **- preencho com acrescentar, supro.Tcpooavax f dT)|i t (Gl 1-16) - coloco mais por sobre** (a voz média nesta passagem significará: **consulto; acrescento a opinião);** iipoa a vá xu)(At 27.27) - **sustento em adição; assisto a mais**[116]**.**

- Dezesseis nomes compostos há em o Novo Testamento, aná-

logos em sentido aos verbos correlatos.

16. cr ů v - **junto com.** Nada menos de cento e vinte e três verbos compostos com esta preposição há em o Novo Testamento.

a. Em noventa e nove desses verbos é a idéia associativa que se expressa. Ver xcú'pw ... a vyxaCpu •» xcú'pste ... auyx[a]^P[e]-Te, em Fp **2.17,18,** onde serve a preposição a expressar vívido senso de comunhão cristã. Experiência assaz frutífera é o estudo dos compostos em que *éai*va preposição integrante em Paulo.

- Vários são os matizes que se podem distinguir a colorir o sentido comum, **com,** desta preposição, todos a defluírem da acepção básica de **junto a ouvéx^ (II** Co **5.14) - mantenho junto; concentro;ouvep-γέω (II** Co **6.1) - trabalho junto; coopero.**

- Vinte e cinco verbos compostos duplos há de que éoOvum dos integrantes prepositivos, entre os quais se podem enumerar: **ouva-vaBatvu)** (Mc **15.41) - subo junto com;auyxaTe^rjcpfa$r)** (At **1.26) - foi contado juntamente com;** *o* **uveru^apT upoũvtoç** (Hb **2.4) - testificando junto com e em adição a,** isto é, Deus rendia testemunho em adição ao dos que haviam ouvido a Jesus e em cooperação com ele. Este aludido testemunho consistia de sinais, e maravilhas, e várias espécies de milagres confirmatórios. Ver *o* **uvavx iXa^pávouai** (Rm **8.26)** - "apodero-me em contraposição a juntamente com", a descrever a obra do Espírito Santo.

b. A idéia perfectiva é a que se expressa em vinte e quatro desses verbos compostos: auYxXeCw (Rm **11.32) - concluo; fecho juntamente,** logo, **encerro;** cruMauPávu (Mt **26.55) - tomo junto,** logo, **prendo.**

- Nos substantivos compostos, de que se contam dezoito matrizes e seus grupos derivativos, comporta-se esta preposição praticamente nos mesmos termos assinalados para com os verbos.

17. ÒTiép - sobre. Quatorze verbos há em o Novo Testamento compostos com esta preposição. A acepção **sobre** passa facilmente a **para o outro lado; além.** Pode assumir:

a. O sentido de **ultrapassar; majorar {mepvt, xáuj**(Rm **8.37) - sou mais do que vencedor, alcanço grande vitória;únepau£ávo) (II** Ts **1.3) - aumento sobremaneira; oresço excessivamente; ůne pn\e o - νάζω (I** Tm **1.14) - abundo copiosamente; superabundo;** ÚTtepu**^ów** (Fp **2.9) - elevo grandemente; exalto sobremodo.**

- Nos compostos duplos ímepueptoaetíio (Rm 5.20) - **abundo além da conta; superabundo;** ímepexxúvvw (Lc 6.38) - **derramo além da medida; extravaso até transbordar,** se patenteia a noção de ultrapassagem, transposição de limites.

b. O sentido de **excesso:** {meptppov£u> (Rm 12.3) - **nutro idéias demasiado grandiosas; penso além da conta;** ím£ppdXXuj (Ef 3.19) - **atiro além do limite; atiro demais;** {m£ppoúviu (I Ts 4.6) ~ **vou além; transgrido.** O composto duplo Cm£p£xt £CVUJ **(II** Co 10.14) - **estendo além das fronteiras prescritas** - expressa esta idéia de excesso, também.

- Se a noção de **excesso** ou **majoração** se patenteia no composto ou não, determinam-no o teor do verbo e o próprio contexto em que se acha.

c. O sentido de **em favor de** ocorre no composto duplo ímep-£v-Tuyydvoj (Rm 8.26) - **intercedo.**

- Os substantivos compostos têm acepção paralela à dos verbos correlatos.

- Oitenta e oito por cento das formas em que (me p é elemento da composição através do Novo Testamento se acham nos escritos paulinos, o que se deve, provavelmente, em parte pelo menos, a seu temperamento ardente, mas, acima de tudo, a seu senso de suprema importância da fé cristã.

18. (mó **- sob.** A idéia original era **de debaixo para cima** O ponto de partida se veio a isolar do restante da noção e o sentido **sob** se fixou. Há vinte e sete verbos em que é esta preposição elemento integrante em o Novo Testamento. Encontram-se-lhe as seguintes acepções:

a. O sentido literal, sob:Cmo£üjv\>UM. i(At 27.17) - **cinjo; amarro por baixo.**

b. **A** idéia de submissão: ímaxoúu) **(Mt** 8.27) - **obedeço;** {mo' *tâoou* 0 Co 14.32) - **sujeito; submeto.**

c. A idéia de dolo ou ludíbrio: ímopdXXw (At 6.11) - **lanço por baixo; suborno;** {moxpívopat (Lc 20.20) - **faço um papel; simulo; finjo.**

d. A idéia de **afastamento, retrocesso,** expressa por **para longe** ou **para trás:** {mox^P^w ([Lc] 5.16) - **afasto-me; retiro-me;** tmocrtáXXw (At 20.20) - **esquivo-me; retraio-me.** A noção de covardia se pode conter neste último verbo: Hb 10.38.

e. A idéia de **complementaridade, continuação,** expressa por **acima** ou **a** maisíunoXaupáva) (III Jo 8) **- dou prosseguimento a receber, acolho com hospitalidade.**

f. A idéia de **superação** ou **transposição,** correspondendo a **atrás:** ònoXe ITTICJ (Rm 11.3; 9.27) - **deixo atrás;** ůno^t£ vu> (Lc 2.43) - **fico atrás.** Em **I** Co 13.7,{mo|x£ \>*oj* tem o sentido de: **suporto; agüento.**

- Não há compostos duplos comüitóem o Novo Testamento.

- De modo geral, têm sentido paralelo os substantivos correlatos a estes verbos compostos.

CONJUNÇÃO

- Faz-se de mister, freqüentemente, ligar palavras a palavras, frases a frases, cláusulas a cláusulas. Isto deu origem a uma classe de vocábulos conectivos, por isso chamados de **conjunções** (de **cum,** evoluído, **con + jungo).** Grande cópia há de conjunções no grego, jungindo não apenas palavras, frases, cláusulas e até sentenças, mas ainda parágrafos a parágrafos. Serve a conjunção para fazer clara a relação entre os dois elementos jungidos.

- Duas classes gerais há de conjunções, constituída uma das conjunções que jungem elementos de igual projeção na sentença, designadas de paratáticas[117] ou coordenantes, outra das conjunções que jungem elementos de projeção diversa, por isso designadas de hipotáticas ou subordinantes.

CONJUNÇÕES PARATÁTICAS OU COORDENANTES

- Unem estas conjunções elementos da mesma projeção, embora diferente lhes possa ser a relação. Disso resultam cinco modalidades de conjunções paratáticas.

1. **Copulativas:** conjunções que simplesmente acoplam os elementos, sem estatuir-lhes o relacionamento nessa junção.

a . x a í : estabelece ligação em moldes não precisamente definidos, donde ser a conjunção mais usada através do Novo Testamento. Admite, de modo geral, três acepções distintas, que se não limitam aos escritos néo-testamentários.

(1) Mero conectivo, a traduzir-se como **e.** É, naturalmente, o uso mais freqüente e mais simples, por vezes a aparecer em cadeia, numa seriação de vocábulos de qualquer modalidade, como se vê em Fp 4.9 (quatro vezes, verbos), Rm 9.4 (cinco vezes, substantivos); Ap 7.12 (seis vezes, substantivos).

- Não raro do contexto surdem matizes de sentido que afetam o teor básico e permitem ou impõem tradução específica. É o que se pode ver em João 3.19; 4.20; 6.49; 7.30 e I Jo 2.9, em que o teor adversativo ou concessivo parece prevalecer, reclamando a tradução **e, no entanto; e, contudo; porém; mas, antes.** Deve-se isto, provavelmente, à influência da partícula hebraica , traço este que caracteriza o estilo joanino.

- Em Lc 12.24, entretanto, parece estabelecer um contraste, correspondendo, destarte, à adversativa enfática áX Xá . Neste caso, outra vez, é injunção do contexto. Já em Mc 15.25 parece quase assumir o sentido temporal de 6t£ - **quando:** ?)v &pa Tpít^ xaì écTaupwoav - "era a hora terceira QUANDO (O) crucificaram".

(2) Elemento adjuntivo, quando se deve traduzir por: **também; assim como.** Nesta acepção, não exerce propriamente função conjuncional, coordenante, mas é de conveniência considerá-la neste contexto para que apreenda o estudioso esta especiosa distinção de sentido de um mesmo termo.

- Nestes moldes aparece com substantivos: xal oí tia-^T]xaí aoo (Jo 7.3) - "os teus discípulos também"; com pronomes: xal "yàp lyu) dv^punoç ímò i^ov - aťav (Mt 8.9) - "pois também eu (sou) um homem sob autoridade". O xaí dá a entender que estão ambos em situação similar, o jovem enfermo e o centurião. Sabe este quê é obedecer ordens quando não está presente quem as baixa e, daí, está seguro de que Jesus pode fazer valer Sua vontade em relação ao rapazola paralisado sem precisar de ir vê-lo.

- Pode ocorrer também com verbos, advérbios e mesmo conjunções.

(3) Elemento ascensivo, quando requer a tradução **até; mesmo; até mesmo.** É climático em teor. Introduz algo especial, fora

do comum: xaÌ xeXcovat (Mt 5.46) acentua que ."até' mesmo publicanos" amam aos que os amam e, daí, esse padrão de amor se não pode aceitar como adequado aos filhos do Pai Celestial. O grau de intensidade desta acepção decorre inteiramente do contexto.

- O uso de xal eí - **mesmo se; ainda que,** poder-**se-ia** examinar nesta porção; todavia, uma vez que melhor se **enquadra** na seção referente às sentenças condicionais, pospor-lhe-emos a consideração, reservando-a para quando abordarmos essa modalidade fraseológica. Cf. I Co 8.5.

b. xe - e. Expressa unidade um tanto mais íntima do que o faz a conjunção xaÍ. Via de regra, vem posposta à palavra ou locução de que é conectivo. É rara em o Novo Testamento, exceção feita de Atos, em que ocorre cento e setenta e cinco vezes.

- Aparece em combinações diversas, taisxe xaÍ (At 1.1); xe xaÍ ...xe (At 9.15), correlativas, que se traduzem como: **não só mas também; tanto... quanto; assim... como.**

c.Õ£ **- e; mas; então.** Ao que parece, em seu uso mais antigo emprestaria teor **continuativo** à seqüência da narrativa, equivalendo a **em seguida; a seguir.** Nesta acepção, aparece, especialmente, nos livros históricos do Novo Testamento, mormente em Mateus e Lucas.

- Boa passagem para mostrar o uso puramente copulativo é a lista genealógica de Mt 1.2-16.

- O uso adversativo, na acepção de **por outro lado; mas; antes,** será focalizado na seção correspondente às conjunções adversativas.

d. dXXd. A expressão dominante desta conjunção é a adversativa, na acepção de **porém; mas; ao contrário.** Não se afigura haver-lhe sido este o sentido original, por certo não o únicornócrT) v xaxe t pyd-aaxo ú|itv anouô^v,àX\h àTioXoyÍav, áXXà àya-vdxxr)Giv,áXX& cpópov,áXXà *ítíitió^ot* v,áXXà Crp Xov,áXX& éxôtxTKJiv (II Co 7.11) - "que de diligente cuidado produziu em vós, que de-defesa própria, que de indignação, que de temor, que de saudade, que de zelo, que vindicação". Evidentemente, nesta seqüência não é dXXa adversativa, mas antes confirmativa, continuativa em teor.

- Em Jo 8.26, tomada dXXd como adversativa, o sentido se mostra bem estranho; vista, porém, como continuativa, não é difícil en-

tender o significado da passagem. "Como se dá com bé, o termo introduzido por áxXá expressa algo novo, todavia, não essencialmente em contraste"[118].

2. **Adversativas.** Nem todas pressupõem antítese. O contexto explicitará quão acentuado é o contraste, desde que o haja.

a. *òé* é não raro adversativa: p ή£ t) g a up í Çe t e ... $T)a a u - p iTÇexe àé (Mt 6.19) - "deixai de entesourar... mas entesourai".

-* Em Tg 1.13 é continuativa; contudo, já no verso imediato é adversativa.

Na sentença áytb épánxtaa fyiaç ftôai t, aùtòç Ô£ pa7iTta£t ùnãç rivEOfiatu 'AyiÚi(Mc 1.8) - "eu vos batizei com água, mas, Ele vos batizará com o Espírito Santo", a conjunção ôé contrasta os agentes, os meios e o tempo dos batismos de João e de Jesus.

- Freqüentemente, mais acentuado se faz o contraste pela anteposição de pév: éyôj ... ôk ÒTUCCO |ÍOU épxó[ievoç (Mt 3.11) - "Eu, por um lado ... mas, por outro, aquele que vem após mim".

b. dXXá é, vezes muitas, usada para introduzir um objeto em contraste com o precedente.

- Quando modificada por où, como em où MÜJÜCFTK;... åXX(L ò nai/jp (Jo 6.32) - "não Moisés ... antes, pelo contrário, o Pai", a antítese é assaz incisiva. Cf. oùxt, dXXb. xX^difaeirat, 'iwavvTK (lLc 1.60) - "não, pelo contrário, chamar-se-á João".

C.TIX^V , como conjunção, é sempre adversativa: Lc 6.24; 12.31. Confina-se quase de todo aos escritos lucanos.

- Blass[119] salienta que Paulo fez uso desta conjunção no final de um argumento com o propósito de assinalar-lhe o ponto essencial: I Co 11.11; Ef 5.33; Fp 3.16; 4.14. Neste caso, tem o sentido de **somente; de qualquer forma**

r Algumas vezes, éTtXi*j vusada como preposição: Mc 12.32.

d. *ií*moi,* é a combinação de duas partículas intensivas, *íí* v etoi, e tem o sentido regular de **contudo; todavia entretanto:** Jo 4.27; 12.42. Ocorre em o Novo Testamento apenas oito vezes.

e.õfJLwç aparece três vezes somente em todo o Novo Testamento. Duas vezes associada a particípio: I Co 14.7.e Gl 3.15; uma vez com **n** *€ vi* **o t:** Jo 12.42. Tem o sentido de **não obstante; apesar de.**

f.e í , **exceto; senão; a não ser que.** Esta locução assinala uma exceção: et' ^r) iot<; fepeüotv póvotç (Mt 12-4) - "senão aos sacerdotes somente"; et' ó uíóç Trjç ánu - Xe f ac (Jo 17.12) - "a não ser o filho da perdição".

- Em I Co 14.5; 15.2 e I Tm 5.19 se reveste de ênfase mercê de £XTÓÇ.

3. **Disjuntivas.** Estas conjunções jungem dois objetos na mente, contudo, dissociando-os.

a. fí é a disjuntiva mais simples e significa **ou.** Aparece uma vez em Mt 5.17, quatro vezes em Mc 13.35, em uma sucessão de alternâncias: "ou ... ou".

b. e Tte ... e Lte (£ á VTe ... á á vt e) é uma disjuntiva condicional, **quer... quer, seja... seja** Em **I** Co **10.31** ocorre três vezes; em **I** Co 3.22 oito vezes.

c. o (He ... oí3xe . É simplesmente uma conjunção copulativa negativa, traduzida como **nem ... nem.** Aparece dez vezes em Rm 8.38, 39.

- Com sentido praticamente idêntico, mesma a acepção, se encontram em Ap 9.4 oüô£ ...OÜÔÉ ; em Mt 10.10 JIT)ôè ... PTIÔ£ ; em Mt 5.34-36 |I7^TE... . E.

4. **Conjunções ilativas ou inferenciais** são as que servem a marcar uma conclusão de verdade que se acaba de estatuir oüv (Rm 7.13) assinala a conclusão do que afirma o versículo anterior, que "a lei era santa, e o mandamento santo, e justo, e bom". Por força do argumento, representa Paulo o oponente como a concluir, então, que o "bem" pode engendrar a morte, conclusão que se apressa a repudiar, mercê da exclamação . voito.

- A conclusão pode resultar de uma simples asserção ou de longa argumentação, como se vê em Rm 12.1, onde o üv se refere ao conteúdo dos onze capítulos precedentes.

a. oüv - **portanto** - é a mais comum das conjunções inferenciais em o Novo Testamento,, usada cerca de quatrocentas vezes. Um lembrete, contudo, aqui se impõe. Nem sempre assinala conclusão, como acontece, por exemplo, em Joáo, em que ocorre cerca de duzentas vezes (na maioria absoluta dos casos nas porções narrativas), freqüentemente, porém, como simples partícula de transição, no sentido de **então** ou **assim,** continuativa do discurso. Confirmação deste fato confere-o o simples

exame do capítulo onze do Evangelho Joanino. Este uso não-inferencial não nos deve causar surpresa, pois que em Homero é freqüentemente mera partícula transicional, a jungir, de forma um tanto lassa, cláusulas e sentenças, à guisa de confirmação [120].

b. &paé quase sempre inferencial em o Novo Testamento. Significa **destarte; conseqüentemente; logo; portanto; então,** reforçando uma conclusão já evidente.

- No grego mais antigo era uma partícula pospositiva, não, porém, sempre assim em o Novo Testamento: &p a £cp#aa£v (Mt 12.28) - "então é chegado".

- Vezes não poucas, aduz-se-lhe a partícula intensiva y£ : £ í tfpa y£ (At 17.27) - "se, porventura, em verdade". Cf. Mt 7.20; 17.26-27.

- Paulo, particularmente, tem um pendor para com a locução ἄpa oὖv: Rm 5.18; 7.3, 25, etc. Uma vez, usa ele o binômio #pa vuv: Rm 8.1.

- Estes ilativos compostos exercem certo efeito intensificador sobre a conclusão deles assinalada.

c. Há um grupo miscelâneo constituído de formas encontradas pelo menos uma vez através do Novo Testamento, quais sejam:

(1)TOL yapoὖv - **portanto:** Hb 12.1; I Ts 4.8.
(2) ToL′vuv - **assim; pois** Lc 20.25.
(3)áv$'S>v **- pelo que; por isso; porque:** Lc 12.3.

5. A **conjunção causal coordenante** é yáp- **pois.** Resulta da fusão de y£+&pa e é sempre pospositiva.

- Bastante freqüentemente assinala a razão de uma asserção que acaba de ser feita: *avíbc,* yàp awa£t(Mt 1.21) diz porque o Menino se deveria chamar JESUS.

- Em Rm 1.16, 17 ocorre três vezes: na primeira dá a razão do anseio de Paulo de pregar o Evangelho em Roma; a segunda, sua razão porque se não envergonhava do Evangelho; a terceira, a razão da própria dinâmica do Evangelho.

- Vezes há em que é puramente explicativa: R)v yàp £T<Ã>V ôú>Ò£xa (Mc 5.42) não está a dar a razão porque a menina se pôs de pé, é mera observação explicativa do autor.

ASSÍNDETON

- Vezes não poucas, deixa de ocorrer no grego a conjunção onde o leitor de nossa língua a esperaria. Este fato recebe o nome de assíndeton (*6.* privativo + *o* ÚV **- com +** *òéí* OÇ **- jungido,** logo: **não conjungido).**

1. Quando se processa o assíndeton entre palavras ou frases de uma sentença, denuncia excitação emotiva, celeridade de pensamento, pressa, ou estado congênere. Revelará o próprio contexto a exata natureza do impacto do assíndeton. Cf. Rm 1.29-31; I Co 15.42-44a; Mc 6.38; I Tm 3.16.

- Pode-se o assíndeton verificar entre sentenças, com impacto não menor.

2. Quando se registra o assíndeton entre parágrafos, geralmente indica o início de tópico novo ou diferente. Cf. Rm 9.1; 13.1[121].

PARÊNTESE E ANACOLUTO

- Relacionados, até certo ponto, com o assíndeton, embora dele bastante diferentes, seriam o parêntese e o anacoluto.

1. O parêntese é, geralmente, introduzido à guisa de interpretação; é a ponderação exegética do autor interposta no contexto, por exemplo, £\> & £xoh-£v xt)v dTcoXÚTpcoa t v (Cl 1.14) - "em quem temos a redenção" - é interpretada pela cláusula parentética interposta: xf)v ã(p£Gtv TCÜV d(iapTlu~jv- "o perdão dos pecados". Este parêntese permite ao escritor, pronta e concisamente, inculcar aos leitores que se não está a referir à "redenção" gnóstica da matéria, pelo contrário, à redenção cristã do pecado.

- Observações parentéticas há que servem para traduzir palavra ou expressão de sentido ignorado ou desconhecido:8 é a t t v [i£#£P-jiTjve *vó^c* v o v ' Tò x o p d a t o v , o o l X£y i ú , £y£ip£ (Mc 5.41) - "o que, sendo interpretado, é: donzela, digo-te: levanta-te" - traduz para os leitores do grego a expressão aramaica transliterada: T a X i - #a x o i ^ i -

- Nem sempre concordam os editores quanto ao que se deve tomar como de caráter parentético. A despeito disso, entretanto, não deixa de ser matéria de grande importância interpretacional.

2. Resulta o anacoluto do desvio ou descontinuidade por parte da mente do escritor ou orador do curso de pensamento que iniciara, tangida para matéria diferente. Essa mudança ou interrupção do assunto é, por vezes, acidental, outras vezes, intencional. Quanto mais empolgado o espírito e agitadas as emoções, tanto mais susceptível é a pessoa de ceder *ao* anacoluto, seja no falar, seja no escrever. É isto que explica, sem dúvida, a avultada cifra que se registra de anacolutos em Gálatas e II Coríntios: um homem de intensa e febricitante atividade mental está a escrever sob vívida tensão emotiva.

a. Forma bastante comum de anacoluto é o "nominativo pendente"[122], característica bem acentuada do Apocalipse: ò VUXÜJV ...«Ôúkrw CIÙTCJÜ (Ap 2.26) - "o que vence ... dar-lhe-ei". Ver, ainda, Ap 3.12, 21. Em Ap 2.7, 17, entretanto, usa o autor a expressão regular tuj vi KOJV-TL Ô(JÜOLÜ Ocorre mesmo em escritor de tal apuro como Lucas: „ Taína & Oewpe LT£ , éXe úaovTat fuiepaiç ἐν aLÇ OÚH ácpE^aexai XÍ&oç DUL XIŠÜJ " OÙ Haxa-Xud^aexai (Lc 21.6) - "Estas as coisas que contemplais, - dias virão em que não será deixada pedra sobre pedra que não será derribada". Cf. At 7.40; II Co 12.17.

b. Digressão, eis outra forma de anacoluto não rara através do Novo Testamento. A ponderação do autor: xal xavta £tnz v au-11) (Jo 20.18) - "e estas coisas a ela disse ele" - não se ajusta muito à afirmação de Maria: áúpaxa TÓV xúpiov - ."acabo de ver o Senhor". Trata-se, na realidade, de uma observação incidental acerca das palavras de Jesus a Maria registradas no versículo 17. Outros exemplos ocorrem em Gl 2.6; II Co 7.5.

c. Freqüente á o uso do particípio em cláusulas anacolúticas: xa-TapTI£T£ TÒV TOLOÜTOV -OH 07lü)V O£AUTÓV (Gl 6.1) - "restaurai a esse tal ... atentando para ti mesmo". A mudança da forma plural do verbo para um particípio singular serve para lembrar à pessoa a responsabilidade que lhe pesa nesse particular.

- Em Rm 12,9-21 desfila uma série de particípios e adjetivos hortatórios interrompida por formas imperativas (v. 14) e infinitivas (v. 15), seguidas novamente de imperativas nos versículos 17.19-21.

- Em Atos 15.22-23, o dativo TOIÇ ánoatóXotç xal TOIÇ 7ip£aPut€pOLC concorda logicamente, não, porém, gramaticalmente, com o acusativo £xXe£ati£vouç e com o nominativoypd-

(|*avT£Ç<

d. A chamada "construção pindárica" é outra forma de anacoluto, quando diversos sujeitos se podem encadear, seguidos, porém, de inflexão verbal no singular: xaÌ 6 #v£noç xaÌ t) §á\aaaa ťmaxoÚ£i aiíTU) (Mc 4.41) - ."não só o vento mas até o mar lhe obedecem".

CONJUNÇÕES HIPOTÁT1CAS OU SUBORDINANTES

- Estas conjunções são as que ligam as cláusulas subordinadas às principais a que se apendem. Não reduzido é o número destas conjunções. Servem como conectivos a três modalidades de subordinadas em sua relação para com a principal envolvida.

1. Cláusulas substantivas, que sempre se acham em relação típica de um caso, ora como sujeito, ora como objeto de verbo da principal: ÕTt í v£iiat'x^"n (Mt 2.16) é o objeto direto do particípio ťôẃv. Cf. II Tm 1.12.

2. Cláusulas adjetivas, que expressam traço ou qualidade de um substantivo, usualmente o sujeito ou objeto do verbo da cláusula principal: 8 *q* ėoTtv ÉV ÓE£T Ç TOŨ 0E oũ (Rm 8.34) expressa uma característica ou atributo de Xptaxòç 'I-naoũç . É de notar-se que, nesta passagem, segue-se outra cláusula relativa descritiva, a ambas das quais se postam em paralelo os particípios ò á7to$avẃve£Ỳ£p-§£ ťç,, que desempenham função de todo coincidente para com o sujeito qualificado, Xp icftÒç 'IT)aoũ<;.

3. Cláusulas adverbiais, que modificam elemento da principal. Exprimem larga variedade de noções, predominando as de tempo, lugar, comparação.

- Considerações mais extensas far-se-ão quanto a estas cláusulas e conjunções subordinadas na parte referente a esta modalidade fraseológico-sintática, isto é, quando tratarmos das cláusulas relativas, temporais, locais, comparativas, finais (ou de propósito), consecutivas (ou de resultado), causais, condicionais, e outras mais.

PARTÍCULAS

- Estudiosos há que usam o termo PARTÍCULA em acepção la-

ta, de sorte a incluir advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Tomamo-lo, porém, em sentido mais restrito.

Partículas negativas

- Duas partículas negativas simples ocorrem em grego, οὐ [123] e μή. Seu uso nos escritos néo-testamentários é praticamente o mesmo verificado na literatura ática.

1. οὐ. É a forma usada em se tratando de negação incisiva, terminante. Logo, é a negativa que se usa naturalmente com as inflexões do Indicativo. Isto se dá praticamente em todas as circunstâncias, excetuadas as prótases das condicionais da segunda classe, em que se emprega LIAREI' FI-T) T)v OÍ>TOÇ napct 0eou (Jo 9.33) - "se este não fosse da parte de Deus". Uma exceção se registra quanto ao uso da negativa nas condicionais dessa classe: £i' oux àγε v νήθη 5v - §pomoç £XEt voc, (Mt 26.24; Mc 14.21) - "se esse homem não houvesse nascido".

a. **Usos de** οὐ.

(1) O mais comum é tornar negativa uma declaração ou afirmação: oúx ot' ôajie v(Mt 21.27) - "não sabemos".

(2) Serve para introduzir cláusulas interrogativas a que se espera resposta afirmativa: oux OL Ôáxa £xa§apLÓ$T}- aav; (Lc 17.17) -."não foram tornados limpos os dez?"
- Quando se emprega a forma enfática oux L, [a] resposta afirmativa é reiterada: oux*-' xpaxiloet airuó xa\ eyepeZ; (Mt 12.11) - "não lançará mão dela e (a) alçará?" O arrazoado de Jesus é: "claro, um homem livrará sua ovelha no dia do sábado, portanto, por que não haveria eu de livrar a um ser humano?"

(3) Emprega-se com o futuro do Indicativo para expressar proibições: oúx £7iiopxinae tç (Mt 5.33) - "Não jurarás falso". Cf. oú cpo VE úa£ iç(Mt 5.21) e oux HOIXÊUOELÇ (Mt 5.27).

(4) Associa-se a p. 7^ para tornar mais enfática a negação: ou pT) àcp£^^ 5)6e \l$oç èn\ XíSov (Mt 24.2) - "não será, de modo algum, deixada aqui pedra sobre pedra". Note-se que é Q aoristo do Subjuntivo que aqui se usa.

- Aparece esta dupla negativa especialmente quando se trata de citação da LXX ou de palavras de Jesus. Não se pode precisar satisfatoriamente a origem desta construção, mas de seu caráter enfatizante não resta dúvida.

(5) A forma enfática οὐχί se usa quando se quer emprestar à negação teor mais acentuado: οὐχί, ἀλλὰ Ἰωάννης ἔσται ὄνομα αὐτοῦ (Lc 1.60) - "certamente que não, mas chamar-se-á João". Ilustra este exemplo também outro modo de expressão do grego, o uso conjugado de οὐ ... ἀλλά para marcar acentuado contraste entre duas coisas. Aqui esse contraste é entre o nome proposto, ZACARIAS, e o nome aceito, JOÃO.

b. **Compostos de** οὐ.

- Registram-se vários compostos de οὐ, tais οὐδείς (nos primeiros séculos tanto antes como depois de Cristo, οὐκεῖ era a grafia que usufruía de maior voga), οὐόε, οὐδέ, οὐδείς, οὐκέτι, οὐκοῦν, οὐκ, οὐχί,

2. μή. É a negativa usada em cláusulas hipotéticas, indefinidas ou dubitativas. Reveste-se de teor claramente subjetivo: ὁ μὴ πιστεύων ἤδη κεκρίται ὅτι μὴ πεπίστευκεν εἰς τὸ ὄνομα (Jo 3.18) - "porque não creu em o nome". A negativa hipotética se usa com o Indicativo nesta cláusula porque se trata de caso supositício. Contraste-se a negação categórica introduzida pela incisiva οὐ: ὁ μὴ πιστεύων οὐ πεπίστευκεν εἰς τὴν μαρτυρίαν (ἣν μεμαρτύρηκεν) (I Jo 5.10) - "porque não creu no testemunho", afirmação peremptória.

- Destarte, bastante natural é que seja μή a negativa usada com as formas subjuntivas, optativas, imperativas, infinitivas e participiais. Há, no entanto, cerca de vinte ocorrências de οὐ com o particípio em o Novo Testamento, três quartos desse total nos escritos lucanos e paulinos. Usa-se sempre para expressar negação definida: τὴν οὐκ ἠγαπημένην (Rm 9.25) - "a não amada". Cf. II Co 4.8, 9.

a. **Usos de** μή.

(1) Serve, particularmente, para dar feição negativa a uma declaração de cunho hipotético. Ver Jo 3.18, acima.

(2) Usa-se para introduzir cláusulas interrogativas negativas a que se espera resposta negativa: μὴ ταῦτα λέγω κατὰ ἄνθρωπον (I Co 9.8) - "Falo estas coisas segundo o homem?" A resposta é: "Não". Cf. a próxima pergunta.

- Pode-se emprestar um toque de dúvida à resposta esperada mediante a inserção do indefinido t t μήτι £yu≤ ; (Mc 14.19) --"sou eu, não sou, não é?" Os discípulos não estão muito seguros de si mesmos.

- A mulher samaritana, convencida da messianidade de Jesus, faz uso de para evitar controvérsia, ao mesmo tempo que para despertar curiosidade: ¸ ,TI OÛTÓÇ ío-Tiv ,ó Xp 1016ç ; (Jo 4.29) - "Este não é o Messias, será?" Com usar ¸ , ela, de fato, disse aos homens de seu vilarejo: "Eis a evidência, que pensais vós?"

(3) Aparece com o aoristo do Subjuntivo e o presente do Imperativo para expressar proibições.

(a) Associada ao aoristo do Subjuntivo, reveste-se de teor ingressivo e equivale a **não começar jit) votiíaTjte** (Mt 5.17) - "não comeceis a pensar".

(b) Associada ao presente do Imperativo, assume feição linear e implica em ou **cessar** o que se está a fazer, ou **não formar o hábito** de fazê-lo. Se a ação já está em andamento, o sentido é aquele: n?) d-naaupí^ETE (Mt 6.19) - "deixai de amontoar tesouros". Se o fato ainda não estivesse em curso, o sentido seria: "não contraiais o hábito de amontoar tesouros na terra". A vasta maioria dos exemplos se enquadra na primeira dessas alternativas. Cf. Mt 7.1; Jo 6.20.

- Interessante uso se registra da seqüência ¸ oi em I Co 9.4: ^T) oux £xo^ev £E,ouaíav áô£\cpT)v yuvaTxa 7i£pt áye tv; - "Não temos nós, porventura, autoridade para levar conosco uma irmã como esposa?" Neste exemplo, n^é a negativa da pergunta como tal, enquanto **oux** é a negativa do verbo £*xo\/zv*. A resposta é, claramente: "Por certo que temos".

b. **Compostos de μή.**

- Contam-se alguns compostos de quais sejam fiT}ô£, jir)-òf íç ,nr)§£ì ç (variante de ^it)Ôe *Íq*, paralela a oü#£ íç), |iT)ôé-πω y XjT f X>

3. Uma série de negativos compostos serve para reforçar um ao outro: fiT)Ô£ vi ôcp£ íA£T£ (Rm 13.8) —"a ninguém devais coisa nenhuma".

PARTÍCULAS INTENSIVAS

- São estas partículas que exprimem, freqüentemente, sutis matizes de pensamento ou emoção, às quais, por isso, não há, o mais das vezes, maneira definida de traduzir-se.

1. ye (enclítica) - **pelo menos; no mínimo.** Não aduz nada ao sentido da palavra a que se associa, mas serve a intensificar a idéia: ôç ye tou tôíou uíou ovx ácpECoaxo (Rm 8.32) - "que, no mínimo, não poupou ao próprio filho".

2. *àf)* - **em verdade; certamente.** Sempre (seis vezes) pospositiva em o Novo Testamento. Reveste-se de um tom de veemência, urgência, premência. Do contexto se auferirá qual o mais adequado termo ou frase para expressar-lhe o sentido: 6OÇ,ÁAAT£ ÔÍ) TÒV **Oeòv év** τῷ o coli ax t (I Co 6.20) - "glorificai, agora então, a Deus em vosso corpo".

3. Et! n ́v - **sem dúvida; por certo.** É um aticismo por n£v, valendo como partícula asseverativa: et' fifjv eúXoywv eúXoyiíooj o E (Hb 6.14) - "sem dúvida que, em abençoando, abençoar-te-ei".

4. , ́v- **de fato.** É a mais comum das partículas intensivas **em** o Novo Testamento. Representa uma forma atenuada de |AV}V**. Foi originalmente** usada autonomamente, sem qualquer vinculação **pressuposta** para com a partícula òé. Nesta função, aparece vezes não poucas **nos** escritos néo-testamentários: At 1.1,18; 3.13, 21; II Co 11.4, etc.

- Onde se apõe em correlação com ÒÉ, o implicado contraste pode ser bem pouco pronunciado: fièv... õÈ »•ô£(Mt 25.14-15); **ou** bastante acentuado: fiè v... òè ... ôè ... ô£(I Co 1.12).

5. vaí - **sim; realmente.** Ocorre esta partícula afirmativa **cerca** de trinta vezes através do Novo Testamento, ora na acepção de **sim:** Mt 13.51; ora no sentido de **realmente:** Mt 11.9.

6. ` ́ - **por.** Encontra-se esta partícula apenas uma **vez** em **o** Novo Testamento: VTÌ) TTJV T)PET^pav xaúx^ot v(I Co 15.31) - "pelo vosso gloriar", isto é,."pelo regozijo que tenho por **vós".** Vale **por** afirmação terminante. Possivelmente, trata-se de variante de v,aC.

7. TCEP (enclítica) - **inteiramente.** Provavelmente, forma **reduzida** de TXE p t. É tanto extensiva quanto intensiva. Mostra-se em bom **número** de compostos: 61ÓTCEp (I Co 8.13); ÉC£v7iEp(Hb 3.14); **£?nep(Rm** 8.9); ÉTtE i ÒT}7iEp (Lc 1.1); xaôáitEp (dezesseis vezes **em Paulo e**

uma vez em Hb 4.2); xadujoTiep (Hb 5.4); xat7t£p(Hb 12.17); ŰJG-TC£p (trinta e seis vezes, por exemplo, em Mt 6.2);iLo7i£p£ *C* (uma só vez em o Novo Testamento: I Co 15.8). Não ocorre nunca na forma simples. A noção emprestada por7t£pé sempre de completude, totalidade, inteireza, correspondendo a **completamente; de todo; inteiramente.**

8. Tot'- **por esta razão.** Também aparece na literatura néo-testamentária somente em compostos: xatTOI(At 14.17); Toiyapouv (Hb 12.1); etc.

PARTE IV

CLÁUSULAS

CLÁUSULAS RELATIVAS

Relação com a cláusula principal

- Caracteriza-se a cláusula relativa por ser introduzida por um pronome relativo, que a relaciona com a principal, ora em função adjetiva, ora em função substantiva.

1. Adjetiva: fJyE t p e v *èx vexpuv\~ *Irfoovç\~* (Jo 12.1) - "a quem Jesus ressuscitou dentre os mortos". Esta cláusula, relativa, descreve aAáÇapoçda principal. O aoristo fjyE tp£v evidencia que o fato se havia dado antes da festa a que estavam presentes ambos, Jesus e Lázaro. Cf. 8v <puX£t\~<; á a d e v e i\~ (Jo 11.3) - "(aquele) a quem amas está enfermo", em que a cláusula 8 v cptXei\~ç relativa, descreve o antecedente elíptico, o sujeito do verbo ào#£ ve i\~.

2. Substantiva: *òç* ou Xa{ij3áv£t TÒV oxaupòv aú-TOU\~ xal áxoXou&£L\~ ÒTITAUJ ^xou,oux ^oxtv ^tou ã£,i OQ (Mt 10.38) -."quem não toma a sua cruz e segue após mim, não é digno de mim". O sujeito do verbo principal, íox t v, é a cláusula introduzida pelo relativo 6c[124].

TIPOS DE CLÁUSULAS RELATIVAS

- Toda cláusula relativa é ou **definida** ou **indefinida**

1. A cláusula relativa definida se reporta a um indivíduo ou grupo particular. án0ÍT)0£v ôójôexa oüç xal áTtooTÓXouç uvÓ^aaEv[125] (Mc 3.14) - "designou doze, a quem também chamou

apóstolos". A cláusula relativa descreve os Doze.

- Geralmente, as cláusulas definidas são introduzidas pelo relativo simples 8ç, embora o possam ser, ocasionalmente, pelo relativo indefinido 8axiç:eiatv TIVEÇ *íòe* XOJV £OTT)KOTCÜV oi'-TIVE; ou P.T) y£Úaiüvxat $aváxou(Mc 9.1) - "alguns há dos que aqui se postam que, de modo algum, haverão de provar a morte".

- Em Rm 6.2, Otxt\»£ç ČL7i£$avo^£v ir) ap.apiTą - "nós que somos tais que havemos morrido para o pecado" - se reveste de certa força argumentativa. Em um sentido, refere-se o relativo a um grupo definido, em que todos hão morrido para o pecado; em outro, porém, é indefinido, em que pode qualquer um tornar-se membro desse grupo, com morrer para o pecado.

- Pode a cláusula relativa assumir sentido télico, ou seja, indicar propósito: 8ç xaxaox£uác£i tt)v óôóv aou (Mc 1.2) - "o qual preparará o teu caminho", isto é, o mensageiro vem a fim de preparar o caminho do Senhor. Era este sentido comum no grego ático, inda que não tão freqüente nos escritos do Novo Testamento. O futuro do verbo aparecia regularmente nas cláusulas finais.

2. A cláusula relativa indefinida se reporta a qualquer um em geral, sem qualquer referência a um indivíduo específico, equivalendo ao indefinido **quem quer que; qualquer um que; o que quer que,** em contraste com o definido **quem; o qual; o que:** 8axtç yàp 8\ov xòv vó-^IOV xrjprjo-g (Tg 2.10) - "pois qualquer um que guarda a lei toda", referência indefinida, vaga, não especificado quem a pessoa.

- As cláusulas relativas indefinidas são, geralmente, introduzidas pelo relativo 8axtc, contudo, por vezes são-no pelo simples 8ç : 8q è'x£t (Lxa áxoÚ£tv àxou^xto (Mc 4.9) -."quem (quer que seja que) tem ouvidos para ouvir, ouça". É bem provável que a locução àxoÚEiv åxou^Tw seja de considerar-se um semitismo a refletir o uso do infinitivo absoluto hebraico. Assim sendo, a tradução melhor ficaria:. "Quem quer que ouvidos tem, ouça bem". Cf. £t xtç è'x£t ix a áxou£LV àxou^xw (Mc 4.23), onde a cláusula condicional é equivalente à relativa de Mc 4.9.

- Em o Novo Testamento, 8ax te se limita quase que de todo ao caso nominativo.

- Cabe atentar-se bem para o contexto para ter-se o exato signi-

ficado da cláusula relativa.

3. Quanto aos relativos qualitativos, οἷος (I Ts 1.5) e ὁποῖος (Tg 1.24), ao quantitativo, ὅσος (Mt 7.12), e ao correlativo quantitativo, τηλίκος {em referência à idade, Jo 9.21; à estatura, Mt 6.27), foi a matéria tratada na parte referente ao pronome[126].

Uso de ἄν (ἐάν) na cláusula relativa

- Acentua esta partícula, praticamente sempre, a indefinitude da cláusula: ὃς ἄν ὁμολογήσῃ (Lc 12.8) - "quem quer que seja que confessar". Em um caso, ὅσοι ἄν ἥψαντο αὐτοῦ ἐσώζοντο (Mc 6.56) - "Quantos nele tocavam eram curados" - são alguns gramáticos de parecer que torna ela mais definido o sentido. Cf. ὅσοι ἥψαντο (Mt 14.36). Parece mais correto dizer, neste caso, que enfatiza ela que o poder residia no toque, antes que na pessoa que o exercia.

A negativa na cláusula relativa

- Na cláusula relativa ocorre normativamente a negativa οὐ. Contudo, matéria que tal é sempre determinada pelo modo verbal, não pelo relativo.

CLÁUSULAS TEMPORAIS

- A cláusula temporal mantém para com o predicado da cláusula principal uma relação expressamente adverbial. Como a cláusula puramente relativa, pode a temporal ser definida ou indefinida. A partícula ἄν se emprega para tornar indefinida a cláusula temporal: ὅταν (ὅτε + ἄν) εἰσπορεύωνται (Lc 12.11) - "quando quer que introduzirem".

- Dependendo do matiz de pensamento a expressar-se, usar-se pode tanto o indicativo quanto o subjuntivo.

- Há três tipos gerais de cláusulas temporais:

1. Cláusulas introduzidas por apropriada conjunção;
2. Cláusulas expressas pelo infinitivo; e
3. Cláusulas constituídas de particípio circunstancial temporal.

- Distribuem-se em dois tipos: as que expressam a idéia de QUANDO ou ENQUANTO e as que expressam a idéia de ATÉ.

1. QUANDO ou ENQUANTO.

a. 8T£ (definida, - **quando)** e ÒTAV (indefinida, - **quando quer que; em qualquer tempo que)** são, em o Novo Testamento, as duas conjunções de uso mais freqüente.

(1) 8T£ se pode usar com qualquer tempo do Indicativo, mas usualmente se refere ao passado: ÕT£ £T^\£a£v(Mt 7.28) - "quando acabou".

• - *Vezes* há, contudo, em que se refere ao presente: 8TE Çy (Hb 9.17) - "enquanto vive".

(2) av é bastante freqüente com o substantivo em cláusulas futuritivas indefinidas. O tempo é geralmente o aoristo: 8t a v Lôttce (Mt 24.33) - "quando quer que venhais a ver".

- O presente do subjuntivo se emprega quando a idéia de repetição está envolvida: ÔIAV <£pxov £C$IÚX7LV (Mt 15.2) - "quando quer que comem pão".

- Em uma passagem, a idéia é de duração: ftxav £v TI$) xÓGfiiu <L(Jo 9.5) - "por quanto tempo no mundo esteja".

(3) ÔTa v aparece, por vezes, com o indicativo:

(a) Com o futuro: ÒTOLV ÔÓjaouat V (Ap 4.9) - "quando quer que houverem de dar". É um emprego assaz natural, dada a íntima relação de sentido que há entre o futuro do Indicativo e o aoristo do Subjuntivo.

(b) Com o presente: STa v oTI^K£T£ (Mc 11.25) - "quando quer que estejais orando", isto é,."a qualquer tempo quando orais". Ver Rm 2.14.

(c) Com o imperfeito ÔTav aÚTÒv £^£LÚpouv npoéTUTiTOv aÚTijj (Mc 3.11) "quando quer que o viam, prostravam-se diante dele". Aqui a partícula confere à cláusula a noção de repetição indefinida.

(d) Com o aoristo: ÔTAV ò(J>£ *lyéve*TO(MC 11.19Í - "quando quer que se tomou tarde". Provavelmente chama aqui atenção para o repetido cair da noite. Mas, em Ap 3.1, ÔTav "HVOIE.EV tT)V acppayíôa Tr)v épô6^r)v

é certamente definida: "quando", não "quando quer que", isto é, "quando abriu ele o sétimo selo".

b. ἕως. O sentido usual é **até;** com o presente do Indicativo, porém, significa **enquanto.**

- Pode referir-se à eventuação contemporânea: ἕως αὐτὸς ἀπολύει τοὺς ὄχλους (Mc 6.45) - "enquanto ele despede a multidão"; ou, para dar-lhe mais vividez, pode projetar um evento futuro em perspectiva de presente: ἕως ἔρχομαι (Jo 21.22) - "enquanto venho". Ver ITm 4.13.

- Acrescenta-se, por vezes, ὅτου: ἕως ὅτου εἶ μετ' αὐτοῦ ἐν τῇ ὁδῷ) (Mt 5.25) - "enquanto estás com ele no caminho". A partícula ὅτου aqui não aduz nada ao sentido.

- Esta partícula ἕως deve ser observada com atenção, pois que é mais freqüentemente uma preposição que uma conjunção. Como preposição, denota o **terminus ad quem:** ἕως τοῦ ἐλθεῖν αὐτὸν etc; Καισαρείαν (At 8.40) - "até chegar ele a Cesaréia". Aqui, está seguida do infinitivo articulado no genitivo.

c. ἐπειδή e ἐπεί - **quando** e **quando quer que.**

- O uso temporal de *ἐπεί*. desapareceu de todo do Novo Testamento, mas estes dois compostos longe estão de haver sofrido o mesmo fado.

- ἐπεί ocorre uma vez: ἐπειδὴ ἐπλήρωσεν πάντα τὰ ῥήματα αὐτοῦ (Lc 7.1) - "quando terminou todas as suas palavras".

- ἐάν ocorre três vezes: ἐὰν ... νικήσῃ) αὐτόν (Lc 11.22) - "quando quer que...o vencer"; Mt 2.8; Lc 11.34. Aparece sempre com o Subjuntivo.

d. ἡνίκα - **quando.**

- Esta conjunção, originalmente pronome, ocorre apenas duas vezes em o Novo Testamento. Ambas as referências são de teor futuro.

- Uma vez, usa-se com o presente do Subjuntivo e a partícula ἐάν: ἡνίκα ἂν ἀναγινώσκηται Μωϋσῆς (II Co 3.15) - "quando quer que se lê Moisés".

- A outra vez é acompanhado do aoristo do Subjuntivo assistido de ἐάν: ἡνίκα ἐὰν ἐπιστρέψῃ) (II Co 3.16) - "quando quer que se volta".

- O uso do presente na primeira destas referências chama aten-

ção para o costume regular de ler-se a Moisés, enquanto o aoristo na segunda destaca o ato único de voltar-se na conversão.

e. £tp' ôo ov - **por tanto tempo quanto; enquanto; durante todo o tempo que.** Está implícito nesta locução o substantivo xpóvov: £cp'õaov ^L£T: 'AIJTLOV £GTIV ó VU^CPIOÇ (Mt 9.15) - ."por todo o tempo em que com eles está o noivo".

- Esta locução aparece em outras formas:

(1) 8CJOV XPÓVO v (Mc 2.19).

(2) £cp ' õoov xpóvov (Rm 8.1).

(3) 8c ov $aov (Hb 10.37). É um hebraísmo oriundo da LXX, Is 26.20, produto de tradução.

f. £v ỹ - **enquanto; no qual tempo.**

- Também esta locução subentende o substantivo xpóvtỹ. Não é propriamente real conjunção, mas uma locução com função conjuncional: Ev ỹj £p x ai (Jo 5.7) - "enquanto estou indo".

- Em Rm 2.1 e 14.21 introduz cláusula locativa.

- Em Rm 8.3 tem sentido causal.

2. ATÉ. Admite não reduzida variedade de usos.

a. fixpLÍãxpcc;)

- Aparece esta partícula mais freqüentemente como preposição, exemplo, ãxP I xai pou (Lc 4.13), do que como conjunção.

- Registra-se como conjunção, também: ãxpi T£\£o^ - aovxai ot' \6yoi TOÕ @£0ũ (Ap 17.17)-."até que se hajam de cumprir as palavras de Deus".

(1) Aparece acolitada do pronome relativo não poucas vezes, formando uma locução conjuncional: ãxpi oũ âvέστη (At 7.18) - "até que se levantou". O sentido não se altera com esta composição. O aoristo do Indicativo refere ação pretérita.

(2) Quando se insere a partícula ... o tempo da cláusula se faz indefinido:#xp I Q ... (Gl 3.19) - ."até que viesse". O subjuntivo denota evento futuro. Cf. I Co 15.25.

b.£tüc •

(1) Quando a referência é a evento real no passado, o tempo verbal será o aoristo do Indicativo ?)\0£v (Mt 24.39) - "até que veio".

(2) Quando usada inflexão do Subjuntivo, a referência é a evento futuro: £ lúç èˆX^ ¯(Mt 10.23) - "até que venha".

- A inserção da partícula ἄv torna a cláusula indefinida: ἕως & v duo ÒŨ)Í; (Mt 5.26) - "até que venhas a pagar".

(3) Se o tempo verbal é o presente do Indicativo, o uso é o que se registra na parte em que tem a acepção de QUANDO e ENQUANTO.

(4) Quando se lhe apõem TOũ, oL, 5TOU, subentende-se o termo xtfóvou. O sentido, porém, é substancialmente o mesmo de quando usado isoladamente. Um só exemplo há em o Novo Testamento do uso com a forma articular TOŨ aposta: " TOŨ £\ &E *Z* v (At 8.40) - "até ele vir".

c. ^xpt (níxpuç)

- Apenas três vezes se mostra como conjunção.

- Uma vez, sem termo aposto, não locucional: ... l xa-TavT7Íoa)(i£ v (Ef 4.13) - "até que atinjamos".

- Duas vezes, seguida do relativo oũ riiòtvcü ... ol> HOpcpwˆ XpiOTÓç £v ůfi ĩv (Gl 4.19) - "sinto dores de parturição até que seja Cristo formado em vós"; Mc 13.30.

d. TXpíVJ

- Apenas duas ocorrências se registram desta partícula, como conjunção, no sentido de ATÉ.

- Uma se acha em At 25.16, a outra em Lc 2.26[127]:^P í v fj ἄv Í ÔT) —"até que visse". Em ambas as referências é esta conjunção seguida de fj. A inflexão verbal é forma finita, após sentença negativa. Em At 25.16 emprega-se o Optativo, em Lc 2.26 o Subjuntivo.

e. ἀcp ' oí>- **desde que tempo; desde.**

- Esta locução não se enquadra bem nesta relação, todavia, visto que por vezes muito se àproxima de Puçem sentido, incluimo-la. Subentende-se xpóvou

(1) Usa-se com o presente do Indicativo: t p t'a £'tTJ à<p ' o0 £pxo|iai (Lc 13.7) - "três anos desde que estou vindo".

(2) Usa-se com forma do Subjuntivo acolitada da partícula #v: dcp ' *oi)* *éyzç>§T)* (Lc 13.25) - "desde quando se houver levantado".

1. Ttpf v ou 7ip **C**v f)- **antes.**

- Encontra-se, associada ao infinitivo, onze vezes em o Novo Testamento, sem artigo, que este se nâo usa nesta construção: npVv 'Appaà^i YEv^o^ai éytb eí[iC (Jo 8.58) - "antes que viesse Abraão a existir, eu sou".

- Usualmente, estas referências são de teor futuritivo e o aoristo infinitivo é que nelas se emprega: H<iTápT)$i Tipìtv dno-ftàveîv *10*ì Ttax ôLov jiou (Jo 4.49) - "desce antes que venha a morrer o meu filho".

2. Tipò TOÛ **- antes.**

- Ocorre, com o infinitivo, nove vezes, em oito das quais se emprega o infinitivo aoristo: npò *lov* ünaç aiTTiaat aÚTÓv (Mt 6.8) - "antes de lhe pedirdes", em apenas uma o infinitivo presente: rcpò xoû TÒV xóa^ov £îvat (Jo 17.5) - "antes de existir o mundo".

3. èv TTP **— enquanto; quando.**

- Esta expressão é muito mais freqüente em Lucas do que em qualquer dos demais autores néo-testamentários [128]. Deve-se isto ao fato de que a LXX influenciou o estilo lucano, a despeito de sua alta qualidade literária, mais profundamente do que ao de qualquer outro desses escritores. Observa-se que na LXX aparece ela cerca de quinhentas vezes.

a. Com o infinitivo presente, significa **enquanto:** êv TÛ> fepaTEÚetv aÚTÓv (Lc 1.8) - "enquanto estava ele a exercer as funções sacerdotais".

b. Com o infinitivo aoristo, tem o sentido de **quando:** *è.* v TW *eioayayziv iovç yovzic,* TÒ *nai* ôîov VIT)<JOTÛ'V (LC 2.27) - "quando trouxeram os pais o menino Jesus".

4. ^ETÒL T*6*- **após.**

- Quinze ocorrências há desta locução: TÀ Tò napaóo - Orivai TÒv'lojávvT)v (Mc 1.14) - "após haver João sido entregue".

- Lucas emprega este binômio mais do que qualquer dos outros autores do Novo Testamento.

Particípio de teor temporal[129]

1. O particípio presente em função temporal geralmente refere ação simultânea e significa **enquanto:** 'laxwp á7io§vifoxu>v [130] Çxaaxov xwv uiúiv *Itüofjcp eú\6yr)ae v (Hb 11.21) - "Jacó, enquanto estava morrendo, abençoou a cada um dos filhos de José".

2. O particípio aoristo normalmente expressa ação anterior à do verbo principal e tem o sentido de **quando** ou **depois:** TitüXfjoaç f(- **v£ yxe v** (At **4.37)** - "depois de haver vendido, trouxe".

- Ocasionalmente, expressa o particípio aoristo ação simultânea: oTteúaaç xaxápT)$i (Lc 19.5)-."desce depressa".

- Há um particípio aoristo de ação idêntica: áTioxpideíç EíTiev -."respondendo, disse". É tão comum que se não lhe faz necessário dar exemplos.

CLÁUSULAS LOCATIVAS

1. Três conjunções há que introduzem cláusulas locativas. Todas se derivam de pronomes relativos.

a. Ǒ08 v(# + $£ v) **- de onde.**

- Usada, em geral, para expressar a idéia locativa de fonte, origem ou procedência. Emprega-se com o Indicativo somente: #$£v £E,t)\-&o v (Lc 11.24) - "de onde saí".

- Na Epístola aos Hebreus é usada várias vezes como partícula inferencial:ô§£v ǒxp£c\£v xaxct -rcávxa xoiç áÔ£\<poiç ójioiw^rjvai (Hb 2.17) - "de onde lhe convinha serem tudo semelhante aos irmãos". É uso característico do estilo de Hebreus, fora de que aparece em o Novo Testamento somente em At 26.19.

b. oí> (genitivo de *ü* **) - onde.**

- É partícula bastante comum.

- Com verbos de posição significa **onde:** ol> t)v xb uai - ÔL ov (Mt 2.9) - "onde estava o menino".

- Com verbos de movimento o sentido é **para onde**[131]:ol> fj - IÍEWEV aůxòç è'px£0$at (Lc 10.1) - "para onde estava ele para ir".

- Uma vez,êáv se insere entre esta partícula e a forma subjun-

tiva de que é seguida: οὗ ἐάν πορεύωμαι (I Co 16.6) - "para onde quer que eu haja de ir".

c. Ὅπου - **onde.**

- É, em o Novo Testamento, a conjunção locativa por excelência.

- Com verbos de posição significa **onde:** ὅπου ἦν (MC 2.4) - "onde ele estava".

- Com verbos de movimento o sentido é **para onde**[132]**:** ὅπου ἀγὼ ὑπάγω (Jo 8.21) - "para onde eu vou".

- 'Associa-se-lhe, vezes não raras, a partícula *ἄν(ιάν):* ὅπου ἐὰν εἰσπορεύηται (Mc 6.56) - "aonde quer que estava ele a entrar". Esta partícula, como lhe é próprio, também aqui produz indefinitude de sentido.

- Não poucas vezes, aparece esta conjunção em cláusulas metafóricas: ὅπου γὰρ διαθήκη (Hb 9.16) - "pois onde um testamento".

2. ἐν ᾧ - **no que.**

- Esta locução prepositiva se pode empregar em sentido locativo. A mor parte das ocorrências é de cunho metafórico: ἐν ᾧ κρίνεις (Rm 2.1) - "no que julgas".

- O sentido temporal ocorre em Jo 5.7 e o causal em Rm 8.3.

CLÁUSULAS COMPARATIVAS

- Estas conjunções que introduzem cláusulas comparativas todas tiveram origem no pronome relativo.

1. ὡς (de ὅς) - **como.**

- É esta conjunção muito comum como conectivo de cláusulas comparativas. Presta-se, porém, a outras funções, que se devem ter em conta. Podem-se enumerar pelo menos dez usos distintos desta partícula na literatura néo-testamentária. Vale a pena especificá-las:

a. Aparece como real conjunção temporal: ὡς δὲ ἐπλήσθησαν αἱ ἡμέραι τῆς λειτουργίας αὐτοῦ (Lc 1.23) - "quando se completaram os dias de sua ministração".

b. Uma vez, introduz cláusula final: (ἵνα τελειώσω) ὡς τὸν δρόμον μου (At 20.24) - "para que ieve a cabo a minha carreira".

c. Uma vez assume teor exclamativo: πῶς; (ὡραῖοι οἱ πόδες - *ὡς τὰ,* (Rm 10.15) - "quão formosos os pés".

d. Pode-se usar após verbo de dizer no sentido da declarativa õxi:<Lc £'xPio£v aúuòv ó @£Óç TIVGúp.GCTt áyiáj xal òuváfie i (At 10.38) - "que[133] Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder".

e. Duas vezes aparece com o infinitivo.

- Emúc éxoiiiáaai (Lc 9.52) - "para preparar", expressa propósito. Nestle tem-lhe em lugar ẅoie.

- Emd)ç è'noc EíTiEĩv (Hb 7.9) - "para falar uma palavra" ou "por assim dizer", introduz uma proposição marcada de incerteza. Evidencia que o autor não se deseja compreendido literalmente.

f. As§ocia-se a advérbios superlativos na acepção de **ião... quanto possível:** iLc táxiaxa (At 17.15) - "tão depressa quanto possível"; "o mais rapidamente possível".

g. Usa-se com numerais na acepção de **cerca de:** (Lc 61 o \ 1 - Xioi (Mc 5.13) - "cerca de dois mil".

h. Emprega-se com particípios para expressar a razão alegada para um ato: Ú)C TI ÁXPTP^GXEPOV NUV^ÁVEA - $cu Tiepl aúxoũ (At 23.20) -."como estando para inqüirir mais acuradamente algo a seu respeito".

i. Pode introduzir cláusula resultatiya: (Lc 0410001 áv xí) òpyrį [iou (Hb 3.11) - "assim jurei em minha ira". Ver, também, Hb 4.3. Alguns comentadores preferem tomar as ocorrências desta modalidade como expressões do uso comparativo.

j. O uso comparativo é de todos o mais comum. Deixamos para o fim a referência a esta modalidade, porquanto é a que realmente nos absorve o interesse neste ponto. Muitos lhe são os exemplos: iLc ol *vno* xptxat' (Mt 6.5) - "como (ou **quais)** os hipócritas; (Lc xal el'w • Sei TiáXiv ĖÓĹÒaaxev aůxoúc (Mc 10.1) ->"e como se havia acostumado, estava a ensiná-los outra vez".

- Por vezes, o modo verbal usado é o Subjuntivo: iLc ắv$pw-10c pd\^(Mc 4.26) - ."como (se) um homem lançasse";(Lc xaip\5v #Xco|i£v (Gl 6.10) - "como oportunidade tenhamos"[134].-

- Alguns gramáticos tomam como causal a cláusula do Pai Nosso: iLc xa'l ŕmeic àcpŕjxajixv xoťe ὸcpeiX^xaic TVLÕV ($^{Mt\ 6-12}$) ~ "porque nós também temos perdoado aos nossos devedores". Parece mais natural, porém, tomá-la em sentido comparativo: "como nós também temos perdoado a nossos devedores". O correlativo

dedbç é ot$TU)ç: ŵç áp.vòç évavTíov TOU XEIPAVTOÇ CXUTÒV ACPIÜVOC,OÜTUX; OÚX dvoúyet TÒ axó^IA aú - TOU (At 8.32) - "como um cordeiro, mudo diante do que o tosquia, assim não abre ele a boca".

- Bastante complexo se mostra este numeroso elenco de diferentes usos esboçado, se alguém o pretende memorizar. O melhor proceder é ter em mente os fatos gerais e deixar que o próprio contexto determine a exata acepção em cada caso.

2. Compostos de ŵç .

a. ÚXJ£t - **como se.**

- Esta conjunção comparativa não é acompanhada nunca de forma verbal explícita em o Novo Testamento: xaTcxpatvov coae't H£p taxepáv (Mt 3.16) - "descendo como uma pomba"; épp ι μμέvot (lXJ£L ixpópaxa [ii) ^xovxa Ttoi^va (Mt 9.36) - "dispersas como ovelhas que não têm pastor".

b.(IxJ7[£p **- como, na verdade** -, a proclítica ŵç + a partícula intensiva enclítica TIEP .

- Usada com inflexão do Indicativo: &G7I£P oí ÚTIOXPITal TIotow I v (Mt 6.2) - /'como, na verdade, fazem os hipócritas".

- Usada sem verbo acompanhante: &J7I£P OI édvixoí (Mt 6.7) - ."como, na realidade, os gentios".

- Usada, também com o particípio: cxJ7i£p çp£pO[iÉ?vT)<; Tivoríç piaíaç (At 2.2) - "como um forte vento a soprar impetuoso".

c.úboTi£p£ í **-como se, de fato-,** +7i£p +e x l .

- Apenas uma vez ocorre nos escritos néo-testamentários:.dx7 - 7t£p£t tu) éxTpüJiiaTi (I Co 15.8) -."como se, de fato, ao que nasce fora do tempo".

3. Compostos de xaTÍ com o relativo.

a.xa$ó(xaTá + 8)- **de acordo com o que.**

- Quatro vezes em o Novo Testamento. Em três desses casos, o verbo é inflexão do Indicativo: xa-&ò Õ£L (Rm 8.26) - "conforme o que é necessário"; II Co 8.12; I Pe 4.13; em um é forma do Subjuntivo: xa#ò éáv éíxrç EimpóaÓEXTOç (II Co 8.12) - ."conforme o que quer que tenha (é) bem aceito". A cláusula imediata, porém, usa do Indicativo: ou xa$ò oúx £x£ I (H Co 8.12) - "não segundo o que, na realida-

de, não tem", boa ilustração da diferença entre o Subjuntivo e o Indicativo. Aquele é hipotético; este é categórico.

b. x a M (plural de natfó).

- Ocorre uma vez: xadà. a v (Mt 27.10) - "de conformidade com as coisas que (o Senhor me) determinou".

c. xa$<Í7t£p (*xaiá* + & + nep) - **segundo as quais coisas precisamente.**

- Contam-se-lhe dezessete ocorrências, incluídas três passagens em que há confusão textual com xa§úc, . É a junção de na$á com a partícula intensiva nep , enclítica: xadáuep Y^YPaitTai^Rm 3.4) - "precisamente como se acha escrito".

d. xadÓT i (xatá +) - **conforme o que.**

- É de notar-se que " I é simplesmente o relativo indefinido, enquanto 6 é o definido, de sorte que esta partícula tem essencialmente a mesma formação dos três compostos anteriores desta classe.

-* Registram-se-lhe apenas duas ocorrências em *função* comparativa (as demais são todas causais): xa-&ótt ãv tiç xP£^av eÍX£v (At 2.45; 4.35) - "conforme alguém tivesse necessidade". Em ambas essas passagens ocorre o pronome indefinido.

e. xa$Lóç (xa-cá + *í>c,)*- **segundo; conforme.**

- Bastante freqüente com o Indicativo: **XA$D)Ç "OY^TUICGL** Úfiãç (Jo 13.34) - "conforme (ou. "assim como") eu vos amei".

- Vezes há em que parece resvalar para sentido mais propriamente causal: x ãòoç u x êôoxtVaaav **TÒV** ©eòv á'x£iv *ív* stiiyviúoel 7iap£òu)X£v *amobç,* ó ®eò<; *eic àôó-* xtnov vouv (Rm 1.28) -."porque não aprovaram ter a Deus em real conhecimento, entregou-os Deus a mente de todo reprovável".

f. xa$wa7iep (*xazá* + **ŬUÇ** + Tiep) - **conforme, em verdade; mesmo assim.**

- Ocorre em o Novo Testamento apenas uma vez: xa#i5a Tte p xai 'Aapwv (Hb 5.4) - ."assim como, na verdade, também Aarão".

- Ambas, esta conjunção e a anterior, xa^ióc , são partículas compostas em que se registram dois componentes comuns: **H<ZT** d e ŭç •

4. üo o ç - **tão grande quanto.**

- Em cláusulas comparativas, este relativo quantitativo era normativamente secundado pelo correlativo **TOCJOÕUTOÍ**; , no grego clássi-

co. Nos escritos néo-testamentários assim se verifica somente em Hebreus: x oa o vi Ą; **KPEITTCÜV YEVÓPEVOÇ TOJV ÁYY^XWV** õao) **61** acpopújxepo v 7tap 'a.uxou.ç xexXrjpovÓH-rjXE v õvopa (Hb **1.4)** -• "havendo-se tornado tanto melhor que os anjos quanto mais excelente nome do que eles herdou".

- Em Hb 9.27, o pronome correlativo é otixuç: xa$ '6o ov anÓxeiTCu xoiç àv-&pw7ioiç &na£, áno-davei v -oü-xu>Ç **NAÙ Ò** Xp**IOT ÓÇ, $7IA^** npoae íc - "como está determinado aos homens o uma vez morrerem ... assim também tendo Cristo sido uma vez oferecido".

- Em Hb 10.37, 6ao v õaov é hebraísmo oriundo da LXX (Is 26.20). Em Mc 7.36, ôcov ocorre em uma cláusula comparativa, não acompanhado, porém, de correlativo.

CLÁUSULAS CAUSAIS

Cláusulas paratáticas ou coordenantes

- São introduzidas pela conjunção *yap :* xò y&p i v rcapaxEtxai poi, xò *òi xaiLpyâZzoSai* **T**ò xaAôv o(5 **(Rm** 7.18) - "pois o desejar o bem está comigo, não, porém, o efetuar". Isto expressa a razão de reconhecer Paulo que em sua carne bem algum habitava.

- Nem sempre, entretanto, yòip é causal; freqüentemente é simplesmente explicativa: Ί}oav *yàp* àXieiç (Mt 4.18) - "pois eram pescadores". Não diz esta cláusula por quê estavam Pedro e André lançando a rede ao mar; é simples nota explicativa a caracterizá-los.

Cláusulas hipotéticas ou subordinantes

1.6x1 e seus compostos.

a. 5x t é, em muito, a mais freqüente das conjunções causais. Usa-se sempre com formas do Indicativo: éucIImuÎ 6è ú^iac 8xx 7iávxa (**IOU N£JIVTIA$£** (I Co **11.2)** - "mas eu vos louvo, porque em tudo vos lembrais de mim".

- Quando negativa, regularmente o ú é a forma que ocorre na cláusula causal: **6 X I** o ú **ITEIC Í GT £ UX£ V** (I Jo **5.10)** - "porque não

há crido".

- Uma exceção se registra, em que ^fj é a negativa usada: ÔTt . ' **TIETCÍGXEUXE** v (Jo 3.18) - ."porque não creu".

- Estes dois exemplos ilustram bem a dificuldade que, por vezes, há em estabelecer-se diferença na tradução de ou' e . '. Observe-se que na primeira destas cláusulas a referência é a um fato, descrença real, enquanto na segunda é-o a uma suposição, descrença possível.

- Nem sempre, contudo, é ôx i conjunção causal. Muitas outras funções pode ela exercer:

(1) Vezes há em que serve a introduzir citação direta: xóx£ ríp^ato xaia^c^aT'i^iv xal ò}ivÚ£iv 8xu,ou'x oí 6a xòv ä'v^pumov (Mt 26.74) - "então começou a praguejar e a jurar: não conheço o homem". Nesta passagem 8xi equivale, praticamente, a dois-pontos e aspas, pelo que se não traduz. É este o chamado 8x i recitativo.

(2) Não raro, introduz uma citação indireta: *ày* vow̃v õx i xò xprjoxòv xou̇̃ ©£ou̇̃ *ziç'* ^exávotdv a£ ãyzi (Rm 2.4) - "ignorando que a bondade de Deus te conduz ao arrependimento". Esta modalidade clausular é, realmente, o objeto direto do verbo e corresponde ao acusativo. Complementa a verbos que significam: pensar, dizer, perceber, esperar, saber, declarar, etc. É o chamado 8x t declarativo.

(3) Pode indroduzir cláusula que é, na realidade, o sujeito de forma verbal: ov' ' ooi õxi tmoWvíLcSa ; (Mc 4.38) - "não se te dá que peraçamos?" A cláusula jungida por õx **L** é o real sujeito do verbo e corresponde ao nominativo. Cf. as cláusulas introduzidas por t va empregadas em função análoga.

(4) Pode introduzir cláusula em aposição a substantivo da cláusula precedente: atixT) éaxtv i*) ttapxupía xou 0**£OU̇̃** Õxt M£^iapx ÚpT**)X£ V 7L**£pi **XOU UL'OU** aúxou̇̃ (I Jo 5.9): "este é o testemunho de Deus que testificou acerca de Seu Filho". A cláusula introduzida pela conjunção Õxi explica o em que consiste f) fiapxupía xou̇̃ b£oü . É o chamado 8x i epexegético.

- Por vezes, a cláusula introduzida pela conjunção **ÕTI** está em aposição para com os demonstrativos **OITOÇ** ou £xf£ivoçiXo **Yí£TJ** àk Touxo ...**ÕTI AÙ** éx - <p£Ú£r) **TÒ xpí[ia TOÛ** 0£ou; (Rm 2.3) - "mas pensas isto ... que tu escaparás ao juízo de Deus?"; éx£u- **vo ÒÈ YTVU)AX£T£ ÕTT £I F)Ò£T Ó otxo** - Ò£aixÓTT)c (Mt 24.43) - "mas isso sabei, que se o dono de casa soubesse".

(5) Umas poucas vezes, é usada como conectivo de cláusula consecutiva: *z Cc,* <2pa **OLTOC £CJTLV ÕTt** xaÌ ò Sv£m.oq xai t) daXaaaa imaxoij£cv auTw ; (Mc 4.41) - "Quem, porventura, é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?" Abbott é de parecer que em Jo 14.22 a conjunção **ÕTT** é consecutiva.

(6) Outras vezes, é simplesmente o neutro do singular do pronome relativo indefinido, a introduzir cláusula relativa: **ÕTI**[135]**#V •7TPOAÔAIIAVIFAI3<;** »• áTtoÔujauj aoi (Lc 10.35) - "qualquer coisa que vieres a gastar a mais ... reembolsar-te-ei".

(7) Algumas vezes ainda, usa-se em associação com a interrogativa **TL** em introduzindo uma pergunta ou indagação: **TL 8T'I ££TJT£ ÎT£ µLE**; (Lc 2.49) - "Por que me estáveis procurando?"

- Esta longa relação dos usos e acepções de **ÕTI** pode parecer demasiado complexa e desnorteante. Tidos em mente, porém, os sentidos básicos do termo, o significado específico de cada ocorrência se fará claro do próprio contexto.

b. òt **ÓTL** (òiá + **ÕTI**) - **pelo que; em razão do que; porque.**

- Restringe-se esta conjunção quase de todo aos escritos de Lucas e Paulo, fora dos quais aparece apenas duas vezes em Hebreus, uma em Tiago e três em I Pedro.

- Em Fp 2.26, **ÅÔR^O VOJV**, ÔI ÓTI r)xoúaa.**T£** ÕTI rja ^ **VT)G£** v - "estando angustiado, porque ouvistes que estivera enfermo": õt **ÓT**i é causal, **ÕTL** é declarativa.

c. XA^**ÓT** t (xaTá + ÕTL)-**porque; segundo o que.**

- Ocorre esta conjunção em sentido causal cinco vezes: xa$ó -

TI oúx *-f)*v òuvax*6*v (At 2.24) - "por isso que não era possível".

2.ÍTÍEÍ e seus compostos.

a.éneC - **desde que; visto que.**

- Embora não tão freqüente quanto 8x i , nem por isso é de ocorrência rara esta conjunção. Usa-se sempre com o Indicativo: *ênzC* t)v Tcapaaxeuií 5 áaxtv npooáppaxov (Mc 15.42) - "porque era [o dia dej preparação, que é o dia anterior ao sábado".

- A negativa usada nesta modalidade de cláusula causal é sempre ou (cf. Lc 1.34), com uma exceção: ene:l (ifjnoxe taxúei 8**X£** ÇT) ó **6IO.$£M-£VO**<; (Hb 9.17)[136] - "visto que não está, de forma alguma, em vigor enquanto vive o testador".

b. é-rie t ôf)(ène í + ôrj) **- uma vez que, de fato; visto que, realmente.**

- Ocorre esta conjunção nove vezes nos escritos néo-testamentários: **£TI£ L** ôíi - at' x *ovo i* v (I Co 1.22) - "visto que, na verdade ... pedem".

c. **£TC£** i ÒT)7i£p (ánE Í + 6i^ + 7i£p) **- visto que, em verdade, certamente.**

- Uma vez apenas em todo o Novo Testamento: án£t6^7i£p TcoWot é7i£x^fpnoav dvaxá£.,aa£ai ôifjynatv (Lc 1.1) - "visto que, na verdade, hão muitos encetado coordenar uma narrativa".

3. 8§e v - **donde; peto que.**

- Esta conjunção geralmente introduz cláusula locativa, mas, em Hebreus ocorre várias vezes em sentido causal:8§£ v ujcp£u \£ v xaxà Tcávxa xoiç àÔ£\cpotc ôiioiajd-nvai (Hb 2.17)-."pelo que devia ele em tudo fazer-se semelhante aos irmãos". Cf. Hb 3.1.

Cláusulas causais introduzidas por pronomes relativos

- Várias preposições se associam ao pronome relativo como conectivos de cláusula causal.

1. å '2)v- **em compensação a quais coisas; porque:** L 6o b *£OR) ŒLLÚTHJ}V* •» dvd^lív oúx *ínCoitvo*aç xote Xó - yoic [íou (Lc 1.20) - "eis, mudo estarás ... porquanto não deste crédito às minhas palavras".

2. 6Í flv aíxiGiv - **por qual razão; pela qual causa** tp£ -

Houaa rjxdev xal Tipoaneaouaa auio) ôi 'fjv aí - xí'av fí4>ato aúxou àTc^YYStXev ávtÍTiiov iravxòç **Tou** Xaou (Lc 8.47) - "a tremer, veio ela e, havendose prostrado diante dEle, declarou perante o povp todo a razão pela qual o tocara".

3. ÒL6 (ÔL d + 8) **- em razão de que; pelo que:** 6ib Tipoaúx^tcja xrj yeveq xaúx-g (Hb 3.10) - "em razão de que fiquei indignado (desgostoso) com esta geração".

4. õt óiiep (ôiá + õ +7i£p) - **por causa de que, na verdade:** ÔLÓ7i£p £t' Í3puiua oxavôaXÍÇ£i_ xòv dò£X-cpóv \iov,ov **JÍT**) çpdyu) xpéa eiç xòv at'íova .**(I** Co 8.13) - "por causa de que, na verdade, se comida serve de pedra de tropeço a meu irmão, não comerei carne jamais".

5. oi) x&Pi'v **- graças a que; em razão de que:** *ov'* x^ptv **\£YIÜ OOL** (Lc 7.47) - "em razão de que te digo".

- A **preposição,** na realidade, **posposição,** x^piv é um bom exemplo de como determinados casos substantivos primeiro passaram à função de advérbios e, então, à de preposições. A forma x<*ptv é a inflexão do acusativo do substantivo x*dp*ic - **graça** Ver, também, xoú - **TOU x^PIV** (Ef**3.1, 14).**

6. £'v i - **na qual coisa; em que.**

- Ocorre este binômio uma vez em função de conjunção causal: xo yap àóúvaxov xou vó^iou,áv w r)a#£v£i òià xrjç aapxóc (Rni 8.3) - "pois o impossível da lei, em que estava enferma através da carne".

7. £cp'õaov - **em tanto quanto:** X^yto ùμ'ιν, écp'õaov é7iOLT^oax£ ávt' xoúxuv **XIOV** áó£Xcpojv jiou **XCÜV** éXaxL'axtüv, £|ioì *énoirfoaxe* (Mt 25.40) - "Em verdade, digo-vos, em tanto quanto fizestes a um destes meus mais apoucados irmãos, a mim (o) fizestes". Ver, ainda, Mt 25.45.

8. xa$'õaov - **em tanto quanto; até onde:** xal **xa$'8aov** *ov'* X^Ptç ópxw^oatáç (Hb 7.20) - "e em tanto quanto não sem juramento".

O **infinitivo com** 6 l à x*6* **a expressar causa**

- É esta forma de expressão bastante comum na enunciação de causa ou razão de um ato: ôià xò £t' vai aúxòv *èE, oix'ov*

xat Ttaxpt ãç Aaut' ó (Lc 2.4) - "em razão de ser ele da casa e linhagem de Davi".

- Em Jo 2.24, òtà **TÒ** aůxòv yt viGaxet v - "em razão de conhecer ele" - se usa em paralelo a uma cláusula causal introduzida por #x t , no verso seguinte: 8x t ou' xP^íav £Ťx£v - "porque não tinha necessidade".

O particípio em função causal

- O particípio circunstancial pode expressar causa: ôt' xat oç (jjv xaì [iti aůxrjv òety^axťaat [137] ἐβουλήθη XáOpą ánoXũcat aůxi*)v (Mt 1.19) - "sendo justo e não desejando expô-la à execreção pública, decidiu repudiá-la particularmente". Os particípios £>v e í}£\ujv dão a razão porque planejou José deixar Maria às ocultas.

- O efeito de ẁç sobre o sentido do particípio a que se associa se pode ver em d)ç òt aaxpeć po vxa xòv Xaóv (Lc 23.14) - "como agitando o povo". A partícula (!>< chama atenção para o fato de que Jesus estava sendo acusado de um crime meramente alegado, não comprovado ou real.

CLÁUSULAS DE PROPÓSITO[138], INTENTO[139] E RESULTADO[140]

- Prestam-se estas três modalidades de cláusulas a uma consideração conjunta, uma vez que são freqüentemente introduzidas pelas mesmas conjunções. Esta como que aglutinação do uso destas conjunções se deveu a duas influências. Em primeiro lugar, o fato de ter o infinitivo uso praticamente análogo, se bem que muito mais amplo, parece haver estimulado o emprego mais flexível destas conjunções. Em segundo lugar, propósito e resultado são, em última análise, bastante afins. Propósito é simplesmente resultado pretendido e resultado é nada mais do que propósito realizado. Da cuidadosa observação do contexto se determinará o exato teor destas cláusulas.

1. Cláusulas introduzidas pela conjunção f va •

- É ťva, em muito, a conjunção que mais freqüentemente serve de conectivo a cláusulas de propósito. Nessa função, ocorre oito vezes mais do que " . Tão associada era com a noção de propósito (de-

sígnio) no grego clássico, que, durante muito tempo, se recusaram náo poucos exegetas a admitir que jamais pudesse ela expressar resultado. Meyer se fez o campeão de uma "luta heróica" em torno da idéia de que pudesse jamais ú va expressar noção outra que não propósito. Tentavam os propugnadores dessa escola estabelecer o uso do coiné pelos padrões do ático.

- Os seguintes usos se podem conferir à conjunção Z va em o Novo Testamento:

a. Propósito é o sentido usual da cláusula introduzida pela conjunção C va no coiné.

(1) O modo do verbo é, virtualmente, sempre o Subjuntivo.

(a) Ambos, o aoristo e o presente, se usam, à miúde, nestas cláusulas: o aoristo sem conotação de tempo e em teor punctiliar; o presente, sem conotação de tempo, mas linear em teor.

- Vezes há em que ambos esses tempos ocorrem em uma e a mesma cláusula: **T**oi ç *Zçyoiç* **TU**ate **ÚET**£ , L'va yvojTE xat yivdjaxriTe (Jo 10.38) - "crede nas obras para que venhais a saber e continueis sabendo". Este exemplo oferece boa ilustração da diferença de sentido desses dois tempos no Subjuntivo.

(b) Por vezes, ocorre o perfeito do Subjuntivo: iV e t C àt 011 **TÒ** Ttveüfia **TOU XÓG^LOU** £XápOfi£ v,áXXà **TÒ** 7tv**£U|IA TÒ** éx **TOU** 0£ ou, ívα £CÒ**ÜJH**£v Tà **ÍMÒ TOU** ©£ou **XAPIA£££VTA** ifatv **(I** Co 2.12) - "mas, nós não temos recebido o espírito do mundo, ao contrário, o Espírito que procede de Deus, para que saibamos as coisas que nos foram graciosamente outorgadas por Deus". Deve-se ter em conta que o perfeito do Subjuntivo, zi õ b£ v (de oí Òa), tem a acepção de presente.

- Exceção feita de uns poucos subjuntivos perifrásticos, oi 6a tem o monopólio do perfeito do Subjuntivo em o Novo Testamento, ocorrendo dez vezes.

(2) O Indicativo aparece, por vezes, em cláusula de propósito introduzida por esta conjunção £ va .

(a) O futuro do Indicativo: xaì xaipuì á7i£aT£iX£v Ttpòç **TOÜÇ** YEwpyoòç ôouXov, fva árcò

TOU^ Hap7iot> **TOV** áfiTieXwvoc ôwoouatv aiixii) (Lc 20.10) - "E no devido tempo enviou um servo aos lavradores, para que lhe dessem do fruto da vinha".

- No grego clássico, usava-se, por vezes, o futuro do Indicativo em cláusula cujo conectivo era a conjunção auxtj,), para expressar propósito[141]. Provavelmente, isso levou a seu posterior uso com f va . Não há diferença essencial de sentido entre o aoristo do Subjuntivo e o futuro do Indicativo nestas cláusulas. É oportuno aqui relembrar a íntima vinculação histórica a lavrar entre esses dois tempos.

(b) O presente do Indicativo: otôajicv õè õxi ó uíòç **XOU @£0U** f)x£i, *na* **Ô£ÔIOX£V** Ôiá - voiav íva yt viíoaxoiie v xòv á\T)$ivóv (IJo 5.20) -."Mas, sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para que conheçamos a verdade". Duas possíveis explicações há para o uso do presente do Indicativo yt vdx7X0[i£v nesta cláusula introduzida pela conjunção final f va : pode ser que o Indicativo aqui se use para expressar o fato de que o propósito de Cristo em vir ao mundo foi realizado, ou, então, pode ser mero lapso de escrita, grafado Y t vÚ0 xou£v em vez de y i **VÚG XUJH** £v (presente do Subjuntivo), se bem que tais senões gráficos fossem relativamente raros. É melhor não ser dogmático em um caso como este.

(3) A negativa empregada em cláusula de propósito é sempre µ ή : |iT) xpCv£x£ [142], ífva [it\ xpc#r)x£ (Mt 7.1) - "Não julgueis, para que não sejais julgados".

b. Pode também a cláusula introduzida pela conjunção £va expressar simples intento.

- Difere a cláusula de intento da cláusula de propósito em que exerce aquela a função ora de sujeito, ora de objeto do verbo principal.

(1) Cláusulas introduzidas pela conjunção f va *a* exercerem a função de sujeito não são raras: a u^icp£p£i yáp oi uva (xtió\t)xõlu £v tu)v ii£\ü>v aou xat µ ή 8\ov xò aiojiá aou P**T**)9**T**J *cíc,* yéevvav (Mt 5.29) - "pois preferível te é que se perca um dos teus membros e não que se vá o teu corpo todo para a Gehena". A

cláusula introduzida pela conjunçãoX. va é toda o sujeito do verbo principal o m<p£pe i .

(2) Cláusulas introduzidas pela conjunção ĩ va a servirem como objeto do verbo da principal encontram-se, em o Novo Testamento, após verbos que significam DIZER, FALAR, ORAR, etc.: Mal 7tpoar)úx£t o ĩva eť ôuvaxóv *ioi* **LV** 7tap£XdT) **ÁIT'** aůx**OŨ** ^ ůpa (Mc 14.35)- "E orava que, se possível fosse, dele se passasse a hora".

c. Umas poucas ocorrências há em que a cláusula introduzida pela conjunção ĩva expressa resultado: **TĹÇ** apx£v, *obi* oç ñ ot' yovetç aúxou,í.'va xixpXoç Y£vvr)df| ; (Jo 9.2) - "Quem pecou, este ou os pais dele, de sorte que viesse a nascer cego?" Mal se pode conceber que os pais ou a criança ainda por nascer houvessem cometido algum pecado abominável com o intento de que houvesse ela de nascer privada da visão. Mas, ajusta-se bem à teologia da época o levantar a questão, de em razão do pecado, de quem resultara a cegueira da criança.

- Sanday e Headlam[143], a carecerem do subsídio dos conhecimentos novos do coiné propiciado pelos papiros, argúem em bases exegéticas, não gramaticais, que é consecutivo o sentido de I' va em|ir] ÊTtxataav ĩva *NÍ* **OOJO** I v ; (Rm 11.11) - 'Tropeçaram assim que caíssem?" É desarrazoado conceber que Israel tropeçou A FIM DE cair; conforma-se, porém, à tônica da história de Israel o dizer que tropeçou tão seriamente QUE caiu. Ver, ainda, Lc 1.43; I Ts 5.4; Ap 9.20; 13.13; I Jo 1.9.

d. Cláusula epexegética introduzida pela conjunção ĩva .

(1) Razoável cifra há desta modalidade de cláusulas em direta aposição a substantivos em vários de seus casos.

(a) Nominativo:£px£Tai ŵpa I'va nãç ó àn;oxx£ťvaç fyiaç ôóÇi} Aaxp£ťav TipoacpeípE i v xtǫ̃ ©£<4> (Jo 16.2) - "hora vem que (quando) todo aquele que vos haja morto pensará que está a oferecer culto a Deus". A cláusula introduzida pela conjunção f v a define o substantivo ŵp a . É quase temporal o sentido.

(b) Ablativo: **^I**£ť£ova xaúxrjç áyábwv **OÍÔE**ÍÇ è'x£t,ĩva **XLÇ** xf)v (JjUXŤjv aůxoũ $1ǯ Ò7iÈp xu)v cpíXojv a k o ũ (Jo 15.13) - "amor maior do que

este ninguém tem, que dê alguém a vida sua em favor de seus amigos". A cláusula introduzida pela conjunção Uva. explica o demonstrativo **T** aúx T)**Ç** , subentendido o substantivo àyánviQ .

(c) Locativo: £v xoúxcu ÉÔoÇáaST} ó naxrjp fiou, Uva xapnòv TioXùv cp^prixe (Jo 15.8)-."Nistoglorificado foi meu Pai, que deis muito fruto". Aqui, a cláusula introduzida pela conjunção **Í'**va explica a frase **Á**v **TOVTÜ)** .

(d) Acusativo: ÍÔ£X£ TtoxaTtTjv áyaTi^v òáôojxev *i)*\xiv **Ó** naxrìp Uva x£xva 0£ou **X****T**)$(Õ|**ÍEV** (I Jo 3.1) - "Vede que de amor nos tem conferido o Pai, que sejamos chamados filhos de Deus". Aqui, a cláusula introduzida pela conjunção Uva explica o substantivo áycÍTir) v .

(2) Outra modalidade de cláusula epexegética introduzida pela conjunção Uva é a em que é o verbo que assim se explica: 7iX"npújaax£ \iou xrjv x^pàv Uva xò aùxò ipp o vrjx£ (Fp 2.2) - "Plenificai a minha alegria, com terdes o mesmo pensar".

2. Cláusulas introduzidas pela conjunção 6**TIUJÇ** .

a. Cerca de cinqüenta vezes ocorrem cláusulas de propósito introduzidas pela conjunção **5HÜX**; em o Novo Testamento. Encontram-se predominantemente em Mateus (dezessete vezes) e Lucas-Atos (vinte vezes).

(1) O modo verbal de regra é o Subjuntivo: **O**a\niór)Q ^TtpoaSáv aou, wanep ot tmoxpLxai TiOLOuaiv £v xatç auvayíoYatç xal áv xaic, í^at Q*f* õntüc ôo£,aa$waiv (mò Tyv áv^pojTtüJv (Mt 6.2) - "não toques trombeta diante de ti como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem glorificados pelos homens".

- O uso do futuro do Indicativo, tão comum nesta modalidade clausular no grego antigo, desapareceu quase de todo nos autores néo-testamentários, nos quais ocorre apenas umas poucas vezes. Alguns gramáticos tomam Tcpoaxuvfjao) na cláusula introduzida por 6hojc em Mt 2.8 como inflexão do futuro do indicativo. Como, porém, a forma do primeiro ao-

risto do Subjuntivo é a mesma, não há como distingui-las nesse caso.

(2) O emprego da partícula fiv na cláusula de propósito introduzida por ÕTtwç registra-se quatro vezes através do Novo Testamento: yivicbw ôè ó ©**EÓÇ** áXrjdifc **, πᾶς** *bl* fiv&paraoç 4>£&TTiK$_f$ *u&frânep yéypaniai,* Õtcux*;* ãv xatòc; *\6yoi* ç a ou xai vtxV)a£iç £v uw xpťv£o$at' ae (Rm 3.4) - ."antes, seja Deus havido por'verdadeiro, todo homem, porém, por mentiroso, assim como está escrito: para que sejas justificado em tuas palavras e venhas a vencer em teu julgar". De notar-se é que o aoristo do Subjuntivo õt xaiu - %rjç e o futuro do Indicativo vi xifoe t <; ocorrem em coordenação nesta cláusula.

- As demais ocorrências são todas nos escritos lucanos: Lc 2.35; At 3.20; 15.17. Dois destes quatro exemplos, Rm 3.4 e At 15.17, estão em citações da LXX. Considerando-se que foi o estilo de Lucas muito influenciado pela LXX, bem podem os outros dois casos dever-se a essa influência.

- Ao ver de Goodwin[144], este uso de ÍSTIQJÇ **#V** com o Subjuntivo em cláusulas de propósito primeiro o empregou Ésquilo. A partícula <5v parece em nada afetar o sentido da cláusula. Possivelmente, introduza ligeiro traço de indefinitude.

b. Cláusulas de intento são também umas poucas vezes introduzidas por .

(1) Três ocorrências há desta modalidade clausular em o Novo Testamento, sempre a seguir-se à locução *o* 141 pov\ tov £\apov : Mt 12.14; 22.15; Mc 3.6[145]. Em cada uma dessas referências se pode perceber não leve traço de uma pergunta deliberativa indireta, como se vê em Mt 22.15: -lóit no - peu$£vT£ç **01** cpapiaaiot au^poúXtov £\apov Õ**TI**wc *avxhy* Ttaytô£úawatv /\> Âóyu> - "Então, tendo-se ido, os fariseus tomaram conselho para o apanharem em palavra". O problema com que se defrontava o conciliábulo farisaico era: "Como o haveremos de apanhar?" A sentença bem se poderia assim traduzir:

"Tendo os fariseus ido, tomaram deliberação quanto a como o apanhariam em palavra".

(2) Ocorre, também, certo número de vezes após verbos que significam INSTAR COM, INSISTIR, ROGAR, PEDIR, SUPLICAR: atTotVevou ... Siiux; 7tpoar)££avxo ... ÕNWÇ (At 8.15); £PTOTCÜV ... ÕTICÜÇ (LC7.3); TiapExá-\£0av.» (Mt 8.34); ... **ÕTIUN**; (Mt 9.38).

c. A negativa usada nas cláusulas introduzidas pela conjunção ÕTU**ÜÇ**, quer de propósito, quer de intento, é ntf: At 8.24; 20.16.

3. Cláusulas introduzidas pelo advérbio .

— μή e seus compostos introduzem todos cláusulas negativas,

a. Cláusulas de propósito.

(1) Cláusula de propósito introduzida por JYpriyopE i**TE** oí;v ... pi') ... eftpij ûnaç xa$EÚÔovTa<; (Mc 13.35, 36) - "Vigiai, pois ... para que não ... vos ache a dormir.

- No grego antigo, era , em muito, o elemento mais comum a introduzir cláusulas de propósito negativas. Em o Novo Testamento, porém, foi quase de todo superada pelas locuções tfva e ÕTCIÜÇ fiií. É o Subjuntivo o modo exclusivo empregado nesta modalidade clausular.

(2) Cláusulas de propósito introduzidas por nfí **TIOT£** (μή **+ TIOT£**).

- A noção de tempo, naturalmente expressa pela partícula TtOTÍ, se desvaneceu, substituída pela idéia de contingência, **"para que, porventura, não".**

- Ocorre nifaote em o Novo Testamento com:

(a) O Subjuntivo: fiifaoxe xaí aírcoí àvt I xaX^auj-**oL'v** *ot* (Lc **14.12**) - "para que, porventura, por sua vez, te não convidem também eles a ti".

(b) O futuro do Indicativo: jiifaoTe t'oiai (Mc 14.2) - "para que não venha, porventura, a haver".

(c) O aoristo do Optativo, em alguns manuscritos: ^fjnoxe ôúrç aúTOtç ó ©eèç ^£xávotav (II Tm 2.25) - "para que, porventura, lhes não conceda Deus arrependimento". Outros manuscritos exibem o Subjuntivo ôúnj .

(3) nifaojç (M-ii + niúc,): raro em cláusulas de propósito nos escritos do Novo Testamento. O advérbio indefinido enclítico rcujç **- de algum modo; de alguma forma,** induz à cláusula a noção de maneira.

- iiifaiocse usa:

(a) Com o Subjuntivo: nifaioc... yévojpat 0 Co 9.27) - "para que não venha eu, porventura, a ser"[146].

(b) Com o aoristo do Indicativo, duas vezes, a referir-se a evento passado em que o propósito se concebe como não havendo sido realizado: h^**TIUK**; ... ^ôpajaov (Gl 2.2) - "para que, porventura ... não houvesse eu corrido"; nifaux; *í* **TŒ** ípa - o c v (I Ts 3.5) - "porventura, não houvesse tentado". É esta modalidade de expressão típica do ático.

b. Cláusulas de intento.

– μή e seus compostos são, por vezes, usados após verbos de **temor, cuidado** e **perigo,** em lugar de t' va ji "ﬁ\ [147].

(1)M •

(a) Geralmente empregado o Subjuntivo: PX£**TIETE** p ' **X**t **Ç** Ůjiãç TCXavffaT) (Mt 24.4) - "vede que vos não engane alguém"; átpopoũvxo **TÒV** Xaòv prj Xtaoüj - o t v (At 5.26) - "temiam o povo, não fossem, porventura, apedrejados".

(b) Por vezes, ocorre o futuro do Indicativo: **PX€TI£TE JÍ**ﬁ **TIÇ ÉFAXAI Ò** ouXaywYUív ôtà **TT)Ç** cptXoao-(píaç xai XEVTiç ànáTrjç (Cl 2.8)[148] - "Vede que ninguém venha a haver que vos faça presa sua mediante a filosofia e vão engano". O Indicativo parece sugerir a possibilidade de que tal se venha a dar.

(c) Mesmo o presente do Indicativo se pode usar, desde que o temor se refira *a situação* presentânea: a x Ó7i£ t oúv firj **TÒ CPCJC** tò **£V A**ol **OXÓTOÇ ÉOT** ív (Lc 11.35) - "Olha, portanto, se a luz que há em ti trevas não é". O Indicativo aduz um traço de realidade às bases de precaução.

(2) P-T^TLOTE .

(a) Ocorre umas poucas vezes com o aoristo do Subjuntivo: TipoaéxEtv rmãc **TOIC** á.xouode ta t **V**,^**T**5tio-**TE** napap **ULÜ|IE V** (Hb 2.1) - "atentarmos nós às coisas

que foram ouvidas, para que, porventura, não nos desviemos".

(b) Aparece também com o presente do Subjuntivo: <popr)§c3 - (i£v iirjuoTE ... ôo**XT**) tlç (Hb 4.1) - "temamos não pareça, porventura, alguém".

(c) Encontra-se, ainda, associada ao futuro do Indicativo: {3X£ - 7t£T£ ... |i^7toT£ HoTCLi (Hb 3.12) - "Vede ... que não haja, porventura".

(3) (i^TIUÇ[149].

(a) Ocorre com o aoristo do Subjuntivo: px£nET£ ôè μή - **TXCÜÍ** ... Yévr)xat (I Co 8.9) - "Vede, porém, não venha, porventura, tornar-se".

(b) Se o temor se projeta no presente ou no passado, usa-se o Indicativo: 9opomat ... £1x13 xEXOiúaxa (Gl 4.11) - "Temo ... não haja eu, porventura, trabalhado em vão".

- O infinitivo a complementar forma de verbo de **temor** impõe a idéia de hesitação em levar a cabo a ação em vista: é^opT^T} àn£ X$£ tv (Mt 2.22) - "temeu ir-se".

4. Uma vez, no texto de Westcott-Hort, ocorre tiç a introduzir cláusula de propósito[150]: dXX'ouÒ£vòc; Xóyou **TIO**toV\Iat τὴν ÍJJUXTIV tijiíav £^iauxu) **WÇ** t£X£iujau) **TÒV** ôpó-|ío\> \ÍOV (At 20.24) - "Mas, de nenhuma importância faço valiosa a vida a mim mesmo, para que conclua a minha corrida". Alguns manuscritos têm T£X£tioaai,o infinitivo de propósito, em lügarde **TEXE** t(5 - **OU**).

-Nem cláusulas de intento, nem de resultado se registram com o conectivo ux; .

5. Cláusulas relativas que implicam propósito e resultado.

a. Cláusulas relativas que implicam propósito.

(1) O futuro do Indicativo é o tempo verbal normativo nesta modalidade de cláusulas: ĹÔoù áTtoax^XXü) **TÒV** ". - yeXóv jiou Tipò npoaúmou aou,5ç xaxao - XEuáoEt **TT)V** óòòv aou (Mc 1.2) - "Eis que envio o meu mensageiro diante de tua face, o qual preparará o teu caminho". A cláusula relativa, " xat aa x£ uáa £*L*, apenas implica a idéia ou noção de propósito.

(2) O Subjuntivo se pode também empregar: nap '& J;£vta - &üjfi£v (At 21.16) - "com quem nos deveríamos tospedar".

b. Cláusulas relativas que implicam resultado.

- Era forma de expressão bastante comum no grego antigo, da qual parece haver uns poucos exemplos em o Novo Testamento: *5ç ye* TOÜ ÍôíÓu utou oúx áqjEÍaato (Rm 8.32) - "aquele que, na verdade, ao próprio filho não poupou". Ver, ainda, Mt 10.26; 24.2

6. O infinitivo a expressar propósito, intento e resultado.

a. O infinitivo de propósito.

- Ocorre, nos escritos néo-testamentários, duzentas e onze vezes, excedendo-o nesta função apenas o emprego das cláusulas finais introduzidas pela conjunção tva .

(1) Por vezes, aparece o puro infinitivo: oúx ĵj\$ov *xa\é-* oat (Mc 2.17)[151] - "não vim chamar".

(2) Outras, o infinitivo regido do genitivo articular **T Õ ψ£λ-** \£i **YÀP^PUIÔTK** ÇT)T£tv **TÒ** Ttatóíov **TOÜ** á7co\€aat auTÓ (Mt 2.13) - "Pois Herodes está para buscar o menino para matá-lo".

- Nem todas as cláusulas infinitivas deste molde expressam propósito. A maioria é de cunho explicativo (epexegético). A mor parte das que exprimem propósito se acha nos escritos de Lucas e de Mateus. Paulo se serve desta modalidade duas vezes: Rm 6.6; Fp 3.10.

- O infinitivo articulado pelo genitivo **TOÜ** parece haver-se tornado frase estereotipada, pois em Lc 17.1 e At 10.25 é tratado como se estivesse no caso nominativo, desempenhando até a função de sujeito do verbo.

(3) Bastante comum é o infinitivo regido de £tç **T**<5 nesta função. De fato, aparece setenta e duas vezes nos escritos néo-testamentários: *ziç* **TÒ** £ívat auTÒv npunó- **T**oxov év noAXciç àÒ£X<poiç (Rm 8.29) - "a fim de ser Ele primogênito entre muitos irmãos".

(4) Doze vezes ocorre o infinitivo de propósito regido de iipòç TÓiTipòç **TÒ** $£a$T)vat (Mt 23.5) - "a fim de serem vistos".

(5) Uma vez se encontra o infinitivo precedido de 6c em acep-

ção final: (I)ç £x **O** t, *do a* **T** (Lc 9.52)[152] - "a fim de preparar.

b. O infinitivo de intento.

- É uso assaz comum do infinitivo.

(1) Usa-se como sujeito do verbo: éfiol yàp xò Çrjv XPicjxÓ**Ç** (Fp 1.21) - "pois para mim o viver (é) Cristo".

(2) Emprega-se como objeto do verbo: oúx àpTiayjiòv ^yifoato xò £ívai ťoa 0£ẁ (Fp 2.6) - "não reputou o ser igual a Deus coisa de que não abrir mão". Nesta expressão tem o verbo, ^yifaax o, dois objetos: o substantivo ápTiayfió v e o infinitivo £ívai.

c. O infinitivo de resultado.

(1) A maneira mais freqüente de expressar-se resultado é, avantajadamente, a cláusula infinitiva introduzida pela conjunção *ůottixa* L £$£pá7I£U0**£V** A**V**XOÙÇ (JXJX£ **T**Ò**V** 6xko\t &avy.áoai (Mt 15.30c-31), - "e os curou, de sorte que a multidão se maravilhou". O coiné, de regra, não faz distinção entre resultado contemplado e resultado atingido. Esta forma de expressão se pode usar para ambos. Duas exceções, porém, há a assinalar (Jo 3.16; Gl 2.13), em que se emprega o Indicativo com ůxjxe para referir ação realizada, resultado atual.

(2) Pode aparecer o infinitivo puro: 4>£Úcaa3ai (At 5.3) - "de sorte a mentires".

(3) Por vezes, o infinitivo articulado pelo genitivo xoũ: xoũ ^r) eívai aiŕc^v (Rm 7.3) - "de sorte que não é ela"[153].

(4) Também o infinitivo regido de £í <; xó parece, em alguns casos, expressar resultado: eíç xò napanaXíaai ŕ)naç Tíxov (II Co 8.6) - "de sorte que a Tito exortamos". Ver Rm 1.20.

(5) Assim, o infinitivo precedido de npóç xó. Há certa dúvida quanto a esta modalidade de expressão, todavia, que expresse resultado é possível: npòç xò £7ti^u^iT)oai (Mt 5.28) - "de sorte a cobiçar".

7. O particípio, não menos, pode expressar propósito.

- Esta forma de expressão não é freqüente nos escritos néo-testamentários.

a. Ocorre com o particípio futuro: áXr)XÚ$£i. itpoaxuvn-GCÜV (At 8.27) - "havia vindo para cultuar". Ver Mt 27.49.

b. Dá-se, também, com o particípio presente: ànéoiei Xev aòiòv eúXoyoũvxa fyicic; (At 3.26) - "enviou-o abençoando (para abençoar) -vos".

8. **ÕT L** parece também introduzir cláusula de resultado: TtoTanóç ĉOTIV OÍJTOÇ ÒTI xaì oí ā\>z\xoi xai #<£-Xaaaa aòtâj imaxotiouotv ; (Mt 8.27) - "que tal é este, que até os ventos e o mar Itie obedecem?" Nesta referência, a cláusula introduzida pela conjunção **#T I** poder-se-ia tomar como exclamativa. Ver Lc. 8.25.

Síntese

- Propósito se expressa, mais freqüentemente, mediante cláusula introduzida pela conjunção tva. Entretanto, esta forma de expressão pode, em o Novo Testamento, também indicar intento e resultado. Vezes há em que t̄va é epexegética.

- Propósito, intento e, também, discurso indireto podem ser, igualmente, expressos mediante cláusula cujo conectivo seja ônux; .

- Propósito e intento se podem referir através de jii^e seus compostos.

- Cláusulas relativas podem também implicar propósito e resultado.

- O infinitivo, em várias formas de expressão, pode indicar propósito, intento ou resultado. A maneira mais encontradiça nos escritos néo-testamentários para expressar resultado é o uso de **ŌJOTE** seguida do infinitivo.

- O particípio circunstancial também pode expressar propósito.

- O estudioso do Novo Testamento, em buscando determinar-lhe o real teor, deve sentir do próprio contexto qual o exato sentido de cada uma destas modalidades de expressão. Nenhum conjunto de regras vale aqui. A clara compreensão do contexto é melhor do que todas as regras que se pudessem formular.

PARTE V

A S S E N T E N Ç A S

SENTENÇAS CONDICIONAIS

- Dois tipos há de sentenças condicionais: determinadas e indeterminadas. O traço distintivo destes dois tipos é o modo verbal empregado na prótase (a cláusula que encerra a condição). Uma vez que é o Indicativo o modo da afirmação categórica, é o que aparecerá sempre nas prótases das condicionais determinadas. O Subjuntivo e o Optativo, modos da asserção dubitativa, ocorrerão nas prótases das condicionais indeterminadas.

Condicionais determinadas

- Distribuem-se em duas classes: de condição cumprida e de condição não cumprida. Denominam-se condicionais de primeira e segunda classes, respectivamente.

1. Condicionais da primeira classe.

a. Na prótase ocorrerá sempre forma verbal do Indicativo e a conjunção condicional será normativamente e῎ (por vezes, ι ά ν ou 5ν , obliterada em tais casos a distinção entre estas e aquela partícula. Qualquer tempo verbal se poderá empregar.

b. Na apódose (ou conclusão) poderá aparecer qualquer tempo e modo verbais.

- Tanto pode a conclusão assumir a forma de uma declaração quanto de uma interrogação.

- Esta é, em muito, a mais freqüente das modalidades condicionais. A prótase presume como procedente a condição e o assinala com ser usado o modo Indicativo. Tem, contudo, a prótase que ver com a ma-

neira como a afirmação é feita, não com sua verdade ou falsidade: £í ẻyòj áv B££XÇ£poí>X éxpáXXw xa ôatpi6vta,ot' uĩoi ΰΜ-ΰ̃JV £ἐv ΤΙ΄vi Ἐxpa΄XXoixJLV ; (Mt 12.27) - "Se eu, por Beelzebul[154], expulso os demônios, os vossos filhos por quem os expelem?" Simplesmente para argumentar, Jesus assume como verdadeira a tese dos fariseus de que Ele expulsa demônios por Beelzebul[155] para, dessarte, positivar-lhes o erro. Mediante essa sentença condicional, estabelece Jesus um como que argumento **ad hominem:** Ôià **T**o **ΰ̃T**o aú-**TO!** xpixal éfcovTai **ΰ̓LΩ̃JV** - "Por isso, eles próprios vos serão os juízes", isto é, ou a vossa acusação é falsa, ou, então, vós também sois culpados da mesma falta. Prossegue Jesus com aventar uma postulação calcada nos fatos: **EI**' **ÒἜ** *èv* **71VE ΰfi ÜT I ©EOΰ̃** *I y&* Ἐxpdt΄XXuj (v. 28) - "mas, se pelo Espírito de Deus eu lanço fora (os demônios)", de que conclui: ãpa è'cp\}aa£v ἔ(p'u^a̅c; "f) paai-X£ί΄a tou̅ 0£ou̅ (v. 28) - "logo, é chegado sobre vós o Reino de Deus". Esta é a conclusão que representa a verdade da situação: o Reino, chegado que lhes era, dever-se-lhe-iam preparar mediante o arrependimento (Mt 4.17).

- Exemplo de condicional desta primeira classe introduzida por Êáv é: vu̅v £ojfi£v,éàv ὑpeiç o**T^XET**£ év xupiú; (I Ts 3.8) - "agora vivemos, se vos mostrais firmes no Senhor".

2. Condicionais da segunda classe.

a. Na prótase se empregará sempre forma do Indicativo e a conjunção será a condicional simples £t΄. O tempo verbal, entretanto, terá de ser pretérito: imperfeito, aoristo ou mais-que-perfeito.

b. Na apódose, também, ocorrerá inflexão pretérita do Indicativo. Geralmente, a partícula ãv se fará presente nestas apódoses, elemento que servirá para distinguir-se esta modalidade das condicionais da primeira classe. Em Jo 15.22, é omitida esta partícula, mas do contexto se faz claro que se trata de condicional da segunda classe: £t' y.r) ἦjX#ov xai ἐXa΄XTpa aἰnoἶç, ápapTί΄av oúx £ἰ'xoaav [156] - "Se eu não houvera vindo e lhes não houvera falado, pecado não teriam". O ponto é que Jesus tinha vindo, e tinha falado, e eles eram culpáveis.

- Omite-se freqüentemente a partícula #v das apódoses destas condicionais da segunda classe, após verbos que expressam propriedade, conveniência, possibilidade ou obrigação: Mt 26.24; At 26.32.

(1) Se a condição se refere ao presente, é o imperfeito que se usa: ei' yàp **ÀN.I0X£Ú£X£** Mutôaeï ,£'TUGX£Ú£-x£ ăv é|ioí (Jo 5.46) - "Pois, se crêsseis a Moisés, creríeis em mim". O ponto da condição é que se os judeus realmente cressem em Moisés, em que professavam crer, estariam necessariamente crendo em Jesus também.

(2) Se a condição se refere ao passado, geralmente é o aoristo que se usa: £i' Túpw xaì **IIÒLÕVI** ézy^vov-TO ai' ôu\»á^£iç ai' y£vó^£vai áv úpîv, TcáXai £v £'v aáxxw xaì OTIOÔÙ) ^£X£V6TI-aav (Mt 11.21) - "Se em Tiro e Sidón se houvessem produzido os milagres ocorridos entre vós, há muito que se haveriam arrependido em saco e cinza".

(3) Se em mira se tem expressar ação contínua no passado, far-se-á uso do imperfeito: XAì £I' U^V ÁX£ Í VHÇ, £'^LVT)-p.<5v£uov ácp^c £'^^pr)aav,£'ixov áv xat-pòv ávaxdm^ai (Hb 11.15) - "E se, na verdade, se houvessem mantido a lembrar aquela (terra) de que haviam saído, teriam tido oportunidade de retornar".

- Do contexto far-se-á claro quando o imperfeito nas sentenças condicionais se projeta ao passado. Em Hb 4.8, ocorre o aoristo na prótase e o imperfeito na apódose: £í yàp aù'x oùç 'iTiaouc; xax£-7iauaev,où'x <£v 7i£pì ' £\á\£i p£xà xaûxa i^H^paç - "ora, se Jesus (Josué) lhes houvera dado descanso, não teria (Deus) continuado a falar acerca de outro dia (de descanso) após estas coisas". A falha de Josué em dar ao povo completo repouso (indisputada posse da herança prometida) levou a repetidas promessas de um descanso ainda por atingir-se.

- Vezes há em que na prótase se acha o imperfeito e na apódose o aoristo: £i' áyanax^ p£,£'xáp"nx£ ăv (Jo 14.28) - "Se me amásseis (continuamente), ter-vos-íeis regozijado". A perspectiva entre a prótase e a apódose se mostra agora invertida, todavia, constituem esses tempos ainda elementos de condicional da segunda classe. Ver I Jo 2.19, quanto ao imperfeito na prótase e o mais-que-perfeito na apódose. Contudo, estas condicionais não são propriamente mistas ou híbridas.

- Dividem-se, também, em duas classes: condicionais com probabilidade de cumprimento e condicionais com remota possibilidade de atualização. Conhecem-se como condicionais da terceira e quarta classes, respectivamente.

1. Condicionais da terceira classe.

a. Na prótase ocorrerá sempre inflexão do Subjuntivo e a conjunção será é á v (ã v) , embora, ocasionalmente, zi se empregue (Fp 3.12). Visto que é o Subjuntivo o modo usado, o tempo se limita ao presente e aoristo.

b. Na apódose pode ocorrer qualquer modo ou tempo. Pode assumir a forma de uma declaração, ou interrogação, ou injunção.

- A condição se enuncia em moldes de dúvida, com certa margem de probabilidade de vir a atualizar-se.

- Condicional da primeira classe e condicional da terceira se podem associar lado a lado: £ t Ta ĩ n a oi ôaxE jfiaxdp i o i *lote* £QV 7ioiT)T£ a *vi á* (Jo 13.17) - "Se estas coisas sabeis (e o sabeis), bem-aventurados sois, se as fizerdes (como espero as havereis de fazer)". Clara distinção aqui se faz entre condicionais da primeira e terceira classes. Jesus toma por certo que Seus discípulos SABEM as coisas que lhes tem Ele estado a ensinar e expressa a esperança de que as haverão de praticar. Não se trata de uma sentença condicional **mista,** mas de duas prótases de classes diferentes.

- A condicional da terceira classe expressa perspectiva esperançosa mas hesitante: É á v §é\r\ç, Òvvaaaí p.£ n a S a p í a a i (Mc 1.40) -."Se queres, podes purificar-me". O leproso se mostra esperançado, contudo, não certo de que Jesus o queira purificar. A condição da primeira classe teria indicado que o leproso alimentava segura confiança de que Jesus o queria curar.

2. Condicionais da quarta classe.

a. Na prótase se usa, normativamente, inflexão do Optativo e a conjunção que a introduz é r. t . O tempo será ou o presente ou o aoristo.

b. Na apódose é também forma do Optativo que deverá ocorrer, acolitada da partícula modal ä v .

- Esta modalidade condicional é de cunho ainda mais incerto ou dúbio que a terceira. Tivesse o leproso de Mc 1.40 usado esta classe de

condicional, teria estado a expressar aberto pessimismo em relação ao desejo de Jesus de curá-lo e, provavelmente, nunca O teria procurado para buscar a cura.

- Não há exemplo integral desta classe de condicionais através do Novo Testamento. As porções que mais se lhe aproximam estão em I Pedro: <xXX'et' xat' náaxotxe ôta ôtxatoaúvT]v,paxáptoi (I Pe 3.14) - "Mas, ainda que hajais de sofrer por amor à justiça, felizes (sois)". O apóstolo presume que é improvável hajam os cristãos de vir a sofrer por causa de sua retidão. Ver, ainda, I Pe 3.17.

- Outros fragmentos desta modalidade condicional se vêem em I Co 15.37; At 17.27; 27.39.

Condicionais mistas

- Nesta modalidade de condicionais pertence a prótase a uma classe, a apódose a outra: et' éxete luaxtv uk; xóxxov atvánewç, *iXiyzxz* *áv* xy auxa^iívw xaúxrç, x. x. X» (Lc 17.6): "Se tendes fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira", etc. A prótase é da primeira classe, a apódose da segunda. Em At 8.31, encontramos uma prótase da primeira classe e uma apódose da quarta.

- Resultam estas chamadas condicionais mistas ou híbridas do fato de cambiar o escritor a perspectiva no interstício dessas duas partes.

Condicionais elípticas

- Não raro, expressa-se a apódose, mas a prótase é simplesmente implicitada. De várias maneiras se pode dar esta implicitação da prótase.

1. Mediante o particípio: xat' xptvet' i*) éx cpúoeax; áxpopuaxta xòv vó^iov xeXouaa *oi* (Rm 2.27) - "e a incircuncisão de natureza (os incircuncidados), guardando a lei (se guardam a lei), julgar-te-á". Este é nada mais do que o particípio circunstanciai condicional. Outros exemplos deste particípio condicional se encontram: àpeX^aavxeç (Hb 2.3) - "se negligenciamos"; nexax t &£**U**£**VT**)**C**; - xt)**Ç** tepojGÚvrjç (Hb 7.12) - "se mudado é o sacerdócio", Xa^ - pavó^evov (ITm 4.4) - "se é recebido".

2. Mediante fornia verbal no Imperativo: Ôeme óniáu) |íou, xai Ttotiiau) fyiaç yev^adat áXteiç; iv&pamcjv (Mc 1.17) - "Vinde após mim, e farei com que vos torneis pescadores de homens", isto é, "Se vierdes...farei", etc. Cf. òpYiÇ£a$£ xai |ÍT) áj!apTáv£T£ (Ef 4.26) - "Irai-vos e não pequeis", isto é, "Se vos irais, não cedais ao pecado".

3. Pode-se a prótese reduzir quase ao ponto de desaparecer, como se **vê** em £í no sentido de **exceto:** oúô£ìç È**tu yi** vc5o - **x**£i **TÒv** *Vl* òv **£í uri ó** *nai* V)p (Mt 11.27) - "Ninguem conhece o Filho, exceto o Pai", isto é: "Se o Pai não conhece o Filho, ninguém o conhece". Cf. újo£í (Mt 3.16); úxJ7i£p£ f(I Co 15.8); £i7t£p (Rm 3.30); í xt {><; ei' fi-n (ITm 5.19).

4. A apódose pode ser omitida: £i' è'yvu)ç... xai *GV* (LC 19.42) - "se conheceras...tu mesma". Jesus não completa a condicional. Mercê desta forma truncada da condicional, tristeza e lástima se expressam de modo muito dramático. É como se hesitasse Jesus em declarar o fadário que sobreviria à cidade.

(1) Há um uso hebraístico de £í, a traduzir a conjunção hebráica como elemento introdutório de um juramento ou apóstrofe: £L' ôo$r)a£xat *ir) yzvzq lavir\ or\-* |i£ìov (Mc 8.12) - "se um sinal se haverá de dar". Outro exemplo é wç wjioaa £v -rrj ópyç fiou' EL' £L'C£\£úaovxai Etç **Trjv xaTÓnauaív** *\iov* (Hb 3.11) - "Como jurei na minha ira: Se haverão de entrar em meu descanso", isto é: "não haverão de entrar no meu descanso".

(2) Usa-se, ainda, esta conjunção para formular uma pergunta direta: X**Úpl**£9£l' £V **TOJ XPÓVO) TOTJTtxJ áltOXadicudveiç TT)V paaiÁeíav** 'Iapa-ó'X; (At 1.6) - "Senhor, restauras neste tempo o reino a Israel?"

- Estas não são propriamente sentenças condicionais.

CLÁUSULAS CONCESSIVAS

- São estas cláusulas simplesmente condicionais acrescidas de **xaí**. Também o particípio pode expressar idéia concessiva.

1. Cláusulas introduzidas pela locução xai £í e xai éav

(xáv) - "mesmo se", "ainda que": xaì édv xpivco òè žyú9 r) xpíaiç f) é^tr) dXr)OLvr) éonv (Jo 8.16) - "Mesmo que eu julgue, meu julgamento é verdadeiro". Esta expressão é climática. A suposição (de que Jesus haja de julgar) é havida por improvável, mas viesse Ele a julgar, seria um juízo verdadeiro (correto). Ver I Co 8.5 quanto a um exemplo com xaí et' . Nesta referência, concede Paulo que se possam admitir aqueles que deuses são chamados, ... deuses muitos e senhores muitos, mas, para nós, um Deus só há, o Pai. Afirma-se vigorosamente uma verdade em face de uma objeção especiosa.

2. Cláusulas introduzidas por eí xaí - **se, também; embora:** eí **Y&P** ` T1 3 oapxì áTcet^t,dXXà xaì Ttveú^iaxt aùv úp.ìv eí(ií (Cl 2.5) - "pois embora eu esteja ausente na carne, contudo, estou convosco presente no espírito". A prótase concebe algo como verdadeiro, mas o trata como indiferente. Por vezes, eí xaí se reveste de um tom de descaso ou desprezo. Isto se evidenciará do contexto.

3. Particípios.

- Pode o próprio particípio, de si, expressar concessão: X**UTIT**) - $etç 6 paaiXeúç ... £ Xe *voe* v (Mt 14.9) - "Embora entristecido, ordenou o rei". Cf. a discussão do particípio circunstancial.

- Em cinco passagens do Novo Testamento,xaítnep se usa para chamar atenção ao teor concessivo do particípio: xa íTcep wv uíóç,£Va$ev **DCP**'wv è'7ra$ev **TTJV** ímaxoiív (Hb 5.8)- "embora sendo filho, aprendeu a obediência das coisas que sofreu". Ver, também, xaí *yz* (At 17.27); xaí **TOL** (At 14.17); xaítot *yt* (Jo 4.2), outras partículas que servem a cláusulas concessivas.

Partículas negativas em cláusulas condicionais

1. Nas prótases das condicionais da primeira classe, où é praticamente sempre a negativa usada: eí xaì **TÒV** 0eòv où (popoufiat , *ovòh* ávdpamov *è*vxp^Tio^at, Òtd *yz* **TÒ** Tcap^**X**£L-v **XÓTCOV TT**)v "xríipav taÚTT)v éxòtxiícru) aùtrjv (Lc 18.4) - "Embora a Deus eu não tema, nem a homem respeite, em razão, porém, da importunação que me causa esta viúva, vindicá-la-ei".

- Somente cinco exemplos há desta modalidade clausular em que se emprega ^ : Mc 6.5; I Tm 6.3.

2. Nas prótases de condicionais da segunda classe, se usa para indicar o teor negativo da própria condição: ei **[IR) ?)V oínjoç xaxòv notu)v,ou'x ăv aot** napEÔajxafiev **au'xóv** (Jo 18.30) - "Se este não estivera a fazer o que é mau., não o teríamos entregue a ti".

- Usa-se ou', uma vez, caso em que se deseja dar muita ênfase à negação: *naXò'v* **ŤJV** *afai#* **£Í** *ov'x éyewq* *$r)* **Ó ÔLV-** $pumoç **£X£**ivoç (Mt 26.24 = Mc 14.21) - "bom lhe haveria sido, se nascido não tivesse sido esse homem".

3. Nas prótases das condicionais da terceira classe é sempre usada a negativa y.f\:èá\) p.rj peTavor}T£ (Lc 13.3) - "Se vos não arrependerdes".

4. Não há prótases negativas de condicionais da quarta classe através do Novo Testamento.

DISCURSO INDIRETO

- Três formas há de discurso direto, a que correspondem também três modalidades de discurso indireto: asserções, perguntas e determinações ou ordens.

Asserções indiretas

- Há três maneiras de converter-se a asserção direta em indireta.

1. Cláusula introduzida pela relativa ôt t .

- É esta a forma usual em o Novo Testamento: §£u:pu) " i TipocpTjirjç £ť a ú (Jo 4.19) - "vejo que tu és profeta".

a. Conserva-se na asserção indireta o modo verbal da direta. No grego clássico, após tempos secundários, freqüentemente se mudavam as inflexões do Indicativo e do Subjuntivo para os tempos correspondentes do Optativo, o que se não verifica nos escritos néo-testamentários.

b. De regra é conservar-se o tempo original, para efeitos de vividez de expressão: áxeťvot óà á'òoÊ,av **ÕTL** itcpi **TT)Ç,**

XOT^IRJAEUX; TOU fritvou Xiyei (Jo 11.13) - "aqueles, porém, pensaram que estava ele a falar do repouso do sono".

- Em nossa língua, após uma forma pretérita, dever-se-ia mudar a inflexão do presente para correspondente do tempo passado.

c. Não raro, tem-se de mudar a pessoa verbal: èvóutaav 6'xt TiXetov \ifycpovTat (Mt 20.10) - "pensaram que haveriam de receber mais". No discurso direto, a forma verbal era XT)|i(i>óue-&a - "receberemos", primeira pessoa.

- Em xo-YU) ò£ cot . 6TI OÙ eí íl^xpoç (Mt 16.18) ->"E eu, porém, te digo que tu és Pedro", não há necessidade de mudança de pessoa verbal.

2. **Infinitivo.**

- Via de regra, será o Infinitivo acompanhado de substantivo ou pronome no acusativo (o chamado **acusativo de referência geral):** *í* v TU) *zioayayei v* TOÙÇ *yovzic,* TÒ UAI ÔÍOV 'ITJCJOUV (Lc 2.27) - "no trazerem os pais o menino Jesus".

- Se o sujeito do verbo da cláusula principal é o mesmo do infinitivo da asserção indireta, pode permanecer no caso nominativo: et TLÇ ôoxe Ì $pr)axòc £Ì vat (Tg 1.26) - "se alguém pensa que é religioso".

- Pode o infinitivo ocorrer sem nome ou pronome sujeito explícito: [4]?)\$ov *Xiyovoai* xaÌ óníaaíav *âyyiXwv* **éwpa** - x£vat (Lc 24.23) - "vieram dizendo que também haviam visto uma aparição de anjos".

- Nos escritos néo-testamentários, o infinitivo em função de discurso indireto está a declinar em favor da cláusula introduzida pela relativa #t t . Lucas usa-o mais do que todos os demais autores. É este um traço distintivo de seu estilo.

a. O infinitivo presente no discurso indireto representa o próprio presente, como também o imperfeito, do discurso direto: ixeTie iO[ié - voe; Y&P ÉOT Tv' Iu)áv vr)V 7ipocp-ÑTT]v eÌvai (Lc 20.6)- "pois persuadido estava de que João era um profeta". Aqui, eÌvai representa Ì)v .

b. O infinitivo futuro representa o futuro do Indicativo, futuro do presente: 'xujpVjoe t v , a tomar o lugar de x^P^cret (Jo 21.25) - "caber" em vez de "caberão". No português, este último seria expresso pelo futuro do pretérito, o antigo condicional: "caberiam".

c. O infinitivo perfeito representa o perfeito do Indicativo: XE - dvrjxévai , a substituir a x^dvnxE (At 14.19) - "ter morrido" a tomar o lugar de "morreu".

3. Particípio.

- Verbos que significam saber, conhecer, perceber, mostrar, etc. podem ser complementados de discurso indireto em forma participial: ópiõ o£ ôvx a (At 8.23) - "vejo-te estando", isto é, "vejo que estás".

a. O particípio em discurso indireto refere experiência real, fato, enquanto o infinitivo e a cláusula introduzida pela relativa 8x i representam apenas apreensão intelectual, noção.

b. O tempo do particípio retém sua expressão regular: é§£uJ - pouv TÒV laxavãv ... TtEaóvxa (Lc 10.18) - "via a Satanás havendo caído". O particípio TtEaóvta retrata um ato punctiliar. O particípio presente, Tiilixovxa , visualizaria o processo da queda e o particípio perfeito, UETÜXWXÓX a , teria chamado atenção para o estado resultante ao cair. Cf. c£,E\r)\u$uiav (Lc 8.46).

Questões Indiretas

1. O elemento mais usado para introduzir questões ou perguntas indiretas é o interrogativo 11ç , xí . Já não subsiste em o Novo Testamento o emprego do relativo indefinido Òox i ç nesta função, exceção feita de At 9.6: Aa\r)-l7rja**£X**aí ooi **6** xi **QE ÔEÏ** TtoiEÍv - "ser-te-á dito o que se te impõe fazer".

2. Outras maneiras de introduzir perguntas indiretas.

a. O relativo "_ e os interrogativos específicos se vieram a confundir no grego, como em outras línguas indo-européias[157]. Temos, em o Novo Testamento: oux è'xw ô napa^aw aux̃ (Lc 11.6) - "não tenho quê lhe haja de pôr diante". A pergunta direta é: xí Tiapa - ϑήσω *a viu)*. ; - "quê lhe hei de pôr diante?"

b. Não reduzida é a cifra de elementos interrogativos:.Tl ou , na acepção de **onde** (Mt 2.4); TIÓOE v (Jo 8.14);7tou , com o sentido de **para onde** (Jo 8.14); noi oç (Ap 3.3); TIÓXE (LC 12.36); nZc (Lc 8.36); TIT)\txoç (Gl 6.11);7tóaoc (Mt 16.9); *notanóç* (Lc 1.29).

c. Usam-se também nesta função os elementos correlativos: **ÕTIOÜÇ** (Lc 24.20); ónoi oç (I Ts 1.9).

3. Mudanças que se operam na passagem da pergunta direta a indireta:

a. A pessoa verbal, não raro, se altera: p.rj fiep tu **vãte ••• Tf** (páynxe (Mt 6.25) - "Não vos deis cuidado (quanto a) ... que havereis de comer". A pergunta direta era: **T t** <páyu)fie **v** ; - "Quê haveremos de comer?". Cf. Mt 6.31.

b. O tempo raramente sofre alteração: é de wp o u v **Tl** o u *x£* - S e i t a t (Mc 15.47) - "estavam a olhar onde havia sido posto".

- Vezes há em que se muda o tempo: *avxòç,* yàp èyt-vujaxev *xC* T)v *iv* Tl4) ctv-ftpumu) (Jo 2.25) - "pois Êle próprio sabia quê havia no homem". A pergunta direta teria sido: Tl? *iox* tv èv TÚ) àvdpúmtq ; - "quê há no homem?"

c. O modo mui raramente sofre mudança em o Novo Testamento.

(1) O Indicativo continua indicativo: rjxfrov tôeiv **Tl** éo **TT** v **TÒ** yeyovóç (Mc 5.14) - "vieram ver quê era **O** acontecido". A pergunta direta, *x* t écrtiv **TÒ** yeyo - vóç ; - "Que é o acontecido?" é um pedido de informação.

(2) O Subjuntivo permanece Subjuntivo: ou yàp "Çôet Tt áiioxp t $13 (Mc 9.6) - "pois não sabia quê respondesse". A pergunta direta, **T** t ànoxp tvco^at , é deliberativa.

(3) Quando na questão indireta ocorre forma do Optativo assistida de **ãv** , assim era na pergunta direta: **tò Tíç ãv** et"13 fietÇwv aÚTwv (Lc 9.46) - "quem seria deles o maior". O artigo **T** ó apenas especifica a razão da disputa.

- Em outra passagem, entretanto, Lucas seguiu a formação clássica e mudou o Indicativo pelo Optativo: ffp^avTO cuCr)**TETV** ...**TÒ TLÇ** ãpa **ETTI** (Lc 22.23) - "começaram a discutir ... quem, afinal, seria". No versículo 24, porém, conserva o Indicativo.

4. O artigo na pergunta indireta.

- Gosta Lucas do artigo na pergunta indireta: 1.62; 22.2, 4, 23, 24. Raramente se encontra em outros dos escritos.

- O efeito do artigo é deixar claro que, sintaticamente, a cláusula subordinada é o objeto do verbo da principal; è c**ÓTOUV** •» *x b TÍUÍC,* áv£\uxjiv (Lc 22.2) - "estavam procurando o como [O] poderiam

eliminar". A cláusula dependente é o objeto direto do verbo principal, ἐζήτουν. É isso que o artigo assinala.

Injunções Indiretas

- De três maneiras se pode converter uma injunção direta em indireta.

1. O infinitivo é o modo usual: *Χέγυν* μὴ περιτέμνεσθαι (ΖΌΤΟΌς Τ& Τέκνα (At 21.21) - "dizendo que não circuncidem eles os filhos". Esta expressão se deve distinguir da asserção indireta. A citação direta era: μὴ περιτέμνεσθε *τὰ ἔθη* - "não continueis a circuncidar os filhos". Paulo é acusado de proibir aos pais judeus de circuncidarem os filhos, não de referir que estão a abandonar a prática. É, pois, uma injunção ou ordem indireta, não uma asserção indireta.

2. Também se pode a injunção indireta expressar mediante as conjunções **ἵνα** e ὅΤΙΟΥΣ seguidas de forma finita do verbo. São estes, na realidade, cláusulas subfinais ou de intento.

a. ἵνα.

- Διεστείλατο αὐτοῖς ἵνα μηδὲν αἴρωσιν εἰς ὁδόν (Mc 6.8) - "ordenou-lhes que nada tomassem para o caminho".

b. ὅπως.

- αἰτοῦντες ... ὅπως μεταπέμψηται αὐτόν (At 25.3) - "solicitando ... que o mandasse chamar".

3. Ainda, na forma de uma pergunta deliberativa.

- Uma injunção direta, μὴ φοβηθῆτε (Lc 12.4) - "não temais" - se pode converter em indireta mediante o Subjuntivo Deliberativo após o interrogativo τίνα: ὑποδείξω δὲ ὑμῖν τίνα φοβηθῆτε (Lc 12.5) - "mostrar-vos-ei, porém, a quem devais temer".

PERGUNTAS DIRETAS

- Dois elementos aqui nos interessam: a maneira como são introduzidas as perguntas diretas e o modo verbal nelas usado.

- Várias são as formas ou maneiras mediante as quais se podem introduzir perguntas diretas, dependendo do propósito do orador ou escritor.

1. Partículas que implicam a resposta esperada.

a. οὐ (οὐκ, οὐχ), οὐχί.

- Quando se espera resposta afirmativa, οὐ é a negativa empregada: **ΟΎΜ** ’ ` ἀΤιόαΤοΧοc; ; **(I** Co 9.1) - "Não sou eu apóstolo?" A implicação é: "Sem dúvida que o sou".

- Se havia o intento de dar ênfase à expectação de uma resposta afirmativa, usava-se a forma enfática οὐχί: οὐχὶ "Ὁ ψυχὴ nΧeῖóv *io*Ττv *ir)*ς **ΤΡΟ<ΡΡ**)ς xaὶ **ΤΟ** . **ΤΟΥ̃** ἐν - ὸ-ΰfidΤΟç; ; (Mt 6.25) - "Não é, porventura, avida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário?" A resposta é: "Sem dúvida nenhuma que o é".

b. μή, μήτι.

(1) Quando é esperada resposta negativa, é a negativa usada: *[ίV,* **DNΟJCATO Ô 0EBC ΤΟV** Xaὸv aὐxou ; (Rm 11.1) - "Rejeitou, quiçá, Deus a Seu povo?" "Certamente que não" é a resposta esperada.

(2) Quando a questão assume teor algo hesitante, usa-se **M-T^T L**: |i*0Tt **ΟΥ̃ΤΌÇ** io Ττv ó'XpiaΤÓc; ($^{Jo\ 4\text{-}29}$) ~ "Não será este o Messias, não?" A forma sugere resposta negativa, mas a samaritana está convencida de que é ele provavelmente o Messias. A partícula **T** *L* deixa a *maténa à* decisão do povo. Por certo que a posição social da samaritana na comunidade a disporia a não ser demasiado dogmática em matéria dessa ordem. Contudo, bem sabe ela como despertar a curiosidade dos concidadãos.

- Do contexto se deve auferir a exata emoção que [ir)i i conota naquele que faz a indagação. Ver II Co 1.17; Mt 26.22, 25.

- Não raro, estas partículas negativas, οὐ e p.rj, visam a influenciar a decisão do interlocutor: |**ΙΤ**) >taὶ ὑucῖç 7i£7xΧίxvT)a - $£ ; (Jo 7.47) - "Porventura, também vós vos deixastes enganar?" Mercê desta pergunta irônica e despicatória, buscava o Sinédrio quebrantar a

vacilante lealdade de Nicodemos para com Cristo e mantê-lo solidário com as forças dominantes. Exemplo do uso de ou' nestes moldes se vê em Jo 18.37: o u x o u v (o u x + o u v) (3 a a t X e ù ç e í o v ; - "Então, tu és rei, não é mesmo?" Espera Pilatos induzir Jesus a manifestar-se sem rodeios.

2. Pronomes Interrogativos.

a. T C ç T T I .

- É de todos **T L Ç,** em muito, o mais comum: **T t ç** i m e f ô e i - £ e v ù j i r v c p u y e i v ; (Mt 3.7) - "Quem vos levou a fugirdes?"

- Por vezes, o acusativo singular neutro t1 exerce função adverbial: **por quê?: iC p.e Xffyeic àya^óv** ; (Mc 10.18) - "Por que me chamas bom?" Isto se ajusta bem ao fato de que representam os advérbios todos inflexão de algum substantivo ou pronome básico.

- Diversas locuções formadas com 11 existem que se usam como interrogativos em perguntas diretas:

(1) **ÓTÀ TI** : indaga qual a razão de um fato ou ação: ò i à **- T L FI£TÀ TÜ)V TEXOJVÜV** x a ì Á^APTLJXWV **ê a ÔL CL** ó ò i ò d a x a X o ç ù^icuv ; (Mt 9.11) - "Qual a razão por que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e pecadores7'

(2) e L ç **TI** : indaga qual o objetivo de uma ação: e **L Ç TÌ T) DNWXELA AOTR] TOU** j i ú p o u y é y o v e v ; (Mc 14.4) - "Para quê este desperdício do ungüento?"

(3) T L ÕTL • indaga da razão de um ato ou feito: **TI** ÕTL í ÍT)T£ t te m£ ; (Lc 2.49) - "Por que razão me estáveis a buscar?' **É** difícil explicar o uso de Õ**T L** nesta locução.

b. T i o i o ç .

- Em o Novo Testamento, está este pronome a perder sua força qualitativa. No grego moderno, suplantou quase completamente a **TL Ç** e, daí, já não mais retém esse matiz. Todavia, esse teor qualitativo não desapareceu de todo do Novo Testamento: £v **TIOLÓL** é £ o u a **L A TAUTA TTOL** e **L** c ; (Mt 21.23) - "por que espécie de autoridade fazes estas coisas?" Em I Pe 1.11 ocorrem, a um tempo, ambos esses pronomes, **TL Ç** e i t o i o ç . Biass considera esta duplicação simples tautologia para fins de ênfase. Contudo, afigura-se um tanto forçado negar todo colorido qualitativo onde um autor faz questão de adjungir dois termos em mútua contraposição. Melhor parece tomar-se **TL Ç** como a indagar

quanto à extensão e 7iotoq quanto à natureza do reino messiânico. Ambas essas questões eram problemas para os judeus.

c. nóaoç •

- É sempre quantitativo em teor: nóaouç è'x£X£ ãp - xouç ; (Mc 6.38) - "Quantos pães tendes?"

d. TXOTanóç.

- Forma evoluída do qualitativo antigo TtoòaTióç - **de quê país?** É, em o Novo Testamento, sempre qualitativo em teor: TIOXCLTIÓÇ èoTL v oũxoç ; (Mt 8.27) - "Que espécie de pessoa é esta?" O enfraquecimento do sentido qualitativo de **TIO TOE** levou TtoxaTtóça assumir as funções daquele interrogativo.

Advérbios Interrogativos

- Não reduzido é o número destes.

a.5pa : expressa **incerteza, perplexidade: &PA** y£ yt **VÚXJ** - x£tç & àvay t vúaxe tç : (At 8.30) - "Entendes, porventura, de verdade, o que estás a ler?" Filipe não está seguro de que esteja o etíope a entender bem o que estava lendo. Outro exemplo é: &p a Xp t o x bç áuapxía ç ótdxovoç ; (G! 2.17) - "é, então, Cristo ministro de pecado?" A dubiedade aqui reside na conduta dos conversos de Paulo. Deixa o apóstolo bem claras suas convicções quanto ao envolvimento de Cristo no pecado mediante o expletivop.rj y£vot xo .

b. A própria conjunção et pode servir de elemento inicialjde pergunta direta: £t' è'£,£axtv xote aáp(3aatv $£pa7i£u - oat ; (Mt 12.10) - "é lícito curar no sábado?" Ver, também, At 1.6. Este uso de £t é real hebraísmo[158].

c. Há, ademais, um grupo de advérbios interrogativos, que servem a introduzir questões diretas. Nada há de extraordinário no uso desses interrogativos. Logo, suficiente é apenas enumerar os mais usados: 7IÓX£ , £u)Ç , 7IOÕ,HÓ\>£ V , ÕTttüÇ , ôItO U , ji "HTIOX£ , X , X , X .

4. Perguntas se podem enunciar sem qualquer elemento caracterizante: a u v rj x a x e x a ũ x a Tiávxa '» (Mt 13.51) - "Compreendestes todas estas coisas?"

- Em certos casos, dúvida pode pairar se se trata de pergunta ou asserção: [i£p€p t a x a i ô Xp i a x ó ç ; (I Co 1.13) - "Está Cristo dividido?" ou "Cristo está dividido"[159]. Somente do contexto se pode deci-

1. O modo verbal mais freqüentemente usado nas cláusulas interrogativas é o Indicativo.

2. Quando há dubiedade ou incerteza, freqüente é o Subjuntivo Deliberativo: ÔLÜ|Ív FJ HTJ ÔÕJ|Ív ; (Mc 12.14) -."Daremos ou não daremos?"

- Em xí TI o I o UFI £ v ; (Jo 11.47) - "Que estamos fazendo?" - é o Indicativo usado para expressar formal acusação contra as autoridades culpáveis de inação. O Subjuntivo teria suscitado a questão quanto ao que se deveria fazer; o Indicativo os censura, porquanto nada está sendo feito.

3. O Optativo acolitado de &v ocorre na apódose de condicional da quarta ciasse: TL &v Aoi ; (At 17.18) - "Que desejaria ele?" A idéia aqui é quê gostaria Paulo de dizer se pudesse, dada a impressão de que seria bem pouco provável que pudesse dizer qualquer coisa que valesse a pena ouvir, mesmo que o conseguisse fazer. O tom de menosprezo é muito acentuado.

OUTRAS MANEIRAS DE EXPRESSAR DESEJO

- Não mais se usam nos escritos néo-testamentários para expressar desejo as velhas formas locucionais £ "o e ti' yáp . Substitui-as Ôcp£Xov (inflexão do aoristo de ócp£t'XD, sem o aumento).

Desejos referentes ao passado

1. Expressam-se mediante Õ(peXov e o aoristo. Um só exemplo há deste modo de expressão em o Novo Testamento: ÒcpEX6v y£ âpaoi X£ úaaT£ (I Co 4.8) - "prouvera que, na verdade, houvésseis reinado".

2. Um polido modo de referir desejo acerca do passado é mediante o imperfeito: (Rm 9.3) - "eu estaria ac ponto de querer orar". Ver, também, Gl 4.20; At 25.22.

Desejos referentes ao presente

1. Expressam-se através deôcp£Xov e o imperfeito. Dois exemplos apenas se encontram através do Novo Testamento: ôcp£Xov <|,uxpò<; t)Q CZOTÓÇ (Ap 3.15) - "prouvera fosses frio ou quente": ŏcf£Xov dv**£I'X**£c$£ [i ou **P.I**xp**Ó**v **TL** dcppoaúvne (il Co 11.1) - "prouvera que me suportásseis um poucochinho de insensatez".

2. Naturalmente, desejos, aspirações e anelos relativos ao presente se podem expressar diretamente por inflexões de verbos que têm esse sentido, como-&£fXüj (Jo 12.21).

Desejos referentes ao futuro

1. Expressam-se estes por ŏcp*t*Xov e o futuro do Indicativo. Um exemplo, único, há desta modalidade em o Novo Testamento: ôcp£ - Xo\j xai à.Tioxó^ovTai (Gl 5.12) - "prouvera que até se cortassem fora se emasculassem?"

2. Pode-se usar o Optativo (presente ou aoristo) para expressar desejo em relação ao futuro. A forma optativa que mais freqüentemente ocorre nesta função é o expletivo M-'h Y^vcixo (Gl 6.14) - "não aconteça". Esta expressão se encontra quinze vezes através do Novo Testamento, quatorze das quais na liieratura paulina, sendo que dez destas na Epístola aos Romanos.

3. Um desejo cortês em relação ao futuro se pode expressar pelo Optativo Potencial acolitado da partícula dubitativa ăvíEu^aiÚTiv ă̆v (At 26.29) - "eu desejaria".

- Patenteia-se o fato de que, no coiné, a expressão de desejo em fórmulas específicas de linguagem está a desaparecer.

SEMITISMOS EM O NOVO TESTAMENTO

- É esta uma questão muito debatida, a requerer investigação e discussão do mais elevado e profundo nível técnico. Claro é que não há sequer ventilá-la em moldes satisfatórios em uma ligeira e breve consideração da matéria. Encontra-se exposição bastante objetiva e em linhas bem adequadas em A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK

[GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], de Moulton-Howard, vol. II, pp. 413-485.

- Opiniões, por vezes, assaz extremadas se têm sustentado nesta área. A verdade, provavelmente se situa em algum ponto entre esses extremos. Deissmann, talvez, admitiu cifra reduzida demais de semitismos, o que é inteiramente natural, já que sua grande preocupação era demonstrar que a linguagem do Novo Testamento não era "um jargão greco-judaico". Por sua vez, Wellhausen, Torrey e outros talvez hajam visto semitismos onde semitismos não há. James H. Moulton parece haver-se afastado um pouco da posição de Deissmann em seus escritos finais[160].

- Atenção se tem chamado, no correr desta gramática, a umas tantas dessas influências semíticas[161].

- Em complementação, dever-se-iam mencionar ainda as seguintes:

1. O nominativo suspenso, traço característico dos escritos joaninos:

a. õcroi ôè è'Xa3ov aitòv, <£ÒlÜX£v aúxoic; é^oixJíav T^xva 0£ou Y£v£adai (Jo 1.12) -."Mas, a quantos o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus".

b. ó viXÜJV,nonfato aiírróv CTUXOV ÉV TUJ vau> tou 0E ou p.ou (Ap 3.12) - "o vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus".

2. Cláusula correspondente ao vave com o auxiliar

a. kai £yíVETO (xaí).

b. **ÉY^VETO** *ði* •

- Estas expressões são distintivas dos escritos lucanos. Refletem, sem dúvida, a influência da LXX no estilo de Lucas, pois que a usou muito o escritor néo-testamentário e nela ocorre, com grande freqüência, especialmente xai *éyivzio* xaí. No Evangelho, Lucas empregou xai **£YÉv£To** um pouco mais freqüentemente do que iyévE. - **TO** (25.18). Em Atos, porém, usou exclusivamente *èyéveio* ò£. Isto parece evidenciar que Lucas tendia a afastar-se do grego caracteristicamente traducional para com linguagem mais idiomática.

3. O infinitivo absoluto se parece refletir em diversas passagens do Novo Testamento:

a. d**TU** \>u|iíą **<XTT**£$úiiT)oa TOUTO TÒ Tidaxa cpa -

y e t v (Lc 22.15) - "Com desejo desejei (isto é, tenho desejado ardentemente) comer esta páscoa convosco".

b. **TIPOAEUXÍ) 7IP0AT)T>ÇAT0 TOU \LT) PP£E,AI** (Tg 5.17) - "Com oração orou (isto é, orou mui ferventemente) para que não chovesse".

c. è'x£i> **Ü>T**(x d x o ú e i v àxou^Tca (Mc 4.9) - "Quem tem ouvidos, ouça com atenção".

4. Paralelismo fraseológico reflete-se, algumas vezes, em o Novo Testamento. Por exemplo, em I Co 13.12 se estadeia um *contraste* entre um estado de conhecimento imperfeito, descrito na forma de duas comparações figurativas, e um estado de conhecimento completo.

5. O uso freqüente da interjeição i 6o v (embora em si grego de boa qualidade) sugere cunho de pensamento semítico. Tiago, inda que exiba um grego dos melhores do Novo Testamento, emprega-a seis vezes, enquanto na literatura paulina toda nove vezes apenas se mostra. Já o Apocalipse registra vinte e seis ocorrências, evidência do pronunciado matiz semítico desse documento.

PARTE VI

Pres.	Fut.	Aor. At.	Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
Classify	classifier	classifiait	classifié	classifiant	classifiai
Mécaniser	mécaniserai	mécanisai	mécanisé	mécanisant	mécanisai
Finir	finirai	finis	fini	finissant	finis
Définir	définirai	définis	défini	définissant	définis
Choisir	choisirai	choisis	choisi	choisissant	choisis
Réfléchir	réfléchirai	réfléchis	réfléchi	réfléchissant	réfléchis
Agir	agirai	agis	agi	agissant	agis
Réagir	réagirai	réagis	réagi	réagissant	réagis
Atterrir	atterrirai	atterris	atterri	atterrissant	atterris
Avertir	avertirai	avertis	averti	avertissant	avertis
Bâtir	bâtirai	bâtis	bâti	bâtissant	bâtis
Démolir	démolirai	démolis	démoli	démolissant	démolis
Punir	punirai	punis	puni	punissant	punis
Rougir	rougirai	rougis	rougi	rougissant	rougis
Saisir	saisirai	saisis	saisi	saisissant	saisis
Vieillir	vieillirai	vieillis	vieilli	vieillissant	vieillis
Vomir	vomirai	vomis	vomi	vomissant	vomis
Nourrir	nourrirai	nourris	nourri	nourrissant	nourris
Obéir	obéirai	obéis	obéi	obéissant	obéis
Réussir	réussirai	réussis	réussi	réussissant	réussis
Rétablir	rétablirai	rétablis	rétabli	rétablissant	rétablis
Ralentir	ralentirai	ralentis	ralenti	ralentissant	ralentis
Grossir	grossirai	grossis	grossi	grossissant	grossis
Applaudir	applaudirai	applaudis	applaudi	applaudissant	applaudis
Accomplir	accomplirai	accomplis	accompli	accomplissant	accomplis
Agrandir	agrandirai	agrandis	agrandi	agrandissant	agrandis
Avertir	avertirai	avertis	averti	avertissant	avertis
Bâtir	bâtirai	bâtis	bâti	bâtissant	bâtis
Démolir	démolirai	démolis	démoli	démolissant	démolis
Punir	punirai	punis	puni	punissant	punis
Rougir	rougirai	rougis	rougi	rougissant	rougis
Saisir	saisirai	saisis	saisi	saisissant	saisis
Vieillir	vieillirai	vieillis	vieilli	vieillissant	vieillis
Vomir	vomirai	vomis	vomi	vomissant	vomis
Nourrir	nourrirai	nourris	nourri	nourrissant	nourris
Obéir	obéirai	obéis	obéi	obéissant	obéis
Réussir	réussirai	réussis	réussi	réussissant	réussis
Rétablir	rétablirai	rétablis	rétabli	rétablissant	rétablis
Ralentir	ralentirai	ralentis	ralenti	ralentissant	ralentis
Grossir	grossirai	grossis	grossi	grossissant	grossis
Applaudir	applaudirai	applaudis	applaudi	applaudissant	applaudis
Accomplir	accomplirai	accomplis	accompli	accomplissant	accomplis
Agrandir	agrandirai	agrandis	agrandi	agrandissant	agrandis

Plo8.	Fut.	Aor. At.	Crf. At.	Mo.	$ w
3 "tí Vj	3 " P KJ1	tí o P to Sj	• • •	• • •	• • •
3 FEp X	3 FCJ1 * P	tí Uf Í-P	tí x p (Mo 88)	• • •	• • •
N % D q rL 3 3	tí ZL 2 O v tí 1 3 D P P D	tí O tí CF? P D P	tí x P P O	• • •	• • •
3	3 O tí	tí O	tí x P	• • •	• • •
3	« 3 ^ tí O A U) 3 O " P T A J	tí a	• • •	• • •	• • •
3	3	tí	tí x	• • •	• • •
3	3 ? CL	tí	tí x	• • •	• • •

V. f .2,

Pres.	Fut.	Aor. At.	Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
X Q ⁰ £ τ 3	. .	*X Q υ ψ tí	• •	X Q 2 ¹ ı. ı L tí ↳	« u X Q ú ß. p ν
o R l t Θ r					
5 ca 3-	« c P L ψ O Z L tí ↳	w * Θ tí P O ν	Θ l ν λ P ₋ tí	— tí ↳ ″ λ P Z L ı L tí ↳	10 ″ P Z L ν
8 ⁄ ⁄ to > &					
¸ Z Θ γ 3	I 3	to ⁀ £ O ν	Θ l ν λ p X tí	Θ ↳ ″ p ₋ a d ↳	Z O a -to D? p V
ª Z Θ r	-O	to ⁀ tí			O ″ P a -to D? p V
		-to 1 t í ı ″ P L ν			X ^ O -to D? p V
λ Ü ^ 3 ₋ 1	λ O Ξ 3 ₋ 1	w * λ Θ Ü ″	• •	Θ λ tí ı _ ν Z L tí ↳	• .
Θ ↓ ↓ ¢ ı , ß ¢ r					
n > ν tí 3	. .	* ⁀ tí o ? </>	• •	v á p X tí	• .
ß ¢ ₣ r Θ				Z L ⁴ o	
n. v ″ P o ϰ ω	= Z L ν ⁀ O P 3	» Z L ν ⁀ P O tí	• •	n o) u ó ρ tí tí X x	Z L ν ″ P o ν
¢ 2 r					
a . 3 tí ν	-3 " tí ψ ZL m	-to ⁀ P O tí	X tí tí	? n . tí ν	-to ″ P o ν
-o v r	u) ⁀ ν o ν				
	ß T Θ o				3 ^ O ν
ú ß . 3	* ⁀ ₣ Θ ₋ tí	£ Θ ₋ O P 3	Z O ₣ ı O ν tí	Z O £ * ı O ν tí	-to D? P O ν
u) te ₋ ß ı r	to ⁀ D 3				
Z L	£ ⁀				″ ß ı r

[illegible]	Fut.	Aor. At.	[illegible] At.	[illegible]	[illegible]
[illegible]	. . .	[illegible]	. . .	πεπλησμένος (particípio)	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	. . .	[illegible]
[illegible]	. . .	. . .	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	. . .	. . .
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	. . .
[illegible]	[illegible]	[illegible]	. . .	. . .	σβεσθήσομαι (fut. pass.)
[illegible]	. . .	[illegible]	. . .	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	. . .	[illegible]	[illegible]

Pres.	Fut.	Aor. At.	Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
Dative Singular.					
Nominative Plural.					
Genitive Plural.					
Accusative Plural.					

Pres.	Fut.	Aor. At.	Perf. At.	Perf. MP.	Aor. Pass.
χαρίζομαι	χαρίσομαι	ἐχαρισάμην	. . .	κεχάρισμαι	ἐχαρίσθην

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Consideração ampla do grego coiné se encontra nos PROLEGOMENA, de Moulton, e em A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH, pp. 3-319.
2. Consideração assaz completa deste vocábulo se vê em THEOLOGISCHES WÕRTERBUCH ZUM NEUEN TESTAMENT [DICIONÁRIO TEOLÓGICO DO NOVO TESTAMENTO], de Kittel, vol. I, pp. 397-448.

*. [Desde 1957 está este dicionário publicado em inglês, com adições e suplementação, em tradução de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich] (Nota do tradutor).

+. [Em 1963 deu Nigel Turner à publicidade o vol. III desta obra, que enfeixa três autores sucessivos e cobre meio século em preparação, por isso que o vol. I apareceu em 1906 e o vol. II só veio a lume em 1929] (Nota do tradutor).

3. Bom exemplo se vê no comentário à Epístola aos Romanos de Calvino e de Karl Barth. Calvino confronta a Igreja Católica Romana, Barth se revolta contra o humanismo extremo, de sorte que a interpretação de cada um é colorida pela situação contextual. A tarefa do intérprete de Romanos é descobrir, tão integralmente quanto possível, a situação com que se defrontava Paulo ao escrever a Epístola e tentar entender como a tratou. O próximo passo é indagar que aplicação tem isto em relação à teologia e à ética cristãs para a atualidade.
4. Robertson and Davis - A NEW SHORT GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT [NOVA GRAMÁTICA SUCINTA DO NOVO TESTAMENTO GREGO] p. 199.
5. Verbos em - au> procedem de temas em a, enquanto verbos em

- Eou provêm de temas em o. No grego moderno a terminação - au> suplantou o final - em muitos verbos.

6. Tratando-se de verbos que dizem respeito a ação mental a noção expressa pelo final - oco é **considerar, haver por** á£,t <5GJ - **considero digno;** òi x á t óco - **considero justo, tenho por justo.** Este verbo é de particular importância nos escritos paulinos.
7. Ver Moulton and Howard - A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. Il, p. 117, quanto à história das formas.
8. Esta alteração da vogal nas formas do genitivo e dativo singular (a mudado em T)) ocorre em todos os substantivos desta classe em que a vogal a é breve.
9. Há, nesta declinação, um grupo de palavras que têm as mesmas inflexões dos masculinos mas recebem as formas femininas do artigo. Deste grupo, algumas das mais freqüentes através do Novo Testamento são: T) óôóç - **o caminho;** ï"} **Ppriuoç - o deserto;** ri Tptpoç - **a trilha;** r) vóco<; - **a enfermidade.** Destas as primeiras três ocorrem em Mc 1.3.
10. Nos monossílabos desta declinação cai o acento regularmente na última nas inflexões do genitivo e do dativo, tanto do singular quanto do plural.
11. No grego coiné encontra-se a forma x^pita, por vezes χάρτav, em lugar da normativa x^P tv no acusativo singular.
12. Representa esta palavra uma classe em que não há mudança vocálica do tema, diferentemente do que se dá em 7ioiii^v, 7coi^£voç, x.T* \ . As formas em que se processa alteração vocálica se postulam como pertencendo à chamada inflexão forte.
13. Nos monossílabos desta declinação cai o acento regularmente na última nas inflexões do genitivo e do dativo, tanto no singular, quanto no plural.
14. Inflexões como TÍÓXEIÜÇ e nóXewv parecem violar as regras de acentuação. Isto se deve ao fato de que o acento desses casos se tornou fixo quando o genitivo singular assumia ainda a forma 7ió\rioç . Em virtude de metátese de quantidade 7ió*no<; se tornou nó\£wç. O plural TXÒXCÜJV acompanhou a prosódia do singular.
15. Ver **Anacoluto,** p. 176.

16. Uma palavra de acautelamento se faz necessária. Deve o intérprete lembrar-se de que a mesma forma pode expressar, a um tempo, a noção genitiva ou a idéia ablativa. Logo, importa decidir-se primeiramente esta questão. Exceto com formas verbais e preposições, o ablativo não é muito encontradiço através do Novo Testamento. A probabilidade é, pois, que a inflexão seja de fato genitiva, se relacionada com outra forma substantiva. Cf. o ablativo, p.
17. Moulton and Howard - A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DE GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, pp. 440, 441.
18. Ver NOTES ON ANTIGONE [NOTAS RELATIVAS A ANTÍGONE], de Jebb, p. 114.
19. A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO Á LUZ DA INVETIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 522.
20. PROLEGOMENA, p. 72.
21. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 513.
22. Interessante contraste se vê entre este uso do ablativo (At 27.36) e o acusativo após verbo referente a comer: cpayetv etôcoXóduTa (Ap 2.14) - "comer coisas sacrificadas a ídolos". Quando a referência é à totalidade, em o Novo Testamento se usa o acusativo.
23. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 468.
24. Moulton (PROLEGOMENA, p. 71) é de parecer que em Lucas não se registra este matiz ou ênfase.
25. Cf. xò xopâotov (Mc 5.41) - "Mocinha".
26. Admite, ainda, formas divergentes ou irregulares.
27. Encontram-se, também, umas poucas formas algo especiosas, como, por exemplo, éXaxLGTÓiepoç (Ef 3.8), em que a desinência comparativa é acrescentada a um tema superlativo. Cf. ^Ei£oi£pav (III Jo 4), em que à forma real do comparativo se

aduz outra desinência comparativa, a normativa padronizada. Tais formas resultam do gradual enfraquecimento de expressão das desinências, assim como do empenho de ênfase realçada.

28. Por vezes, o substantivo envolvido na concordância se pressupõe ou infere da terminação pessoal da inflexão do verbo: a ὐ t o l àxr)x<5a|i e v (Jo 4.42) - "nós próprios temos ouvido".
29. Ver a seção referente ao artigo, p. 80.
30. Robertson, AN INTRODUCTION TO THE TEXTUAL CRITICISM OF THE NEW TESTAMENT [INTRODUÇÃO À CRÍTICA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO], pp. 151, 158, 160, 213, 214.
31. Alguns manunscritos exibem i*)Xíxo<; em Gl 6.11. Westcott-Hort, porém, registram TCT)Xί XOÇ . Ver nota referente a TIT)XĹ XOÇ na página seguinte.
32. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 740.
33. ' ́ x o c em P[46]B;TCT)Xί x o c em H A C D F G S. Ver nota quanto a r)X í́ x o ç na página anterior.
34. Moulton and Howard, A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, p. 111.
35. Ver PRONOME DEMONSTRATIVO, à p. 73.
36. Whitney, A SANSKRIT GRAMMAR [GRAMÁTICA DO SÂNSCRITO], pp. 171-176.
37. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 754, 755.
38. Outros exemplos de um artigo único em relação com vários nomes são:

    (1) 8 T£ Fí^xpoc xaὶ 'IcoávvT)q xaὶ 'iaχ́ioǴoç xaὶ 'Avòp^aç, x. a. X. (At 1.13). Vêem-se os onze discípulos como uma unidade grupai, antes que individualidades distintas.

    (2) xaTavoTíaate xbv ἀTióaxoÀov xal ápxiepffa ttiῖç ófioXoYíaç r)nu~>v ' *JR)COVV̄* (Hb 3.1) - "considerai o apóstolo e sumo-sacerdote de nossa confissão, Jesus". O artigo

único aplicado aos dois substantivos, **apóstolo** e **sumo-saceídote,** chama atenção para o fato de que ambos os encargos estão enfeixados em uma pessoa só. **Jesus** é aposto explicativo a precisar que pessoa é essa.

39. Não pode haver razão para confundirem-se as formas futuras e as inflexões do aoristo sigmático, pois que, embora tenham o Sigma em comum, tem o aoristo dois outros sinais que o futuro não tem.
40. Ver a consideração do perfeito nas páginas 97 a 99.
41. Tem o estudante apenas um elemento novo a aprender em passando da flexão do Indicativo para a do Subjuntivo: a vogal temática o/e se alonga, fazendo-se, respectivamente, w/r) . No Indicativo, o ocorre diante de terminações pessoais iniciadas por fiou **v ;** nas demais formas é e que se usa.
42. Deveriam as terminações pessoais ser aprendidas absolutamente. Estes finais, -jiai, ~aat, -Tau , -aSeY-o^ai são os mesmos em todos os tempos primários (presente, futuro e perfeito).
43. Dever-se-ia observar que a única diferença entre as formas futuras ativas e médias do futuro e as equivalentes ou paralelas do presente é o sigma inserido entre a vogal temática o/e e o tema verbal.
44. Tem o futuro passivo como traços característicos o $r) do aoristo passivo, o sigma do futuro, o/e temático e as terminações pessoais -p.ai, -aai, x. t .\.
45. A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. ll, p. 187.
46. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 347.
47. Ver Moulton, PROLEGOMENA, pp. 108-110; Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 820-826.
48. O presente histórico (punctiliar) é assaz freqüente em Marcos e

João, mas se refere a ação em tempo pretérito. Usa-se para imprimir vividez à narrativa. Ver o presente histórico, à p. 96.

49. Moulton, PROLEGOMENA, p. 108; Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 823ss.
50. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 345-350.
51. Farrar, GREEK SYNTAX [SINTAXE GREGA], p. 123.
52. Ver o imperfeito perifrástico, p. 99.
53. Ver o presente futurístico adiante, alínea h.
54. Moulton, PROLEGOMENA, p. 140.
55. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 893.
56. Moulton, PROLEGOMENA, p. 144; Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 896.
57. Moulton é de parecer que este pode ser um perfeito aorístico. PROLEGOMENA, p. 145.
58. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 897.
59. Ibid., p. 883.
60. Ver o presente de ação iterativa, p. 96.
61. Ver p. 90.
62. Verp. 101.
63. Ver p. 95.
64. Moulton, PROLEGOMENA, pp. 144s.
65. Ibid., pp. 152-163.
66. Moulton considera àu^Y ECLTO (Mt 27.5) - "estrangulou-se" o

mais claro exemplo da voz média reflexiva em o Novo Testamento. PROLEGOMENA, p. 155.

67. Mc 3.27.
68. Cf. Moulton, PROLEGOMENA, p. 161.
69. A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 915.
70. A idéia ingressiva provém do teor do tempo: aoristo. A Versão Autorizada [inglesa] falha neste particular.
71. p. 107.
72. No Textus Receptus aparece ôu>r} em Ef 1.17. B 63 Cyr têm Ô<á. P^{46} prefere ÒŒŒT) . Outros manuscritos há que apresentam o subjuntivo ôu'irç.
73. Este é o único exemplo néo-testamentário do optativo volitivo na primeira pessoa. Os demais estão todos na terceira pessoa do singular.
74. Moulton, PROLEGOMENA, pp. 194s.
75. Moulton, PROLEGOMENA, pp. 171-179.
76. Moulton, PROLEGOMENA, p. 173.
77. O importante a lembrar-se quanto a este verbo serão o tema e a raiz. Explicarão estes dois elementos muitas aparentes irregularidades. No imperfeito, comporta-se como o verbo contrato em ou> .
78. Quanto à diferença de sentido entre dyanácü e cp ÆÆ£ω, ver um bom léxicon.
79. Diferem as formas do presente do Subjuntivo das inflexões do presente do Indicativo nos verbos contratos em -£u , porque a contração da vogal temática £ com as terminações pessoais produz no Indicativo os ditongos £i e ọu , enquanto no Subjuntivo a vogal longa da desinência domina a resultante, redundando nas vogais T) e co.
80. Nestas formas em que aparece o ditongo oi , a contração se dá entre a vogal temática e o iota da terminação pessoal, antes que entre o £ ou o *R]* e a vogal temática.
81. Verbos há como t£\£UJ, T£\£aoj, iiáXzoa, T£T^\£xa, t£t£\£0[ícu ,£'T£\£'a^r,v , que parecem exceções a esta regra. Não são verbos realmente contratos, isto é, o tema não se

findava originalmente em vogal breve mas em consoante ora obliterada. A forma original de %e X£U) parece ter sido TE X£ÍJ .

82. Declinam-se deste particípio o masculino e o neutro como os nomes da 3[9] declinação; o feminino conforme os substantivos da 1[§] declinação.
83. Deste particípio flexionam-se o masculino e o neutro em termos dos substantivos da 2ª declinação; o feminino segundo os nomes da 1ª declinação.
84. Nos verbos em que é segundo o aoristo, a forma base assume a feição vista em Xapújv, Xapoua, Xap<5v (de Xafipávco - **tomo).** O acento nas inflexões desta modalidade não é recessivo, como no particípio presente.
85. Os particípios perfeitos segundos, por exemplo, de oZ *6a* , são como e Lôçetò'uia, £LÔ'ó<;.
86. Esta afirmação não se aplica em se tratando do genitivo absoluto, que, de regra, não se pode referir ao sujeito da sentença.
87. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 111.
88. Moulton, PROLEGOMENA, p. 151; Moulton and Howard, A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, p. 220.
89. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 887s.; Moulton, PROLEGOMENA, p. 226.
90. Ver o particípio atributivo, p. 124.
91. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 1124.
92. O texto é incerto neste ponto.
93. Ver o que atrás se disse de Fp 2.6.
94. A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, p. 163.
95. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN

THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 550s.

96. Ver as funções dos casos, na p. 55.
97. Em Lc 17.21, pensam muitos estudiosos do Novo Testamento que ê VTÓÇ deve significar **entre,** pois que dificilmente iria Jesus dizer aos fariseus, Seus inimigos, "o reino de Deus está DENTRO DE vós". Allen (EXPOSITORY TIMES, Julho, 1938) sugere que ůfitov "seja tomado impessoalmente, como tantas vezes acontece no ensino do Senhor". Tomado neste sentido, é ele de parecer que a dificuldade desaparece. O finado Professor Sledd da Universidade de Emory sugeriu que se tome *i* VT<5Ç no sentido de **do grupo dentro do grupo,** isto é, do grupo farisaico e daqueles que eles representam procederá o (núcleo) do reino de Deus.
98. Cristalino exemplo de forma acusativa de um substantivo a converter-se em preposição.
99. A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. ll, p. 297.
100. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 135.
101. LIGHT FROM THE ANCIENT EAST [LUZ DO ORIENTE ANTIGO], p. 120.
102. A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 605.
103. Nestle tem ^ o ů em lugar de Tcaxp óç .
104. Moulton, PROLEGOMENA, p. 106.
105. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 618.
106. O pronome reflexivo está usado em lugar do reciprocativo.
107. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NO-

VO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 630.

108. Ibid., pp. 630, 631.
109. Ibid., pp. 555,558,629.
110. Consideração mais exaustiva das preposições na formação de compostos se acha, por exemplo, em Moulton, A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, pp. 294-328.
111. Cf. ἀνό e os casos com que se associa, p. 140.
112. A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, p. 300.
113. Moulton, A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, p. 304.
114. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], pp. 584, 585.
115. Em relação a substantivos compostos, é έν, avantajadamente, a preposição mais freqüente em o Novo Testamento. De fato, usada era tão comumente que tendia a perder a significação distintiva, de sorte que a encontramos em acepção tanto dativa quanto instrumental. Ver p. 161.
116. [É de notar-se que tanto o texto de Nestle, em sua 26ª edição, quanto o texto das Sociedades Bíblicas, em sua 3ª edição, têm, na passagem em tela, não o verbo Τιποοαν^χω, que se registra no Codex Vaticanus, como preferência de um dos corretores do texto, mas o verbo Ττποαάγυϳ, que conta com base textual muito numerosa e sólida (Nota do Tradutor)].
117. De Ττapa-Táx-Τιxoç, forma adjetiva procedente de *napa-***táooijj - coloco ao lado; arranjo de par com.**
118. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 1185.
119. GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO NÉO-TESTAMENTÁRIO], p. 268.
120. Robertson, A GRAMMAR OF THE GREEK NEW TESTAMENT IN

THE LIGHT OF HISTORICAL RESEARCH [GRAMÁTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO À LUZ DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA], p. 1191.

121. Ver Abbott, JOHANNINE GRAMMAR [GRAMÁTICA JOANINA], pp. 70-71, quanto a conveniente consideração do assíndeton no Evangelho de João.
122. Ver p. 56.
123. Esta negativa assume a forma o i x diante de vogais com espírito fraco, o ὐ x sempre que esse espírito é o forte.
124. [A rigor, o sujeito da principal seria o pronome antecedente do relativo, elíptico, normativamente ÊHCĨVOÇ . O relativo é sujeito de X a j i p á v e t e á x o X o u ^ e ĩ, equivalendo a um substantivo em função subjetiva. (Nota do Tradutor)].
125. A cláusula relativa é omitida em A D L it vg pesh x. T. \ .; é inserida em B C* W A0 cop X . T . X .
126. pp. 71-80.
127. Alguns manuscritos não têm a partícula ᾽ nesta passagem em Lucas. O Codex Sinaïticus tem-na, porém, na forma ᾽ ˛ <ὃν , omitido fi.
128. Vero infinitivo, p. 129.
129. Mais acerca deste uso na parte referente ao particípio circunstancial, p. 126.
130. Tem este particípio aqui leve sentido concessivo.
131. No grego clássico usava-se, nesta acepção, também a forma o i , que não ocorre em o Novo Testamento.
132. No grego clássico existia também a forma Ôitoi , nesta mesma acepção, alheia, contudo, aos escritos néo-testamentários.
133. Faria, igualmente, bom sentido, se tomado como a expressar modo e assim traduzido: **como.** É o que faz a American Revised Version, no inglês [e a Brasileira e Almeida, no português].
134. [Nestle (26^{9} edição) e o texto das Sociedades Bíblicas (3§ edição) preferem o Indicativo ᾽ , ' ᵛ • (Nota do Tradutor)].
135. [Chamberlain grafa Õi i , os dois componentes ligados. Entretanto, é convenção estabelecida, justamente para efeito de distinção, representar-se o relativo com os elementos separados: 8 x t . É assim que o registram Nestle (26^{9} edição) e o texto das Sociedades Bíblicas (3^{ª} edição). (Nota do Tradutor)].

136. [O autor separa ¸ ´ e TIOTE ; Nestle e o texto das Sociedades Bíblicas os unem: jiifaoTE. (Nota do Tradutor)].

137. [O texto de Chamberlain traz o presente médio-passivo infinitivo ÒE I YFJLCIT Ť ÇEO $ A I , em vez do aoristo ativo que se acha em Nestle e texto das Sociedades Bíblicas referidos, por que optamos. (Nota do Tradutor)].

138. Também designadas de cláusulas finais ou de desígnio.

139. Também denominadas de sub-finais ou apositivas.

140. Também chamadas de consecutivas ou ecbáticas.

141. Ver Goodwin, GREEK GRAMMAR [GRAMÁTICA DE GREGO], p. 291, seção 1366.

142. [Chamberlain usa a forma aorista xp í v a t e , enquanto Nestle e o texto das Sociedades Bíblicas têm o presente x p í v E T E . Lapso gráfico? (Nota do Tradutor)].

143. THE EPISTLE TO THE ROMANS (I. C. C.) [A EPÍSTOLA AOS ROMANOS (COMENTÁRIO CRÍTICO INTERNACIONAL)].

144. SYNTAX OF THE MOODS AND TENSES OF THE GREEK VERB [SINTAXE DOS MODOS E TEMPOS DO VERBO GREGO], seção 313.3.

145. Nestle tem ÈÔÍ´ÔOUV em vez de £\a|3ov em Mc 3.6 [Assim também o texto das Sociedades Bíblicas. (Nota do Tradutor)].

146. [Nestle e o texto das Sociedades Bíblicas separam a negativa µ ή e o indefinido n u x ; , nesta, como nas demais referências. (Nota do Tradutor)].

147. Estas cláusulas quase que se confundem com as finais ou de propósito.

148. [Nestle e o Texto das Sociedades Bíblicas retêm o pronome acusativo iJM-ac; , após t i ç , que Chamberlain omite. (Nota do Tradutor)].

149. [Em Nestle e no Texto das Sociedades Bíblicas aparece disjungida, separados os dois componentes ^ e nuw; . (Nota do Tradutor)].

150. [Nestle e o Texto das Sociedades Bíblicas também exibem essa partícula na passagem referida. (Nota do Tradutor)].

151. [Chamberlain tem no texto o presente infinitivo xaÀE ĩ v , enquanto Nestle e o Texto das Sociedades Bíblicas exibem o aoristo infini-

tivo xaKÉOAI, esta a forma textualmente correta. (Nota do Tradutor)].

152. Nestle prefere ὄxixe nesta passagem. [O Texto das Sociedades Bíblicas, entretanto, opta pela forma simples ἵΙÇ, registrada em Chamberlain. (Nota do Tradutor)].
153. Ver cláusulas de propósito, p. 214.
154. Ver o LEXICON de Thayer quanto a explicação deste termo. [Embora no texto de Nestle, em sua 25ª edição (1967), se empregue esta forma, o Texto das Sociedades Bíblicas e o próprio Nestle, na 26ª edição (1979), trazem BeeXÇepoúX - **Beelzebul.** (Nota do Tradutor)].
155. Ver nota anterior.
156. Note-se a especiosa forma beócia deste imperfeito. Ver esta mesma, ainda, em Jo 15.24, assim como éôoXtoũaavem Rm 3.13 (citação da LXX).
157. Blass, GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], p. 175.
158. Ver, na consideração das sentenças condicionais, p. 219.
159. [Nestle e os editores do Texto das Sociedades Bíblicas preferem a forma interrogativa. (Nota do Tradutor)].
160. Moulton and Howard, A GRAMMAR OF NEW TESTAMENT GREEK [GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO], vol. II, p. 413.
161. p. 235.
162. Formas precedidas de hífen não ocorrem puras em o Novo Testamento, apenas em compostos.

Impresso nas oficinas da
Associação Religiosa
Imprensa da Fá